



**COMPÊNDIO DE
MONOGRAFIA DOS
INDÍGENAS GUARANI**

VOLUME I
EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E INFÂNCIA

**CONTORNO RODOVIÁRIO
DE FLORIANÓPOLIS**

ÍNDICE

EDUCAÇÃO

- Alfabetização e linguagem - nha nhembo'e ayvu porã** (autora: Joana Vangelista Mongelo) **5**
- Arte Guarani no espaço escolar** (autora: Marcia Antunes Martins)..... **50**
- História e mito na educação Guarani** (autora: Elizete Antunes) **78**
- Nhandereko nhanhembo'e nhembo' ea py / Sistema nacional de educação: um paradoxo do currículo diferenciado das escolas indígenas Guarani da grande Florianópolis** (autora: Eunice Antunes)..... **102**
- Nhe'ê, reko porã rã: nhemboea oexakarê / Fundamento da pessoa Guarani, nosso bem-estar futuro** (autora: Sandra Benites Ara Rete) **141**

JUVENTUDE E INFÂNCIA

- Brinquedos e brincadeiras antigos dos Guarani de linha limeira** (autora: Silvones Karai Martins)..... **183**
- Kyringuei' kuery: Noções nativas de infância, aprendizagem e desenvolvimento da pessoa** (autor: Davi Timóteo Martins)..... **217**
- Quem sou eu? Juventude Guarani: Confronto entre gerações** (autor: Raiane Benites Samaniego) **293**



INTRODUÇÃO

Esse compêndio é um agrupamento de trabalhos de conclusão de curso superior de indígenas da etnia Guarani que residem em comunidades da área de influência das obras do Contorno Rodoviário de Florianópolis.

O objetivo desse material é valorizar e facilitar o acesso da população indígena a sua produção acadêmica do período entre 2011 e 2015.

Para organizar a leitura e a busca das monografias, o material está organizado em volumes: o primeiro trata dos temas: Educação e Juventude e Infância; o segundo traz Agricultura, Meio Ambiente e Territorialidade, Simbologia e Artesanato; e o terceiro aborda Legislação, Saúde Cosmologia e Linguagem.

Esse compêndio foi produzido exclusivamente para distribuição nas escolas indígenas da região impactada e integra as atividades realizadas pelo Componente Indígena do Plano Básico Ambiental, relativo as obras do Contorno Rodoviário de Florianópolis. Ele faz parte das medidas de mitigação e compensação exigidas pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA com a participação da FUNAI.



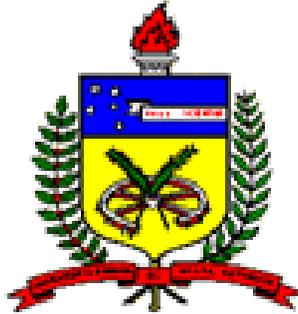
no

EDUCAÇÃO



EDUCAÇÃO

**ALFABETIZAÇÃO
E LINGUAGEM - NHA NHEMBO'E
AYVU PORÃ**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
ÁREA: ÊNFASE EM LINGUAGEM
ACADEMICO: JOANA VANGELISTA MONGELO
ORIENTADOR: PROF. DR. ALDO LITAIFF

ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM - NHA NHEMBO'E AYVU PORÃ

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Área Ênfase em Linguagem

Florianópolis – SC

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 28 dias do mês de janeiro, do ano de dois mil e quinze, às 10. horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Aldo Litaiff e Presidente, Professor Maristela Fantin, Titular da Banca, e Professor, Nanblá Gakran Suplente, designados pela Portaria nº 08/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Joana Vangelista Mongelo, subordinado ao título: "Alfabetização e linguagem". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Aldo Litaiff, a nota final ...9..., da Professora Maristela Fantin, a nota final ...9..., e do Professor Nanblá Gakran, a nota final ...9...; sendo aprovado com a nota final ...9... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 28 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Maristela Fantin

Prof. Nanblá Gakran

Prof. Aldo Litaiff

Candidato Joana V. Mongelo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Joana Mongelo, matrícula n.º 11100066, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Alfabetização e linguagem, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

RESUMO:

A presente monografia analisa o processo de alfabetização nas escolas indígenas guarani. O objeto da pesquisa é procurar investigar quais as dificuldades desse processo, a fim de demonstrar possíveis soluções adequadas. Focando apenas na etnia Guarani, a pesquisa originou-se de inquietação surgida na minha infância, adolescência e até a graduação em Pedagogia realizada na UFSC, em 2009. Nessa pesquisa participaram quatro professores guarani de diferentes aldeias do Estado de Santa Catarina. O critério para a escolha destes locais está ancorado em meu conhecimento da existência destas escolas nas citadas aldeias, especialmente, e na tradição naquilo que diz respeito ao processo de aprendizado nas instituições escolares, assim como na valorização da cultura guarani. Propôs-se então realizar uma investigação de natureza qualitativa, descritiva e explicativa, com inspiração nos estudos etnográficos, focados no campo da educação. Nesse sentido, destaca-se a consciência da importância da prática da tradição oral, como elemento contundente no processo de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE:

Alfabetização, linguagem, escolas indígenas, indígenas guarani de Santa Catarina.

RESUMO

Kova'e agỹnĩgua roikua'a pota haguã, nhande ayvu, nhandembo'ea py guarani etepy.

Jaikua'a haguã, jaheká, nha porandu, mba'exapa haxy, nhandembo'e haguã, já hexauka tapé iporã'vea, nhambo'e haguã.

A hexauka guarani etépy oikua'a pota(pesquisa), amonhepyrũ mba'ere pa nakirirĩ xe mitã guive, xe kunhatã'ĩ pevê, xe arando apy anhaembo'e Pedagogia UFSC Universidade Federal de Santa Catarina, ano, 2009.

Ko jaikua'a pota (ness pesquisa), oĩ irundy ombo'ea guaranietépy pavẽ Santa Catarina pegua.

Irundy tekoa aiporavo aikua'a porã mba'eixa nhandemo'ea, tekoa pygua o~i, xee aikua'a porã mabaeixa oiko, mbaeixa oĩ upe tekoapy, mba'eixa heko, nhamombeú mba'eixa nhandembo'e nhandembo'eapy, nhambovalé nhande reko guarani. Amonhepyrũ aikua'apota hanhetetégua, ambopará, há ambo'ayvu, apenxa arando kuery, pavẽ retã'i, aexauka mba'eixa nhande arando.

Upeixa amombe'u, nhamombareté nhande rekó, nha nhembo'e ayvu porã.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
1. APRESENTAÇÃO.....	06
2. INTRODUÇÃO.....	07
3. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	10
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
5. METODOLOGIA E TÉCNICAS.....	16
6. AS ESCOLAS DAS TERRAS GUARANI – ANÁLISE DOS DADOS.....	17
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
ANEXOS.....	29

AGRADECIMENTO

Agradeço a todas as Comunidades Indígenas Guarani que me ajudaram a trilhar este caminho.

Ao professor Aldo Litaiff, pela dedicação, ensinamento e orientação.

Em especial ao Nanbla Gakran, pelo seu carinho, atenção, a me ajudar escrever os conhecimentos teóricos e tradicionais.

Ao Leonardo Verá Tupã, pelo seu apoio nos meus estudos.

Ao Eládio Valverde da Silva, pelas vezes em que me ajudou no meu deslocamento até a universidade e em outros trajetos de meus estudos. E que nos momentos mais difíceis esteve aí comigo.

Ao professor Cleber Ailton de Souza, pela sua compreensão, apoio e participação nos meus trabalhos de estudos.

Aos meus pais, que, quando podiam, me acompanhava no meu processo de estudo, as duas minhas irmãs e sobrinhas, pela atenção e carinho.

A minha professora de pintura, Isaura França, sua irmã Marcia França e sua mãe, senhora Alice, pela dedicação e carinho durante a minha trajetória de estudo.

Á todos os funcionários organizadores da equipe da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

E sobre tudo a Nhanderú Tenondegua (Deus) que permitiu que eu chegasse ao fim deste curso.

1. APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa está orientado para compreender o processo da alfabetização da língua Guarani e Português nas escolas indígenas Guarani da aldeia Morro dos Cavalos no município de Palhoça e Aldeia Feliz (Tekoa Vy'a) no município de Major Gercino no Estado de Santa Catarina. Justifica se que a intenção de criar este Trabalho de Conclusão de Curso foi quando deparamos com as dificuldades no processo da aprendizagem das línguas estudadas em salas de aula, ou seja, a língua Guarani que é a própria língua materna e a língua Portuguesa como a segunda língua.

Razão pela qual a proposta desta pesquisa é ampliar o resultado final como material didático bilíngue de memória do povo Guarani. Com isso, pretende-se que o material produzido com apoio desta pesquisa possa contribuir na divulgação da língua Guarani nas escolas indígenas e não indígena do Estado de Santa Catarina.

2. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta algumas observações adquiridas pela autora ao longo de suas experiências em salas de aula nas escolas indígenas nas aldeias do povo Guarani. Já de início é importante destacar um aspecto a ser observado na pesquisa é quando se tratam de alfabetização e linguagem nas escolas indígenas Guarani e como se dá esse processo da aprendizagem.

Entretanto ao ler alguns livros que falam sobre alfabetização e linguagem, lembrei-me no processo de alfabetização e linguagem nas escolas indígena Guarani, tenho percebido algumas divergências em relação às técnicas de alfabetização descritas nos livros e entre estas e a pratica nas salas de aula. Razão pela qual me propus a escrever sobre o tema escolhido, a fim de poder demonstrar as observações que tenho feito como educadora. Neste sentido, o trabalho proposto encaminha-se na direção de analisar a proposta de alfabetizar e compreender a língua Guarani e português em sala de aula com as crianças e jovens das escolas das comunidades Guarani.

Inicialmente é importante justificar o objetivo deste TCC, ou seja, o porquê da escolha pelo tema “Alfabetização e Linguagem - Nha nhembo’e ayvu porã”. A ideia desta pesquisa foi pensada a partir de minha convivência como membro desta sociedade e a partir da experiência como educadora nas escolas indígenas Guarani. Pois ao longo da trajetória como educadora tenho observado as dificuldades dos alunos, tanto crianças como adultos para serem alfabetizados, ou seja, para compreender o significado de um texto escrito na língua materna Guarani e como também na segunda língua que é língua, português. Da mesma forma observamos a dificuldade entender o som das letras e o significado na interpretação de textos. Tudo isso, porém, é fruto de uma longa história em que, por todos os meios, a sociedade brasileira pressionou as sociedades indígenas com a intenção de desintegrá-las. A educação escolar foi um desses meios, sempre presente como forma de pressão contra a cultura e a língua indígena. Este modelo educacional procurou, antes de tudo, assegurar os objetivos da sociedade dita dominante. O fato é que, aliados aos demais fatores, esse modelo de escola também serviu como instrumento de desvalorização das línguas maternas dos povos indígenas Brasileiros. Como no caso da destruição e imposição cultural no passado, a divulgação

das línguas indígenas também precisam lançar mão de todos os meios e assim terá resultado de maior número de ações possíveis e no mais amplo conjunto de campo possível.

Em alguns livros que tenho lido sobre Educação Indígena Guarani, tem me ajudado a reforçar sobre minha pesquisa com os Processos de Alfabetização e Linguagem, este tema é tão importante quanto um mito é importante para nós indígenas, digo isso baseado em Aracy Lopes da Silva (1995). Segundo esta autora, “O lugar da mitologia: noção de tempo mítico x história; o mito como depositário do saber ancestral; mito como produto de reflexão de um povo sobre sua história” (p.131). Para mim esse processo de alfabetização e linguagem é como se fosse uma passagem na vida de quem estuda e como se fosse um ritual, que como afirma Litaiff (1991), está diretamente ligado ao mito, Como afirma de Aracy Lopes (1995), a função dos rituais é educativa e seu aspecto de dramatização de verdades ou referências essenciais a cada povo. O tratamento do corpo: pinturas, marcas e ornamentações, Ritos de Passagem (p.131). Segundo Litaiff (1991) mito é um tipo de discurso ideológico, construído pela sociedade de origem, falando dela própria e dirigida também a ela, que trata das regras da cultura, podendo orientar a sociedade de forma indireta ou direta.

Em minha Dissertação de Mestrado, afirmo que:” Sobre a linguagem ainda, não poderia deixar de mencionar, o que temos vivido na própria universidade, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da mata Atlântica da qual faço parte na UFSC Tenho observado como a linguagem é quem delimita conhecimento sobre o mundo. Os conceitos e até as noções das coisas mais simples do dia a dia se tornam a base sobre a qual todos os discursos: históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais são construídos. O problema é que essas formações, seja de que ordem for, têm criado certa subordinação dos discursos que trazem uma ideia de supervalorização da teoria em detrimento do saber que temos na própria cultura indígena guarani (p.24).

O objetivo geral deste trabalho é analisar o processo de alfabetização utilizada nas escolas indígenas guarani das aldeias Indígena do Morro dos Cavalos, no município de Palhoça-SC. Escola Indígena de Ensino Fundamental Itaty; aldeia indígena (Tekoa Vy’a), No município de Major Gercino, SC., Escola de Ensino Fundamental Nhembo’ea Vy’a; aldeia da indígena ITANHA’EM – Morro da Palha- Município de Biguaçu, estrada Geral do Timbé. Escola indígena de Ensino Fundamental Taguató. Os

objetivos específicos foram: buscar identificar possíveis alternativas de superação e resistência na condução da ação de alfabetização; desenvolver e propor novas alternativas de ensino da língua materna nas escolas indígenas guarani em geral; pretende-se trazer um resultado positivo da alfabetização e interpretação de textos para as escolas indígenas; e apresentar algumas observações e experiências em sala de aula na aldeia indígena em questão.

Este trabalho está estruturado do seguinte forma: após a apresentação e introdução, o capítulo seguinte traz uma breve história da educação escolar indígena do Brasil, focada, posteriormente, no processo guarani. O quarto e quinto capítulos tratam da fundamentação teórico-metodológica deste trabalho, mostrando também as técnicas utilizadas. O sexto capítulo constitui a análise dos dados recolhidos durante a minha experiência de campo. Finalmente, apresento as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

3. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Os Guarani constituem uns dos maiores povos indígenas da América do Sul, vivendo no Brasil, Uruguai, Argentina, Bolívia e Paraguai. Classificam-se, segundo estudos linguísticos e antropológicos, em três grupos; Mbya, Nãndeva, Chiriguano e Kaiová. Em Santa Catarina, onde vivem índios Guarani Mbya e Nãndeva, ainda existem poucas áreas demarcadas para estes grupos, o que faz com que eles ocupem terras de outros grupos indígenas como no oeste do Estado na Área indígena de Chapecó, no município de Entre Rios, Marema e Ipuacu, destinado aos Kaingang, e na área indígena de Ibirama nos municípios de José Boiteux e Vitor Meireles, destinados aos Xokleng. Devido a grande mobilidade destes grupos é difícil proceder ao mapeamento preciso e definitivo de sua localização (p.87).

A questão da Educação vai se mostrando relacionada às experiências sociais, relações que, segundo Boaventura, são sempre culturais. Pensar os problemas presentes nas relações entre a Educação escolar e a Educação indígena é compreender que a base central de toda essa discussão é perceber que: “O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à superação de muitas formas de saber próprios dos povos e/ou nações colonizadas.” (SANTOS, 2009, p.13)

A importância de desenvolver este tema por estar em algumas partes específica na LDB da Educação Nacional também por possuir um pouco de conhecimento, sobre as realidades dos estudantes e das aldeias Guarani, acredito que estudar as duas línguas é importante, porque as crianças, alunos e estudante, dependendo das localizações das aldeias que as vezes ficam muito próximo dos não indígenas e daí tem a necessidade de que desde já as pessoas se comunicam na língua português e por outro lado a importância de se preservar a língua materna, principalmente para se preservar a cultura Guarani.

A educação escolar indígena deve ser intercultural e bilíngue, específica e diferenciada (BRASIL/MEC, 1994). Historicamente marcada pela visão assimilacionista, que

orientava as políticas indigenistas oficiais, a educação no período colonial foi promovido por religiosos. Esta prática prosseguiu durante o império com a finalidade de catequizar e civilizar os indígenas (p.89). A atual Proposta Curricular para Educação Escolar Indígena de Santa Catarina de 1998, pretende: ...constituir-se num espaço de diálogo e numa construção de possibilidades no processo de elaboração de uma proposta curricular para a educação escolar indígena no Estado de Santa Catarina, a partir do diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, que contribuem para a compreensão desta realidade (pedagogia, antropologia, linguística...) (p.86).

Uma das questões mais importantes tratados neste documento é que, para os povos indígenas que vivem no território brasileiro a principal forma de comunicação é a oralidade. Segundo, Fontana (1996, p.67, 1998, apud. p. 86): ...a cultura é definida como uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ela não é algo natural, não decorre de características inerentes ao homem, e nem de lei físicas e biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana, enraizado nas condições materiais e sociais de existência, condições contraditórias marcadas pelas desigualdade e opressão e pela luta pela sua superação.

No texto Educação e Sociedades Tribais, Marta Valéria Capacla afirma que, nos anos 70, havia dezenove postos indígenas, todos os postos tinham escolas, que no total “contabilizava 28 unidades escolares, dividida em 30 classes, multisseriadas ou compostas por uma turma de 1ª série e outra com as demais séries.” (p.43) O mesmo autor afirma que: “A educação desta época fixava na alfabetização, sem conteúdos práticos, com horários burocráticos e ensino confinado, e os professores não conheciam as culturas indígenas com as quais trabalhavam.” Coelho dos Santos avalia as dificuldades que os índios sentiam em se adaptar a este complexo esquema formal de educação, “fracassavam em seus desempenhos escolares e acabava por se convencer da complexidade do mundo dos brancos, julgando assim incapazes de compreendê-lo” (p.43).

O autor (p.45) destaca a experiência de ensino bilíngue que estava sendo implantada, proposta pela missionária e linguista Úrsula Wilseman do SIL, à época, Instituto Linguístico de verão, iniciada em 1972 e apoiada pela FUNAI. Ela propunha a introdução da educação escolar em quatro semestres, tal qual na época não havia nada

semelhante e o interesse da FUNAI pelo projeto fixou as bases para promover novos programas (*Karajá, Xavante, Guajajara e Potiguara*) em outros locais do Brasil.

O Guarani é uma língua indígena do sul da América do Sul, falada pelos povos da etnia Guarani, estes pertencente ao grupo maior dos tupi-guarani. Uma variante, popularmente conhecida como língua tupi ou nheengatu, foi usada pelos colonizadores portugueses e missionários jesuítas desde o descobrimento até fins do século XVIII. Desse modo acabou influenciando fortemente o idioma falado no Brasil legando várias expressões e vocábulos ao português brasileiro, preponderantemente na toponímia (designação de lugares v.g. Paraná, Ivaí, Paraguai, Piraí, Guamirim, etc.).

A língua viva, variante mais regional do sul e oeste, denominada língua Guarani, (denomina-se *avañe'ẽ* por seus falantes), mantém-se viva e é falada por mais de sete milhões de pessoas, notadamente no Paraguai, onde é língua oficial juntamente com o castelhano: “O Guarani, dessa forma, tornou-se a única língua indígena a obter um reconhecimento nacional e literário e a ser falado por um número significativo de não nativos”. No Paraguai, a língua Guarani foi mantida principalmente porque os padres jesuítas a tomaram como instrumento de conversão religiosa.

O texto em sua página inicial ressalta que, entretanto, a língua Guarani, que antes de sistematizada pelos jesuítas não era escrita, assim como outras línguas, indígena ou não assimilou uma enorme variedade de vocábulos, no caso advindo da invasão cultural em face da colonização, e por esta razão cooptou-os da língua castelhana que é falada no Paraguai ao lado do Guarani e com o mesmo status de língua oficial. Há uma tendência entre as pessoas com um maior grau de escolarização a falar o castelhano com sotaque peculiar, com algumas frases curtas e expressões em Guarani. Este modo de expressar também é muito comum nos jornais, revistas e mesmos nos livros didáticos.

Já as pessoas menos escolarizadas, e notadamente no meio rural, tendem a expressar em Guarani, embora emprestem uma grande variedade de vocábulos do espanhol. Os falantes desta mistura mais ou menos equilibrada das duas línguas a chamam de Jopará. Em agosto de 1995 o Guarani recebeu o status de língua histórica pelos países membros da comunidade econômica do MERCOSUL. Em janeiro de 2007 o Guarani também recebeu o status de língua oficial do MERCOSUL. Em 24 de maio de 2010 a cidade de Tucuru, no Mato Grosso do Sul adotou o Guarani como língua oficial, além do

português. A Lei sancionada na data determina que ninguém poderá ser discriminado pela língua de que faça uso e destaca o respeito e a valorização às variedades do Guarani, como o kaiowá, o nhandeva e o mbya. A prefeitura de Tacuru deverá apoiar e incentivar o ensino da língua Guarani nas escolas e nos meios de comunicação. As vogais consistem em: “a”, “e”, “i”, “o”, “u” iguais ao português. Exceto o “y”. As mesmas em sua forma nasal: ã, ã, ã, ã, ã, ã em Guarani significa água e pronuncia-se com a língua no céu da boca.

Segundo o livro: Cadernos Temáticos Educação Escolar Indígena Governo do Paraná Secretaria de Estado da Educação: “Há diferenças na língua Guarani falada em diferentes lugares e diferenças também na escrita de palavras que são faladas da mesma maneira”. Isso é uma coisa natural, que acontece em todas as línguas. O motivo pelo qual em Guarani se escreve de forma diferente, palavras que são faladas da mesma forma, é que os especialistas (ou, por vezes, alguém não especialista da comunidade), quando analisado o Guarani falado numa determinada região e propunham um alfabeto para sua escrita, não se preocupavam em saber se já havia outro alfabeto em uso nas demais regiões (p.61).

O autor do livro ainda reforça que: “Cada um fez a escrita que considerava a melhor, individualmente. Chamou-se a atenção, no entanto, para o fato de que, ao se tentar criar um alfabeto, por vezes o conhecimento do português pode atrapalhar: a pessoa pensa que não pode usar uma letra que já existe em português, mas tem som diferente (como acontece com a letra j, por exemplo, que se pronuncia de maneira diferente em português e em Guarani). Mas não se deve ficar com medo de usar uma letra em Guarani que tem som diferente em português, porque cada língua tem regras próprias de pronunciar as letras do seu alfabeto, e quem quiser aprender a pronunciar direito as letras e as palavras de uma língua, precisa estudar suas regras de pronúncia primeira.” (p.61)

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Marilena Chauí (2001), Aristóteles afirma que somente o homem é um “animal político”, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. Por outro lado os fala que os animais possuem voz (fone) e com ele exprime dor e prazer, mas o homem possui a palavra (logos) e, com ela, exprimir e possuir em comum esses valores é o que torna possível a vida social e política e, dela, somente os homens são capazes.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) teve uma juventude aventureosa e instável. Na mesma linha de raciocínio o Rousseau no primeiro capítulo do Ensaio sobre a origem das línguas: A palavra distingue os homens e os animais; a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um homem antes que ele tenha falado.

A mesma autora ainda destaca que escrevendo sobre a teoria da linguagem, o linguista Hjelmslev afirma que “a linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos”. O instrumento graça ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influência e é influenciada, a base mais profunda da sociedade humana. Prosseguindo em sua apreciação sobre a importância da linguagem, Rousseau considera que linguagem nasce de uma profunda necessidade de comunicação.

Desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isto. Gestos e vozes, na busca da expressão e da comunicação, fizeram surgir a linguagem. Por seu turno, Hjelmslev afirma que a linguagem é o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta contra a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador. Para o autor a linguagem está sempre à nossa volta, sempre pronta a envolver nossos pensamentos e sentimentos, acompanhando-nos em toda nossa vida. Ela não é um simples acompanhamento do

pensamento, “mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento”, é “o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de geração a geração”.

A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes. No entanto, no dicionário Pedro, Platão dizia que a linguagem é um *pharmakon*, estas palavras grega, que em português se traduz por poção, possui três sentidos principais: remédio, veneno e cosmético. A autora em seu livro, todavia destaca que: “Ou seja, Platão considerava que a linguagem pode ser um medicamento ou remédio para o conhecimento, pois pelo diálogo e pela comunicação, conseguimos descobrir nossa ignorância e aprender com os outros”. A linguagem pode, porém, ser um veneno quando, pela sedução das palavras, nos faz aceitar, fascinados, o que vimos ou lemos, sem que indaguemos se tais palavras são verdadeiras ou falsas. Enfim, a linguagem pode ser um cosmético, maquiagem ou máscara para dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras. A linguagem pode ser conhecimento-comunicação, mas também pode ser encantamento sedução (p.137).

Assim segue o livro, essa mesma ideia de linguagem como possibilidade de comunicação-conhecimento e de dissimulação aparece na Bíblia judaico-cristã, no mito da Torre de Babel, quando Deus lançou a confusão entre os homens, fazendo com que perdessem a língua comum e passassem a falar línguas diferentes, que impediam uma obra em comum, abrindo as portas para todos os desentendimentos e guerras. A pluralidade das línguas é explicada, na Escritura Sagrada, como punição porque os homens ousaram imaginar que poderiam construir uma torre que alcançasse o céu, isto é, ousaram imaginar que teria um poder e um lugar semelhante ao da divindade: “Que sejam confundidos, disse Deus”. (p.137) O livro ainda ressalta que, pode se avaliar a força da linguagem tomando como exemplo os mitos e as religiões (p.137).

Segundo a antropóloga Berta Ribeiro (1983), atualmente se reconhecem três grandes troncos linguísticos principais, que são: 1. Tronco tupi, dividido em sete famílias, a mais importante das quais é a tupi-guarani; 2. Tronco *macro-jê* 3. Tronco *aruak*, O Linguista Arion Dall’igna Rodrigues, autor dessa classificação, reconhece que treze outras, a maioria do nordeste, que já não tem mais indivíduos falantes, isto é, os índios a quem pertenciam, falam apenas o português. Vale destacar que essa classificação, elaborada em 1972, refere-se as tribos indígenas que sobreviveram até nossos dias (p.25).

O texto: “Leitura, escrita e bilinguismo na educação escolar indígena” destaca que a alfabetização tem sido considerada condição essencial à cidadania. No século XXI, não há como falar em cidadania para todos, sem que haja acessibilidade a ela. Ao longo deste capítulo, expomos porque esta defesa é fundamental, ou seja, como o domínio da leitura e da escrita, na língua indígena e na língua portuguesa, portanto, em uma situação de bilinguismo, leva ao desenvolvimento de uma consciência diferenciada nos indivíduos.” (p.149)

5. METODOLOGIA E TÉCNICAS

Foram entrevistados professores indígenas guarani com especial interesse nas suas opiniões sobre material já publicada sobre a questão central da pesquisa. Foram utilizadas entrevistas estruturadas (relativas a aspectos da história guarani), mas, sobretudo, entrevistas abertas, onde se solicitou aos falantes que produzissem relatos de experiências pessoais positivas e negativas, reproduzindo histórias que ouviram de seus pais e avós. Os dados da pesquisa foram analisados de forma qualitativa, com especial interesse de análise do material sobre a educação escolar indígena, especificamente guarani, publicado para uma melhor compreensão dos fatos.

O instrumento utilizado para coleta de dados nestas entrevistas foi um gravador digital de áudio. As entrevistas foram gravadas em CD e posteriormente duplicadas e doadas para as bibliotecas das escolas das Terras Indígenas Guarani. Foram escolhidos professores das escolas de diferentes localidades, isto é, das distintas Aldeias que compõe as terras indígenas guarani como: Escola da Aldeia Morro dos Cavalos, Aldeia Feliz (Tekoa Vy'a). Todas as gravações (áudio e visual) foram duplicadas para fins de arquivo e documentação. As entrevistas selecionadas foram, digitadas e arquivadas igualmente em papel (impresso) e em CD.

Exemplo de questionário utilizado sobre o processo de Alfabetização e Linguagem nas Escolas Indígenas Guarani:

- 1) Em sua Escola, você como professor Alfabetizador, como se dá o processo de Alfabetização, tanto na Língua Guarani ou Português?
- 2) O que você pode me falar sobre Linguagem?
- 3) Quais as dificuldades dos alunos das Séries Iniciais e Finais para a compreensão das Gramáticas e textos, das Línguas Guarani e Português?

6. AS ESCOLAS DAS TERRAS GUARANI – ANÁLISE DOS DADOS

ESCOLA INDÍGENA DE ENSINO FUNDAMENTAL NHEMBO'EA VY'A: Esta foi a primeira entrevista feita durante a minha pesquisa de campo, com Cleber Ailton de Souza, professor da língua guarani e da língua portuguesa: “Eu sou professor Guarani, Trabalho com crianças através de Desenhos. Identificar letras, formar sílabas, depois formar palavras e separar sílabas. Formação de textos: Na minha concepção, aprender as duas LÍNGUAS, Guarani e Português, é importante para poder se comunicar a Língua Guarani para preservar a nossa cultura e a Língua Português para se comunicar com os não indígena. Porque hoje é a nossa necessidade e daqui em diante as coisas vão mudando, por isso nós Guarani precisamos aprender as duas Línguas. Sobre a linguagem, é para nós podermos se comunicar entre pessoas da comunidade e dos não indígenas, aqui na aldeia nos se comunicamos na Língua oral, pois para nós a Escrita ainda é bastante recente, por isso, o Guarani, a maior dificuldade dos alunos é na escrita, tanto na Língua Guarani e português”.

ENTREVISTA COM MARCIA MACENA (ARA'I, professora de Alfabetização, para ela o melhor jeito de alfabetizar uma criança Indígena Guarani, é através dos desenhos. Ela diz que uma metodologia que ela costuma usar são os desenhos e figuras, acrescentando o nome de cada desenho, ou seja, de cada figura, pedindo que os alunos leiam as palavras, e identificando as letras do alfabeto, para que os alunos entendam melhor, ela diz que precisa primeiro fazer um planejamento. Ela afirma ainda que, faz desenhos no caderno e depois faz outras atividades para os alunos. Ela diz, que também dá aula de Arte Guarani, mostrar para os alunos o quanto é importante, saber sobre a Arte Guarani, saber como é feito o artesanatos, para o que eram usados cada objeto e o significados de cada um deles, o arco e flechas, Sarabatana era feito para caçar. Os mais velhos usam e ensinavam os mais novos a aprender a caçar.

Professora Marcia afirma que as sementes também eram usadas, e cada semente tinha o seu significado. A semente *capi'i'á*, conhecida como lágrimas de Nossa Senhora, existem de dois tipos, redondo e compridinho. Os redondinhos eram usados por homens e meninos. Eram usados para proteger dos maus espíritos, de olho gordo e etc. E o compridinho também, mas eram mais usadas por mulheres e meninas e também era feito para proteger. Usávamos também penas de aves, que também tinha o seu significado, penas de Gavião usava mais para rituais, era sempre usado pelo pajé. Outras penas de pássaros eram usadas para festas, casamentos, quando as mulheres indígenas se enfeitavam e nos colares também era usado as penas de pássaros. É assim que é um dos métodos que ela usa para alfabetizar e assim também ela faz o uso da Linguagem, para que seus alunos tenham a noção de que no passado nós não conhecíamos nada o que vemos hoje. Segundo a professora Marcia; ela também ensina seus alunos o uso das missangas, através destas elas ensinam os alunos a identificar as cores, porque o povo Guarani, conhece só as cores, preto, vermelho, branco azul e amarelo.

Através das missanga, ela também dá aula de Matemática, faz com que os alunos aprendam a identificar; unidade, dezena, dobro, triplo é assim em diante, em cada grupo com cores diferentes, tirando, preto, azul, vermelho, amarelo e branco, que já conhecemos, e os alunos também conhecer as outras diferentes cores. Ela afirma dizendo que; também ensina Adição, Subtração, Multiplicação e divisão. Porque quando se faz os colares, pulseiras e outros artesanatos, temos que somar, diminuir, multiplicar e dividir e também separar as cores. Assim ela transmite o processo de Alfabetização e Linguagem para os alunos do Ensino fundamental.

ENTREVISTA COM MARCIA ANTUNES: Tive a oportunidade de entrevistar a professora guarani, Marcia Antunes Martins, da Escola indígena de Ensino Fundamental Taguató, da aldeia Indígena ITANHA'EM – Morro da Palha – Município de Biguaçu Estrada geral Timbé. Ela trabalha com os alunos do primeiro, segundo e Terceiro anos, no período da tarde, ministrando todas as disciplinas. A professora Marcia, ela trabalha com alfabetização na língua guarani e língua português. Na sala a qual ela dá aula, onde frequentam oito alunos, a turma é multicriada, sendo quatro alunos do segundo ano, dois do terceiro ano e dois na primeira série. Segundo a professora Marcia, tem alunos em sala de aula que falam somente a língua portuguesa,

mas com dificuldade para falar e escrever a língua guarani. Ela relata também que no início quando começou a trabalhar como professora, ela passava as letras todas misturadas. Ela afirma finalmente que o alfabeto em cada aldeia é diferenciado, também destacando que quando chove ou quando a mãe vai vender artesanato, as crianças as acompanham e por isso faltam as aulas. Isto demonstra a questão complexa do estudo da educação escolar entre os índios, assim como a necessidade de se considerar as variantes regionais, ou seja, o contexto onde está inserida cada comunidade guarani.

REUNIÃO NA TEKOA VY'A, OUTUBRO DE 2014: No dia 20 de Outubro de 2014, nós da comunidade Indígena Teko'a Vy'a, esperávamos ansiosamente a comunidade indígena das Teko'as do Rio Grande do Sul, para uma reunião sobre o resgate de NHANDEREKO, sobre o resgate de nossa vida, nosso jeito de ser Guarani. Quando chegou no dia 20 a noite chegaram NHANDE RETÃ'i, RO GUERO VY'A ORE RETÃ'Í, NO DIA 22, começamos a reunião que durou o dia todo. Todos nós nos apresentamos. Então, Seu Júlio, o vice cacique da aldeia deu início à reunião, falando de sua preocupação com os jovens, com tudo de que se pode perder a cultura, ele destaca da importância desta reunião, importante para as crianças e jovens, em fim para todos.

Seu Júlio reforça suas palavras dizendo que as crianças já estão se apropriando das coisas dos não indígenas, e isso faz muito mal porque daí vai se perdendo a cultura, ou seja, o costume da cultura Guarani. Todavia ele diz que nunca precisou ir a um hospital para se consultar ou por alguma doença qualquer, ele cita dizendo que as comidas dos hospitais não são boas para os Guarani. Os indígenas estão deixando da natureza, não existem mais animais, as faunas e floras, estão se acabando cada vez mais, para a gente ir caçar um animal para se alimentar, não existem mais, os alimentos que Nhanderu (Nosso Pai) nos deixou não quase existem mais.

Ele fala ainda que para os adultos, principalmente para as crianças, é difícil quando nossos pais nos ensinam, não queremos ouvir, por isso que se Júlio tem esta preocupação com as crianças e jovens. Sobre isto, diz seu Júlio: nós não sabemos como que os não indígenas vai nos levar a cada dia para frente, quase não temos mais ânimos para nada, se preocupamos com nossas aldeias, ou seja, NHANDE KUAI, ele diz que em 1993, foi trabalhar com a FUNAI, sobre os indígenas e não comeu nada durante três

dias, todavia ele reforça dizendo que tem preocupação com sua comunidade, diz também da importância de uma Educação Escolar, ele diz que tem uma pesquisa feita, mas sobre isso ele não iria falar para ninguém, nem mesmo iria mostrar! Ele diz que assegura as calças para não perder para os não indígenas, todavia ele reforça dizendo sobre a TEKÓ'A (a vida na aldeia), ele fala do nascimento das crianças a importância do cuidado do recém-nascido, hoje a maioria das crianças já estão nascendo no hospital, ele diz que quer que todos tenham conhecimento, AIPOTA PENDE KUAI. Ele diz que veio da Argentina depois para o Brasil, antes era uma terra só. Ele reforça dizendo da importância de cuidar dos filhos, NHANDEVE OEJA ESCOLA NHANDE VYP, (A Escola que é o OPY'í), E ESTA É COMO SE FOSSE UMA Escola para nós, Ele diz que tem muitas coisas para contar, um dia é pouco para falar.

As crianças não querem mais ouvir, só querem saber de dançar ouvindo as músicas dos não indígenas. Quando se pede para os jovens buscar lenha, eles já querem cobrar, só pensa em dinheiro, os jovens não obedecem mais os pais, Seu Júlio diz; que não treme quando vai falar perante os não indígenas, ele diz; que os não indígenas não gostam dos indígenas, só querem os dinheiro dos indígenas. Os brancos atentam com tudo, contra os indígenas. – okotêvê nha nha'ã (precisamos nos esforçar), okotêvê nhama'ê hamymirore, nhande ray kuery, (precisamos cuidar dos netos, dos filhos), primeiro temos que ir no OPY já je peju, oĩ ipopy gua, xondaro'í kuery, opita ía, (casa de reza, precisamos dos soldados, precisamos dos karaí), nhamoporã arã tay xy nda evei nha mbopoxy, (precisamos agradecer a mãe de nossos filhos, não devemos brigar com ela). O Karaí da aldeia Estiva, ressalta que; se ele for falar tudo, sua fala será longa, pe mba'eapo jurua revê, pe mbaeapo porã, já'aruma pe guã'ê, (trabalham com os não indígenas, trabalham bem, só no final da tarde que vem).

Então falou o Marcelo Benites, que iniciou agradece a vinda de todos na reunião e depois passa a palavra para o senhor Santiago que é um dos articuladores deste evento: “NHNEMBO JEKU'A JEY (resgatar), é a segunda vez que ele vem nesta aldeia AYVU RO GUERU (trazer a fala), Em Guarita NHANDERÁ (nosso pai), apareceu e disse para eles vir até aqui NHANDE KUAY RY PY GUÃ, ROIKO AXY PAVÊ'Í, MBAEIXA PA NHANDERETÃ KUERY NDA JÁ REKOI VEMA KA'AGUY PORÃ, PINDO JÁ REKO AKUE OPÁ, YVY RÉ NHA MBA'EAPO, OPY RE MA JÁ VY'A, RO VY'A VAIPÁN HANDE OPY'Í JÁ REKO, OPAMBA'É, AVAXI NHAMBOJERA JÁ É,

TEKO'A PYAÚ, YVY PORÃ, NHANDERÚ OEJA, KO YVY NDA'EVEI NHANDE REXARAI, NHANDERÚ ORA'A JEY NHANDE REXARAI RAMO, NHA NHE NHA'Ã, JÁ JAPYXACA, HAXY AYVU RO REKO'I AGUÃ TATA IJYPY PE ROIKO, NHANDERÚ NDOIPOTAI NHANDE RE XARAI, PROJETO RO GUEREKO, NHA MAË'TY, NHANDE RA'Y KUERY HEXARAI PÁ, FUNAI, ogueru ramo o karu, nha nhe mo kyry'y ramo já vy'a, nha nhandu porã, - Ore mba'eapo ro gueru pende vype, nha nhe'a ã porã, juru'a onhongatu pá, oguero o haihu nhande retã'i py kuery, xe'e avy 'a vai pá".

Falou em seguida Seu Maurício, sublinhando que "NHANDE MBA'EAPO RE'EGUA, NHA MONHE PÛRU NOVE HORA PEVÊ, MEIO DIA JÁ POÍ, KA'ARU KUE MEIO DIA NHANHE PÛRU, XE'EMA AJEPYAPY KYRINGUEREVERE, OMOJEROIA, OÏ PORÃ RAXA, JURU'A KUERY, OJEGUEROIA NHANDE REKO, NA NHA MOKANHI, jaiko kua'a jurua kuery mbytepy, nambo'axa nhande reko, em geração em geração, hoje já temos costumes dos brancos, por isso estudamos nas escolas, isso é coisa do branco, okotêvê nhamombareté, nhande rekoí, aguero vy'a vaipá, pavê já roguerú, pensamento já guereko". Marcelo Benite, fala sobre a questão acima: Nhande ka'araju, okotêvê já jopy tapê porã, jaiko porã'i haguã. Talcira, fala; ela é da aldeia Estiva, Rio Grande do Sul, jurua kuery hanheté meme pende ayvy, apy ma oï xe rú, xe ro py amaë, okotêvê jáipuru porã cada ano kuringue, nhande kacique kuery omojeku'a. U pe pakova anhemá'ety, meme, avaxi, avaxi nda jarekoi , aguerovy'aité.

Sobre isto, Lorenço, da aldeia Estiva, fala: "Hanheté atu yvy no me'exei, jaipota'i, hanheté xe reindy hei'a, nha mo je kua'a eté, ma há nheté guá, xe ramõi kuery, omonhehendu heta akue no me'exevei, ranheté ma. Complementando as palavras anteriores, Seu Arturzinho fala que, ele é da aldeia do Rio Grande do Sul, Há nheté ma pexa jareko, já je pyapy, mokoï teko'a já reko, ma'ety ro mojekua'a ramo roju, - Tata rupa'i revê, onhea'a, ojekua'a, nhande ruvixa yvy. Seu Turíbio, da aldeia Kambakuã Rio G.do Sul, complementa: yvy poty, mitã'i já reko, já hexauka py". Mauricio complemente dizendo que: "koë ara ndarekoi, etá xe ayvy arã. Também fala Seu Germano, também do Rio Grande Sul, Nha nhe mombareté, nha penxa'i, nhande rú ae omboheuxaka), yma oï, nhande rú ae má nhande monhepurú tata Xina veë, Heí Nhande rú eté py, opa mba'e ja reko nhande py'a raxy, nhande rú re xe manduá, opy re imanduá

xe mbopy'a guaxu ve, nhande peteĩ , nhande monheno yvyré, xe ray japyre'í tere'ó yvy rupá re reiko heí, há ema oxí'í rema ojegueroia. Maëty oreko re nhande manduá”.

Seu Diego, cacique de Coxilha da Cruz, Rio Grande do Sul, declara: “Estamos aqui aprendendo para falar, ouvimos com ouvido e depois desse para o nosso peito, onde eu moro não plantamos, só roçamos, assim é nhande reko(nossa cultura), e não do branco, ou seja, do não indígena, não tenho muitas coisas para falar, mas amanhã falarei mais. Eduardo, vice cacique de Coxilha da Cruz, acrescenta: “é verdade como nossos avós falam perguntamos a eles como devemos fazer, como devemos plantar, nós queremos saber e perguntamos, não temos mais vontade de trabalhar, pois temos tudo, até dinheiro, pensamos em plantar mais”. Seu Vitorino, da aldeia Teko'a Porã, do Rio G. do Sul, diz que está feliz neste encontro, pois as lideranças não poderão vir, então ele e mais alguns jovens vieram para representar a comunidade: “a terra é feia não dá nem para capinar, a mãe do filho dele diz; plante que nós vamos cuidar se plantamos algumas coisas, teremos saúde, não posso falar muito eu fico tremendo, vou ficar velho e parece que não aprendo tudo, eu estou alegre com este encontro” ...

André, cacique da Teko'a Tenonde, Rio Grande do Sul, fala: lembrar-se do passado para poder viver melhor, lembremo-nos da terra, os não indígena nós dá a escola, mas nós não pensamos, para ter uma escola. Bem antigamente nós tínhamos que aprender sobre a nossa vida, sobre nossos filhos, mas agora eu vim sozinho, é verdade, antigamente meus pais diziam; vamos trabalhar. - Maurício da Silva Gonçalves (karaí Tataendy), da aldeia Kamakuã, cumprimenta a todos e agradece por tudo. - Antônio, representante da Teko'a Guapó, agradece a presença de todos e por tudo que está acontecendo. - Sobre isto, Augustinho Moreira, da nossa aldeia Feliz (Teko'a vy'a), diz; que: Devemos estar aprendendo desde muito pequeno, não devemos deixar os não indígenas tomar conta, eu desde pequeno não tive meu pai junto comigo, mas me alegro hoje de ver meu pai aqui junto, ele comenta o que está sendo falado na reunião sobre a vida dos Guarani, me alegro de ver os jovens aqui participando. Nós não devemos esquecer que os anciãos falam o que nós ensinamos... - Eduardo, da aldeia do Rio Grande do Sul, ressalta sobre a equipe da comunicação. Importância para os pais, os filhos estudarem e me alegro vir até aqui nesta aldeia, agradeço por tudo e estou muito alegre.

- Seu Maurício fala novamente do desenvolvimento e fortalecimento deste grupo de comunicação, ver o que pensamos sobre a proposta, como desenvolver, qual a preocupação que temos, todavia ele comenta; talvez FUNAI, virá amanhã, e na quinta feira falarei do programa, e ele pergunta para as pessoas, que estão assistindo a reunião, se está bem assim? - Por fim, Marcelo Benites, vice Cacique da aldeia Feliz, 17 horas, faz o encerramento da reunião...

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi visto acima, penso que o processo de alfabetização mais adequado aos nossos pequenos estudantes guarani deveria ocorrer através de desenhos, ou seja, através de símbolos gráficos que representam e facilitam a compreensão da escrita (ver anexos). Todavia, além disso, não se encontra nem livros, nem documentos metodologias adequadas que possam ser usadas com os nossos estudantes indígenas. O guarani deve ser transmitido em língua falada e escrita, assim como é transmitida a educação indígena nas casas de reza, ou seja, na prática. Acredito que só podemos encontrar uma forma adequada de ensinar nossos estudantes quando o acompanhamos em seu lugar de vida, mesmo que seja uma escola de branco adaptada para a vida prática dos índios (conforme conversa com o meu orientador, Prof. Aldo Litaiff).

Neste trabalho procurei analisar quais as causas das dificuldades de alfabetização e linguagem oral (do Jurua) A língua portuguesa, e escrita, e quais as possibilidades otimização dos trabalhos com o processo de alfabetização no ensino fundamental e médio, ou seja, qual o caminho que possibilita aos alunos uma melhor compreensão nesse processo. Através das entrevistas feitas com professores das escolas indígenas Guarani constatou-se que todos os professores Guarani utilizam a mesma metodologia.

Percebi que algumas famílias guarani que vem de outras aldeia não falam totalmente a língua mbya. Como professora e pesquisadora, ao longo da minha vivência percebi claramente que há uma variação na linguagem, na fala destas famílias migradas para outras aldeia. Neste sentido, observei que algumas aldeias próximas à Tekoa Vy'a "Aldeia Feliz", mesmo sendo Guarani NHANDEVA, KAIOWA ou outros, quando chegam nessas outras aldeias, a comunidade eles se identifica como mbya. Aqueles que não são mbya, já se identificam como mbya, ou seja, não se identifica como pertencente de outra etnia de sua origem. Penso que este fato ocorre para ambos não sofrerem pré-conceito entre os mbya.

Neste sentido observei que na Aldeia Feliz, a linguagem que prevalece é o mbya. Afirmo isso porque quando falo com pessoas que vêm de outras aldeia, têm linguagem

diferente e ao chegar na Aldeia Feliz, principalmente as mulheres, ficam caladas. As crianças sofrem pré-conceito, sendo motivo de risadas ao falar na sua língua de origem. Elas logo já ganham um apelido dos próprios coleguinhas e outras pessoas da aldeia.

Ao analisar o resultado da observação em campo, como as reuniões etc., percebeu-se a importância de se preservar a escrita e linguagem guarani, assim como a importância de se aprender de forma mais adequada o português. Assim, vemos a importância de se conservar o avaxi'ete'i (milho verdadeiro), como o avaxi paraí, avaxi hu, avaxi iju, avaxi pytãí (o milho pintado, o milho preto, o milho Amarelo, o milho vermelho) e outros, que são variedades do nosso milho. Para as comunidades guarani a importância de se preservar a língua também ocorre desta forma, a comunidade luta para que não se perca estas variações linguísticas do guarani, assim como o milho verdadeiro guarani.

Esta caminhada não foi um desafio para mim, pois sempre desejei um dia realizar este sonho, ou seja, o de investigar sobre o processo de alfabetização, sempre considerando as dificuldades que tive no processo de minha própria alfabetização. Sendo Guarani, já conhecia algumas aldeias que têm escolas onde pude observar alunos que usavam variações linguísticas bastante distintas. Todavia ao iniciar a pesquisa pensei em primeiro fazer um pequeno questionário para aplicar entre os professores das referidas escolas, pesquisando também algumas matérias específicas. Nestas ocasiões pude constatar algumas dificuldades, como, por exemplo, escrever todas essas experiências que eu já tinha vivenciado e o conhecimento que daí adquiri através da consulta de bibliografias sobre o tema, a fim de poder, através da comparação, entender a “proposta curricular” que a Secretaria Estadual de Educação encaminha para as escolas indígenas. Constatei finalmente que esta proposta é muito abstrata para a realidade das escolas indígenas.

Questionando alguns professores sobre o meu tema de pesquisa que estava desenvolvendo, meus professores me davam apoio, dizendo que é importante, que eu deveria seguir em frente. Entretanto, enquanto eu me deliciava lendo algumas bibliografias indicadas, constatei que não tinham nada a ver com a realidade atual das escolas indígenas guarani. Apenas alguns poucos títulos tinham relação com essa realidade. Assim, percebo o quanto estas observações em sala de aula e fora dela foram

significativa para mim e para o meu trabalho, e o que posso realizar a favor da minha comunidade a partir delas.

Logo, podemos perceber que a relação entre a característica da educação escolar do *jurua* (o branco), marcada pela escrita, pela extrema formalização do ensino e pelo conhecimento conceitual, científico; e os modos menos formais de educar na prática com a teoria depois, que caracterizam as culturas sem escrita, como é a sociedade indígena guarani. Acentuo, finalmente, que estes são dados importantes sobre a situação atual da educação escolar indígena guarani, pois são informações inéditas de primeira mão que podem auxiliar os não índios a compreenderem a realidade indígena brasileira.

8. REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. CONVITE À FILOSOFIA, Editora Ática, São Paulo, 2001.

DOCUMENTO - INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: Contribuições da Teoria Histórica Cultural, leitura, Escrita e Bilinguismo na Educação Escolar Indígena, 2ª Edição UEN Editora da Universidade Estadual de Maringá.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E EDUCAÇÃO INDÍGENA CONTRASTES, CONFLITOS E NECESSIDADES, Florianópolis, Editora da UFSC, 2013.

Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional nº9, 394/96.

Língua Guarani, Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA PARÂMETROS EM AÇÃO PCN/AS LEIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, Brasília 2002.

LITAIFF, Aldo, As Divinas Palavras: representações étnicas dos Guarani-Mbya, Editora da UFSC, Florianópolis, 1991.

LOPES DA SILVA, Aracy e DONISETE BENZI GRUPIONI, Luís. A temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º Graus. MEC/UNESCO, Brasília, 1995.

MONGELO, JOANA VANGELISTA. OKOTEVE JÁ VY'A, dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, em 2012.

MONGELO, JOANA VANGELISTA, OKOTÊVTÊ JÁ VY'A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E EDUCAÇÃO INDÍGENA CONTRASTES, CONFLITOS E NECESSIDADES, TCC defendido no curso de Graduação em Educação da UFSC, Florianópolis, 2013.

RIBEIRO, Berta. HISTÓRIA POPULAR: O INDIO na história do Brasil. Editora Global, RJ., 1983.

SANTOS, Boaventura de Souza. À gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 200, 2.ed.

SANTOS, Silvio Coelho dos. Educação e sociedades tribais, Editora Movimento, pag.92. Porto Alegre, 1975.

Secretaria do Estado da Educação, Superintendência da Educação, Departamento de Ensino Fundamental Língua Guarani: fala e escrita, Governo do Paraná, Editora Oficial, 2011.

ANEXOS:

REUNIÃO NA TEKOA VY'A, OUTUBRO DE 2014

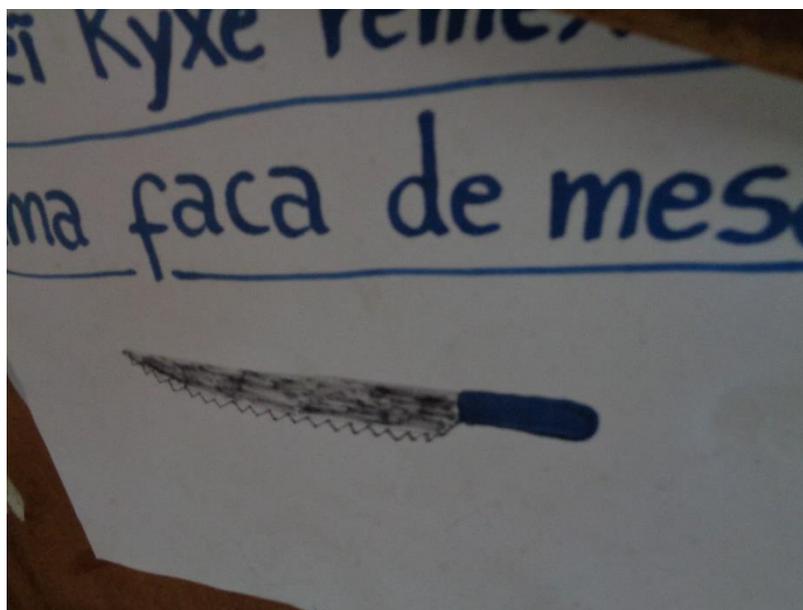


ALUNA DO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL.



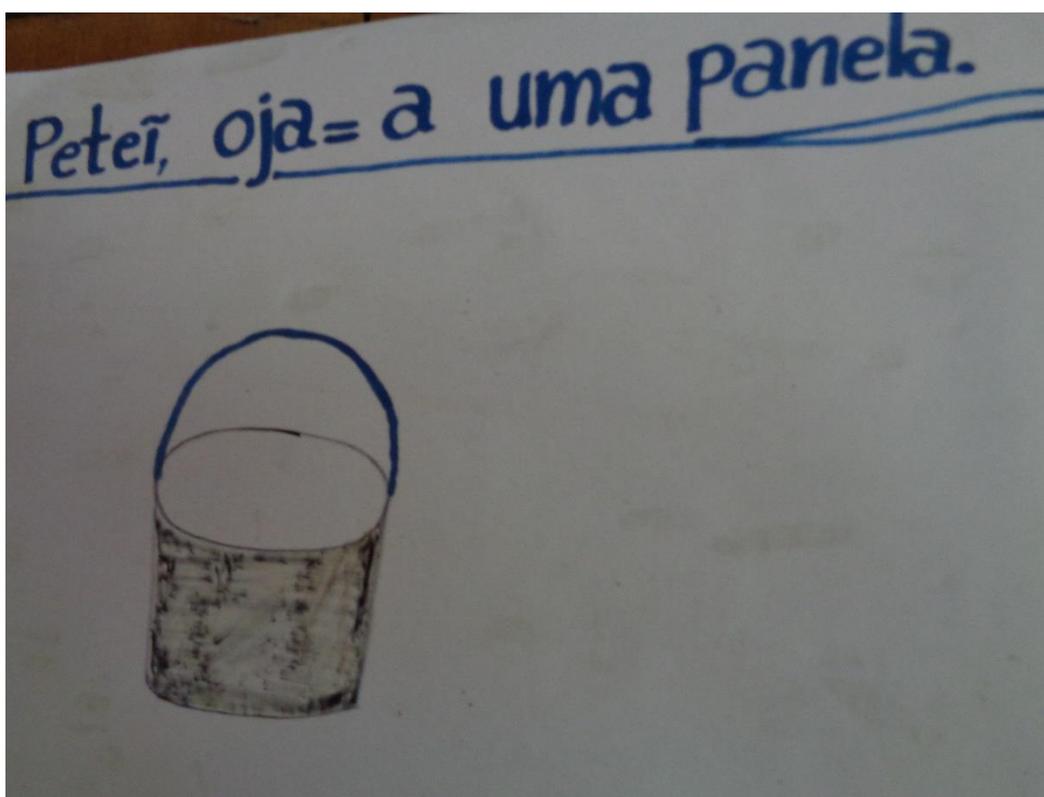
Aluna do sexto ano das Séries Finais...

ENSINO FUNDAMENTAL.

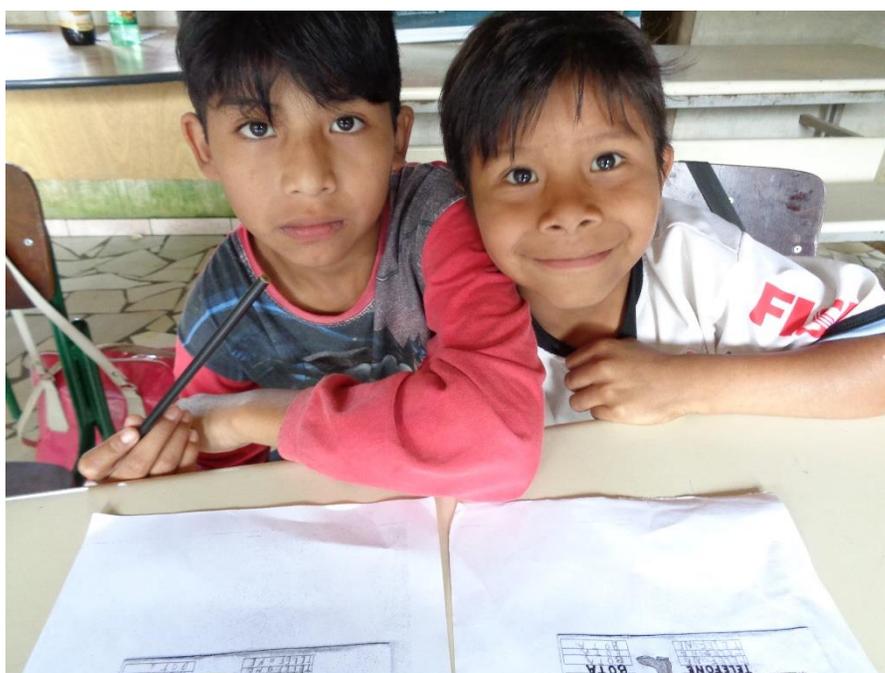


ALUNA DO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL.





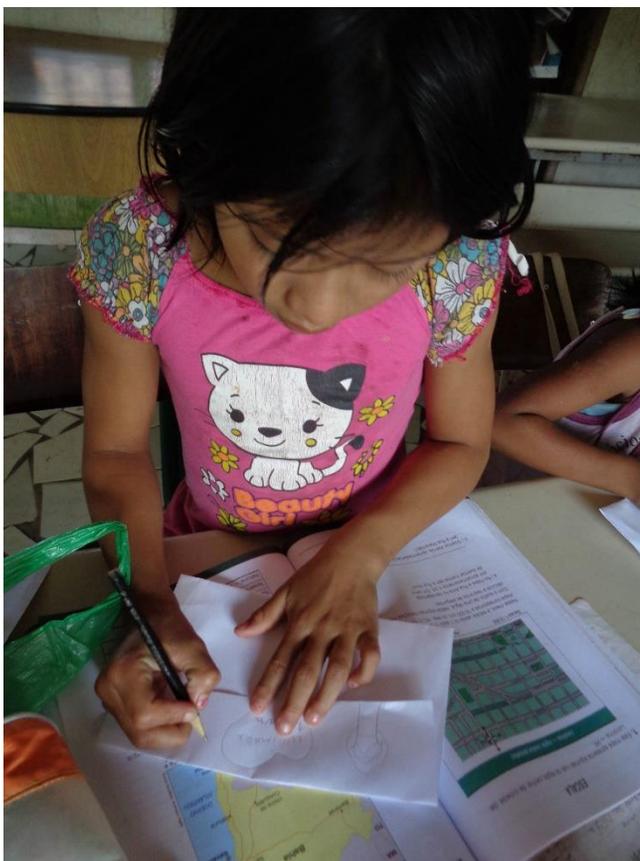
ALUNOS DO TERCEIRO E PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

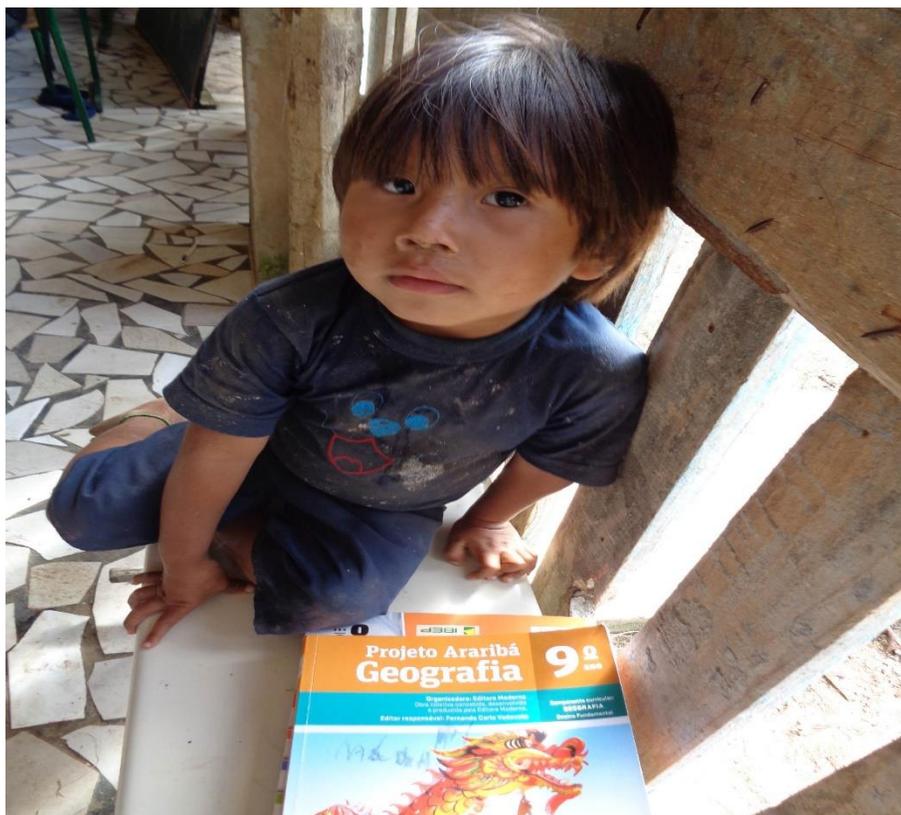


ALUNO DO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL.

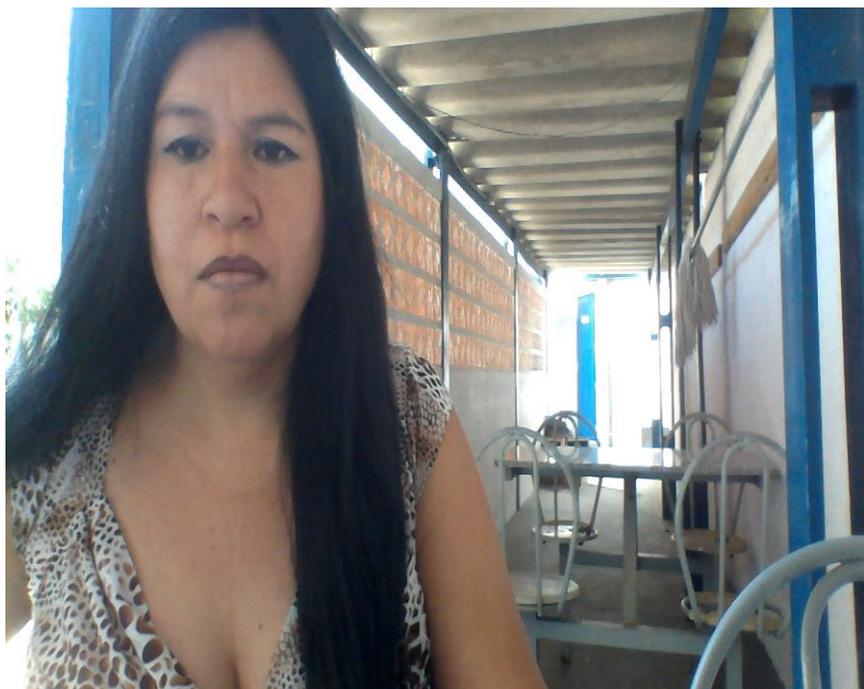


ALUNA DO PRIMEIRO ANO DAS SERIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL.





ALUNO NÃO MATRICULADO QUE ACOMPANHA OS IRMÃOS MAIORES NA SALA DE AULA.



PEOFESSORA JOANA VANGELISTA MONGELO
DA TEKOA VY'A,(ALDEIA FELIZ).

ALFABETO DA LINGUA GUARANI MBYA:

As vogais:

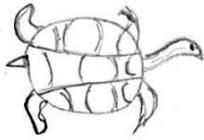
A E I O U Y

A e i o u y

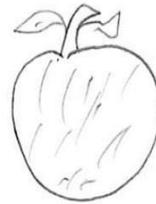
A, MB, ND, E, G, NG, H, I, J ,K, M, N, O, P, R, T, U, V, X, Y.

A, mb, nd, e, g, ng, h, i, j, k, m, n, o, p, r, t, u, v, x, y.

Karumbe
Karumbi



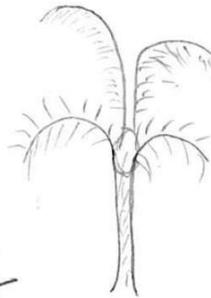
Narã
Narã



Mãnduvi
manduvi



Pindo
pindo



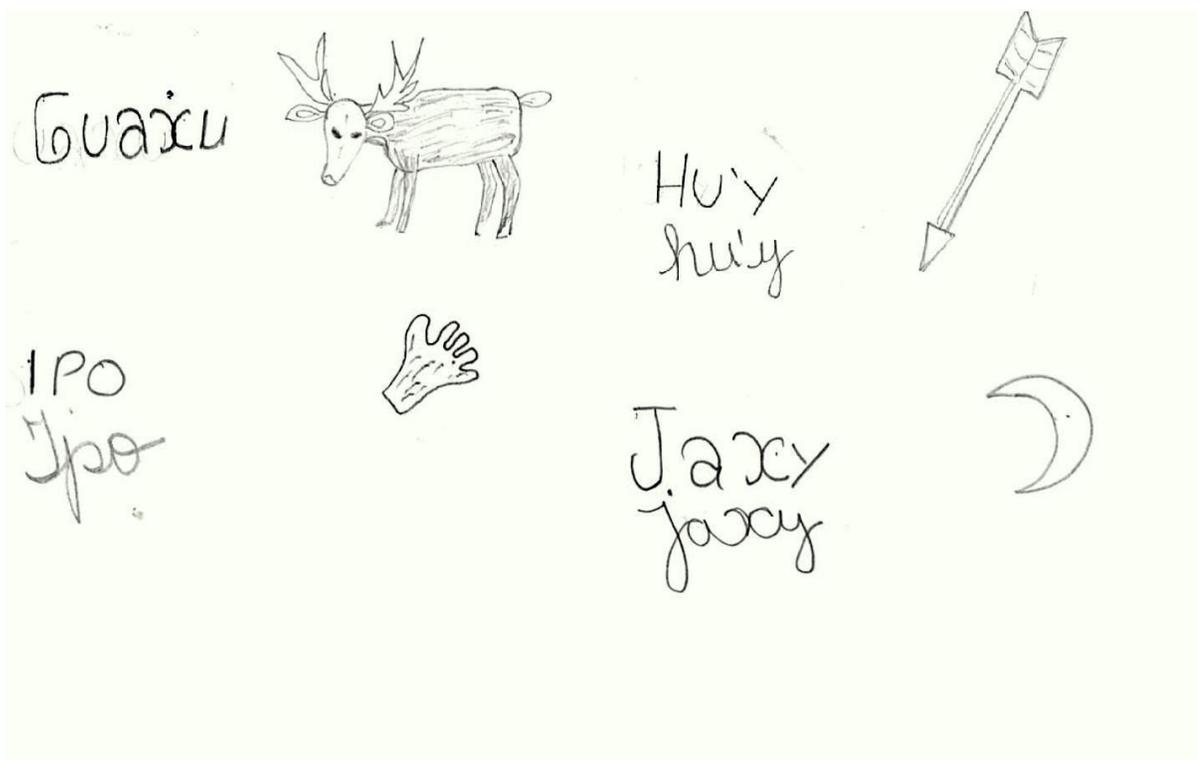
As palavras da imagem acima seguem:

Karumbe : tartaruga

Narã : laranja

Mãnduvi : amendoim

Pindo : coqueiro



Guaxu : veado

Hu'y : flecha

Ipo : mão

Jaxy : lua

Nd • Ndaexai
nd ndaexai

Nd Ndo'ui
nd ndo'ui

Nd Nderejui
nd nderejui

Nd Ndajui
nd ndajui

Nd Ndaexai

Nd Ndo'ui

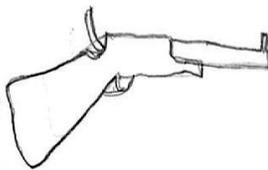
Nd Nderejui

Nd Ndajui

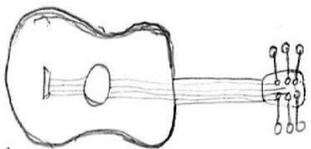
Mberu
mberu



Mboka
mboka



Mbaraka
mbaraka



Mberu : mosca

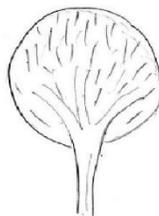
Mboka : espingarda

Mbaraka : violão

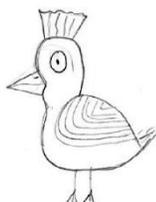
Okv
okv



Yvyra
vyvra



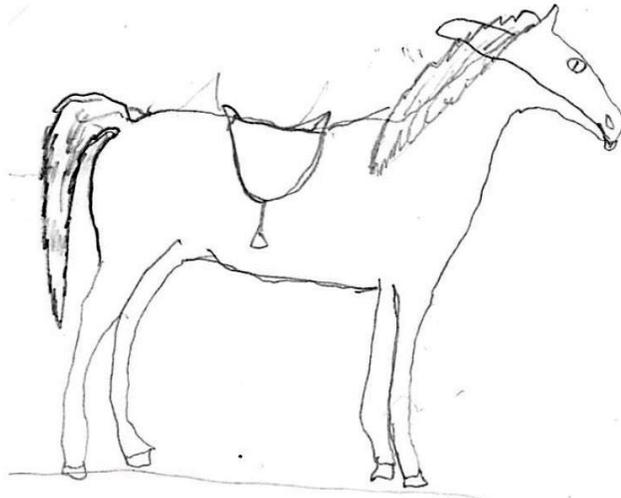
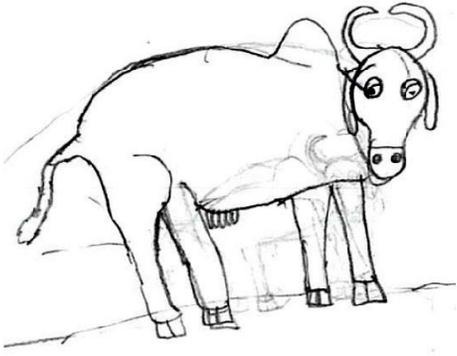
Uru
uru



Uru : galinha

Okv : Chuva

Yvyra : árvore



Vaka : Vaca

Kavaju : cavalo



EDUCAÇÃO

**ARTE GUARANI NO
ESPAÇO ESCOLAR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

ARTE GUARANI NO ESPAÇO ESCOLAR

MARCIA ANTUNES MARTINS

Florianópolis 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA



ARTE GUARANI NO ESPAÇO ESCOLAR

MARCIA ANTUNES MARTINS

Trabalho apresentado como requisito para obtenção do título em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação dos profs. Evelyn Schuler Zea e José Kelly Luciani.

Terminalidade: Linguagens.

Florianópolis 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmica **Márcia Antunes Martins**, matricula n. °11100080,, entregou a versão final de seu TCC cujo título é A arte guarani no espaço escolar, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 02 de março de 2015.

Assinatura manuscrita em azul, provavelmente do orientador(a).

Orientador(a)



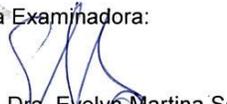
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 31 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 10h30 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professora **Evelyn Martina Schuler Zea**, Co-Orientadora e Presidente, Professor **Rafael Victorino Devos**, Titular da Banca, e Professora **Maria Eugenia Dominguez**, Suplente, designados pela Portaria nº 21/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Marcia Antunes Martins**, subordinado ao título: "Arte Guarani no Espaço Escolar". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professora **Evelyn Martina Schuler Zea**, a nota final 10,00, do Professor **Rafael Victorino Devos**, a nota final 10,00, e da Professora **Maria Eugenia Dominguez**, a nota final 10,00; sendo aprovado com a nota final 10,00. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

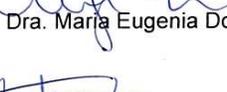
Florianópolis, 31 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:


Profa. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea

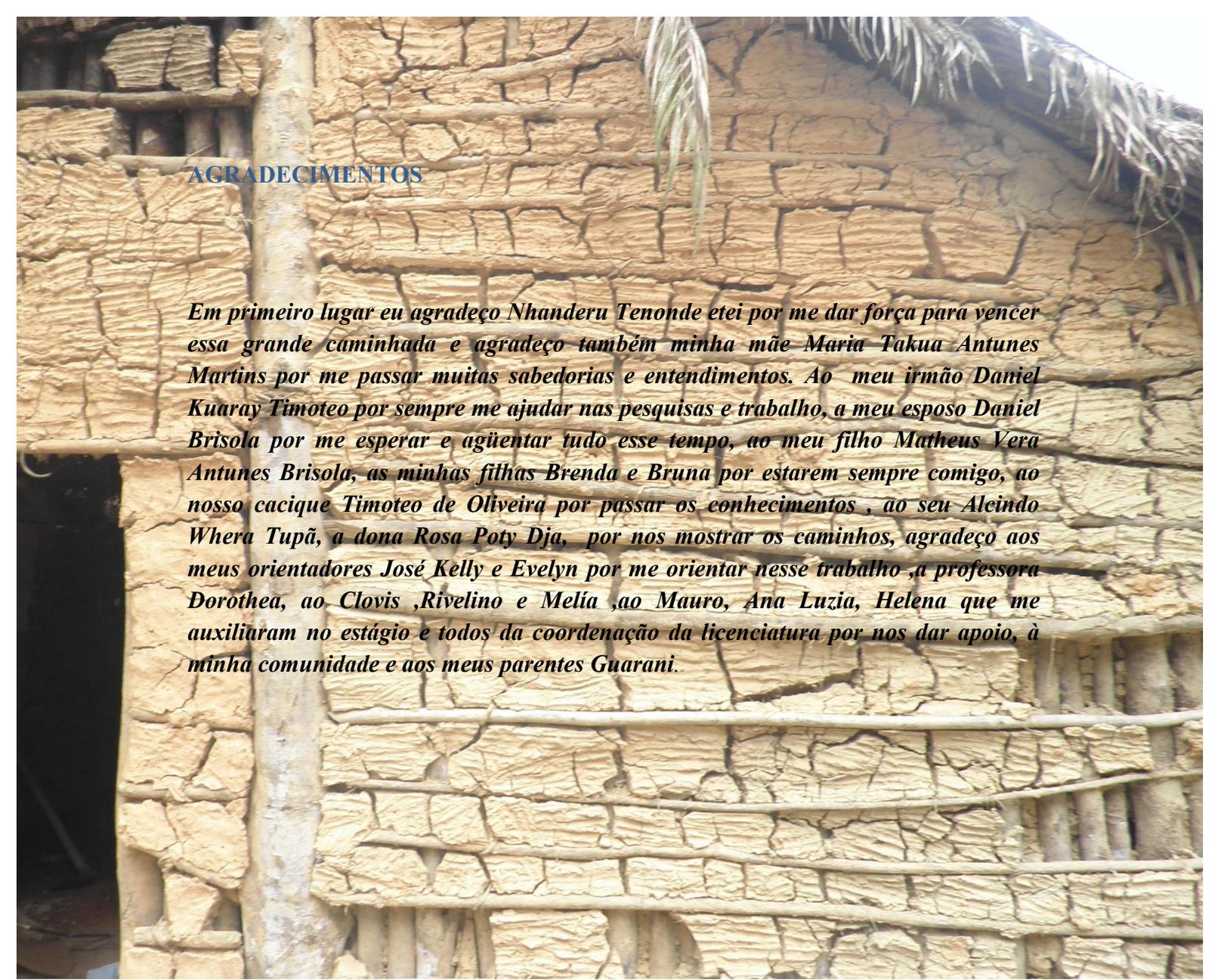

Prof. Dr. Rafael Victorino Devos


Profa. Dra. Maria Eugenia Dominguez


Candidata: Marcia Antunes Martins

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
ESCOLA E CRIANÇAS.....	11
ARTE GUARANI NO ESPAÇO ESCOLAR.....	14
RELIGIOSIDADE TRADICIONAL E A ESCOLA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ARTE NÃO SE SEPARA	23
REFERENCIAS: ENTREVISTAS CITADAS NO TCC	24



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar eu agradeço Nhanderu Tenonde etei por me dar força para vencer essa grande caminhada e agradeço também minha mãe Maria Takua Antunes Martins por me passar muitas sabedorias e entendimentos. Ao meu irmão Daniel Kuaray Timoteo por sempre me ajudar nas pesquisas e trabalho, a meu esposo Daniel Brisola por me esperar e agüentar tudo esse tempo, ao meu filho Matheus Vera Antunes Brisola, as minhas filhas Brenda e Bruna por estarem sempre comigo, ao nosso cacique Timoteo de Oliveira por passar os conhecimentos, ao seu Alcindo Whera Tupã, a dona Rosa Poty Dja, por nos mostrar os caminhos, agradeço aos meus orientadores José Kelly e Evelyn por me orientar nesse trabalho, a professora Dorothea, ao Clovis, Rivelino e Melia, ao Mauro, Ana Luzia, Helena que me auxiliaram no estágio e todos da coordenação da licenciatura por nos dar apoio, à minha comunidade e aos meus parentes Guarani.

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Márcia Antunes Martins, nasci no dia 29 de abril de 1977, na aldeia mbya guarani Limeira da terra indígena de Chapecó, no município de Entre Rios, localizado no interior de Santa Catarina. Sou filha de Julio da Silva Yapua e de Maria Erma Antunes Martins Takua.

De cinco irmãos dois conseguimos a graduação, eu e o meu irmão Davi Timóteo Martins. Minha linhagem é dos mbya que é o um grupo exogâmico do povo guarani. Minha alfabetização, feita na aldeia, foi na língua materna e também em português. Estudei até a 4ª série na aldeia e conclui o restante do ensino fundamental pelo CEJA que tinha naquela época. Estudei fora e dentro da aldeia e conclui o Ensino Médio com 16 anos na sede do posto no município de Ipoaçu pelo EJA em 2006, na unidade escolar Ensino Fundamental MEC/SECAD/SED/DIEBI/ Município Florianópolis. Foi muito difícil chegar até aqui, pois passei muitas dificuldades, trabalhei fora e dentro da aldeia, tenho duas filhas do primeiro casamento e mais um filho com meu novo esposo.

Atualmente sou professora na escola Taguato na Aldeia do Morro da Palha. Decidi cursar uma faculdade para viver bem com meus filhos e meu esposo, porque para nos guarani, como diz o nosso avô seu Alcindo Whera Tupã, a grande faculdade é o opy, nossa casa e reza, mas a faculdade dos jurua, dos brancos, é mais algo que complementa para ser reconhecido pelos jurua. E eu também queria aprender mais o português e ser respeitada pelo povo não índio, porque um professor indígena bilíngue passa por muita discriminação, quando você fala sou professora guarani todo mundo pergunta se você é graduado, em que se formou. Por isso, decidi prestar o vestibular na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, pois vi nela uma oportunidade para nosso povo guarani. Eu ingressei na universidade, escolhi a terminalidade das linguagens, porque gosto muito da arte guarani e da diversidade de artes, pois trabalho há cinco anos na educação como professora de Artes Guarani e também como professora de Educação Física.



Foto: Márcia Antunes Martins na Opy de Biguaçu (foto feito por professores de Biguaçu, junho/2010)

INTRODUÇÃO

Antes de falar da minha pesquisa sobre artes guarani no espaço escolar vou introduzir um pouco minha comunidade para compreender mais o Universo Indígena Guarani e para entender o aspecto relacionado à nossa cultura e concepção de Artes na sociedade e cosmo visão indígena Mbya.

A aldeia Morro da Palha é uma aldeia com 216 hectares de terras localizada na estrada geral do Timbé norte de Biguaçu SC. O cacique da aldeia é Timóteo de Oliveira e o vice cacique é Antonio Carlos Antunes. Esta foi comprada e registrada com 28 famílias residindo com 98 pessoas. Na nossa aldeia temos 37 crianças de 0 a 12 anos de idade. Há na aldeia a casa de reza com líderes espirituais e também há casas de alvenaria e casas feitas de barro e pau a pique. Há uma cozinha comunitária que é utilizada como classe de aula, pois não há escola na aldeia. Atualmente está sendo construída uma escola. Também não há casa de saúde, nem casa de artesanato. A comunidade vive de nossa forma tradicional guarani, onde há lideranças que devemos respeitar, pois em cada aldeia há um tipo de regra a ser seguido. Na aldeia vivemos de caça, pesca e algumas plantas nativas que plantamos para nos alimentar (como mandioca, feijão, milho, batata, palmito). Muitas famílias vivem de artesanatos e outros são professores e agentes de saúde e alguns mais idosos recebem aposentadoria do governo. Na aldeia as crianças brincam de futebol e pescam, além de brincar também contribuem com a comunidade buscando lenhas para seus pais.



Foto: Vista da Aldeia Morro da Palha (foto feito por mim, Marcia Antunes Martins, outubro/2014)



Foto: Aula de artes comigo na Escola na Aldeia Morro da Palha (foto feito por mim, Marcia Antunes Martins, outubro/2014)

ESCOLA E CRIANÇAS

A partir de 1988 com a Constituição Brasileira, que assegurou a nós indígenas a ter nosso direito de desenvolver uma educação escolar indígena diferenciada, através da nossa língua materna o GUARANI, podemos desenvolver um planejamento próprio através dos calendários específicos e tradicionais.

Dentro da educação escolar indígena podemos fazer um calendário realmente diferenciado contendo nossas especificidades como cerimônias e rituais sagrados.

Com a lei 11645 que obriga as escolas não indígenas a estudar a história afro-brasileira, negra e indígena, podemos também a escrever nossas próprias histórias contendo a visão indígena.

A escola é multisseriada e bilíngue, onde é falado e ensinado a língua portuguesa e guarani. A primeira língua que as crianças aprendem em casa é o guarani, por isso muitos têm dificuldade com a língua portuguesa. Na quarta série há 5 alunos e no 5º ano há 3 alunos no total são 8 alunos que escrevem fluentemente o português com algumas dificuldade de falar português.

Na aldeia as crianças se alimentam com bolinhos feitos em casas (bolo frito que chamamos de xipá, mbojpé-bolo na cinza), arroz, feijão, mandioca e muitas carnes sejam elas industrializadas ou de caças. As crianças são bem respeitadas em casa pelos familiares e na escola pelos professores e por toda a comunidade. Aprendemos desde pequenos que ter educação e respeito é essencial para uma vida melhor em comunidade.

As crianças são as peças fundamentais da resistência guarani. Antigamente a nossa educação era repassada por nossos avós e ensinada na casa de reza, onde as crianças aprendiam os ensinamentos dos mais velhos: a dança, os cânticos, e conhecer a importância das curas das raízes, folhas e cascas. As aulas eram dadas oralmente e na prática pelo pajé, com o seu cachimbo (pentyngua) ele fazia as curas espirituais e de doenças infecciosas. Hoje não é muito diferente, porque aprendemos na escola com o professor e na casa de reza com o líder espiritual, essa é a nossa educação, nossa forma de aprender.

Desde os tempos antigos a ARTE GUARANI está presente no nosso cotidiano, geometrias e desenhos são representados em nossos artesanatos com significados espirituais essenciais para vida do ser GUARANI.

Como me disse numa entrevista¹ o cacique e líder espiritual da aldeia Itanhae (Morro da Palha), Seu Timóteo de Oliveira Karai Mirim (2014):

“a arte guarani de antigamente era muito bom. Os jovens e as crianças não ficavam parados, eles praticavam muito a arte. Iam à mata a buscar os materiais para fazer os artesanatos, e iam também para o roçado para plantar as sementes tradicionais, como avaxi etei, avaxi ouvy, que é uma espécie de milho sagrado, para nos mbya. As meninas se pintavam o rosto com a cera do mirim para ir colher ovapyta que é uma espécie de coquinho da palmeira girival. Para os guarani, é chamado de pindo’ovy (é a palmeira dos Tupã kuery), semente dos deuses. E usavam muito, colhiam e traziam, e socavam para tomar o suco, e as meninas depois usavam os coquinhos para fazer os colares. Também elas colhiam o yakua, que é uma espécie de cabaça para fazer mbaraka mirim, para rezar para nhanderú. E também elas buscavam as taquaras para fazer takuapu, que também é uma espécie de um bastão, que é usado pelas mulheres na casa de reza. E toda vez que é tocado no chão esse instrumento, no solo da opy, nhandexy e nhanderu escuta nosso clamor. E o popyguay são os meninos que fazem, também é uma espécie de instrumento sagrado que conforme a batida os espíritos do mal se afastem. Esses popygua eram usados pelos ovycha kuery, os guardiões que ficam em redor dos karai kuery. E também o tukumbo, é uma espécie de suitera. Quando os seres malignos intentam se aproximar da nossa casa de reza com o estrondo dos tukumbo eles se afastam. Esse era usado pelos nossos soldados. Antes de anoitecer os xondaro kuery se reúnem frente a casa de reza e dançam a musica do xondaro e cada um passa por eles (pelos tukumbo) para entrar na casa de reza. Para nunca o espírito do mal acompanhar. A dança do xondaro é uma dança muito sagrada para os karai kuery. Quando eles dançam eles recebem a força de nhanderu tenonde, nhandexy para eles começarem a fazer as curas divinas. Assim que meus avos contavam, sempre contavam que era assim antigamente a arte guarani. Na arte guarani, nela tem toda essa sabedoria ancestral, essa é a verdadeira arte guarani. Não é só artesanato, é cultura, religião, tembiapo reko, mbya reko”.

¹ Ver entrevista nas referencias.

Observando a importância dessa arte venho aqui discutir como está sendo proposta a arte indígena guarani dentro do espaço escolar. Como é feita e discutida também a questão da mitologia e lendas e como são feitos os planejamentos dos professores de arte e arte guarani.

Na minha experiência como educadora indígena pude observar a infância dentro da concepção do universo Guarani. Esse sentimento de infância existe através do repasse da cultura e dos costumes do meu povo. A arte se insere nesse meio como modo de aprendizagem, como repasse e continuação da nossa cultura.

Meu desejo sempre foi ser uma professora de arte guarani. Porque na minha infância minha mãe sempre nos ensinou a importância dos artesanatos na nossa vida. Para nós nos formarmos um ser guarani precisamos passar por várias fases e rituais durante a vida, seja no batismo tradicional nhemongarai ou nas cerimônias onde comemoramos os dias sagrados para os mbya. E nesta observação de minha pesquisa pude observar algo muito importante em relação à infância guarani: as crianças mbya ainda são cuidadas até cinco anos, porque dizemos que ainda nessa idade são apenas *nheès* anjos espírito nos visitando na terra que merecem ter mais atenção dos pais e só a partir de cinco anos a seis anos irão começar a formar o ser guarani. A partir daí começa o processo de aprendizagem e interações com o mundo anterior onde dão os primeiros passos para serem autônomos e para interagir com a natureza e a arte guarani. Durante a pesquisa, observei que os pais participam também do processo de aprendizagem das artes. Mesmo a criança sendo pequena consegue aprender artesanato no dia a dia com os pais e nas práticas e cânticos espirituais, dentro da casa de reza *opy* os cânticos são imensos. Na observação da pesquisa, observei que os pais participam também do processo de alfabetização, mesmo alguns não sabendo ler, conseguem perceber a importância dessa aprendizagem. A infância na escola guarani é respeitada, todo processo de planejamento é feito para que os alunos possam entender e interagir com a metodologia e a vida escolar.

As brincadeiras tradicionais estão no cotidiano das crianças e jovens. Algumas delas se destacam, pois ensinam também os cálculos ou são jogos que deve se usar a inteligência ou concentração. Por isso, o planejamento também é feito com jogos e brincadeiras.



Foto: Crianças brincando durante minha aula de artes na Aldeia Morro da Palha (foto feito por mim, Marcia Antunes Martins, outubro/2014).

Desde quando comecei a trabalhar com educação, vi que dentro do espaço escolar esse sentimento se prolonga, esse desejo de mostrar essa arte maravilhosa e respeitando que cada criança tem seu próprio tempo aprendizagem.

ARTE GUARANI NO ESPAÇO ESCOLAR

Observei que na escola é respeitada todo o processo de planejamento e feito para que os educadores interajam com as metodologias e a vida escolar das crianças, esse planejamento também é feito com artesanatos e com jogos e brincadeiras tradicionais nas praticas e nos conteúdos.

Atualmente não existe um currículo que define o que os professores devem ensinar nas escolas guarani. Os educadores juntamente com a comunidade escolar que engloba pais, professores e amigos da escola, fazem o planejamento anual com calendário escolar específico de cada comunidade, envolvendo então toda parte de cerimônias e datas específicas do plantio e ano novo guarani.

Para a minha pesquisa, foi importante conhecer a experiência de professoras de arte de outras escolas, e sobre a importância da arte no espaço escolar, concordo com o que me disse numa entrevista² a professora de arte guarani, Marcia Macena (2014):

“a arte guarani no espaço escolar é muito importante, porque as crianças de hoje não sabem que a arte era muito usada por nos no passado. O colar, por exemplo, é uma proteção para as crianças, não é usado só para bonito. É para se proteger dos maus espíritos e de muitas doenças. O chocalho é um instrumento para

² Ver entrevista nas referencias.

invocar ñanderu, e é muito sagrado. As pulseiras, tudo tem um significado. Os desenhos, é passado em forma de geometria dos animais. Isso é muito importante no espaço escolar, repassar para as crianças, para eles aprenderem a dar valor para a arte, e também nunca deixar de praticar.”

Minha colega de curso, a professora e vice-cacique Elizete Antunes (Nome guarani Arai), também ressaltou a importância da arte guarani no espaço escolar, como ela me contou numa entrevista feita durante as aulas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena na UFSC:

“Arte guarani é muito importante e é o objetivo para trazer sabedoria e agilidade, sempre voltando a espiritualidade dentro do espaço escolar. No espaço escolar a pratica seria a melhor forma de ensinar, não adianta você só aplicar na escrita, porque os alunos não vão aprender. E pode ficar só no livro, ou uma lenda, como de antigamente, a gente só vê nos livros. A pratica é a melhor forma de trabalhar, praticando, indo a mata, levando os alunos e mostrar para alunos o real do trabalho, mostrando as madeiras para fazer os bixinhos, as takuaras para fazer a cestaria, e trabalhar a realidade guarani mesmo. Porque se não vai acabar ficando só no livro de arte. A arte guarani é isso que eu acho. Devemos mesmo trazer no espaço escolar”.

Sobre a importância da arte guarani, vou falar da música, da dança, da confecção de instrumentos, da geografia guarani, da arte corporal e da cerâmica guarani especialmente no espaço escolar, e em alguns momentos também falar de outros espaços.

A música é uma das formas de arte sagrada. Há vários tipos de cantos que são cantados e falados, existem as musicas que são faladas onde são contadas historias ou diretamente ligado ao sagrado. Há também cantos que são cantados como uma forma repetida, que funciona como uma forma de contato a NHANDERU. Esse canto basicamente é utilizado dentro da OPY (casa de reza tradicional). No espaço escolar só pode ser ensinado e cantado a música do coral, todas as crianças podem cantar e aprender.

Existem vários tipos de danças guarani, algumas exclusivamente femininas ou masculinas. Dança do xondaro também é utilizada para o fortalecimento do corpo, da mente ou da espiritualidade, com regras específicas dessa dança. Antigamente essa dança era utilizada para treinar os soldados que cuidavam da proteção da aldeia. Esses

xondaro deveriam estar preparados ate para pegar uma flecha em pleno ar e também para brigar com outros tipos de seres que estão presentes na mitologia guarani como o karugua, por exemplo, que é uma espécie de duende mitológico guarani, ou contra feiticeiros ou tribos rivais. Os xondaro ou xondaria ainda existem para passar os conhecimentos desses tipos de dança. No espaço escolar podem ser ensinados a dança do xondaro e a dança do tangará. A dança da cura somente pode ser feita na OPY.

Um dos instrumentos sagrados e o MBARAKA MIRIM o chocalho que usamos como símbolo de contato com NHANDERU nosso pai, o grande Criador. Através dele podemos ter um contato, sua batida é como se fosse o bater do coração. Com todo esse significado podemos trabalhar dentro da sala e aula de artes, também o lado da religiosidade tradicional, a geografia e confecção desse instrumento.

Para confeccionar o MBARAKA MIRIM , primeiro é plantado e colhido e deixado pra secar, depois é limpo e colocado dentro dele sementes de kapia, também conhecido como rosário ou lagrimas de nossa senhora, que faz o som. Observei na escola de morro da palha que a criança já tem essa consciência da importância desse e vários instrumentos sagrados, que os pais também ensinam em casa a confecção e historias ligadas a espiritualidade. Os instrumentos dos jogos também podem ser confeccionados através de aula dinâmica, onde os professores alunos e pais podem estar fazendo conjuntamente.

Outros instrumentos que podem ser confeccionados no espaço escolar e que serve para jogar é o Mangá ou peteca, que é feita de palha de milho e pena de pássaros. Na observação para fazer a pesquisa pude observar que os alunos interagem entre si independentes da idade.

Outra experiência que eu tive como educadora foi a de ajudar a realizar as olimpíadas guarani, onde os alunos tiveram palestras com xeramoin kuery, os educandos ajudaram a pegar as madeiras e bambus no mato para a confecção de arco e flechas, zarabatana, lança, corrida de tora. Os alunos puderam estar interagindo também com jovens de outras aldeias, trocando experiências e competindo. A arte então esta presente dentro dessa concepção de jogo.

Dentro da aula de artes também pode ser trabalhada a geografia tradicional onde podemos observar a questão do clima e tempo guarani, muito importante também na plantação da semente do mbaraka mirim que depende de tempo certo e de determinada lua para o plantio.

A educação corporal guarani esta presente desde o nascimento da criança até a vida adulta, essa educação começa a partir dos rituais de batismos NHEMONGARAI, que é uma cerimônia para dar os nomes sagrados em guarani. A criança então começa a

aprender que ela faz parte do povo guarani com seus modos de vida e suas regras e hierarquias.

Na fase de transição de criança para jovem ela já é preparada para desenvolver alguma função na aldeia. Antigamente as meninas, por exemplo, deveriam ficar dois anos aprendendo a confeccionar artesanatos, a fazer comida, a cuidar da plantação. Atualmente elas são preparadas para virar moças. Atualmente quando elas têm a menstruação pela primeira vez, a menina fica um mês na casa, seu cabelo é amarrado, feito tranças e cortados bem curtos, ela se pinta com urucum e uma tinta feita com cera de abelha, os símbolos femininos indicam que ela já é uma mulher.



Desenho feito por Daniela Moreira (junho/2010)

A educação masculina também exige rituais de iniciação para o jovem virar homem, nessa fase o menino é cuidado para não passar na água, ou ficar até tarde na rua, alguns furam o beijo e colocam o tambetá, uma espécie de madeira feita de palmeira, esse adorno indica que ele também já é homem.

Essa é uma das primeiras fases em que os jovens aprendem a ter uma educação corporal, conhecendo seu próprio corpo e toda as historias, mitos e lendas que envolvem também esse processo de educação para nosso povo Guarani. A arte aqui esta envolvida pelo processo de aprendizagem dos significados guarani.

As pinturas corporais das meninas e dos meninos cada um tem sua forma.



Foto: Aluna com pintura Araku Pytxã (foto feito por mim, Marcia Antunes Martins, outubro/2014)

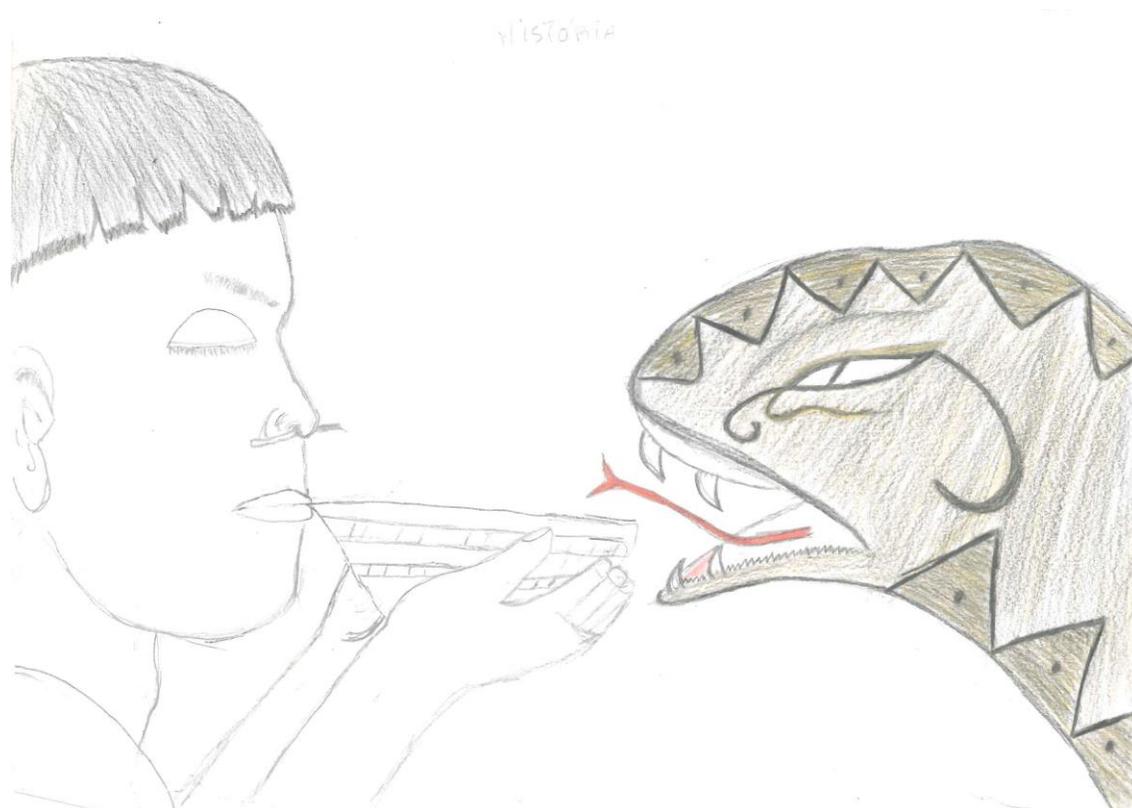
A da menina, por exemplo, é em forma de pé de saracura que se chama ARAKU PYTXÃ que é usado só no rosto. Tem também para as meninas a pintura de rosto ONHEBOKEA e tem também a DJEGWA PIRIRI, esta também pode ser usada nas mãos e nos tornozelos.



Foto: Aluno com pintura idyvare pekã re (foto feito por mim, Marcia Antunes Martins, outubro/2010)

A pintura corporal dos meninos que é usada no rosto tem forma de ponta de flecha chamada U'Y e também outra chamada XIVII REDYWA, que é como o bigode do tigre. Os meninos também podem usar uma pintura no rosto que é em forma de cruz e que se chama KRUTXU TAÝ PYTÃ DJEGWAA.

Antigamente os mais velhos também faziam panelas ou vasos de cerâmicas com simbologias guarani. Hoje em dia e na cerâmica guarani desde sempre segue sendo feito para manter um dos grandes símbolos de resistência guarani como o Petyngua, que é uma representação de uma ponte entre as divindades e o Ser Guarani. Esse é feito na OPY ou na casa dos mais velhos. No espaço escolar não pode ser feito, só podem ser feitas as gamelas, panelas, vasos e barquinhos. Também podem ser feitas as máscaras. Mas na escola também pode ser feitos desenhos do Petyngua, como fez meu aluno Aildo Moreira, durante a aula de arte na Escola Wera Tupã, na Aldeia de Biguaçu, quando eu dava aula em 2010. Ele desenhou a cobra que é toda enfeitada e tem toda sabedoria, e o petyngua é como a cobra que ensina, é como uma ponte que leva todos os ensinamentos.



Desenho feito por Ailto Moreira (junho 2010).

RELIGIOSIDADE TRADICIONAL E A ESCOLA

A religião tradicional esta ligada a OPY (nossa casa de reza), onde são repassados os conhecimentos essenciais para formação do SER GUARANI. E uma espécie de primeira escola da vida para nós MBYA.

Quando eu perguntei para o Seu Artur, que é líder espiritual e cacique da aldeia Tekoa Feliz, se é proibido falar sobre o petygua na arte, ele me respondeu que é muito importante colocar sim, porque faz parte. Ele disse assim:

“Essa concepção vale a pena colocar ele, porque nossos avos usavam e nos usamos. E os karai kuery (pajés) usam ainda. Eu acho bom colocar para ser tudo completo. Para ficar completo a arte verdadeira é colocar o petygua, popygua e mbaraka mirim, arave y, mba’epu, mbaraka, tukumbo, âguapu, todos esses instrumentos fazem parte da arte guarani.”

Foi assim que eu pedi permissão para eles que são avos e líderes espirituais, para colocar no meu TCC a arte verdadeira, ouvida deles mesmos. As artes são muito sagradas.



Foto: Seu Artur e família, Aldeia Tekoa Vya (foto feito por mim, Marcia Antunes Martins, outubro/2014)

Na aula de artes observando alguns professores pude notar que a espiritualidade também é ensinada dentro do espaço escolar, um exemplo é os símbolos sagrados e sua importância para cada cerimônia, também as lendas e mitologias tradicionais que são repassados dentro e fora da sala de aula.



Desenho de Ismael de Souza (junho/2010)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ARTE NÃO SE SEPARA

Considero que este meu TCC pode ajudar a ver a importância da arte da vida guarani, dentro e fora do espaço escolar, que não deveria ser pensado por separado. Como me disse durante minha pesquisa o professor bilíngue Adriano de Oliveira (2014):

“arte está em tudo que fazemos no nosso cotidiano. Mais isso poucos percebem, para e isso que representa, tudo o que a gente faz no nosso dia a dia, ou seja, na vida. As arte guarani e tudo, representa a forma de harmonias, entre os mais velhos, jovens, as crianças, representa a palavra de viver em alegria, harmonia, viver e entre mais importante viver em paz com tudo e com todo, e isso ter cultura e religião... enfim a arte guarani representa a forma de viver”.

Penso que a arte guarani esta inserida na cultura, nos costumes e tradições sem estar separada. Isto é ela não se separa. Na sociedade não indígena a arte esta dividida seja na dança, musica, nas pinturas de quadros feitos por pintores, seja no cinema entre outros. Digo que está dividida por que para vermos a arte precisamos comprar ingresso, seja para um show de musica ou dança, cinema. Na cultura Guarani o conceito de arte este inserido dentro do cotidiano e também está ligada à parte divina espiritual.

Seja na parte da pintura, musica, ou dança, a arte não se divide. Um exemplo é quando há algumas festividades, onde os mbya kuery se pintam com símbolos sagrados, cantam e dançam nas cerimônias com instrumentos musicais, a arte então não se separa.

REFERENCIAS: ENTREVISTAS CITADAS NO TCC

Entrevista com o Sr. Artur Benite Cacique e líder espiritual

Aldeia Tekoa Vya, município de Maior Gercindo, rua negra chique.

Data da entrevista: 13/10/2014

Data de nascimento: 28/10/1942

Local: Tenente Portela

Casado com Dona Maria Campos

MÁRCIA: O que o Senhor acha da arte Guarani verdadeira e o que faz?

ARTUR: Eu acho tudo bom. Hoje em dia, para os jovens e as crianças e tudo bom. Porque as crianças já estão perdendo e esquecendo da arte dos antepassados nossos avos. O que eles trabalhavam é importante para eles, acho muito importante repassar a arte verdadeira. É bom.

MÁRCIA: Em essa cultura do espaço escolar na arte dos Juruá. Para colocar no papel na escrita, para as crianças ou para registrar no TCC, o que o senhor acha?

ARTUR: Eu acho muito bom. Deixar escrito no papel, tem que deixar para todas as crianças como registro, mesmo porque a arte na escrita, as crianças aprendem. E deve registrar mesmo, nossa arte para não se acabar. Já se esta perdendo, e na escrita não vai se perder.

MÁRCIA: será que não é proibido falar sobre o petygua na arte, porque ele é um instrumento muito sagrado, ou será que ele é uma arte verdadeira?

ARTUR: É muito importante colocar ele sim. Faz parte de tudo. Essa concepção vale a pena colocar ele, porque nossos avos usavam e nos usamos. E os karai kuery (pajés) usam ainda. Eu acho bom colocar para ser tudo completo. Para ficar completo a arte verdadeira é colocar o petygua, popygua e mbaraka mirim, arave y, mba'epu, mbaraka, tukumbo, ãguapu, todos esses instrumentos fazem parte da arte guarani. Os antigos usavam, fazia parte da arte verdadeira. Tudo eles usavam.

MÁRCIA: Por isso eu peço permissão para vocês, que são avos e lideres espirituais, para colocar no meu TCC a arte verdadeira, ouvida de vocês mesmos. Para mim a arte era só arte, no papel, no livro. As artes são muito sagradas. Porque entra na arte as sementes tradicionais. O milho verdadeiro e as plantas sagradas.

ARTUR: O amandui, jety, avaxi ete'y, taquare'e são verdadeiras sementes. Tudo é arte guarani.

MÁRCIA: E, porque as crianças de hoje só querem saber de jogar bola, vídeo game, televisão, eles não querem saber mais de arte e nem do artesanato na prática. Não querem mais fazer bixinho nem os balaios, as crianças só querem aprender na teoria, só escrevendo. Por isso eu estou contando para você. Então agujevete, ame'e devype.

ARTUR: Obrigado.

Entrevista com professora de arte Guarani, Márcia Macena.

Data: 13/10/2014.

Local: Aldeia Tekoa Vya, município de Maior Gercindo, rua negra chique.

Data de nascimento: 24/4/1984

Local: Pirubi, São Paulo, Aldeia Bananal

MÁRCIA: O que você acha da arte guarani no espaço escolar?

MÁRCIA Macena: Eu acho que a arte guarani no espaço escolar é muito importante, porque as crianças de hoje não sabem que a arte era muito usada por nos no passado. O colar, por exemplo, é uma proteção para as crianças, não é usado só para bonito. É para se proteger dos maus espíritos e de muitas doenças. O xocalho é um instrumento para invocar ñanderu, e é muito sagrado. As pulseiras, tudo tem um significado. Os desenhos, é passado em forma de geometria dos animais. Isso é muito importante no espaço escolar, repassar para as crianças, para eles aprenderem a dar valor para a arte, e também nunca deixar de praticar. Eu gosto de dar aula de arte guarani, porque desde criança sempre vivo disso, e sempre estou praticando a arte guarani.

MÁRCIA: Obrigado ayvete

Entrevista com aluno do terceiro ano do ensino médio.

Nome: Kiko Benite Kuaray

Data: 9/11/2014.

Local: Aldeia itañae (mora na aldeia de Canelinha)

Data de nascimento: 21/12/1990.

Local de nascimento: São Miguel das Missões

MÁRCIA: O que você acha sobre a arte guarani no espaço escolar?

KIKO: Eu acho muito importante. Acho muito importante trabalhar nesse espaço a arte guarani porque hoje em dia já esta-se perdendo o costume da pratica, porque nos jovens, não temos mais tempo. Porque temos que trabalhar e estudar. Mas esse trabalho no espaço escolar sobre a arte, é muito importante os professores trazerem para esse espaço. Sempre revitalizando, as praticas e a nossa cultura. Para mim a arte é muito importante, principalmente quando ela é guarani.

MÁRCIA: muito obrigado.

Entrevista com Timóteo de Oliveira Karai Mirim. Cacique e líder espiritual da aldeia Itanhae (Morro da Palha), Timbe, Município Biguaçu.

Data: 9/9/2014.

Data de nascimento: 18/12/1963

Local: Aldeia Canta Galo, Município Viamão, Rio Grande do Sul

MÁRCIA: O que o senhor acha da arte guarani de antigamente?

TIMÓTEO: A arte guarani de antigamente era muito bom. Os jovens e as crianças não ficavam parados, eles praticavam muito a arte. Iam na mata a buscar os materiais para fazer os artesanatos, e iam também para o roçado para plantar as sementes tradicionais, como avaxi etei, avaxi ouvy, que é uma espécie de milho sagrado, para nos mbya. As meninas se pintavam o rosto com a cera do mirim para ir colher ovapyta que é uma espécie de coquinho da palmeira girival. Para os guarani, é chamado de pindo'ovy (é a palmeira dos Tupã kuery), semente dos deuses. E usavam muito, colhiam e traziam, e zocavam para tomar o suco, e as meninas depois usavam os conquinhos para fazer os colares. Também elhas colhiam o yakua, que é uma especie de cabaça para fazer mbraka mirim, para rezar para ñanderú. E também elas buscavam as taquaras para fazer taquapu, que também é uma espécie de um bastão, que é usado pelas mulheres na casa de reza. E toda vez que é tocado no chão esse instrumento, no solo da opy, ñandechy e ñanderu escuta nosso clamor. E o popyguay são os meninos que fazem, também é uma espécie de instrumento sagrado que conforme a batida os espíritos do mal se afastem. Esses popygua eram usados pelos ovycha kuery, os guardiões que ficam em redor dos karai kuery. E também o tukumbo, é uma espécie de suitera. Quando os seres malignos intentam se aproximar da nossa casa de reza com o estrondo dos tukumbo eles se afastam. Esse era usado pelos nossos soldados. Antes de anoitecer os xondaro kuery se reúnem frente a casa de reza e dançam a musica do xondaro e cada um passa por eles (pelos tukumbo) para entrar na casa de reza. Para nunca o espírito do mal acompanhar. A dança do xondaro é uma dança muito sagrada para os karai kuery. Quando eles

dançam eles recebem a força de ñanderu tenonde, ñandexy para eles começarem a fazer as curas divinas. Assim que meus avos contavam, sempre contavam que era assim antigamente a arte guarani. Na arte guarani, nela tem toda essa sabedoria ancestral, essa é a verdadeira arte guarani. Não é só artesanato, é cultura, religião, tembiapo reko, mbya reko.

Entrevista: Professora e vice-cacique Elizete Antunes (Nome guarani Arai), aluna da licenciatura na terminalidade Humanidades.

Aldeia: Pirarupá, Maciambu, Município de Palhoça

MÁRCIA: O que você acha da arte guarani no espaço escolar?

ELIZETE: Arte guarani é muito importante é o objetivo para trazer sabedoria e agilidade, sempre voltando a espiritualidade dentro do espaço escolar. No espaço escolar a pratica seria a melhor forma de ensinar, não adianta você só aplicar na escrita, porque os alunos não vão aprender. E pode ficar só no livro, ou uma lenda, como de antigamente, a gente só vê nos livros. A pratica é a melhor forma de trabalhar, praticando, indo a mata, levando os alunos e mostrar para alunos o real do trabalho, mostrando as madeiras para fazer os bixinhos, as takuaras para fazer a cestaria, e trabalhar a realidade guarani mesmo. Porque se não vai acabar ficando só no livro de arte. A arte guarani é isso que eu acho. Devemos mesmo trazer no espaço escolar.



EDUCAÇÃO

**HISTÓRIA E MITO NA
EDUCAÇÃO GUARANI**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS-CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO LICENCIATURA INTERCULTURAL DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

ELIZETE ANTUNES

HISTÓRIA E MITO NA EDUCAÇÃO GUARANI

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2015



HISTÓRIA E MITO NA EDUCAÇÃO GUARANI

Trabalho de pesquisa realizado para
conclusão do curso de Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, ênfase em
Gestão Ambiental na Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Litaiff

Florianópolis, 20 fevereiro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 20 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 16 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Aldo Litaiff e Presidente, Professor Thais Luzia Colaço, Titular da Banca, e Professor, Maria Dorothea Post Darella Suplente, designados pela Portaria nº /HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Elizete Antunes, subordinado ao título: "Histórias e Mitos na educação guarani". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Aldo Litaiff, a nota final 10,0; do Professor(a) Thais Luzia Colaço, a nota final 10,0, e do Professor(a) Maria Dorothea Post Darella Suplente, a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aldo Litaiff

Prof. Thais Luzia Colaço

Prof. Maria Dorothea Post Darella

Candidato Elizete Antunes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Elizete Antunes, matrícula n.º 1103057, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Histórias e Mitos na educação Guarani, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2015.

Assinatura manuscrita do orientador(a) em uma linha horizontal.

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Quero nesta oportunidade agradecer primeiramente Nhanderu ete pela oportunidade que me concedeu e pela coragem que tive que ter em fazer e viver minha pesquisa.

O meu pai que sempre me contou histórias e que me incentivou a ter vontade de aprender as histórias, sentir e valorizar.

Ao povo guarani por essa grande sabedoria de ensinar a vida através das histórias.

Também agradecer o seu Timóteo pela confiança de repassar esses conhecimentos para mim e pelo carinho de me fazer sentir a história.

A licenciatura indígena pela oportunidade e por acreditar na nossa capacidade de registrar e nossas histórias para serem lembradas um dia.

Não poderia deixar de aqui agradecer a minha aluna Jaxuka que foi incansável companheira de pesquisa e fez a ilustração dos mitos.

Que Nhanderu continue dando esse calor no coração dos mais velhos para que possamos desfrutar dessas histórias em todos os momentos que procuramos.

Aguyjete!

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	7
INTRODUÇÃO - HISTÓRIA DA TEKOA PIRA RUPA MASSIAMBU	8
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E MITO GUARANI.....	11
1.1 IPY ROVAI	12
1.2 KUNHÃ AJEPOTA PIRA GUIRE	17
1.3 A GERAÇÃO DO MUNDO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
BIBLIOGRAFIA	23

APRESENTAÇÃO

O meu nome é Elizete Antunes nasci no dia 18 de junho de 1983, sou filha de Ivete de Souza e Adão Antunes e moro na Aldeia do Maciambu Município de Palhoça Estado de Santa Catarina. Sou indígena Guarani e sempre estudei em escola indígena, terminei o ensino médio com 23 anos e com 26 entrei para a universidade para cursar a licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Moro na Aldeia Pira Rupa, fica no Maciambu, localizada no Município de Palhoça, na estrada geral Baixada Maciambu. A aldeia fica dentro do Parque Serra do Tabuleiro, o tamanho de 3,78 hectares de terra, reconhecida pela União como indígena, com população de 15 famílias, total de aproximadamente 70 pessoas de 0 a 70 anos, hoje é considerada a segunda menor aldeia guarani no Brasil.

INTRODUÇÃO - HISTÓRIA DO TEKOA PIRA RUPA OU MASSIAMBU

Maciambu sempre foi um lugar ocupado por Guarani. De acordo com os estudos baseados em relatos de navegadores europeus do século XVI (LITAIFF, 1996) os Guarani são descendentes dos Karijó, uma denominação (Explicar em nota de rodapé a questão dos Karijó e dos Guarani) histórica para o nosso povo. Conforme essas pesquisas, após muitos anos de extermínio dos povos indígenas pelo processo de colonização europeia, a história passa a ser contada pelo lado do vencedor, ou seja, o Jurua (Branco). Entretanto, a nossa história verdadeira é contada pelos mais velhos que ainda lembram, sendo impossível os velhos deste século contarem a história do século XVI, mas os mitos sim.

Em 1993 os Guarani voltaram para o Maciambu, recuperando o lugar que sempre foi habitado por nós. Essas famílias foram lideradas pelo cacique o Sr. Augusto da Silva que morava em Terra Fraca, próximo ao acesso da cidade de Santo Amaro da Imperatriz, no Município de Palhoça, que, na época era o acostamento do traçado da BR-282, onde viviam em péssimas condições. Nesta época, o antropólogo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Aldo Litaiff, procurou a Prefeitura do Município de Palhoça buscando uma solução para o problema desses Guarani. Após reuniões com vereadores da Câmara de Palhoça, foi localizada a área onde hoje é a Tekoa Pirá Rupá, em Maciambu. Assim, os Guarani conseguiram chegar novamente ao Maciambu, sua terra ancestral, tanto reverenciada nos relatos dos mais velhos. Todavia, como essa terra estava em situação de litígio, os Guarani não podiam construir nada na aldeia, pois as autoridades alegavam que não era uma terra reconhecida. Somente em 2009 o problema, os Guarani ganharam na justiça o direito ao usufruto dessa área, sendo então registrada oficialmente como terra indígena.

Hoje liderada pelo cacique Marco Guarani, temos uma escola que está em fase de construção, com 30 alunos matriculados, do 1º ano das séries iniciais ao ensino médio, são 7 professores indígenas que trabalham e moram na aldeia, também tem

agente de saúde que trabalha na área de saúde na aldeia e um sanitarista que cuida do saneamento básico da tekoá, também tem um grupo de mulheres artesãs que trabalham juntas e têm sua organização de produção e vendas de artesanatos, com logomarca e banner de propagandas. O nome da organização é o mesmo nome da tekoá, Pirá Rupá.

A aldeia por ser pequena não possui espaço para plantio, nós Guarani sobrevivemos de trabalhos oferecidos pelo governo, de artesanatos, caça e pesca. Na aldeia não existe problemas com drogas e também nos casamentos não tem muito envolvimento com o não índio, aldeia tem a sua própria organização, é muito difícil ter conflito entre outras comunidades, sempre estamos lutamos juntos pelos mesmos objetivos. Os objetivos principais da luta são para manter, preservar e fortalecer a cultura guarani. Garantir os espaços do nosso território por que sem estes espaços não existe nhandereko que é a educação de vida guarani.

Sempre gostei muito de ouvir os mais velhos contarem as histórias que os brancos chamam de mitos guarani, percebi que assim, sempre foi a melhor forma de passar os conhecimentos da vida para os jovens e crianças sem perder os costumes e tradição, a verdadeira educação. Fiz minha pesquisa na Aldeia de Itanhaem, Morro da Palha em Biguaçu. Minhas entrevistas foram feitas com o senhor Timóteo e sua filha Kerexu. As entrevistas foram filmadas enquanto eles contavam as histórias para as crianças da aldeia. O filme foi feito para o trabalho da antropóloga Cinthia da Rocha, da UFSC. Conhecemos Cinthia numa apresentação do trabalho que fiz sobre o mito do Maino'i, beija flor, para uma disciplina de Tempo Comunidade, da Licenciatura Intercultural Indígena. Nesta ocasião, ela ficou muito interessada pelo assunto e me procurou para eu ajudá-la a fazer as filmagens. Ela então me pediu para me ajudar na minha pesquisa e fizemos o nosso trabalho juntas (em breve será lançado um filme chamado *MITOS A BICHOS*, no qual eu coordenei o roteiro das filmagens).

Por gostar muito de ouvir as histórias e os mitos que os mais velhos contam, comecei a trabalhar na escola com as crianças da aldeia, também comecei a contar as histórias para elas, pois vi que hoje os as histórias silenciaram (quase esquecidas).

Então, questionei-me: qual é a melhor forma de fazer com que essas histórias sejam fortalecidas e respeitadas como regras de educação sem precisar de lei e punição?

Contar histórias e mitos guarani dentro da sala de aula para as crianças e os jovens Guarani é a melhor maneira de exercer a educação diferenciada, e foi pensando desta forma que decidi a me dedicar a fazer o meu trabalho de Conclusão de Curso, para poder buscar mais conhecimento sobre as histórias e mitos guarani, além disso, também mostrar a importância que ainda temos na educação tradicional guarani. Durante todo este tempo de pesquisa com as pessoas mais velhas das aldeias e com meus colegas durante o curso obtive muitos aprendizados que focaram bem forte no tema que eu escolhi para fazer minha pesquisa, um dos contos mais bonitos que eu ouvi começou dessa forma.

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E MITO GUARANI

Quando contei meu interesse em fazer essa pesquisa com ele sobre as histórias e mitos, seu Timóteo ficou muito feliz, ele falou que é muito importante falar sobre isso nos dias de hoje porque ninguém mais esse interessando pelas nossas histórias, disse que os jovens de hoje só querem saber das tecnologias e trocaram a casa de reza pelos celulares e televisão. Enquanto isso os Jurua (o Branco na língua guarani) ficam tentando contar as histórias guarani, mas não é a mesma coisa porque o Jurua não sente a história, eles apenas ouvem e contam conforme eles acham que entendem. E explica que toda história guarani é contada como uma forma de passar a educação para os jovens e as crianças para que os costumes e a cultura não venham a desaparecer. Essa é mais uma história contada para que as regras e costumes guarani sejam seguidos. E todos os fins de tarde o Xeramoí reunia os jovens e crianças dentro da casa de reza para contar história e para passar as regras e a educação. A pouco tempo atrás a casa de reza era a escola, o hospital, e todas outras atividades da vida eram repassada neste lugar, ali era passado toda a educação para a comunidade, dentro da casa de reza eram formados os grandes guerreiros, as parteiras, os pajés, os caçadores e também os líderes espirituais karai e kunhã karai.

Durante este tempo de pesquisa entendi muito mais o valor que se tem nos mitos contados pelos mais velhos, percebi que não é uma educação da cabeça ou mente, mas sim um conhecimento e um sentimento de ser Guarani, cada um segue sua profissão conforme seus sentimentos e um destino com sabedoria. Consegui colher algumas informações importante para nosso dia. Também fiz pesquisa com meu pai seu Adão Antunes, da Aldeia Itaty no Morro dos Cavalos, sai para campo junto com os alunos para pesquisar, depois com todas as informações das histórias gravadas e em mãos, sentamos para ouvir novamente as histórias para depois escrever e ilustrar juntos com eles. Histórias como: *“Quando nasce um bebê Guarani, o pai do bebê não pode sair nos rios para pescar, nem sair na mata para caçar porque o espírito da criança vai junto e pode se perder. Os jovens guarani sempre têm que levantar antes do nascer do sol para*

dar as boas vindas ao sol para ser saudável e não preguiçoso.” “Devem fazer uma saudação guarani (aguyjevete). O professor Adão Karai Tataendy, disse que vai muito mais além da história, são regras guarani para poder viver bem. E que fique sempre registrada na memória de cada um. História contada por seu Adão.

1.1 IPY ROVAI

Certo dia o xeramoí reuniu todos os jovens e as crianças da aldeia na casa de reza para ouvirem os conselhos e história do xeramoí, e entre muitos jovens e crianças havia um casal de jovens que estavam comprometidos para se casarem no dia seguinte. O xeramoí aconselhou aquele casal, e contou as regras que eles tinham que seguir depois do casamento, e também explicou quanto aos filhos que o casal tiver, como que eram para serem seguidas as regras do recém-nascidos. Contou que quando nasce uma criança o pai e a mãe do recém-nascido precisam ficar de resguardo por 90 dias e nesses 90 dias o casal não poderia comer nem um tipo de carne, porque se eles comessem carne eles poderiam ser possuídos pelo espírito da mata. (Qual é o mau do espírito da mata?)

Foram esses os conselhos que o xeramoí deixou para o jovem casal naquela noite. Quando chegou o dia seguinte os dois se casaram, e passados alguns meses, a mulher engravidou e o casal ficou muito contente pelo filho que estava para chegar, logo a criança nasceu e o casal continuava mais feliz ainda e prometeu seguir todas as regras que o xeramoí tinha passado para eles para que tudo ocorresse bem. Passados alguns dias o pai do recém-nascido começou a sentir desejo de comer carne e falou para a sua esposa. Vou ter que sair na mata para caçar, estou com muita vontade de comer carne, estou me sentindo fraco preciso comer carne. A esposa preocupada com o seu esposo falou para ele: “Você não pode sair para caçar, porque o nosso filho ainda não completou os 90 dias ele ainda está muito novinho. Você esqueceu das regras que o xeramoí nos contou? Se você sair e andar na mata você pode ser possuído pelo espírito da mata”.

Mas o jovem era muito teimoso não quis nem saber das palavras que a esposa tinha falado, e falou que não acreditava em nada do que o xeramoí tinha falado para ele. Pegou seu arco de flecha e saiu para a mata para caçar. O jovem caminhando pela mata se aproximou de um rio e atravessou o rio nadando e estava com uma certeza de que do outro lado do rio ele iria encontrar uma caça. Chegando do outro lado do rio ele andou alguns metros na beira do rio e logo começou ver pegadas de animais, ficou feliz e pensou:



Desenho de Elizete Antunes e a aluna Jaxuka feito em sala de aula (fig.1)

“Vou seguir uma dessa pegada para conseguir caçar algo, mas logo ele começou perceber uma pegada que parecia ser de um humano, então decidiu seguir essa pegada para ver se encontrava outra aldeia ali do outro lado do rio”. Ele começou a andar na mata seguindo essa pegada, já estava cansado e com fome de tanto caminhar porque já tinham se passado várias horas sem se alimentar, mas continuou seguindo as pegadas. Ele andou e andou, de repente sente que alguém está se aproximando dele e ele curioso para ver quem estava se aproximando, andou mais rápido. De repente ele avistou um

terrível animal, com traços humanos, mas muito peludo e tinha os seus pés virados para traz e esse animal começou se aproximar dele. Ele ficou tão desesperado que se esqueceu de pegar sua flecha para atirar no animal. Virou as costas para fugir, mas não deu mais tempo, o animal estava muito próximo com aquelas unhas grandes e mãos peludas, se aproximou dele e o pegou em seus braços com muito medo, lembrou das palavras do xeramoí, e também lembrou de sua esposa, lembrou de seu filhinho. E naquele desespero de estar sendo levado por aquele terrível animal pensou: Esse deve ser o espírito da mata que o xeramoí sempre me falava, foi então que ele começou a lembrar dos conselhos que sempre ouvia do xeramoí, sabia que tinha quebrado a regra do resguardo pelo seu filho recém-nascido e por isso estava acontecendo aquilo com ele. Esse animal o levou até a sua caverna para viver com ele, pois era uma fêmea, levou ele para se casar-se com ela.

Ele casou-se com aquele animal e passou a viver como prisioneiro, tinha que ter um relacionamento como marido e mulher com esse animal horrível. Passado algum tempo juntos, logo em seguida aquela fera engravidou do jovem, ele passou a viver como um animal e o aceitou como esposa porque não tinha outra opção, mas sempre que ele podia tentava fugir, mas nunca conseguiu porque sempre estava sendo vigiado por aquele animal. Meses depois nasce o filho deles e ele deu o nome do filho de IPY ROVAI porque o bebe nasceu com os pés virados para trás, era um humano como ele, mas tinha os pés virados para trás como a mãe dele. Depois do nascimento de Ipy Rovai, o jovem ficou se sentindo um pouco mais feliz por que Ipy Rovai aprendeu falar como ele também tinha conseguido ganhar a confiança da esposa que era o animal feioso e passou a planejar a sua fuga, mas agora ele não estava sozinho, ele podia contar com a ajuda de seu filho Ipy Rovai para fugir e iria levar seu filho junto com ele. Mas enquanto isso não acontecia, sempre tentava viver de bem como uma verdadeira família, os três juntos, o jovem, a fera e Ipy Rovai.



Desenho de Elizete Antunes e a aluna Jaxuka em sala de aula (fig. 2)

Ipy Rovai conhecia a mata como a palma de sua mão, começou a preparar a mata para fugir com seu pai. Um dia o jovem convidou seu filho e saíram para caçar sem que a fera o vigiasse. Começaram a caminhar pela mata passando algumas horas a fera deu falta deles e começou procurar eles. Eles percebendo que a fera estava à procura deles foram em direção ao rio onde do outro lado estava a aldeia de onde ele havia saído e deixado sua verdadeira família. Quando chegaram à beira do rio, o jovem lembrou que a fera não gostava de água, a ele tinha a certeza que ela não iria pular na água. Muito assustado ele olhou para seu filho e falou: “Meu filho desculpa, vou ter que te deixar, mas te prometo que eu volto para te buscar”. O jovem se jogou e atravessou o rio e quando ele chegou do outro lado do rio, saindo da água ele olhou para traz a fera a mãe do filho dele estava à margem do outro lado com o filho o Ipy Rovai, ela ergueu o filho mostrando para ele e jogou na água, mesmo assim ele saiu da água e continuou fugindo. Já cansado da caminhada ele subiu em uma árvore para descansar e pegou no sono. Assim que dormiu ele teve um sonho. Sonhou que o seu filho Ipy Rovai havia

atravessado o rio e estava a sua procura. Quando os primeiros raios do sol tocaram o seu rosto, ele acordou e resolveu voltar para a beira do rio. Chegando lá escutou um assobio de alguém que estava ali na margem do rio no mesmo lado onde ele estava, ele foi em direção do assobio e ali estava o seu filho só que já estava crescido. O filho dele falou para ele que não iria poder acompanhá-lo, mas que ele sempre iria estar por perto para proteger o seu pai e os outros seres da mata. “E foi assim que passou a existir o dono da mata, que protege todos os seres vivos da mata”. Assim, algo que era para ser ruim passou a ser bom!

Nesta história percebemos o que aconteceu com o jovem que desobedeceu as regras das histórias contadas pelo xeramoí, vimos que ele causou um sofrimento muito grande para ele mesmo. O final da história fala que o jovem humano, ao chegar de volta em sua casa onde estava sua esposa e seu filhinho que havia deixado ninguém mais o reconheceu e quando ele disse quem ele era, as pessoas não trataram mais como uma pessoa normal, mas que teve ele como uma pessoa que não entendia direito sobre a vida. (Um doido). Só em ouvir essa história contada por seu Adão Karai, nos fez refletirmos bastante sobre o jovem e entender mais sobre o dono da mata, percebe-se que para tudo na vida existe uma origem, uma história, um conto, uma verdade. Por isso hoje cada vez que um Guarani entra na mata ele sempre saúda a mata seja por medo ou por respeito, porque ele sabe que ali existe um ser que cuida da mata. Seu Adão, ainda explica que se respeitarmos esse ser ele nos ajuda a conseguir o que estamos buscando, uma caça, o mel, um remédio ou uma fruta, mas ele atende conforme a necessidade da pessoa, se a pessoa tirar mais do que necessitar o ser da mata vira a cabeça da pessoa que passa a fazer tudo ao contrário.

Para continuar nessa linha de história conversei com meus alunos para ver se eles em algum momento ouviram histórias parecidas com essa do ipy rovai. Então uma aluna minha da escola Pirá Rupá, (Keydiane Oliveira) contou uma história que sua avó contou para ela. E a história foi essa. Ela começa falando: “*Essa história eu ouvi da minha avó Tereza*”.

1.2 KUNHÃ AJEPOTA PIRA GUIRE

Era uma vez uma menina que gostava muito de ir ao rio para nadar. Ela ia todos os dias com seus irmãos, mas ela sempre demorava voltar para sua casa. Um dia a mãe falou para ela: “Filha você não pode ir todos os dias no rio”. A moça então perguntou: “Mãe, mas por que eu não posso ir todos os dias no rio?” Então a mãe respondeu: “Porque você pode se apaixonar pelo espírito da água, os seres da água não podem sentir muito o seu cheiro”. Mesmo assim a moça continuou indo no rio todos os dias.



Desenho de Jaxuka, aluna da escola Pirá Rupá.(fig. 3)

Um dia a moça foi no rio e começou a trazer peixe para casa e seus irmãos falaram: “Como que nós homens vamos pescar e a gente não pega tanto peixe assim”. Um dia a moça não obedecia mais a sua mãe e foi para o rio. Seus irmãos foram espiar para ver como ela pegava tanto peixe. Olhando sem que ela percebesse viram a moça sentada na beira do rio conversando com alguém, era um enorme peixe que estava ali falando com ela e trazia pequenos peixes para a moça pôr no cesto para e levar para sua casa. Quando os seus irmãos falaram com ela, a moça caiu na água com o susto que levou quando percebeu que os seus irmãos a tinham visto falando com o grande peixe.



Desenho de Jaxuká, aluna da escola Pirá Rupá. (fig. 4)

Então o grande peixe arrastou a moça para as profundezas do rio, e passando alguns meses os seus irmãos foram pescar e escutara uma voz feminina cantando a beira do rio, quando viram era a sua irmã, já estava transformada metade peixe e metade humana. A partir desse dia ela passou ser a mãe dona dos peixes.

No primeiro dia, quando procurei o seu Timóteo para ouvir as histórias para eu escrever o meu TCC, ele falou que para entender todas as histórias guarani e sentir com o coração, eu tinha que começar ouvindo a história do início da geração do mundo. Quando Nhanderu criou a terra, surgiram juntamente as regras da vida dos Guarani. Partindo dessa história, Seu Timoteo explica porque alguns animais que existem hoje, no princípio, foram xondaro (guardião ou ajudante) de Nhanderu, mas que por algum motivo ele os fez com que se tornassem animais. Por isso, hoje temos que respeitar os animais, pois são seres como nós. Ele também falou que sempre devemos seguir a regra, nunca devemos começar uma história pelo meio, se não nunca vamos conseguir contar o final da história da geração do mundo.

1.3 A GERAÇÃO DO MUNDO

No início era tudo escuro, não tinham nem animais, muito menos humanos. De repente, surge uma faísca vinda de muito longe. E essa faísca se transforma no ser que conhecemos como o criador de tudo, Nhanderu Ete. Timóteo fala que Nhanderu não tem umbigo, por ele não foi retirado de nenhum embrião, ele se criou por si só.

Depois de ter se transformado em um ser, começou sua linda forma de criação, ele pensava e as coisas surgiam (Ayvu Rapyta Reko) no início ele criou o bastão chamado de “Y”. Em seguida, na ponta do bastão, uma flor, em seguida surge o beija flor voando e pairando sobre as águas. Quando o beija flor com suas asas tocou na água e a água tocou no fogo e nesse contato começou formar a terra. Nhanderu começou a arrumar a e criar tudo com seu bastão e com ele estava seu ajudante que era o *Mainó'i* Beija Flor, ele esteve sempre ao lado de Nhanderu ajudando o tempo todo e quando *Nhanderu* já tinha feito quase tudo na terra inclusive as plantas com muitas flores, Nhanderu decidiu descansar, mas ele estava sentindo sede e pediu para o beija flor trazer água.

O beija flor saiu para pegar a água, mas pensou: “Nhanderu não pode tomar dessa água, foi então que ele começou pegar com seu bico a néctar das flores, pegava e

levava e colocava na boca de Nhanderu para que pudesse matar sede.” Foi assim que tudo começou. Hoje quando vemos um beija flor que vem até as nossas casas ficamos felizes por que sabemos que boas novas hão de vir, também na espiritualidade guarani o beija flor tem o símbolo de arandu, sabedoria, pois ele é rápido veloz, e faz suas funções sem errar com muita agilidade. Assim como se fosse o nosso próprio pensamento.

Seu Timóteo, não conta tudo com detalhe e ainda alerta. Mas também temos que ter muito cuidado para quem vamos contar. Para que a nossa história não fique ao vento, para que ela não se torne mito, porque todas as histórias guarani são sagradas e merecem ser reverenciadas por quem for contar. Também por quem for ouvir, porque quem ouvir e não prestar reverencia pode ter consequências na vida. Estas histórias (esses mitos) têm importância fundamental para nós e mesmo os Juruá entenderem o nosso sistema, que chamamos de Teko (direito, moral regras?). Sem esse conhecimento, que envolve a cabeça e o coração, é impossível compreender os índios Guarani.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E para eu poder fazer essa pesquisa tive que ter muita reverencia, fumei muito o petyngua (cachimbo guarani) para que tudo que o seu Timóteo falasse, não fosse largado ao vento. Com essas histórias contadas por todos aqui nas entrevistas entendi, que para tudo temos que ter um grande respeito. Porque tem pessoas na história que viraram animais, que erma nossos parentes como a menina que casou com o piragui, têm animais que surgiram que consideramos sagrados como o mainó'i e também os guardiões que surgiram forçados pelo erro da desobediência humana o caso do Ipy Rovai.

Entendi que muitas histórias acabaram virando mitos. Um exemplo da moça que vai ao rio pescar e traz bastante peixe para a casa, seus irmãos desconfiam, porque ela pegou mais peixe que eles. Nessa parte percebo que existe um mito. Pois vejamos, eles desconfiaram da capacidade dela ou perceberam a desobediência dela. Qual é o resultado da história? Nesse caso é a história, pois ela se transformou. Mas vejo por outro lado que nos dias de hoje muitas vezes a história é usada como mito, que surge para condenar e manipular pessoas que conseguem mais que os outros. Vi que muitos falam por algum interesse próprio. Vamos imaginar se uma mulher e um homem saírem para pescar e a mulher pegar mais peixe do que os homens, com certeza alguém vai dizer que esta mulher não é normal, mesmo que ela siga todas as regras. A isso considero *Mito*. Mas quando aprendemos a sentir a história também sentiremos o que é a educação ou o que é o mito. Porque a história é educação, se respeitar as regras e os erros, e no mito condena.

Tive que aprender a sentir a história, porque seu Timóteo me falou que para eu aprender a contar a história eu teria que primeiramente sentir a história. Também ouvi histórias que eu guardei só para mim e não pude expor aqui no meu trabalho de

pesquisa. E que estão bem guardadas em meu coração e que no tempo certo eu vou poder contar para quem estiver preparado para ouvi-las. O momento certo só eu sentirei.

Entendi que as histórias guarani, não são mitos, são histórias reais que aconteceram no passado. Tudo tem um sentido na vida, nada é por acaso. E que para seguirmos bem nessa terra temos que seguir essa educação que sempre é repassado. Se todos valorizassem a oportunidade que tive de sentir a história, hoje nem precisaria estar aqui escrevendo elas e tentando descrever o que aprendi, mas vejo que é necessário, pois o mundo mudou tanto que chegamos até aqui para prender as histórias no papel, para que possamos lembrar sempre de nossa origem de vida. Esse trabalho vai ficar apenas para lembrar as histórias porque a emoção que eu aprendi essa não tem como escrever aqui. Aprendi, entendi que a verdadeira educação guarani vem no sentir e quando você aprende a sentir você sabe, e ninguém vai dizer isso para você, você mesmo vai dizer que sabe.

Nhande kuery jaikuaa ramo ma nhe'e porã oi ayvu re. Kyringue'í oiko'í ramo tery kova'e gui ma ete'í mbaraete rã: "Nós Guarani sabemos que o espírito está na palavra, cada pessoa é uma base da palavra, quando uma criança recebe seu nome verdadeiro é essa palavra que prepara para o novo ser o seu lugar no cosmos." (**Eunice Antunes**, da aldeia Cacique do Morro dos Cavalos – minha irmã).

BIBLIOGRAFUA:

CADOGAN, Léon. Las tradiciones religiosas de los Mbya-Guarani del Guaira . In: **Revista de la Sociedade Cientifica del Paraguay**. VII - 1, Asuncion, 1946.

_____. Ayvy-Rapyta (Fundamentos da linguagem humana). In: **Revista do Museu Antropológico**. Vol. 1 e vol. 2. São Paulo, 1953 e 1954.

LITAIFF, Aldo. **As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbya**. Florianópolis: UFSC, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Anthropologie structurale**. Paris: Librairie Plon, 1958.

_____. **Anthropologie structurale II**. Paris: Librairie Plon, 1973.

NIMUENDAJU, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapoduva-Guarani**. São Paulo: HUCITEC, 1987 (1914).

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: EDU, 1974.

_____. **A mitologia heroica de tribos indígenas brasileiras**. São Paulo: HUCITEC, 1989.



EDUCAÇÃO

**NHANDEREKO NHANHEMBO'E
NHEMBO' EA PY**

**SISTEMA NACIONAL
DE EDUCAÇÃO:**

Um paradoxo do currículo
diferenciado das eScolas
indígenas Guarani da
grande Florianópolis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

EUNICE ANTUNES

Nhandereko nhanhembo'e nhembo' ea py

Sistema nacional de educação: um paradoxo do currículo diferenciado das escolas indígenas
guarani da Grande Florianópolis

Florianópolis, 2015

EUNICE ANTUNES

Nhandereko nhanhembo'e nhembo' ea py

Sistema nacional de educação: um paradoxo do currículo diferenciado das escolas indígenas guarani da Grande Florianópolis

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Licenciado.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Maroto Guerola

Florianópolis, 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos nove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 11 horas, na Terra Indígena Morro dos Cavalos (Palhoça/SC), reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora e presidente Maria Dorothea Post Darella (dada a impossibilidade de comparecimento do Orientador Professor Carlos Maroto Guerola), pela Procuradora da República Analúcia de Andrade Hartmann, Titular da Banca, e Professor Clovis Antonio Brighenti, Suplente, designados pela Portaria nº 68/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica EUNICE ANTUNES, subordinado ao título: *Sistema Nacional de Educação: um paradoxo no currículo diferenciado das escolas indígenas Guarani da Grande Florianópolis*. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Maria Dorothea Post Darella, a nota final *.10,0*, da Procuradora da República Analúcia de Andrade Hartmann, a nota final *.10,0*, e do Professor Clovis Antonio Brighenti, a nota final *.10,0*; sendo aprovada com a nota final *.10,0*. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital, ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

Florianópolis, 09 de fevereiro de 2015.

Terra Indígena Morro dos Cavalos

Banca Examinadora:

Prof. *Maria Dorothea Post Darella*

Prof. *Clovis Antonio Brighenti*

Prof. *Carlos Maroto Guerola*

Candidata *Eunice Antunes*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Eunice Antunes, matrícula n.º 11100052, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Sistema Nacional de Educação: um paradoxo no currículo diferenciado das escolas indígenas Guarani da grande Florianópolis, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 12 de março de 2015.

Carlos Manoel Genouy

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Quero nesta oportunidade agradecer a Nhanderu Tenonde Nhandexy Tenonde, por me concederem a graça de chegar até o fim e com uma conclusão dos meus pensamentos.

Também aos meus pais Karai Tataendy e Jaxuka, da tekoá Itaty, pelo respiro da vida a essa terra, obrigada por cuidarem bem de mim.

Aos meus filhos pela paciência que tiveram comigo quando precisei me ausentar em busca dessas respostas.

Aos professores pela compreensão e pelo incentivo de levar minha pesquisa até o fim. Professor Clovis, Professora Dorotéia, Professora Helena da licenciatura indígena. Obrigada por acreditarem em mim.

Agradeço o meu orientador Carlos Guerola, que quase enlouqueceu comigo, mas não desistiu de me orientar.

Às lideranças das aldeias que me receberam e não mediram esforços em conversar e passar todas as informações, cacique Marco, sua esposa professora Elizete da tekoá Pirá Rupá e cacique Hyral Moreira e sua esposa cacica Celita Antunes, da tekoá Yynn Morotinn Wherá.

A todos os professores que cederam as entrevistas, Adriana e Wanderfly da escola Wherá Tupã Poty Djá, Elizandro da Pirá Rupá e Juçara de Souza da Itaty.

E com muito carinho a todos meus colegas de curso gestão ambiental que estiveram comigo durante quatro anos me ouvindo em todo tempo falar da educação escolar indígena diferenciada, meu colega Kaingang Benjamim Crespo, pelo compartilhamento de suas experiências de trabalho no seu TCC, ao colega Xokleng Woia Patte, pelas críticas construtivas que me levaram a ter mais força de dizer, eu consegui, e a todos os Guarani da Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC, pela força e pelo sentimento do nhandereko que sempre sentimos ao ouvir uns aos outros. Ha'evete. Aguyjevete.

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns aspectos que contribuem para a compreensão dos povos indígenas sobre o Sistema Nacional de Educação. Dando continuidade a uma pesquisa que iniciei há bastante tempo, na expectativa de encontrar uma resposta para a educação escolar indígena, para este trabalho pesquisei a respeito do Projeto Político Pedagógico de três escolas Guarani, entrevistando professores e lideranças das aldeias. O trabalho foi realizado nas seguintes escolas: Escola Indígena Itaty, na Terra Indígena Morro dos Cavalos, município de Palhoça; Escola de Ensino Básico Wherá Tupã PotyDjá, Terra Indígena MBiguaçu, município de Biguaçu; e Escola Indígena de Ensino Pirá Rupá, Terra Indígena Pirá Rupá, município de Palhoça. Os currículos e planejamentos políticos de ensino diferenciados de cada escola nas aldeias me permitiram refletir sobre os grandes desafios do Sistema Nacional de Educação, sob a perspectiva das lideranças e professores.

Palavras-chave: projeto político pedagógico; educação escolar guarani; escola indígena

RESUMO

Mba'exa pa raka'e nhande mbya kue'iry ronhembo'e rombo'e yma. Mba'erã pa, mba'exa pa, nhembo'eaty tekoa pygua kuery ro nhandembo'e ta. Nhandembo'i kuery omombe'u kaxo ha'ejavi Tembiapo regua, ta'anga régua.yma ma kaxo omombe'u jave ojejapo oi ojapo avã. Ayn ha'e rami he'y vei . nhebo'e aty nhande rekoapy juruá kuery ojapo nhandereko py mbegue mbegue nhandereko py nhamokanhy. Kova'e kuaxa re ambopara ma opyta avã nhandembo'e apy pave oikuaa ava, mba'exa pa nhande kuery roipota nhembo'a kuery secretaria pygua kuery, uvixa kuery oipytyvo ore pytyvo avã nhandereko já raa tenonde rã avã

Palavras-chave: projeto político pedagógico; educação escolar guarani; escola indígena

LISTA DE ENTREVISTADOS

Adão Antunes

Adriana Moreira

Celita Antunes

Daniela Benite

Elizandro Antunes

Elizete Antunes

Hyral Moreira

Juçara de Souza

Marco Oliveira

Wanderfly

SUMARIO

1. Introdução.....	10
2. Aldeias e escolas	13
3. Tekoa Itaty da Terra Indígena Morro dos Cavalos	14
3.1. A escola Itaty	15
3.2. Os Alunos da Tekoa Itaty	20
4. Tekoa Pira Pura do Massiambu.....	22
4.1. A escola Pirá Rupá	24
5. Terra Indígena Mbiguaçu	27
5.1. A escola Wherá Tupã PotyDjá	28
6. Considerações finais.....	33
7. Bibliografia.....	38

1. Introdução

Antigamente existia uma grande organização nas aldeias indígenas, onde a forma de constituir a educação era diferente do padrão escolar. Os ensinamentos eram repassados na oralidade, o ensino começava por imitações e treinamento, a avaliação era o sentimento de cada um. A partir do momento que aprendia, o indivíduo se auto avaliava e passava a praticar o conhecimento e a sabedoria guarani adquirida.

Com o passar do tempo e a aproximação gradativa do povo indígena com a população branca, o padrão escolar de educação foi sendo incorporado nas aldeias, e hoje são muitos os desafios presentes para pensar as particularidades da cultura indígena no sistema de ensino oficial.

No estado de Santa Catarina, a elaboração de um projeto político pedagógico diferenciado é um dos desafios enfrentados pelas escolas indígenas, não apenas guarani, mas também xokleng e kaingang. A maioria das escolas do estado não apresentam um Projeto Político Pedagógico próprio e diferenciado, exceto duas escolas, a escola indígena Wherá Tupã PotyDjá em Biguaçu e a escola indígena Itaty em Palhoça.

Este trabalho apresenta alguns aspectos que contribuem para a compreensão dos povos indígenas sobre o Sistema Nacional de Educação. Dando continuidade a uma pesquisa que iniciei há bastante tempo, na expectativa de encontrar uma resposta para a educação escolar indígena, para este trabalho pesquisei a respeito do Projeto Político Pedagógico de três escolas Guarani, entrevistando professores e lideranças das aldeias. O trabalho foi realizado nas seguintes escolas: Escola Indígena Itaty, na Terra Indígena Morro dos Cavalos, município de Palhoça; Escola de Ensino Básico Wherá Tupã PotyDjá, Terra Indígena MBiguaçu, município de Biguaçu; e Escola Indígena de Ensino Pirá Rupá, Terra Indígena Pirá Rupá, município de Palhoça. Os currículos e planejamentos políticos de ensino diferenciados de cada escola nas aldeias me permitiram refletir sobre os grandes desafios do Sistema Nacional de Educação, sob a perspectiva das lideranças e professores.

Assim, este trabalho tem como objetivo destacar os desafios enfrentados pelas escolas guarani mbyá da região da Grande Florianópolis, especialmente as dificuldades impostas ao corpo docente, no processo de elaboração de um projeto político pedagógico.

Esta pesquisa se iniciou anteriormente à minha inserção na Universidade, mas por várias outras situações que nós, povos indígenas, enfrentamos perante os órgãos políticos, não consegui dedicar tempo suficiente para a pesquisa até agora. A centralidade de outras

questões, como a terra, meio ambiente, saúde indígena, faz com que muitas vezes a problemática da educação não seja aprofundada.

Mesmo depois do ingresso no curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina, percebi que, entre as diversas temáticas referentes à questão da Educação Escolar Indígena, o Sistema Nacional de Educação permanecia pouco esclarecido. Durante o curso, em conversas com os outros alunos, muitas vezes quando se falava de planejamento, estágio e currículo, as propostas diferenciadas eram resumidas à frase: “o sistema não aceita”.

Por isso me dediquei a compreender melhor essa questão e buscar respostas para tantas perguntas. Comecei a criar uma imagem de como seria um sistema nas aulas de capacitações do Magistério *Kuaambo'e = Conhecer, Ensinar* do Protocolo Guarani em 2003. Naquele curso, o professor José Bessa Freire comparou a educação escolar indígena com uma árvore. Numa imagem ele representou: as raízes como se fossem as pessoas mais velhas, os sábios da aldeia, a sabedoria Guarani; o tronco como a escola e os professores indígenas com um filtro para peneirar os conhecimentos para manter a raiz; já os galhos e frutos representavam a imagem dos jovens e das crianças; além disso, em de cima tudo, colocou uma antena apontada para baixo, representando toda a captação do mundo de fora, chamada Sistema Nacional de Educação. Nesse modelo de árvore com raiz, tronco, galhos e frutos e mais uma antena ficaria para o entendimento de todos que o Sistema Nacional de Educação era como uma onda magnética e que nossos jovens e crianças não tinham como escapar dessa onda.

Há mais de dez anos atrás já se percebia o aumento na necessidade de fortalecimento da cultura Guarani na região da Grande Florianópolis, e mais ainda, precisava-se de apoio para proteger o fortalecimento da cultura. Os mais velhos, as lideranças das tekoá unidos, já não aceitavam mais a ideia do modelo curricular da escola padronizada, tinha que se chegar a uma revolução da escola indígena e o efeito que ela traria de cima para baixo só quando chegasse ao tronco iria ser peneirado.

Pois bem, naquele momento a melhor forma de representar e exemplificar o papel da escola indígena dentro das tekoás (aldeias) foi facilitando o entendimento, tanto dos professores indígenas quanto dos não indígenas, sobre a importância e o valor dos conhecimentos tradicionais dentro das escolas indígenas.

Durante as aulas no curso de Licenciatura Intercultural Indígena, na disciplina *Organização do Trabalho Escolar*, oferecida pela professora Veronice Rossato, tive a plena

convicção de que o modelo escolar que está sendo imposto pelos estados e municípios nas aldeias não serve para a educação escolar indígena. A escola regular tem como objetivo criar máquinas humanas para o trabalho, os indígenas formam humanos para viver bem. Durante as referidas aulas, foi exibido um filme tratando sobre a origem da escola no Tibet (Escolarizando o mundo, *Schooling the World*, Dir: Carol Black, 2010¹), onde foi evidenciado o objetivo das escolas e da formação convencional.

É importante ressaltar também a minha participação no seminário sobre a educação escolar Guarani no sul e sudeste brasileiro, que ocorreu na cidade de Florianópolis-SC em 2001. Nessa ocasião os sábios Guarani se opuseram veementemente às escolas nas aldeias. As colocações dos mais velhos serviram de base para a reflexão sobre a proposta de currículo diferenciado.

A partir de experiências mais atuais, especialmente da minha participação no encontro de professores guarani em Biguaçu, em 2007, foi possível realizar uma discussão com todos os professores e lideranças guarani a respeito do papel da educação escolar indígena e levantar elementos que pudessem contribuir para a elaboração de um projeto político pedagógico das escolas. No documento feito nesse encontro falava-se muito do sistema guarani, inclusive o documento se chamou de “Sistema de Educação Escolar Indígena Guarani do estado de Santa Catarina”.

Para este trabalho, foram muito importantes igualmente os resultados e análise da discussão realizada em 2008 na Terra Indígena do Morro dos Cavalos durante assembleia realizada no evento “*Nhandereko Tenonderã*” – *O futuro da nossa cultura*, onde se buscou discutir entre os Guarani sobre quais eram as possíveis ações concretas da população indígena no que se referia à escola na aldeia. Nesse dia também a comunidade falou bastante sobre o *Nhandereko* – Sistema Guarani.

Recentemente participei também de alguns outros encontros, como a I Conferência de Educação Escolar Indígena, que ocorreu durante o ano de 2009 e resultou num documento da Comissão Guarani Nhemonguetá encaminhado para o Ministério da Educação. Essas mobilizações vêm contribuindo para pressionar o Estado e para garantia dos direitos indígenas. Em Chapecó, em junho de 2014, foi um momento de trocas de reflexões falando do currículo escolar indígena entre os povos Guarani, Kaingang e Xokleng de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No II ENEI, Encontro Nacional de Estudantes Indígenas, realizado no

¹ Mais informação em <http://schoolingtheworld.org/> [acesso em 04 fev. 2015]

Mato Grosso do Sul, em agosto de 2014, o que mais me chamou a atenção foi uma frase do professor Gersem Baniwa, um recado para o ensino nas universidades: “Que se pense na intercientificidade, não só no bilinguismo e na interculturalidade, mas que se pense que cada povo tem a sua própria ciência”. Já no II Encontro de Educadores indígenas em Brasília, em novembro de 2014, com vários povos do Brasil, depois de tantas discussões, cheguei a uma conclusão: que o sistema nacional de educação só é um discurso das secretarias estaduais que estão acostumadas com aquela ideia do colonialismo da época dos anos 500. Mas o próprio colonizador, o branco, já modernizou a sua escola e já está atualizando a sua educação.

Portanto, foi esse acúmulo de experiências que vivenciei ao longo dos anos que despertou o meu interesse em abordar a temática da educação escolar indígena neste trabalho, pois trata-se de um desafio enfrentado na realidade do povo indígena, e por isso optei por utilizar esse momento privilegiado de investigação para refletir e sistematizar alguns aspectos que podem contribuir para um direcionamento na construção dos projetos político pedagógicos das aldeias, de uma forma que a cultura indígena seja fortalecida no espaço escolar e não ameaçada, como vem ocorrendo atualmente.

2. Aldeias e escolas

Historicamente, os Guaraní formavam um conjunto de povos com a mesma origem, falavam uma mesma língua, planejavam seus desenvolvimentos em um modo de ser que mantinha viva a memória de antigas tradições e se projetavam para o futuro, praticando uma agricultura muito produtiva, a qual gerava amplos excedentes que motivavam grandes festas, rituais e a coletividade no usufruto dos produtos, conforme determinava a economia de reciprocidade. Em 1500, quando os europeus chegaram nesta terra, ficaram maravilhados com a *divina abundância* que aqui encontraram.

O povo Guaraní continua vendo o mundo como uma região, as matas, animais, rios, e seguem o sol. Seu território é onde vivem, seu modo de ser, sua cultura milenar é seu território tradicional, historicamente ocupado pelos seus ancestrais, que se estende por parte da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil. Mas o povo Guaraní ocupa hoje apenas pequenas ilhas, pois os europeus que aqui chegaram se apossaram de praticamente todo o território que encontraram. O território, o solo que pisamos, é um tekoá, o lugar físico, o espaço geográfico varia conforme por onde nos movemos, sendo que permanece essa cultura de mobilidade.

O povo guarda tradições de tempos muito antigos, que trazemos na memória, que vão sendo atualizadas no nosso cotidiano, através de mitos e rituais. Cabe citar um pensamento do aluno da Escola Indígena Itaty, Kennedy Ferreira Gomes, em sua pesquisa chamada de “*Arte Guarani e seus valores*”:

Somos a criatura divina do Sol, que em uma de suas belas criações foi mais ousado em criar o ser humano, porque deu o poder de pensar e agir e por termos este poder não vivemos por instinto, mas temos um destino e nele podemos escolher em nos adaptarmos com outras coisas ou até mesmo criarmos algo para nosso bem estar.

3. Tekoa Itaty da Terra Indígena Morro dos Cavalos

A comunidade Tekoa Itaty, da Terra Indígena Morro dos Cavalos, fica na região sul da Grande Florianópolis, no município de Palhoça. Atualmente a população é de 190 pessoas e 34 famílias, onde mais de 50% da população são crianças de 0 a 14 anos. A área oficializada é de 1988 hectares. A terra foi declarada pelo antes Ministro da Justiça, Tarso Genro (2008), e ela pertence ao bioma Mata Atlântica². Sobre a situação jurídica atual, a terra está no processo final de homologação, por isso é uma área de bastantes conflitos para os governantes do estado de Santa Catarina, sociedade conservadora e especulação imobiliária.

No ano de 2014, tivemos um avanço no processo de ocupação da terra antes da homologação, pois quatro proprietários não indígenas que moravam na TI foram indenizados pelas suas benfeitorias na TI demarcada. Com isso as famílias Guarani começaram a ocupar de fato a área demarcada.

A comunidade da Tekoa Itaty tem como ponto forte a resistência pelas políticas do território em defesa da crença religiosa e o seu zelo pela Casa de Reza (*Opy*) e pela língua, sendo isso que mantém a cultura guarani no geral até os dias de hoje.

A maior fonte de renda da comunidade é o artesanato, onde todas as famílias produzem o artesanato e buscam de uma certa forma valorizar as tramas da arte. Também existem algumas pessoas que trabalham na comunidade de professores e agentes de saúde e agente de saneamento. Essas famílias que trabalham são as que sustentam todos os familiares como irmãos, pais, filhos, netos, sogros, genros e outros familiares.

Além do mais, na tekoá existem também projetos que envolvem a parte sustentável da comunidade, cultivos de algumas plantas, criação de animais e outras opções que geram renda

² Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas> [acesso em 04 fev. 2015]

para todos, como, por exemplo, hortas comunitárias, cultivo de orquídeas, criação de galinhas e as roças familiares que produzem milho, feijão, batata doce e mandioca.

3.1. A escola Itaty

A Escola Indígena de Ensino Fundamental Itaty está localizada às margens da BR-101 no km 235, sentido sul, no município de Palhoça, bairro Enseada de Brito, na terra indígena Morro dos Cavalos.

Depois de anos de trabalho dentro de sala de aula na Tekoá Itaty, no mês de setembro de 2014, do dia 23 a 27, de segunda a sexta-feira, fiz um trabalho diferente como pesquisadora na escola. Comecei a minha pesquisa entrevistando meu pai Adão Antunes, o professor mais velho da aldeia, que me contou sobre o histórico da escola.

Segundo ele, em 1995, a Secretaria de Educação foi informada pelos antropólogos que havia duas comunidades que precisavam matricular as crianças em escolas. Como os pais não aceitavam que os filhos fossem estudar fora da aldeia, foi criada uma escola isolada no Morro dos Cavalos numa casinha antiga de madeira, onde o primeiro professor foi o Sr. Hyral Moreira, que hoje é Cacique da Aldeia Biguaçu. Não consegui nenhum material registrado dessa época, as informações aqui colhidas foram apenas entrevistando mesmo.

Os anos foram passando e, no final de 2002, foi inaugurada a escola Indígena de Ensino fundamental Itaty, no governo do Sr. Esperidião Amim, governador do estado. Seu Artur Benite era o cacique. Naquele tempo, a escola funcionava somente com as séries iniciais, de 1^a a 4^a, havia professores juruá que trabalhavam somente na língua portuguesa e havia também professores Guarani que eram os interpretes dos professores juruá.

Seu Artur, o cacique, lutava para que a Secretaria contratasse mais pessoas Guarani para trabalhar na escola, mas por falta de capacitação não podiam contratar, pois consideravam o ensino da escola de péssima qualidade.

Em 2004, seu Artur me convidou para trabalhar na escola como professora para alfabetizar na língua portuguesa junto com o professor Paulo de Oliveira, ele seria o meu intérprete. Aceitei o convite, e, meio contra a vontade da Secretaria, fui contratada para trabalhar na escola.

Foi aí que comecei a identificar a dificuldade dos alunos que entravam na escola em entender e aprender o ensino da leitura e escrita, eu já estava acostumada com a proposta de uma escola diferenciada porque meu pai, que trabalhava no Massiambu, falava com a

comunidade de lá sobre todos os direitos do ensino específico na aldeia e funcionava, pois meu filho Kennedy Karai foi alfabetizado na escola Ka'akupé (na aldeia de Massiambu) somente na língua guarani pelo professor José Benites e aprendeu rápido.

Comecei também a questionar a coordenadora da escola, que chamava Eliete, mas percebi a grande resistência em adaptar o ensino bilíngue na escola. Conversava bastante com meu pai sobre as dificuldades encontradas para alfabetizar os alunos, ele me aconselhou para conversar com o cacique e expor estas situações. Seu Artur perguntava bastante sobre os direitos no modo de ensino diferenciado e eu explicava. Começamos a fazer um teste de ensino diferenciado com seu Artur, convidei-o para vir na escola contar histórias para as crianças. Ele veio, contou as histórias e no final da aula me procurou para dizer que não havia gostado de contar histórias na sala de aula, porque era muito frio.

Fiquei um pouco encabulada com o resultado, no dia seguinte seu Artur me chamou e me perguntou se poderia ser no mato o local para contação de história. Respondi que dentro da lei podia, ele pediu para organizar os alunos e levar no mato para passar o dia com ele ensinando e assim o fiz. No outro dia, levei meus alunos junto com o professor Paulo. Compramos alguns alimentos e subimos para a mata, seu Artur já estava lá nos esperando. Quando chegamos ao lugar imaginei que ele fosse fazer uma roda para contar as histórias, mas não, ele pediu que as crianças limpassem o local, limpamos, que fossem achar lenha, achamos, que fizessem o fogo, fizemos, aí pediu que fizéssemos a comida, fizemos. Somente na hora do almoço seu Artur sentou conosco para comer e perguntou para nós se estávamos gostando e eu respondi meio contrariada que sim. Aí ele começou a falar para todos, que tudo aquilo que estávamos fazendo era o modo de ensinar no tempo antigo, “as crianças nunca mais vão esquecer do que aprenderam aqui hoje”, e nada de contar histórias, depois que seu Artur almoçou ele falou para cada criança que descesse que levasse uma carga de lenha e deixassem na casa dele. Achei um absurdo, mas obedeci a ordem, quando chegamos com a lenha na casa dele, ele pediu que colocássemos a lenha tudo organizado numa posição encostado na Casa de Reza, que ficava na frente da casa de seu Artur, e assim fizemos. Ao sairmos para voltarmos à escola seu Artur chama as crianças e diz: “Venham todos quando o sol estiver se pondo para a Casa de Reza, que hoje eu vou contar histórias para vocês.” Não tivemos outra alternativa e confirmamos presença, a noite várias pessoas da comunidade se reuniram na Casa de Reza e eu com o professor Paulo levamos as crianças. Ao chegarmos lá fomos recebidos com muita alegria pelo Karai Artur, ele pediu para nós sentarmos e disse *peja pyxaká* (se concentrem).

Foi feito todo o ritual de reza e eu me emocionei quando eu vi meus pequenos alunos fazendo o maior esforço para dançar, cantar e rezar, todos estavam com um brilho nos olhos. Depois de tudo acabado seu Artur chamou as crianças para tomar um chá, depois deu um banho daquele chá em todos nós e sentamos ao redor do fogo, onde ele começou a contar as histórias como era antigamente o ensino na Casa de Reza. Saímos todos dali sem palavras. Foi ali naquele dia que eu me transformei no maior paradoxo contra o ensino do sistema de educação nas escolas indígenas.

No dia seguinte, cheguei na escola, fui chamada pela coordenação onde comecei a minha luta contra o modo de ensino. Fui perseguida, fui mandada embora do meu emprego, mas com muito orgulho do que havia aprendido e sentido com as aulas do professor Artur.

Passaram-se os anos e, em 2006, Seu Adão se mudou do Massiambu para Morro dos Cavalos e começou a trabalhar na escola. O ensino da escola já havia se modificado bastante, seu Artur continuava a exigir dos professores o ensino guarani e já havia também outros professores indígenas atuando além de Paulo, mas também João Batista.

O projeto político pedagógico da escola Itaty, foi iniciado no dia 18 de Outubro de 2006. Na primeira reunião, com o cacique Artur Benite, os professores Adão Antunes, João Batista Gonçalves, Paulo de Oliveira e a merendeira Cláudia Benite, participou da Secretaria de Educação a Sra. Ivone da Gered (Gerência Regional de Educação). O professor Adão foi quem explicou uma experiência proposta aplicada na escola Ka'akupé da Aldeia de Massiambú. Adão foi o protagonista desses registros. Guarani, e como professor de mais tempo na escola e com algumas capacitações, entendia perfeitamente o significado de cada palavra que diz educação escolar indígena. Lutou para colocar o pensamento guarani no papel e conseguiu. Porém, como tudo no mundo do papel tem que ter normas e padrões, isso não foi considerado.

O projeto político pedagógico do Morro dos Cavalos só começou a tomar forma de projeto no final de 2007, pois como mencionado antes os professores indígenas nunca tiveram um momento propício para elaborar um PPP. O professor Adão Antunes em seus registros de propostas de ensinos coletados dos mais velhos, há tempo já vinha apresentando a ideia para a Secretaria. Ela muitas vezes também fingia aceitar as propostas levadas, mas no papel mesmo permanecia sempre o sistema da Gerencia de educação que modificava sempre as propostas enquadrando sempre no que dizia o sistema nacional de educação. O professor Adão Antunes nunca desistiu dos seus ideais e sempre confrontava com os funcionários das secretarias de educação, pois, quando se tratava da parte pedagógica dentro das salas de aula, ele conseguia

ministrar de acordo com as demandas da comunidade, mas quando se tratava de organizar dentro deste currículo o calendário escolar, os dias letivos de aula, sempre havia uma discussão porque o tal do sistema não aceitava.

Mesmo sem o PPP, as escolas da aldeia Massiambú e Morro dos Cavalos foram as primeiras escolas a conseguirem dentro da secretaria um calendário com tempos diferenciados das demais escolas da região. Todos os anos a comunidade da tekoá Itaty reunia-se para discutir a proposta de ensino escolar e ano após ano os professores foram tomando mais conhecimento dos direitos perante a lei para a criação da tão sonhada escola indígena.

Em 2010, tivemos uma grande tarefa nas férias de janeiro, de sentar com todos os professores e fazer um levantamento de tudo o que já havia sido registrado como proposta de ensino e montar um grande projeto pedagógico, fomos muito contrariados pelo próprio diretor da escola da época mesmo assim conseguimos reunir vários elementos que sustentavam o modo de ensino da escola Itaty. A secretaria sempre usava a desculpa de não atender as demandas da escola porque tinha que ter um projeto político pedagógico. Não considerava os documentos que todo ano os professores enviavam à Secretaria. Foi aí que, fundamentados nas leis, colocamos no papel os principais objetivos da escola na aldeia, e essa parte foi uma das primeiras linhas a ser estruturada no currículo da escola Itaty.

Na discussão realizada pelos moradores da aldeia do Morro dos Cavalos, quatro eixos principais foram apontados na construção de um projeto político pedagógico que fosse compatível com as demandas do povo Guarani Mbyá. Nesse sentido, são eles:

1º Oralidade Guarani: a concepção sobre a qual foi materializada a Educação Escolar tomava como base referencial de aprendizagem o método teórico, calcado no documento escrito. Tal tradição ocorre em vista da própria gênese missionária e evangelizadora que esta se propunha. A escrita como forma de restringir o acesso à informação teológica na Europa Medieval era um instrumento de poder. Porém, naquele momento histórico, toda a cultura era visível se tivesse registro material e, especialmente, o escrito. Atualmente são consideradas válidas outras formas de conservação do patrimônio cultural, porém, existe uma dificuldade especial em entender os processos de transmissão deste patrimônio em um espaço escolar. A escrita no Guarani, para o Guarani, é um processo recente, e que tem se tornado mais acentuado dentro do espaço escolar. O dilema está em estabelecer métodos de aprendizagem que não suprimam a base oral de conservação do patrimônio cultural em detrimento da escrita. Primeiro, porque a oralidade supõe concomitantemente a corporeidade, a força vital que se invoca, a ancestralidade, o contexto de abordagem, e principalmente porque transforma o conhecimento no próprio sujeito, pois é ele quem fala.

A escrita, sob este aspecto é mais limitada, pois o documento escrito não fala por si, e para o Guarani, ele não fala nada, pois não é ele quem fala. Devido ao hábito oral Guarani, também não se identifica quem fala através do documento, e, portanto, limita-o a um objeto desumanizado.

2º Predestinação: outro ponto fulcral para problematizarmos a escola na aldeia Guarani é o elemento de predestinação que tangencia a educação infante. Dentro da concepção Guarani, a criança é manifestação de outra dimensão astral. Não é totalmente deste mundo, e deve ser entendida como um espírito livre a ser “humanizado” naturalmente. A repercussão desta concepção de cunho religioso no espaço escolar é algo próximo de uma educação naturalista, em que a formação da criança não se dá pela razão, mas pela livre “ação da natureza”. Isso cria um desconforto em especial quando pensado dentro do espaço escolar, pois a própria escola, da maneira como institucionalmente foi concebida, reflete o espírito da transformação pela razão, e, portanto, pela ação humana. Algo que implica na prática em um profundo redimensionamento metodológico.

3º Questões de gênero Guarani: este aspecto chama atenção basicamente em função de que as mulheres – kunhã – têm uma relação íntima com os ciclos da natureza, manifestos em seu período menstrual. A ideia de ciclos não repetidos (espiral) está presente na cosmovisão Mbyá, na qual o feminino está permeado. Por esta razão, existe “um período de reclusão ritual” por parte das alunas, professoras e funcionárias indígenas que deve ser respeitado.

4º Política local: na escola indígena pulsam as manifestações e as tensões políticas vividas pela comunidade. Ao contrário do que parece, essas manifestações são profundamente positivas, pois enriquecem e amadurecem o processo de gestão da comunidade, e igualmente, da gestão da escola. Mas isso implica também em considerar que existem oscilações no ritmo da comunidade escolar, pois a escola torna-se o centro onde são discutidos os aspectos imanentes ao poder local. Isso se reflete na adesão dos alunos às atividades escolares e na sua interação com o espaço escolar.

(Escola Itaty – Projeto Político Pedagógico)

No ano final de 2012, junto com um novo diretor na escola, professor Cesar Cancian Dalla Rosa, nosso PPP conseguiu ser chamado de projeto político pedagógico na Secretaria, não pelo conteúdo, mas pela forma e estrutura de projeto.

Quanto à sua estrutura física, a Escola Indígena Itaty possui um espaço com 03 salas de aula, uma cozinha, uma secretaria, um depósito de merenda, uma sala de informática, dois banheiros e uma casa tradicional para o fogo e rodas de conversas. A escola também tem um projeto político pedagógico próprio com um tema central cujo nome é *meio ambiente*. Ainda, estão distribuídos os subtemas, que são: tekoá, terra, ar, água e fogo, fauna e flora.

São sete professores no total, sendo que seis são Guarani e um branco. Também o diretor da escola não é indígena. Todas as disciplinas iniciam na língua materna e são baseadas na realidade da comunidade. As turmas são do 1º ao 9º ano, e também há o EJA (Ensino de Jovens e Adultos) fundamental e médio. O ensino do EJA tem um currículo próprio da escola, pois percebemos que o contato com a cultura do branco cada vez mais vem aumentando e acelerando, mas ao mesmo tempo também percebemos que nas últimas décadas aumentou o interesse pela valorização e as orientações pela essência cultural indígena guarani, que hoje passou a ser ensinada dentro das salas de aula.

Tabela 1 - Horários, turmas e professores da EIEF Itaty

FUNCINAMENTO DA ESCOLA	PROFESSOR	TURMA	DISCIPLINA
Matutino: das 8:00 as 12:00, com intervalo as 10:00	Gonçalves:João Batista	4ºe 5º ano Ensino Fundamental	Multidisciplinar português e guarani
	Juçara de Souza	6º ao 9º ano do ensino fundamental	Matemática ciências exatas
	Kennedy Ferreira Gomes	6º ao 9º ano do ensino fundamental	Artes e educação física
	Mário Karai Moreira	6º ao 9º ano do ensino fundamental	Linguagem
	Eliezer Verá Antunes	4º ao 5º ano	Artes e educação física
	Vespertino: das 13:00 as 17:00, com intervalo as 15:00	Mário Karai Moreira	1º ano séries iniciais
João Batista Gonçalves		2º e 3º ano Ensino Fundamental	Interdisciplinar guarani
Kennedy Ferreira Gomes		1º, 2º e 3º ano series iniciais	Arte e educação física
Noturno: das 17:30 as 21:30, com intervalo as 8:00	Juçara de Souza	EJA Ensino Fundamental anos finais	Ciências exatas
	Eliezer Verá Antunes	EJA Ensino Fundamental – séries finais	Linguagem

Fonte: Levantamento de dados para esta pesquisa, 2014.

3.2. Os Alunos da Tekoa Itaty

As crianças da aldeia Itaty são bastante interessadas pela cultura guarani e essa característica reforça muito a tradição no seu modo de brincar, imitar, trabalhar, respeitar, rezar e praticar todas as atividades familiares e comunitárias. Embora haja bastante a necessidade de um líder espiritual ou um xeramõi conselheiro, hoje na aldeia o professor é quem faz esta interlocução de transmissão de conhecimento cultural na aldeia, e percebe que isso é pouco, pois não estamos totalmente focados nisso, afinal temos vários outros afazeres e envolvimento nas questões políticas.

As crianças entre 10 a 15 anos já têm mais responsabilidade, pois a partir desta idade começam a receber as orientações para a vida adulta. Relata-se a seguir uma entrevista feita na escola com a aluna do 6º ano, Daniela Benite, nascida no Morro dos Cavalos, em 2000. As perguntas foram as seguintes: (1) Qual é a função da escola na aldeia, o que a escola faz para o aluno e o que o aluno faz para a escola? A resposta foi: “Pra mim a escola é um lugar de estudar, onde é mostrada para nós a nossa história, e é também o lugar onde eu canto”.

A segunda pergunta foi: (2) Do que você mais gosta na escola? Daniela respondeu: “eu gosto da casinha tipo opy’i que tem na escola onde vocês contam as histórias, gosto da comida, das frutas... eu só fico feliz, porque minha mãe sempre fala: ‘estudem bem, escutem quando os professores falam pra vocês”.

A terceira questão foi: (3) Do que você não gosta na escola? A resposta foi: “eu gosto de tudo na escola, escrever, brincar, dos amigos, gostei muito da cerimônia que o xeramõi de Biguaçu fez aqui na aldeia, gostei também dos conselhos que a xejaryi de Imarui falou pra nós. Eu fiquei bem feliz”.

Em seguida ela foi questionada: (4) Se você pudesse mudar alguma coisa na escola, o que você mudaria? Ela respondeu:

Eu gosto de tudo na escola, dos professores, eu gosto de todo mundo. No final do ano nós estamos indo embora para o Rio Grande, e minha mãe não quer deixar nós aqui, mas eu gosto muito de estudar aqui porque sou muito feliz com vocês. Se eu pudesse mudar alguma coisa na escola... Eu faria umas casinhas para nós brincar... ali perto dos balanços.

Os meninos acompanham os mais velhos na roça, na mata e os compromissos são exigidos para eles, principalmente se ele for o filho mais velho da família. Já as meninas ajudam a cuidar dos irmãos mais novos, cuidam da casa e acompanham suas mães nos afazeres domésticos e nos artesanatos. Por este motivo não existe adolescência, ou é criança ou é adulto. Nessa fase é onde a educação acontece, principalmente através de mitos, e é esta a carência que enfrentamos na aldeia por não termos nenhum ancião na aldeia.

O respeito maior como indígena é pelos mais velhos e principalmente as crianças cumprem muito bem este papel. Temos o dever de proteger e promover a cultura. Todos os métodos de ensino são usados na nossa escola e quando se trata de repassarmos os conhecimentos mais antigos, o esforço se redobra, pois os aparelhos eletrônicos estão dentro de quase todos os lares guarani e isso automaticamente se encarregou de ensinar as crianças a terem o contato com o mundo dos não indígenas.

Depois que houve o contato com os brancos, primeiramente vieram os jesuítas e trouxeram uma outra forma de ensinamento, porque os objetivos eram outros. Depois vem a FUNAI e também aplica sua parte, mas seus objetivos também não eram indígenas. Logo vem a figura do professor intérprete que repete as ideias do branco e hoje chegamos a um novo modelo de educação conforme o art. 231 da Constituição Federal de 1988, que diz: “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre suas terras que tradicionalmente ocupam, competindo a união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. Essa parte da carta magna está difícil de ser cumprida e cobrada pelo sistema de educação nacional e também pelos próprios professores indígenas. Mas vemos que apesar de ser um processo bem lento e com todas as interferências do sistema defasado, os indígenas vêm tendo uma conquista contínua sobre o tema educação escolar nas aldeias.

Baseada nessas experiências educacionais foi possível observar que não apenas no curso do Magistério, mas também na Licenciatura Indígena, o tema do projeto político pedagógico não foi abordado de forma a permitir a sua construção e concretização. Desse modo, ao trazer a discussão na construção do Projeto Político Pedagógico na escola indígena Itaty tem-se como objetivo contribuir com a construção de experiências educacionais similares, assim como garantir que o projeto político pedagógico seja sistematizado e reconhecido pelo Estado.

Numa entrevista feita no dia 16 de julho, numa conversa ao redor do fogo, perguntei à Juçara como ela se sente trabalhando na escola com metodologia diferenciada do que acostumamos aprender na faculdade. Ela respondeu:

É bem diferente de como eu aprendi na escola quando eu era criança, hoje na universidade o método de ensino ainda continua sendo daquele jeito, mas acho que o que está sendo ensinado lá... parece que os juruá começaram a ver que o negócio tem que mudar (risos), então eles também pensam que tem ser diferente... então imagine eles pensarem como nós pensamos... é tudo diferente (risos). No início quando comecei a trabalhar aqui eu fiquei com medo e curiosa ao mesmo tempo, quando fiz meu plano de aula pensei que seria uma imaginação, mas pensei, se isso der certo vai ser fantástico, no final deu tudo mais que certo... nossa... eu aprendi a trabalhar e me divertir ao mesmo tempo (risos).

4. Tekoa Pira Pura do Massiambu

A aldeia Pira Rupa do Massiambu fica no município de Palhoça, no parque Serra do Tabuleiro. Seus limites são 3,78 hectares de terra, reconhecida pela união como terra

indígena. A comunidade indígena do Massiambu tem hoje uma população de 75 pessoas, de 0 a 70 anos, e 16 famílias. Hoje é considerada a segunda menor aldeia guarani do Brasil. Massiambu sempre foi ocupada pelos Guarani. De acordo com os estudos feitos (LITAIFF; DARELLA: 2000), os mbya são os Karijó. Essa comunidade foi contatada pelos navegadores europeus em 1516. As pesquisas feitas dizem que em 1993 foi quando os Guarani voltaram para o Massiambu novamente. Depois de passar muitos anos fora de lá, ali estavam os Guarani para recomeçar novamente num lugar que sempre foi habitado por eles.

Em 1993 havia uma família de Guarani onde o cacique era o Sr. Augusto da Silva, que vivia numa aldeia em Palhoça onde tinha o traçado da BR-282. Viviam em péssimas condições. Como o governo tinha que fazer aquele traçado virar asfalto, pediu que o prefeito de Palhoça fizesse que os Guarani desocupassem o local. O prefeito, não sabendo o que fazer, recorreu às universidades Unisul e Universidade Federal de Santa Catarina.

Os antropólogos acompanharam as reuniões com o prefeito e demais autoridades e conseguiram a chácara que hoje é a área do Massiambú. Lá morava um senhor que faleceu, deixando o seu terreno em litígio. Desse modo, o juiz e o prefeito de Palhoça o ofereceram aos Guarani que viviam ali no traçado da BR 282 conhecido por Terra Fraca. Os Guarani conseguiram ir para o Massiambu – sua terra ancestral, referenciada nos relatos dos mais velhos - mas o lugar permaneceu em litígio. Nem a FUNAI, nem a Secretaria de Educação conseguiam construir alguma estrutura para os Guarani nessa localidade, inclusive não podiam construir uma escola lá devido a que a terra não era reconhecida oficialmente.

O litígio foi ganho pelos Guarani em 2009. A aldeia foi reconhecida como terra indígena nesse ano. É liderada pelo cacique Sr. Marco Guarani. Hoje as famílias que moram ali vivem tranquilas e felizes, os alunos conseguiram ser matriculados, hoje tem 30 alunos da 1º série ao 2º ano do ensino médio do EJA. Tem seis professores, todos indígenas e moradores da aldeia, também um agente de saúde e uma pessoa que cuida do saneamento. Também tem um grupo de mulheres artesãs que trabalham juntas e têm a sua organização de vendas. A integridade tradicional se mantém e praticam seus rituais de cura em casa mesmo, o uso do petyngua e da língua está 100% mantido.

A escola está em fase de início de construção e não possui projeto político pedagógico. Como é que funcionava a escola que eles tinham até hoje? Antes disso a escola funcionava dentro das casas que eram concedidas pela comunidade para servir de sala de aula, pois o estado não constrói nenhuma estrutura física dentro de uma terra que não seja oficializada. Os professores eram contratados para lecionar para as crianças dentro dessas casas onde a

Secretaria o tempo todo chamava de escola. Porém as aulas funcionavam sempre numa metodologia de ensino específico guarani. Foi ali, na escola de Massiambu, no ano de 2001, onde começou a surgir os primeiros registros de trabalhos escolares diferenciados guarani.

Foi ali também onde se iniciou a primeira proposta político pedagógica própria de aprendizagem na escola Ka'akupe. Nessa época, quando seu Augusto da Silva era o cacique da aldeia, ele e sua esposa dona Maria lutavam para fortalecer a educação tradicional nem que para isso fingiam ter um professor na escola contratado pela Secretaria, para ensinar o letramento, mas na verdade este professor tinha que ser o transmissor do conhecimento e sabedoria guarani, os professores eram os senhores Adão Antunes e José Benite, que começavam alfabetizando em língua guarani até o terceiro ano de escola depois trabalhavam o letramento e a alfabetização da língua portuguesa. Essas experiências deram muito certo para a comunidade, alunos e professores, pois todos estavam de acordo e satisfeitos com o ensino, mas no olhar da Secretaria de Educação, tudo aquilo era um absurdo. Por isso os Guarani preferiam andar contra a lei da Secretaria para fazer seu próprio ensino.

4.1. A escola Pirá Rupá

Estive fazendo minha pesquisa na aldeia Massiambu em outubro de 2014, na Escola Pirá Rupá, onde não tem Projeto Político Pedagógico.

A escola Pirá Rupá esta localizada na estrada geral do Massiambu, sem número, no município de Palhoça. A escola do Massiambu começou em 1997, as informações foram contadas pelo professor Adão Antunes. Ele conta que a escola foi implantada na tekoá, numa pequena casa emprestada pela comunidade. No ano 2000, seu Adão Antunes, que morava na Linha Limeira foi convidado pelo senhor Augusto da Silva, cacique da aldeia de Massiambú, para trabalhar com as crianças, só que seu Augusto e dona Maria já tinham ideias de como queriam que esta escola funcionasse e não aceitavam professores que não fossem Guarani. Meu pai, seu Adão, aceitou o convite, pois já trabalhava na escola de Linha Limeira na Terra Indígena Xapecó. Em 2001 foi construída uma escola de madeira que a FUNAI doou para a comunidade porque o governo do estado não quis construir uma escola em terra que não era regularizada. E seu Augusto se mudou com alguns dos familiares para Imarui, hoje tekoá Marangatu.

A escola se chamou Ka'akupé. Em 2002, a escola era de madeira, com uma sala e um banheiro. Começou a funcionar com o ensino diferenciado, a alfabetização era dada somente em língua guarani e as demais disciplinas eram bilíngues, mas percebia-se que o objetivo da

escola era a leitura e escrita. Os ensinamentos do Nhandereko eram feitos na comunidade com a participação dos alunos e professores nos mutirões da aldeia e nas reuniões da comunidade. Os professores da escola eram seu irmão Adão Antunes, José Benites e Claudio Ortega. O professor Elizandro Karai Antunes conta que em 2007, com a aquisição de terra comprada no Amaral, município de Biguaçu, os familiares de José Benites se mudaram para Amaral, levando a escola Ka'akupé junto. A estrutura física e administrativa começa a funcionar na nova aldeia, liderada pelo cacique José. Foi nessa escola Ka'akupé que os professores Adão Antunes e José Benites começaram a discussão da primeira proposta de PPP Guarani, mas com a mudança da escola para a aldeia Amaral, a aldeia do Massiambu começou um novo projeto de escola.

No mesmo ano, os familiares que permaneceram no Massiambú tiveram uma batalha árdua para conseguir criar uma nova escola. A professora Juçara de Souza juntamente com o professor Elizandro Karai Antunes reuniram a comunidade, escreveram atas e foram à Secretaria para tentar conseguir abrir a nova escola. Enquanto a escola não era criada, várias vezes os professores reuniam as crianças nas casas ou embaixo de árvores para dar aula, sem ser remunerados e sem nenhum atendimento específico da Secretaria. Infelizmente foi uma corrida sem sucesso, pois a Secretaria alegava que ali não existia mais moradores e que a escola havia sido retirada dali e levada para outra aldeia junto com todos os alunos. E que ali já não era mais terra indígena.

Em 2008, Marco Oliveira se muda para o Massiambu e na corrida contra o tempo ele começa a reorganizar a aldeia e novamente a luta para reabrir a escola. Marco, juntamente com advogados e junto ao Ministério Público Federal, conseguem criar a nova escola que já não era mais Ka'akupé, pois passou a ser chamada de Pirá Rupá, por motivo de não conseguir mais construir a nova escola com o mesmo nome de antes, até o nome da aldeia passou a se chamar Pirá Rupá.

A escola passou a funcionar novamente dentro de casas emprestadas pela comunidade, passando por várias dificuldades, sem nenhuma estrutura adequada para o ensino escolar. Em 2009, quando a terra é conquistada na justiça, o cacique Marco volta à Secretaria para pedir a construção de um prédio escolar, a Secretaria nega novamente alegando os mesmos argumentos sobre a terra. O cacique Marco leva o problema para ser resolvido em reunião com todas as lideranças na Comissão Nhemonguetá e diante do acontecido o Ministério Público é acionado e passa a cobrar da Secretaria a construção do prédio escolar. O cacique

reuniu todos os documentos da terra para comprovar que ali é terra indígena reconhecida e oficializada na união.

Em 2010, a Secretaria aprova o pedido de construção da escola no Massiambu, mas passou um ano e nada de começar a construção. O cacique novamente recorre todas as instancias para saber o que estava acontecendo que a escola não saia, e em quase todas as respostas nada ficava claro para a comunidade do que estava acontecendo. Novamente junto com a comissão Nhemongueta, a denuncia é levada ao Ministério Público Federal. Somente em 2014, a escola começa a ser construída na tekoa Pirá Rupá.

Hoje ela está em fase de construção, tem 25 alunos matriculados desde as séries iniciais ao 2º ano do ensino médio e EJA. A escola não possui projeto político pedagógico. Porém a escola trabalha sempre numa metodologia de ensino específico. E às vezes também é feito trabalho com a escola Itaty, o que é um sistema de transição normal nas comunidades indígenas. As turmas são multisseriadas e bilíngues.

Tabela 2 - Horários, turmas e professores da EIEF Pirá Rupá

FUNCIONAMENTO DA ESCOLA	PROFESSOR	TURMA	DISCIPLINA
Matutino	Lucas Oliveira	1º a 3º ano da séries iniciais	Interdisciplinar
	Elizandro Karai Antunes	4º e 5º do ensino fundamental regular	Interdisciplinar
	Natanael Antunes	4º e 5º do ensino fundamental regular	Educação física e artes
Vespertino	Elizete Antunes	6º a 9º ano do ensino fundamental	Interdisciplinar
	Natanael Antunes	6º a 9º ano do ensino fundamental regular	Educação física e artes
Noturno	Marco Antônio Oliveira	Eja 2ª fase do ensino fundamental	Linguagem contexto indígena
	Leomar Oliveira	Eja 2ª fase do ensino fundamental	Matemática ciências humanas
	Elizandro karai Antunes	EJA, 2ª fase	Matemática ciências humanas
	Elizete Antunes	EJA, 2ª fase	Linguagem contexto indígena
Orientador pedagógico	Marco Antônio Oliveira		

Fonte: Levantamento de dados para esta pesquisa, 2014.

Conversando com o cacique Marco Antonio Oliveira, ele falou que na sua visão o objetivo da escola é formar pessoas para o trabalho porque hoje as famílias já não estão se interessando mais pelo sistema tradicional. Por isso que deve se ensinar a estudar todas as disciplinas assim como numa escola de fora, porque, assim, quando o aluno chegar à idade de fazer um vestibular para entrar na universidade, ele não vai sofrer quando chegar lá. Na visão do cacique Marco o que deve se manter mesmo é questão da língua.

Já na conversa com a professora Elizete Antunes, no mesmo período de pesquisa, ela pensa que a escola tem que incentivar o fortalecimento da cultura Guarani:

Porque a preocupação maior é que as nossas crianças nem sabem mais o que é rezar de verdade, plantar para comer, os adolescentes já não fazem mais os rituais de passagem de criança para adulto, por outro lado os pais sempre levam as crianças para terem o espírito guarani e dessa forma o medo maior é que temos uma regra a seguir para cuidar do nosso espírito, se não soubermos cuidar poderemos ter consequências mais tarde. Por isso que vejo que a escola neste momento deve sim ensinar o sistema guarani pois temos nosso direito garantido por lei e temos que nos preocupar com a futuro de um povo e não só de uma comunidade.

Nessa pesquisa percebe-se a realidade das escolas nas aldeias, há contrariedade de pensamentos dentro da própria comunidade.

5. Terra Indígena Mbiguaçu

A Tekoa Yynn Morotin Wherá está localizada na BR 101, km 190, no Bairro São Miguel, no município de Biguaçu. O limite da área é de 58 hectares. A terra foi identificada por seu Alcindo Moreira, dona Rosa Mariani Poty Djá e familiares em outubro de 1987, vindos da aldeia do Morro dos Cavalos, por causa da implantação da rodovia BR 101. A terra Indígena Mbiguaçu passou por todos os processos legais e somente depois de 17 anos de luta em 2004, a terra foi homologada e oficializada e ali permanecem as famílias, permanecem até os dias de hoje o casal de anciões de mais de um centenário de idade, continuam fortes e lutando pelo bem viver das famílias. No tempo que fiz o meu trabalho de campo era outubro de 2014.

Hoje a comunidade se constitui de 33 famílias, uma população de aproximadamente 140 pessoas. A terra indígena é liderada pelo cacique Hyral Moreira. Por ser uma terra definida até sua última instâncias, hoje a tekoá é a terra onde acontece frequentemente a força

das praticas das tradições guarani. Lá tem uma grande Casa de Reza no centro da aldeia liderada pelos líderes espirituais senhor Alcindo Moreira Wherá Tupã e dona Rosa Poty Djá e seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos. Seu Alcindo é um grande agricultor que, apesar da idade bem avançada, ele é o que conduz todo um ciclo de ritual da vida guarani. As práticas de cura e os nhemongarai são rigorosamente praticados na aldeia e, sendo assim, seu Wherá Tupã, dentro do seu ser mbyá, mantém o nhandereko.

Todas as decisões internas das aldeias são tomadas entre as lideranças espirituais e políticas. Neste contexto estão organizados o cacique e duas lideranças, Santiago e Adelino. Essas duas lideranças além do cacique fazem o papel no atendimento interno da comunidade nos mutirões e resolvem pequenos problemas internos caso aconteça. Adelino fala que não existe um nome especificado para essas duas lideranças. Os professores, agentes de saúde e sanitaristas também fazem parte da organização da comunidade e em momentos de grandes reuniões com a comunidade todas as lideranças participam.

5.1. A escola Wherá Tupã PotyDjá

Segundo uma proposta pedagógica que foi feita na escola, em outubro de 2014, na escola juntamente com os professores e lideranças da aldeia, a escola indígena de Wherá Tupã Poty Djá foi criada em 1997 e inaugurada em 1998. Os primeiros professores foram Milton Moreira e Andréa Wollinger, onde contavam com 11 alunos. A primeira escola foi construída de madeira com algumas doações de materiais e de madeiras pela FUNAI e construída pela própria comunidade. Porque na época a terra ainda não era demarcada, estava em processo de identificação e isso para a Secretaria de Educação era um empecilho para a construção de uma estrutura maior, pois o estado não investe recursos em terras que não são oficializadas. A escola funcionou nessa estrutura de madeira até 2003. Em 2004, foi inaugurado um prédio com estrutura maior de alvenaria, e nesse mesmo ano a escola começou a funcionar com as turmas da 5ª a 8ª série. Em 2005, a escola muda de nome em homenagem aos anciões Alcindo Moreira e Rosa Mariani, Wherá Tupã e Poty Djá, passando a ser chamada por este nome.

Em 2007, quando eu morava e trabalhava na escola Wherá Tupã Poty Dja, aconteceu algo inédito, uma revolução na liderança do cacique Hyral Moreira. Ele entrou em conflito com a Secretaria da Educação porque a Gered não aceitava que fosse contada nas horas letivas a participação dos alunos e professores nas cerimônias e rituais na Casa de Reza. Porque os professores e alunos no dia anterior à atividade cerimonial não trabalhavam na

escola porque tinham que preparar a Casa de Reza, ir para o mato, buscar lenha, limpar ao redor, organizar as ervas e tudo que precisaria para a cerimônia. A noite entrava na Casa de Reza e amanhecia e no outro dia ninguém saía de casa pois estavam todos dormindo para descansar dos rituais.

Não aceitavam que os mutirões para o preparo da terra para o plantio fizessem parte das atividades escolares, porque, quando chegava a época de preparar o solo em agosto, os professores e alunos tinham que ficar o mês todo preparando, plantando, limpando e depois colhendo e preparando o alimento. Não aceitavam que uma professora, aluna ou servente ficasse em casa quando estivesse em seu ciclo de menstruação. Porque as mulheres em seus períodos tinham que ficar trancadas em casa pois é um momento de consagração do corpo e do espírito da mulher e dependia de cada uma, umas ficavam três, outras quatro dias em casa, e quando se tratava da cozinheira ou de uma professora sair para o resguardo os alunos ficavam sem merenda ou sem aula.

Por outro lado, os mais velhos da aldeia diziam totalmente o contrário, que as crianças tinham que aprender a preparar o solo para o plantio porque era ali que cada um recebia seus verdadeiros nomes, tinham que participar das cerimônias porque era aquilo que fortalecia os mais velhos e que as mulheres tinham que se resguardar naquele período como forma de respeito ao feminino e para a saúde de todos.

Hyral chamou os funcionários da Gered convocando uma reunião entre nós os professores e lideranças da aldeia, e naquela discussão uma moça chamada Rosélia explicou que para poder contar como aulas letivas todas essas atividades tinha que estar registrado no PPP da escola e nos planejamentos dos professores, e que a Secretaria nunca tinha recebido estas propostas no papel. Eles sabiam sim que era direitos dos indígenas trabalharem dessa forma, mas que teria que ter um registro no papel para comprovar que a escola trabalhava aquilo. Hyral perguntou para nós professores sobre os registros e nós não tínhamos nada registrado como proposta escolar.

O cacique, revoltado, paralizou então as atividades escolares e fechou a escola dizendo que só abriria depois que nós apresentássemos uma proposta para a Secretaria registrada no papel. Ficamos meio desnorteados, sem saber como nem por onde começar. E numa tarde sentados na escola começamos a conversar sobre o assunto entre nós professores até que surgiu a ideia de começarmos pelo conflito e assim colocamos no quadro os temas e as atividades a serem trabalhadas com os temas em sala de aula. Um exemplo foi o tema Cerimônia:

CERIMÔNIA

TIPOS DE CERIMONIAS = Cerimônias da cura, cerimônias do petyngua, cerimônias de batizados, cerimônias da consagração das ervas medicinais...

E assim em 15 dias conseguimos montar uma proposta bem diferenciada na parte pedagógica do ensino da escola Wherá Tupã Poty Djá, que naquele tempo ficou com um tema de eixo principal que se chamou de *Tataendy Rekowe* (que quer dizer fogo sagrado) porque naquele mesmo período o fogo sagrado desceu do céu até a Casa de Reza por causa da força dos rituais que acontecia muito na Opy. O tema gerador *Tataendy Rekowe* se desdobrava nos subtemas opy, cerimônia, agricultura, kunhanguereko (vida da mulher), avakuereko (vida do homem). Depois de tudo pronto apresentamos para o cacique a proposta onde ele também fez suas colocações e em seguida foi levada e entregue para a Secretaria de Educação e considerada a primeira proposta diferenciada das escola indígenas no estado de Santa Catarina.

Seguindo meu trabalho na pesquisa para o TCC, no dia 1º de outubro de 2014 visitei a escola Wherá Tupã Poty Dja, em Biguaçu. Já havia antecipado minha agenda semanas antes, com Celita Antunes, esposa do cacique Hyral, que ocupava o cargo como cacique enquanto Hyral era candidato a deputado estadual, nas eleições.

Cheguei na aldeia de manhã e fui para a escola. Encontrei amigos parentes e outras pessoas conhecidas que moram na aldeia. Conheci o professor de matemática, de nome Wendefly, onde conversamos bastante e tivemos muitas trocas de experiências. Nesse dia que cheguei de manhã não estava tendo aula na escola. Mais tarde Celita chegou à escola acompanhada de sua neta, onde tivemos uma longa conversa sobre a questão de educação escolar indígena até o meio dia, logo também chegou o diretor da escola Richard Thibes Sarmiento. Expliquei para ambos os objetivos de minha pesquisa e perguntei a Celita se poderia fazer uma entrevista com ela e com os demais professores da escola. Celita disse que podia sim e que isso iria contribuir para que eles pudessem novamente refletir sobre o assunto. Foi muito bom o dialogo que tivemos, pois ao longo da conversa percebia como se fosse um mapa de informações para onde minha pesquisa ia se direcionando.

Antes de Celita ir para sua casa, chegou Hyral na escola também e ali concluímos nossos dialogo, mostrei para eles um relatório de estagio que fiz no ano de 2005, pelo protocolo Guarani *kaa mbo'e= conhecer e ensinar*. Celita pediu uma cópia do trabalho, falou sobre o currículo diferenciado, lembramos de várias atividades que aconteceram na escola e

que foi dali que fortaleceu bastante a questão do tradicionalismo guarani. Foi naquela época que aconteceu uma revolução por causa do ensino tradicional na escola e que a Secretaria não aceitava.

Celita decidiu reunir todos os professores à tarde para falar sobre o assunto, pediu uma cópia do meu relatório e para que nessa reunião eu conversasse com os professores sobre a importância de um PPP próprio da escola. Pedi para o diretor da escola uma cópia do Projeto Político Pedagógico deles, ele imediatamente disponibilizou uma cópia. Continuamos ainda a conversa com Celita, onde ela apontou os pontos positivos e negativos da escola na aldeia, contou que quando Geraldo Moreira trabalhava na escola a maioria das aulas dele eram práticas culturais, mas que hoje a maioria dos professores são jovens e têm bastantes dificuldades em fazerem seus planejamentos conciliando o ensino escolar com as atividades tradicionais e diferenciadas. Reclamamos também da falta de materiais específicos para a motivação dos alunos em participarem e criarem suas artes. Ressaltou também a falta de material de pesquisa na biblioteca da escola e a dificuldade de publicação dos materiais que os alunos produzem:

“Já fizemos bastantes materiais que dava para criar uma biblioteca indígena com fotos, filmagens, artesanatos, livros que foram feitos já, não temos um espaço adequado, aqui quando chove molha tudo dentro da escola e perdemos muitas coisas boas aqui, aí dá um desânimo porque não conseguimos organizar uma escola do nosso jeito.”

À tarde continuamos nosso diálogo com quase todos os professores e me chamou a atenção a fala do professor de matemática Wanderfly, não indígena que trabalha com alunos do ensino fundamental final e médio, numa pergunta que elaborei para entrevista. Fiz em forma de conversa, e as perguntas foram: Qual é o papel da escola dentro da comunidade? A escola tem PPP próprio? Quais os pontos positivos e negativos que a escola traz para a comunidade? Do que os professores acham mais falta na escola para poder chegar aos seus objetivos? O professor Wanderfly disse:

Eu vejo que a escola é um dos pontos principais da aldeia depois da Casa de Reza, vejo que na parte das refeições são importantes também, porque é um ponto de sustento de algumas famílias, além de trazer o tempo todo os conhecimentos que são repassados para os alunos na parte tradicional e na parte científica. A escola tem um projeto político pedagógico próprio, tem um eixo norteador que precisa ser melhorado. A escola é multisseriada e diferenciada e transmite os seus próprios conhecimentos aqui dentro. Os pontos negativos são os trabalhos em conjunto com a Gered, Secretaria, pais e avós, vejo também que algumas tecnologias desmotivam os alunos em algumas áreas afastando os alunos da escola, deixando de acontecer a união e a liberdade dos adolescentes que ficam isolados uns dos outros sem ter um diálogo entre eles mesmos e principalmente dos mais velhos.

O prof. Wanderfly acha que seria positivo uma maior articulação entre GERED, Secretaria de Educação, pais e avos, pois essa articulação não existe ainda e ajudaria muito no funcionamento da escola. Já a professora Adriana Moreira fala:

Tá faltando um bom planejamento com uma entrega total para mudar a realidade. A escola hoje não tem suporte de ter materiais didáticos específicos, desde lápis de cor que é o básico de uma escola não tem, quanto menos os nossos matérias específicos, a Gered sempre envia material, mas sempre fora de época tipo, no final do ano. Eu começaria mudando por mim mesma, trabalharia tudo na prática porque a escrita não é nunca foi nossa nem a função de professor. A educação deve ensinar a criança se conhecer como Guarani e ser reconhecido, eu penso mais na parte feminina se eu pudesse mudar trabalharia só com as mulheres num ambiente próprio. Vejo uma grande perda hoje de não ter os mais velhos ensinando e não serem reconhecidos pela Gered como grandes mestres, vejo que as nossas crianças estão indo³... Para o diferenciado acontecer de fato nas aldeias tem que ter um currículo próprio reconhecido pela Secretaria de Educação, um currículo de educação indígena específico no estado, sem ele a gente sempre vai ser barrado para ter nossa autonomia.

Hoje a escola tem seu projeto político pedagógico próprio específico e diferenciado, o ponto forte da tekoa Yynn Morotin Whera é a parte espiritual onde todo o tempo são feitos os rituais na Casa de Reza e a maioria dos alunos participam. A escola tem como objetivo fortalecer a educação indígena que contempla os anseios da comunidade escolar no sentido de apropriação da cosmovisão e assim poder inserir o mundo guarani no mundo escolar criando assim um mundo científico de conhecimentos da sabedoria guarani.

A escola hoje funciona da seguinte maneira: as aulas acontecem de segunda a sexta, no período matutino, vespertino e noturno. O quadro de professores são 08 professores indígenas e 04 não indígenas.

Tabela 3 - Horários, turmas e professores da EIEF Yynn Morotin Wherá

FUNCIONAMENTO DA ESCOLA	TURMA
Matutino	4º e 5º do ensino fundamental series iniciais
	3º do ensino médio profissionalizante
Vespertino	1º 2º 3º ano do ensino fundamental de series iniciais
	6º 7º 8º 9º ano do ensino fundamental series finais
	1º e 2º do ensino médio profissionalizante

³Termo usado para dizer que estão cada vez mais se distanciando da cultura tradicional.

Noturno	EJA
Adailton Karai Moreira – professor Língua Materna Guarani; Adriana Moreira – professora séries iniciais 1º, 2º e 3º ano séries iniciais; Celita Antunes – Coordenadora Pedagógica; Daniel Timóteo Martins – professor de Língua Materna Guarani; Fabiana Moreira – professora 4º e 5º ano séries iniciais; Ismael de Souza – professor Educação Física; Laura de Andrade Martins – professora de Biologia; Rafaela de Oliveira Saldanha – professor de Geografia; Richard Thibes Sarmiento – Diretor; Santiago Oliveira – professor EJA noturno; Wanderley Cardoso Moreira – professor Artes; Wendefly de Freitas e Silva – professor de Matemática;	

Fonte: Levantamento de dados para esta pesquisa, 2014.

6. Considerações finais

O que vemos hoje é um estado dizendo que os indígenas têm direito a uma organização própria, mas que ao mesmo tempo não apoia, não aceita e não se movimenta para financiar as oficinas que uma escola diferenciada necessita. Numa entrevista realizada no dia 1º de outubro em Biguaçu com Celita Antunes, ela falou da falta de materiais para o desenvolvimento no ensino das escolas indígenas e quando os alunos são retirados das salas de aula para fazerem suas atividades conforme o sistema Guarani as cobranças caem em cima dos professores causando estresse nas lideranças que têm que correr atrás de seus direitos perante o Ministério Público. Nenhum modelo de um projeto político pedagógico foi levado às escolas indígenas para criação de propostas curriculares nas aldeias. O que sempre temos são seminários onde professores indígenas e secretarias discutem sobre as dificuldades das escolas indígenas. Até os dias de hoje ninguém politicamente ligado à educação veio a uma escola indígena dizer às lideranças, comunidade e professores o que de fato é um Sistema de Educação. No entanto quando apresentamos uma proposta diferente, sempre é negado apontando o Sistema Nacional de Educação como um paredão sem portas de entrada e sem saída.

É necessário pararmos para um momento de *duvidAção* sobre o conceito escola. Primeiramente entender por que foi criada a escola e para que e ainda questionar por que é conhecida como um espaço educacional? Depois se questionar qual é a importância da escola para os Guarani. Nessa duvidAção, cabe pensar no exemplo da escola dos jesuítas, pois foram os jesuítas os primeiros professores a ensinar na época da colonização e o sistema era da

igreja católica, a evangelização era a base de tudo. Por causa da evangelização e da *educação* eles conseguiram um contato mais próximo com os indígenas. Um contato mais próximo do que bandeirantes ou agentes do governo, que só exterminavam. Mas mesmo assim, a ação dos Jesuítas também levou ao extermínio. Será então que o objetivo dessa escola era só a evangelização? Ou tinha outros objetivos? Essa escola serviu de base à escola que temos hoje, e os seus objetivos também.

Em novembro, numa longa conversa em minha casa com a professora vinda do Mato Grosso do Sul para dar as aulas da disciplina *Organização de Trabalho Escolar*, Veronice Rossato, tive um maior esclarecimento do contexto escolar. Na época dos jesuítas, o ensino era um processo sistematizado de transmissão de conhecimentos. No período da exploração inicial, os esforços educacionais foram dirigidos aos indígenas, submetidos à chamada *catequese* promovida pelos missionários jesuítas que vinham ao novo país difundir a crença cristã entre os nativos. O maior objetivo da escola intencionalmente foi o de criar comércio e consumismo. A transformação de jovens e crianças em máquinas de trabalho fez com que a elite dominante fechasse a criança numa sala e aplicasse uma miopia cultural, ou seja, todos na escola têm que pensar igual, ver igual, fazer igual e mais ter igual. Nas escolas não existe o preto, o branco o indígena, existe o aluno. E todos são preparados para a área do mercado, (trabalho, profissão). Objetivo: ter um salário para consumir com aquilo que ele próprio produz.

Hoje nos deparamos com vários obstáculos e interferências do estado, no não cumprimento dos direitos assegurados nas leis, pois a convenção 169/OIT, no art. 27, fala sobre a opção política dos povos; nos art. 13, 14, 15, destaca o direito da criança no seu espaço e ambiente de acordo com o seu hábito de vida. A Constituição Federal assegura às comunidades indígenas a utilização da língua materna no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim é assegurado aos indígenas no artigo 215: “o estado garantirá a todos em pleno exercício dos direitos culturais e difusão das manifestações culturais”. No artigo. 231 da mesma constituição, encontramos a frase “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários às terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

O que devemos é mostrar que isso é que está no sistema. Tudo isso é considerado no meu ponto de vista brechas nesse sistema para o início de um sistema de educação indígena nas escolas guarani. Para fazer acontecer é necessário desenvolver propostas de currículos

específicos, calendários que estejam de acordo com o respeito no tempo das atividades tradicionais guarani, que tenham metodologia e materiais diferenciados e que tenha publicações de materiais didáticos em língua indígena. Tudo isso é considerado no meu ponto de vista brechas no sistema para dar início a um sistema de educação escolar indígena.

A educação escolar específica e diferenciada vem sendo discutida pelos povos indígenas brasileiros nas últimas décadas, ainda assim, algumas demandas como a elaboração de um projeto político pedagógico que seja condizente com um modelo de educação diferenciada ainda não é realidade em muitas escolas indígenas de Santa Catarina. Mostrar os benefícios e as dificuldades que o currículo traz para a comunidade Guarani é muito importante.

Nessa minha trajetória de pesquisa compreendi que o Sistema Nacional de educação não é um sistema fechado que não deixa nada acontecer, pois dentro deste sistema estão as leis que garantem nossos direitos, as nacionais e as estaduais.

Diante do quadro que as escolas indígenas guarani vêm passando no Brasil e na região da Grande Florianópolis, observa-se circunstâncias relevantes nos dois parâmetros entre gerencia de educação e comunidade. No estado de Santa Catarina, o sistema também não é fechado para receber as propostas curriculares específicas dos povos indígenas. Nas gerencias de educação a realidade é que os funcionários públicos não estão preparados para representar uma escola inovadora, mas que ainda continuam inteiramente com a cabeça fechada no imperialismo e na colonização.

Na comunidade hoje, existem professores indígenas capacitados e interlocutores do bilinguismo para levantar e construir um currículo próprio de aprendizagem nas escolas. A maior prova que temos disso são os regulamentos das leis no estado como exemplo o Parecer 282/05 e a Resolução 05/2012. Esses são regulamentos criados pelos próprios professores indígenas do estado de Santa Catarina, Guarani, Kaingang e Xokleing. Estão aprovados e garantidos em nível estadual para as três etnias.

Destaca-se também, além das leis que garantem estes direitos, uma montanha de materiais de informações prontos para levantar os alicerces de uma mudança na educação escolar indígena. Começarei citando os mais velhos das aldeias, que têm falado a todo tempo para os jovens como querem a educação escolar nas tekoás. As lideranças são os que estão confrontando diretamente com as políticas contrárias para exigir que esses direitos sejam cumpridos. Contamos também com os livros escritos pelos grandes pesquisadores indígenas

sobre a educação e com os professores capacitados em cursos de ensinos específicos de educação indígena, intercultural, bilíngue, diferenciado, específico e outros.

O Projeto Político Pedagógico é muitas vezes alvo de negligência pelos órgãos estatais, ao mesmo tempo em que serve como chave de transformação quando apropriado pelos grupos indígenas, sendo a base para a mudança do sistema educacional. Nesse sentido, a partir da experiência nas escolas indígenas Itaty, Pirá Rupá e Wherá Tupã Poty Djá, este trabalho buscou refletir a respeito dos desafios para construção, elaboração e reconhecimento do Projeto Político Pedagógico nas escolas indígenas do estado, assim como das possibilidades e expectativas de um currículo indígena e específico.

São poucas as escolas Guarani que tem seu currículo próprio de aprendizagem no estado de Santa Catarina e na Grande Florianópolis, embora a maioria delas pratiquem o ensino diferenciado numa forma de irregularidade perante o currículo de ensino regular. Outras escolas ainda estão no ensino do SPI, vai da ideia de integração do indígena na sociedade até o absurdo de contratação de professores intérprete da própria língua guarani em pleno século XXI. A maior falta de cumprimento da lei e dos direitos dos povos indígenas está na falta de capacitação e preparação dos próprios responsáveis pela educação indígena no estado, mas também pelo comodismo dos próprios indígenas.

É necessário entender a repercussão de tais questões culturais no espaço escolar. Existe claramente uma visão de resistência a determinado tipo de modelo escolar, pois se entende, na visão das comunidades, como algo que descaracterizaria elementos importantes da cultura. Essa descaracterização se daria não somente por determinados tipos de conteúdos, mas pela forma de transmissão do conhecimento, também pelas relações na forma que podem ser praticadas dentro de uma escola e no contexto tradicional. Nota-se então, não apenas dificuldade dos professores na elaboração de um Projeto Político Pedagógico, mas a falta de vontade política e até mesmo uma omissão da Secretaria Estadual de Educação e de responsáveis envolvidos para a incorporação e o reconhecimento das demandas escolares indígenas. Do mesmo modo, é demanda indígena o auxílio para a construção de um projeto político pedagógico que seja uma temática abordada com profundidade na Licenciatura Indígena e no Magistério Indígena. Por mais que essas instituições contribuam com o debate para a educação diferenciada, é necessária ainda uma atuação efetiva na consolidação do Projeto Político Pedagógico.

Recentemente, as mobilizações indígenas vêm contribuindo para pressionar o Estado para a garantia dos direitos indígenas. Por mais que alguns avanços sejam inquestionáveis, é

importante entender a importância do Projeto Político Pedagógico como forma de diálogo com a Secretaria de Educação e como instrumento de garantia das demandas indígenas. Para além das falhas e omissões do Ministério da Educação, Secretaria de Educação, Magistério e Licenciatura Indígena, cabe ainda incentivar um posicionamento mais enfático das lideranças e professores indígenas, exigindo uma educação diferenciada que realmente seja aplicada na prática escolar. Estas são as palavras do prof. Gersen Baniwa, ouvidas no II Encontro de Educadores indígenas em 2014 em Brasília:

No caso indígena, só vejo uma saída: construir um sistema (ou subsistema) de educação escolar indígena que dê conta... das realidades e dos projetos de vida dos povos indígenas... não podemos elaborar nossos projetos políticos pedagógicos se subtendo às regras e padrões básicos da escola não indígenas. Precisamos de um sistema próprio que inclua todos os sistemas dos indígenas, com recursos garantidos e autonomia escolar suficiente para dar rumo e vida aos nossos projetos... de vida.

O sistema aberto não está pronto. É preciso inventá-lo criando novos conceitos e experimentando, a partir das necessidades e das circunstâncias reais de cada comunidade envolvida. É cheio de força, críticas, políticas e de liberdade.

Não há nada pronto para ser copiado num sistema aberto, é preciso criar conceitos e não determinar a essência de uma coisa. É entender numa aldeia indígena que todo o esforço de entendimento está fundado em questões reais, em acontecimentos e problemas a serem interpretados e resolvidos. O sistema aberto possui múltiplas entradas para o conhecimento. Entra-se por onde quiser dependendo de sua pergunta, do seu interesse ou do seu problema.

7. Bibliografia

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 04 fev. 2015.

Convenção nº 169 sobre povos indígenas e tribais em países independentes e Resolução referente à ação da OIT sobre povos indígenas e tribais. 2ª ed. Brasília: OIT, 2005.

Escola Indígena de Ensino Fundamental Itaty. Projeto Político Pedagógico. 2012.

GOMES, Kennedy Ferreira. Arte Guarani e seus valores. Pesquisa escolar. Escola Indígena de Ensino Fundamental Itaty.

LITAIFF, Aldo; DARELLA, Maria Dorothea Post. Os Índios Guarani Mbya e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. In: XXII Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília. 2000. s/p.

SANTA CATARINA. Secretaria Estadual de Educação. Parecer 282/05.

SANTA CATARINA. Secretaria Estadual de Educação. Resolução 05/2012.



EDUCAÇÃO

NHE'É, REKO PORÃ RÃ:
nhemboea oexakarê

**FUNDAMENTO DA PESSOA
GUARANI, NOSSO BEM-
ESTAR FUTURO (EDUCAÇÃO
TRADICIONAL):**

O olhar distorcido da eScola



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

SANDRA BENITES
ARA RETE

Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ
Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional):
o olhar distorcido da escola

Florianópolis

2015

SANDRA BENITES
ARA RETE

Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ
Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional):
o olhar distorcido da escola

Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Departamento de História(DH) como requisito para obtenção de título de Licenciada com ênfase em Linguagem e Línguas Indígenas.

Orientadora: Profa. Dra. Clarissa Rocha de Melo
Co-Orientadora: Ana Paula da Silva

Florianópolis

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 14:30 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Clarissa Rocha de Melo e Presidente, Professor Suzana Cavalheiro de Jesus, Titular da Banca, e Professor, Ana Luzia Nunes Caritá Suplente, designados pela Portaria 49/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Sandra Benites, subordinado ao título: **“Nhe'ë, Kyringue reko porã rã: nhemboea oexakarê . Espírito-nome, bem-estar futuro das crianças Guarani: o olhar distorcido da escola”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor, a nota final 10,0, do Professor, a nota final 10,0, e do Professor, a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. *Clarissa Rocha de Melo*

Prof. *Suzana Cavalheiro de Jesus*

Prof. *Ana Luzia Nunes Caritá*

Candidato *Sandra Benites*

Resumo

O presente trabalho visa discutir a educação tradicional guarani e a educação escolar “indígena”. Para isso, abordarei a importância do *nhe'ẽ* no nosso processo educacional, pois a nossa educação começa com *xara'u* (sonho) *omoexakã* (revelação do *nhe'ẽ*, ou seja, quando a mulher sabe que ficará grávida). O *nhe'ẽ* é o fundamento da pessoa guarani, é o início da vida. Meu principal objetivo é apontar os conflitos entre a educação tradicional das crianças Guarani do Espírito Santo e o sistema de educação escolar implementado na aldeia Três Palmeiras, localizada nesse Estado, destacando, ainda, a importância dos nossos processos de ensino e aprendizagem para a transmissão e a conservação dos nossos *mbya arandu* (saberes tradicionais), para a manutenção do *nhandereko*.

Poravo

Ko xerembiapo amabe'u ta mbya reko regua, nhemboae'a reko ha'egui mbya reko ete regua. Kyringue nhemboe'a regua ha'egui, kyringue rekoa regua. Mbya arandu py.

Lista de Imagens

Figura 1.....	20
Figura 2.....	24
Figura 3.....	25
Figura 4.....	26
Figura 5.....	27
Figura 6.....	29

Sumário

Apresentação	7
Introdução	8
Capítulo 1: <i>Ã, Angue, Nhe'ê</i> : o fundamento da pessoa Guarani.....	11
1.1- <i>Xará'u omoexakã</i> : Sonho, prevendo o futuro.....	14
1.2- <i>Nhemongarai</i> : revelando o <i>amba</i>	17
Capítulo 2: <i>Kyringue reko porã rã</i> : bem-estar futuro das nossas crianças.....	22
2.1 - <i>Onhevãgaa rupi onhembo'e</i> – brincando, praticando e aprendendo: transmitindo saberes	22
Capítulo 3: <i>Oexakarê</i> : uma embaixada no <i>tekoa</i>	28
Conclusão: <i>Nhomongueta, oguata porã rã</i> : dialogar, caminhar juntos.....	33
Referências bibliográficas	34
Anexos	36

Apresentação

Sou a estudante Guarani Sandra Benites, nascida no dia 07 de fevereiro de 1975, na aldeia Porto Lindo, em Mato Grosso do Sul, onde vivi até maio de 2000. No final desse ano fui visitar meus parentes na aldeia Boa Esperança, localizada no município de Aracruz no Espírito Santo. Após 3 meses da minha chegada, comecei a trabalhar como agente comunitária de saúde até novembro de 2003.

Eu tive que parar porque fui fazer o curso de magistério *Kua'a-Mbo'e* (mais conhecido como Protocolo Guarani) do Sul e Sudeste que iniciou a primeira etapa em 2003. Depois que eu comecei a fazer o curso, em março de 2004, comecei a dar aula na aldeia Três Palmeiras, que fica no mesmo município de Aracruz, para alunos de 1º e 2º ano das séries iniciais. Lecionei na escola de Três Palmeiras durante 7 anos, até 2012. Em 2010, fui convidada pelo professor José Ribamar Bessa Freire para participar do Observatório de Educação Escolar Indígena (OEEL) que me possibilitou conhecer várias discussões, professores, colegas indígenas de outros povos, pude participar de reuniões, seminários. Em 2012, passei a dar aulas para alunos de 4º e 5º ano. Isso foi uma nova experiência para mim porque nessa faixa etária, nos costumes guarani, é a fase de passagem para nova etapa da vida - os *jurua kuery* (os não indígenas) chamam de adolescência. Meu curso de magistério *Kua'á Mbo'e* terminou em maio de 2010 e após a conclusão do curso, entrei na licenciatura indígena na UFSC.

Comecei a fazer o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina em 2011. Atualmente me encontro em período de conclusão deste curso e decidi pesquisar a infância guarani.

Minha experiência como educadora me levou a refletir sobre o porquê das políticas públicas não conseguirem atuar de forma diferenciada com as crianças guarani nas escolas. Este trabalho, portanto, é resultado não só do curso superior que estou concluindo, mas de uma trajetória de vida junto à educação indígena, junto às crianças guarani.

Introdução

As crianças guarani na escola e fora dela despertaram minha preocupação a partir da minha experiência como educadora, como mãe de 4 filhos e como mulher guarani. Comecei a identificar que atualmente a escola faz parte da vida cotidiana das crianças guarani. Não podia deixar de destacar e levar em conta os costumes das crianças na escola porque vejo que a escola deixa isso de lado, não se preocupa muito com o jeito de ser guarani. Ou seja, o modelo escolar implementado dentro da maioria dos *tekoa* não são específicas, que dirá indígenas. Por isso, coloco aspas quando me refiro às escolas “indígenas” Guarani; *elas são escolas indígenas com aspas, são embaixadas*.

A escola, como pude identificar, é uma instituição que não dá autonomia para as crianças construírem suas identidades de acordo com os costumes, crenças, a tradição guarani. Os professores indígenas são enquadrados no sistema educacional *jurua*. Desse modo, é difícil termos uma escola diferenciada e específica. Foi essa minha observação que me levou ao tema da minha pesquisa, pois o meu principal objetivo era apontar os conflitos entre educação tradicional das crianças guarani do Espírito Santo *versus* o sistema de educação escolar implementado na aldeia Três Palmeiras – única escola guarani do Espírito Santo. A minha primeira observação foi com relação ao *tekoa* e a importância de ter na nossa terra os elementos importantes – nossas referências – para a nossa educação, para a transmissão dos *mbya arandu*.

Para identificar as diferenças entre um *tekoa* - onde as crianças têm mais elementos, mais possibilidades de construir suas identidades, como por exemplo: rios, matas, água nascente, animais, que fazem parte dos rituais guaranis e são importantes nos nossos processos educacionais – e um *tekoa* que não possui todos esses elementos, fui acompanhar o dia a dia das crianças guarani da aldeia de *Sapukai*. Essa aldeia está localizada no município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, e fiz uma comparação com o *tekoa* Três Palmeiras. Isto porque no *tekoa Sapukai* percebi que realmente o lugar faz uma enorme diferença nos processos de aprendizado das crianças Guarani.

Para explicar o processo de educação guarani, escolhi falar sobre *nhe'ẽ* fundamento do ser/pessoa guarani, pois a nossa educação começa com o *xara'u*, com *omoexakã* do

nhe'ẽ. Então, para falar da nossa educação temos que discutir o que significa para nós Guarani o *nhe'ẽ* e como as nossas tradições, nossa forma de ser e agir estão ligados ao *nhe'ẽ*. Abordarei a questão do *nhe'ẽ* destacando também a problemática das traduções dos jurua. Para isso, discutirei a palavra alma (em guarani *ã*) e também *angué*, que para nós Guarani tem significados e funções diferentes.

Esse é o objetivo do meu primeiro capítulo: discutir sobre o fundamento da pessoa guarani, pois a educação tradicional guarani está extremamente ligada ao *nhe'ẽ*, ao nosso *nhandereko*. No segundo capítulo, reflito sobre a importância do *tekoa* - que *Nhanderu* nos revela através dos *xara'u* - sonhos, para mantermos nosso *teko*, nosso *nhandereko* - *jeito de ser e viver*. Para isso, discuto como é importante para a nossa educação, para a transmissão e conservação dos *mbya arandu* - *sabedoria guarani*, termos no nosso *tekoa* - mata, animais, cachoeiras e fontes de água, mel, terra para fazermos nossas roças. Esses elementos são fundamentais inclusive para a nossa qualidade de vida. Aqui faço uma comparação entre o *tekoa Sapukai* e o *tekoa Três Palmeiras*.

No terceiro capítulo, faço uma discussão sobre as escolas guarani, existentes nos *tekoa* atualmente. Reflito sobre a importância do diálogo entre a educação guarani e a educação escolar indígena, além da necessidade de ambas caminharem juntas para futuramente as escolas nas aldeias serem parte de nós e não “embaixadas”.

Por último, concluo minha pesquisa com minhas considerações sobre o modelo de escola indígena existente nas aldeias guarani (as “embaixadas”) e a escola que sonhamos um dia ter. Sonhamos com uma escola que seja parte de nós Guarani, que nos fortaleça, que mantenha as nossas tradições, ou seja, uma escola pensada, organizada, construída e mantida por nós Guarani e não essa moldada, gerida, dirigida por *jurua*.

As crianças que fizeram parte da minha pesquisa de campo, no Espírito Santo, foram das aldeias de Três Palmeiras, Boa Esperança, Piraque-Açu e de Olho D'Água que estudam na escola de Três Palmeiras. Além disso, observei as crianças da aldeia de Sapukai. Utilizarei algumas fotos das crianças e das aldeias ao longo do meu texto. Meu método de pesquisa foi apenas de observação e entrevista com os mais velhos - João da Silva (cacique da aldeia de Sapukai), seu Felix e dona Catarina (esposa do seu Felix) ambos da aldeia Céu Azul (Rio de Janeiro), pois atualmente moro e trabalho no Rio de Janeiro.

Senhor Félix e dona Catarina me ajudaram a esclarecer diversas dúvidas sobre nossas tradições. Eles foram não apenas interlocutores, sábios; foram companheiros que me ajudaram na conclusão da minha pesquisa, de mais essa etapa da minha vida.

Capítulo I: ã, Angue, Nhe'ẽ: O Fundamento Da Pessoa Guarani

“Para manter *nhadereko*, precisa de *teko*, para produzir *teko* é preciso que no *tekoa* as pessoas nasçam e permaneçam vivas”.

(Verá Mirim, Sapukai/RJ)

Antes de iniciar minhas reflexões, gostaria de explicar que para nós Guarani existem alguns tipos de *Nhe'ẽ*, que sentimos no *py'a* - *coração*. Mas isso depende da situação vivida por cada indivíduo, depende também do contexto, ou seja, do momento. Depende muito do outro, do lugar onde a pessoa está construindo o seu *reko/teko* – *jeito de ser e viver*. Existe *nhe'ẽ mirĩ*, *nhe'ẽ kangy*, *nhe'ẽ mbareate*, *nhe'ẽ poti*, *nhe'ẽ poxy*, *nhe'ẽ mby'a guaxu*, *nhe'ẽ vy'a*. Todos estão relacionados com os nomes Guarani, com o espírito-nome, mas também com o modo de ser de cada *kyrin* - *criança*, futuramente adulto. Esses *nhe'ẽ kuery* nos ajudam a lidar com as *mitã* – *crianças pequenas*, *kunumi-* *menino* e *kunhantãi gue-* *menina*. Desse modo, seguimos nos costumes, o que nos ajuda a construir o ser guarani *ete'i* - *verdadeiro*, ou seja, preservar o modo de ser guarani e dar continuidade ao sistema guarani.

Muitos pesquisadores juruá, entre eles León Cadogan no clássico *Ayvu Rapyta* (1945), traduziram (e continuam atribuindo o mesmo significado) o termo *nhe'ẽ* como “palavra-alma”. No contexto em que estou discutindo esse conceito guarani, vejo um equívoco nessa tradução, conseqüentemente em seu significado. Na língua guarani, *ã* é alma, que significa ‘o que estar junto o tempo todo com você, como se fosse uma sombra’. Para o meu povo, isso não é visto como sagrado. Por exemplo, ao nascer uma criança, ela fica 8 dias sem ser vista por ninguém diferente dos seus pais, avós, as pessoas mais próximas. Isso porque alguém com a alma ruim, “pesada”, com “energia negativa”, pode afetar o ambiente e inclusive o *mitã pyta'ĩ* – recém nascido.

Falamos que os *mitã pyta'ĩ* são os *nhe'ẽ Poti*. Para evitar a interferência dessas energias ruins, colocamos, quando temos *mitã pyta'ĩ* em casa – não na nossa casa, mas numa casa preparada para o trabalho de parto, onde ficamos esse período, oito dias mais ou menos, de resguardo, com uma garrafa transparente com água, em cada canto da porta. As crianças são muito importantes para nós Guarani e estamos sempre cuidando delas. Estou

dizendo isso porque além de *ã* – que sempre está conosco – nós temos *angue* – que dependendo da personalidade da pessoa, pode ser bom ou ruim. Diferente de *ã*, *angue* pode nos deixar (mesmo quando estamos vivos) e ficar no ar, um tempo; os mais velhos dizem que onde nós passamos o *angue* sempre fica um pouquinho, depois ele volta a nos acompanhar novamente.

É esse *angue*, dizem os mais velhos, que pode causar coisas ruins. Por isso, os mais velhos sempre nos aconselham a falar baixo, ficar em silêncio, não falar palavrões, não ficar irritado, ter paciência, principalmente com as pessoas que são agressivas com a gente. Com esse tipo de pessoa, você tem que ouvir, ser paciente e não responder da mesma forma. Observar nossas regras impede que o nosso *angue* fique pesado, negativo. Dessa forma, nosso *angue* não atinge outras pessoas. Nós temos que ficar bem, para o nosso *angue* não atinja o outro, de forma negativa.

Quando morremos, nosso *angue* fica de vez aqui, na terra, e se a pessoa em vida foi muito ruim, seu *angue* pode prejudicar o ambiente em que a pessoa viveu. Por exemplo, quando uma pessoa ruim morre, não podemos levar uma criança até o morto. Seu *angue* pode afetar a criança.

O *nhe'ẽ* é diferente, é um ser-nome que vem de *Nhanderu kuery*. *Nhe'ẽ* vem dos quatro *amba*: *Karai Kuery*, *Jakaira*, *Nhamandu* e *Tupã Kuery*. *Nhe'ẽ*, portanto, é o **fundamento da pessoa Guarani** e não *palavra-alma*, como traduziram León Cadogan (1945), Bartomeu Melià (1979), Elizabeth Pissolato (2007), entre outros. Talvez uma tradução possível na língua portuguesa, por exemplo, e mais próximo do significado na língua guarani, seja **espírito-nome**. Entendo que *alma* e *espírito* (ambas de origem latina, a primeira vem de *anima* e a segunda de *spiritus*) em português são sinônimos, conforme o dicionário de Ferreira (2010). Mas, na língua guarani, como vimos, são termos completamente diferentes e de significados distintos. Inclusive, para nós Guarani, só depois que a criança começa a andar é que ela tem *ã*, ou seja, *ã* é algo da terra, deste mundo. Quando lemos a tradução de *nhe'ẽ* como “palavra-alma” isso nos causa estranhamento.

Estranhamos não apenas algumas traduções feitas pelos *jurua kuery*, mas também a frieza do registro escrito. Quando os *xamõi kuery* nos falam sobre o *nhe'ẽ*, eles se

emocionam. Porque *nhe'ẽ* está ligado ao sentimento, ao nosso *py'a*. *Xamõi kuery oendu opy'are* - eles sentem com o coração. Não há palavras que exprimem e que traduzem esse sentimento, essa emoção. Não se trata apenas de traduzir, para o português, o espanhol ou qualquer outra língua, *nhe'ẽ* como “palavra-alma”. Isso seria, além de um equívoco, simplificar demasiado o conhecimento, o fundamento da vida, da pessoa Guarani. Quando escrevemos, colocamos no papel *nhe'ẽ*, parece que é uma simples palavra, mas não é. Quando pronunciamos *nhe'ẽ*, estamos nos referindo a todo o nosso pensamento, conhecimento, nos conectamos com o nosso mundo espiritual. É como o padre Lemos Barbosa (1956) disse: “Os dicionários podem dizer que *anga* significa *alma*. Mas o conceito de *alma* é diferente do de *anga*, tanto em compreensão como em extensão. Nós atribuímos à *alma* características (por exemplo, a imaterialidade) que não cabem no conceito indígena de *anga*”.

É por isso que os *xeramõi* não gostam de pronunciar em qualquer ambiente as palavras sagradas e eles também não gostam que a gente escreva ou fale sobre essas palavras. As pessoas *jurua*, não entendem o que falamos e acabam criando ideias equivocadas. Elas escrevem outras coisas, não entendem o que dizemos. “Só o Guarani entende outro Guarani”! Isso vale não apenas para os juruá, mas também para as novas gerações de Guarani. Se os jovens não aprenderem *ojapyxaka* (a se concentrar), *mbojerovia* – acreditar (lit. ‘fazer valer’) no *reko arandu* –, praticar e ir sempre à *Opy*, colocarão em risco o *nhandereko* – *nosso jeito de ser e viver*, e conseqüentemente o *teko porã rã* – *bom viver*. Isso é importante para o Guarani *nhe'ẽ*, porque se *ojapyxaka*, *mbojerovia* teremos *teko porã*, teremos *kyringue yvua* – *crianças felizes*. Voltaremos a essa questão no capítulo 2.

O *nhe'ẽ* também pode escolher onde e com quem deseja morar novamente em *yvy rupa*. Isso depende muito como ele *oiko porã* – *se comportou bem*, se *ovy'a* no ambiente, na família. Acontece também do *nhe'ẽ* voltar. Exemplo disso, eu, que era muito apegada à minha avó, antes de *orereja* – *de ela nos deixar*. Sempre eu a acompanhava em todos os lugares, pois vivi a maior parte da minha infância com ela. Depois de *orereja*, eu sofri muito e senti demais a sua perda. Mas, eu já tinha uma filha, inclusive minha avó fez o meu parto e cuidou de mim, da minha primeira filha. Depois que ela morreu, sonhava com ela

sempre quando me sentia triste. Certo dia, sonhei que nós duas estávamos morando juntas, em um lugar muito lindo. No sonho, ela me pedia para ficar em minha casa, onde eu vivia. A partir daí eu já sabia que eu engravidaria de novo e sabia que seria uma menina. Minha mãe também sonhou com minha avó, que ela falava para minha mãe cuidar bem de mim. Quando fiquei grávida, sabíamos que o *nhe'ẽ* seria o *nhe'ẽgue* da minha avó que voltou para mim. É nesse sentido que falamos em *nhe'ẽgue* e é nesse sentido que os caciques Mbya de Guairá (Paraguai) falaram para Cadogan.

1.1- *Xará'u omoexakã*: Sonho, prevendo o futuro

Certo dia, durante uma madrugada, meu marido me presenteou com um *paraka'u - papagaio*. A princípio não queria aquele presente, pois me lembrei das palavras de minha avó Takua. Ela sempre me dizia que um casal não pode ter *paraka'u* em casa quando tem filho pequeno. Mas, resolvi aceitá-lo porque eu não tinha filho ainda. No dia seguinte, acordei com esse *xara'u - sonho* – em minha cabeça, eu sabia que em breve ficaria grávida. *Nomoexaka'ĩ porã* (não tinha certeza) se seria uma menina ou um menino, pois sonhar com *paraka'u*, sem ver no sonho que é macho ou fêmea, indica apenas gravidez futuramente.

Quando uma mulher vai ter um filho ou uma filha, antes mesmo de engravidar, os pais, ou apenas um deles, sonham com o *nhe'ẽ* que virá. Como disse Vera Mirim, são *nhe'ẽ porã*, “porque não é qualquer espírito” (Silva, 2013:24). A *omoexakã* do *nhe'ẽ - a certeza do espírito* se dá através do *xara'u - sonho* com nossos parentes *orereja va'e kue* – que já se foram, mas também quando *roexara'u - sonhamos* com animais, principalmente pássaros, lugares, plantas – exemplo: *avaty ty - milho*, *comanda'i* – feijão, entre outros. Após, *omoexakã* já começa o processo de *omongueta - aconselhamentos*, e a família escolhe a *mitãmbojaua - parteira*. A mulher, *ipuru'a va'e rã* – futura grávida, tem que se preparar para receber esse *nhe'ẽ*, pois isso implicará, realmente, no futuro da ser-criança, do *nhe'ẽ*.

Diferente de outros povos, se o nosso objetivo nesse capítulo é discutir educação Guarani, então é aqui que tudo *jypy*, após o *xara'u, omoexakã*. Os pais estão no centro das

atenções da família, do *xeramõi kuery*, *jaryi kuery*, *mitãbojaua*. Quando se confirma *puru'a* - gravidez, todos aconselham os pais a irem para a *opy* – casa de rezas, para rezar, fazer o ritual de *py'a guapy* – fundamental para as mulheres se fortalecerem sentimentalmente, pois a *ipuru'a va'e* – grávida, fica mais sensível, vulnerável. O marido a acompanha para ouvir *omongueta* – aconselhamentos que lhes são dados.

A *ipuru'a va'e* é a mais cuidada, pois ela tem que seguir *omongueta*, os conselhos dos mais velhos. Isso é para *onhangarekó* do *nhe'ẽ* e de si mesmo. Ela não pode comer muito, nem comida quente (porque a criança quando nasce fica inquieta) e nem certos tipos de alimentos, tais como: frutas grandes (ela tem que dividir porque a criança pode engordar muito, ficar muito grande. Assim, ela teria um parto complicado), a maioria dos animais de caça, comida muito gordurosa, salgada e doce demais, não pode fumar, não pode pegar nada pesado, não pode se aborrecer. Ela tem que equilibrar as emoções, evitar a raiva, não falar *ayvu reko rei* – qualquer palavra.

Quando o pai está *ta'yriru* – se preparando para ser pai, ele tem que acordar cedo, não pode dormir tarde, não pode ficar nervoso, irritado – ele precisa controlar seus sentimentos, suas emoções –, não pode matar certos animais, como a cobra; não pode ser preguiçoso, não pode falar palavrão, não pode falar alto, tem que ser paciente, não pode comer muito. Antigamente, eles tinham que fazer uma casa para a mulher e a *mitã* – nenê, ficarem reservadas. *Ogueroma'ẽ opy'are mbojerovia* – rezar na casa de rezas garantirá *teko porã rã* – bem viver,, *kyre'yimba* do *nhe'ẽ* e da família. Isso deve ser praticado pelos pais e os irmãos.

A *mitãbojaua* – parteira, acompanha toda a gestação da *ipuru'a*, aconselhando, ensinando a *ipuru'a* o modo como ela deve tomar banho, orientando sua alimentação, fazendo *opoko oẽdu avuã mitã*. As *mitãbojaua* acompanham até o resguardo. No momento em que a mulher começa a sentir as dores, sabe-se que está próximo o *mitãojau* e a *ipuru'a* vai para a casa onde se realizará o parto. Durante o *mitãojau*, a *ipuru'a* é acompanhada pela *mitãbojaua* e o pai – às vezes as sogras, um parente mais próximo. No máximo três pessoas acompanham o *mitãojau* e o pai auxilia a *mitãbojaua* – ajuda a segurar a criança, busca algo que faltou, segura a mulher e dá apoio. Geralmente, a

mitãmbojau corta o *ipurũ* e o pai enterra a *membyryrukue* – umbigo do seu filho nessa casa.

Após o *mitãojau* – parto, nos primeiros oito dias, as *mitapytã'i* - recém-nascidos, como já dito, não podem ser expostas. O resguardo das mulheres dura três meses e elas continuam com a dieta alimentar. Mas, nesse período os homens possuem mais responsabilidades e devem seguir rigorosamente nossas regras. Eles não podem usar ferramentas cortantes (até o *purũ* secar), não podem beber, não podem comer muito, nem falar demais, não pode comer carne vermelha, não jogam bola, etc., até o término do resguardo. É importante dizer que os irmãos também devem seguir rigorosamente as regras. Essas regras são para *reko porã rã* da família, das *mitapytã'i*.

Durante um ano, *onhãgareko porã* das *mitapytã'i*, pois o *nhe'ẽ* é *nhe'ẽ poty* – a criança tem sabedoria, *oẽdu kua*, ele ainda não está no *py'a* (não está fixo no *rete*), por isso ele sabe muito mais, sente muito mais, percebe muito mais que o adulto. O *nhe'ẽ* é frágil, vulnerável. Nós Guarani temos um ditado, como dizem os *jurua*, “Uma pessoa do bem, uma pessoa boa é mais fácil de ser atingida por *angue*, por *mba'emõ vai kue*”. Quando as *mitapytã'i* começam a dar os primeiros passos, realiza-se o *nhemongarai* - batismo.

Nesse período, os pais fazem o *amba'i* das crianças, para elas aprenderem os primeiros passos, a se levantarem sozinhas, a se fortalecerem, para as crianças aprenderem a gostar de onde vivem, a serem felizes na casa dos pais. A criança não fica sozinha, os pais ficam observando seus filhos, ajudando eles a se segurarem quando caem ou escorregam. Os pais não devem se assustar quando as crianças levam um tombo, eles devem ajudar as crianças, levantando elas com calma, com tranquilidade. O papel dos pais é de mostrar *toripa*, *vy'a*. Dessa forma ensinamos os nossos filhos a serem calmos, a falarem baixo, é assim que aprendemos a ser Guarani.

Os *orejari kuery* sempre ensinam a agirmos assim com nossos filhos. Eles nos explicam que se falar alto, gritando com as crianças, elas não entendem nada e quando elas crescerem, serão adultos agressivos, perturbados. Quando você ouve gritos, você fica confuso, angustiado. Esse *amba'i* que construímos na nossa casa está ligado ao *amba* do *nhe'ẽ* do nosso filho, que será revelado no *nhemongarai*. Os pais devem tratar bem seus

filhos, não podem demonstrar nada de ruim para as crianças, não podem gritar, falar alto. *Xami kuery* falam que é nesse momento que as crianças buscam esse gostar de viver naquele lugar, na casa dos pais. Desse modo, o *nhe'ẽ* se fortalece na criança.

Nesse período, é importante ter sempre outras crianças por perto, brincando juntas. Assim, as *mitã kuery* aprendem, através das *nhevãnga* – da brincadeira, a gostar da vida aqui nesse mundo. As *nhevãnga* não são simples brincadeiras. *Nhevãnga* também tem função de ensinar, de ser feliz. São momentos de alegria para as crianças, de compartilhar, de brincar, de conhecer/escutar, de respeitar o outro. Por isso, *xejaryi kuery*, *xeramõi kuery* – nossos avôs sempre nos falam: *Tupã kuery onheovãnga!*

Então, para nós Guarani *nhevãga* é sagrado. Quando os mais velhos falam: *Tupã kuery onhevãga*, no momento das brincadeiras deles - sabemos que eles estão brincando quando está trovejando, relampeando no céu, sem *amã, oky* – chuva, ou quando cai pouquinho *amã, oky* - é nesse momento que devemos respeitar muito. Geralmente, ficamos em silêncio, dentro de casa, quando eles estão assim. Não podemos fazer nada, nenhuma atividade. Nós ficamos em silêncio. Se desrespeitarmos, podemos ser atingido por um *overa*. A interação das *mitã* com outras *kuyringue* – crianças, é importante para o *vuy'a porã*.

Parte desses ensinamentos são explicados durante o *Nhemongarai*, pois através da *omoexakã* do *amba* da *mitã* os pais saberão como lidar com seus filhos. Sabendo o *amba* do filho, os pais sabem o nome da criança e a partir daí sabe-se como será a personalidade da *mitã*.

1.2- *Nhemongarai*: revelando o *amba*

Nhe'ẽ kuery estão no *amba*, em quatro *amba* na realidade, partes que são *lugares sagrados de onde vem o dhe'ẽ*. O *amba* é divino, limpo, de onde vem o *nhe'ẽ porã*. Ele está acima de *yvy rupa* – nosso leito, suspenso, está no plano espiritual. Localizamos os quatro *amba* em *yvy rupa* da seguinte forma:

Jaikara – *nhanderu ete tenonde gua* – localizado no centro;

Tupã – mais próximo de *Jakaira* – seria na direção onde o sol se oculta no horizonte, no pôr do sol;

Nhamandu – seria na direção em que o sol nasce;

Karai Kuery – mais próximo de *Nhamandu*, seria na direção Leste para simplificar.

O *nhe'ẽ* - espírito está no *py'a* -coração. É no *py'a* que está a base do nosso *rete* -*corpo*. Por isso, os mais velhos sempre dizem para não batermos nas costas das crianças, pois pode assustar o *nhe'ẽ* do *kiryngue*, afastando ele. Para sabermos a origem do *nhe'ẽ* realizamos o *nhemongarai* - *batismo*.

O ritual do *nhemongarai* é fundamental para sabermos a personalidade e a habilidade de cada Guarani. Pois, conforme já dissemos, ao revelar o *amba*, sabemos o nome da *mitã* – *nenê*, e sabemos qual será o seu *reko* - *jeito*. Cada *amba* – *morada divina*, e cada *tery* – *nome*, implica: um jeito de ser, um agir específico para cada indivíduo. Quero dizer que o *reko* de cada Guarani depende do *amba*, mas principalmente do nome. O próprio nome exige certos tipos de cuidados, pois existem regras específicas para cada um deles. Essas regras devem ser seguidas rigorosamente no período *nhe'egu* e *oguapy* (para as meninas) e *nhe'e guxu re* (para os meninos). A partir daí, os pais passam apenas a observarem seus filhos, cabendo a responsabilidade maior de seguir as regras aos jovens.

Saber o *amba* e o *tery* da criança implica uma série de observações e cuidados por parte dos adultos nas fases, chamamos assim, das *mitã* (até os dois anos) e das *kiryngue* (de dois até os doze/treze anos). Durante esses períodos, a responsabilidade de observar e praticar as regras é dos pais e avós, dos adultos que estão em volta da criança. Não podemos esquecer que esses adultos começam suas responsabilidades já com o sonho da gravidez.

Explicarei melhor através de alguns nomes Guarani, *orerery*. O primeiro ponto que eu gostaria de dizer é que, para nós Guarani, existem nomes femininos e masculinos. Por exemplo, *Jekupe*, nome masculino. Os homens que têm esse nome são mais vulneráveis. Ou seja, são mais fáceis de serem influenciados pelas pessoas ou coisas (boas e também

ruins). Tudo dependerá do contexto onde eles vivem, do movimento das pessoas (como as pessoas vivem) e da observação e prática das regras. Ser *Jekupe* implica que ele pode ser o que ele deseja, mas isso depende muito dele, de respeitar as nossas regras. *Nhanderu* sempre nos tenta e é preciso saber resistir.

Jekupe circula muito, caminha muito. Eles têm uma visão muito ampla, conseguem interagir com todos os tipos de pessoas. *Karai* já é diferente. Eles têm a tendência de liderar, são mais sábios, orgulhosos também. Eles adoram isso e quando eu dava aula na escola de Três Palmeiras percebia claramente o papel de liderança dos *karai*. Nas atividades em grupo, os *Karai kuery* se destacavam, organizavam os grupos, se destacavam. Eles não têm medo, se arriscam mesmo. *Jekupe kuery* são muito medrosos, apesar de aparentemente mostrarem valentia. *Karai kuery* têm mais autoridade, poder de cuidar, de liderar, mas eles também devem seguir nossas regras, tomar cuidado para não impor muito, não ser autoritário. Eles devem saber qual é o limite deles. O perigo está no poder.

Assim como *karai kuery*, ser *Ara* significa que a mulher tem esse conhecimento de liderar, ser mais paciente, tranquila, compreensiva. Ela tem mais facilidade e sempre se destaca nas aldeias como *mitãbojaua*, por exemplo. Por outro lado, assim como *Jekupe*, quem é *Kerexu kuery* é mais sensível, muda facilmente de opinião e de humor. São pessoas que aparentemente são mais caladas, quietas, discretas, tolerantes em alguns momentos. Diferente de *jurua kuery* os nossos nomes têm função, implicam responsabilidades e cuidados.

Através da *omoexakã* do nome dos nossos filhos sabemos como agir com eles, como lidar com eles. Assim, nos preparamos para lidar com os filhos, pois cada um tem um jeito de ser, requer cuidados específicos - *Jekupe* e *Kerexu* são os que mais inspiram cuidados. Fazemos isso até a 'fase' de *kunumim* (meninos) e *kunhatãi peve* (meninas). Nessa 'fase' de puberdade - como dizem os *jurua* - que começa a responsabilidade maior da pessoa, do ser guarani. Caberá ao/a jovem seguir as normas do nosso *reko*. Nesse momento, os pais, as lideranças, a comunidade observam, prestam mais atenção nesses jovens. Sempre aconselham eles nas reuniões - agora já participam das reuniões, das atividades no *tekoa*.



Figura 1: Aprendendo, praticando - jovens na aldeia de Sapukai. Foto: Prefeitura de Angra dos Reis - 2014.

Na verdade, eles são convidados a participarem das atividades no *tekoa*, de acordo com a capacidade deles. Os meninos trabalham nos mutirões, na roça plantando, cortando lenha. Eles sempre trabalham com os mais velhos, responsáveis pela transmissão dos conhecimentos. Os mais velhos ensinam a eles como fazer as coisas e os jovens começam a praticar esses saberes. É trabalhando que eles vão escutando as histórias de vidas dos mais velhos, ouvem conselhos sobre vários assuntos: casamento, família, aprendem como tratar as mulheres, falam sobre bebidas, o que fazer quando tem filhos, etc.

Nessas horas é que os mais velhos contam as histórias da origem do *nhandereko*, narram os mitos sagrados, as narrativas tradicionais. Os conselhos, os conhecimentos são transmitidos na *Opy*, mas é trabalhando, praticando que eles aprendem. Por isso é que os *xeramoí* sempre convidam os rapazes para as atividades - é ouvindo e praticando que eles aprendem. Se os meninos devem se movimentar, as meninas devem permanecer no resguardo, num lugar específico.

As pessoas devem tomar bastante cuidado com as jovens porque elas estão num momento de fragilidade. Diferente dos meninos, as meninas cuidam mais do corpo - por

isso não devem fazer atividades pesadas. Elas ficam num ambiente mais adequado, tranquilas, em silêncio, sem perturbação, para que elas não fiquem com dor de cabeça. Por isso, não devem ter muitas pessoas ao seu redor. As *xejaryi* - avós sempre nos aconselham, pois esse é o momento de cuidar da nossa cabeça, do nosso corpo para evitar as doenças. As meninas são mais frágeis - o corpo fica frágil - não podem comer comidas salgadas e gordurosas, não podem comer doces nesse período, nem ficar expostas ao sol, frio e vento.

A menina deve ter cuidado desde a *oguaryare* – *menstruação*, e nós mulheres Guarani sempre temos que cuidar do nosso corpo por toda a vida. As *xejaryi* dizem que a dor de cabeça vem com o vento. Por isso, não podemos pegar friagem nesse período. Você não pode sentir dor de cabeça no resguardo, porque sentirá sempre dor e com o tempo a dor fica mais forte. As meninas também não podem mexer com fogo, com calor, sair no sol quente. O excesso de calor dá tonturas, dor de cabeça. Quando estamos menstruadas não cozinhamos. Durante a menstruação, ficamos muito expostas, frágeis, sensíveis. Temos que ficar sossegadas, sem estresse, tranquilas. Desrespeitar essas regras implica ter problema no *py'a* - *coração*.

Com relação à alimentação, os meninos e as meninas não podem comer carne – principalmente bovina e suína –, apenas algumas caças. Mas, quando eles vão comer carne de caça, eles primeiro mastigam um pedaço e joga no fogo. Isso é um ritual que todos devem fazer. As meninas comem sopas, frutas, comida com pouco sal e sem gordura. Elas seguem o ritual de pintura - existem várias pinturas corporais, que evitam *jepota* – *sofrer transformação*. As pinturas são proteções para o corpo. Geralmente, nessa ‘fase’ as meninas cortam o cabelo. Todas as atividades que os meninos fazem é para não *jepota* também. Para evitar *ateĩja*, para aprender a acordar cedo, evitar o mau humor e manter o corpo sempre saudável.

Capítulo 2: *Kyryngue reko porã rã*: bem-estar futuro das nossas crianças

No primeiro capítulo, discuti como nós Guarani educamos os nossos filhos, enfatizando a nossa concepção de ser, nossos costumes, nossa forma coletiva de educar. Diferente de outros povos, a nossa educação começa com o sonho, com a gravidez. O nosso jeito de educar garante que tenhamos *kiryngue kyrymba*, *kiryngue vy'a* – crianças fortes e felizes, mas depende também do *tekoa* onde as crianças vivem. Isso permite que elas sejam alegres, saudáveis e garante o bem estar de todos nós Guarani. O *tekoa* é fundamental para nosso *teko*. Mas, não é qualquer *tekoa*.

Para nós Guarani, é importante ter no nosso *tekoa* *yxyry*, *yakã porã*, ter mata com variedades de árvores, plantas medicinais e diversos bichos, lugar para fazer nossa roça: plantar milho (*avaty ete* principalmente), melancia, amendoim, comandai, banana, mandioca. Não pode faltar a *opy* - referência do *mbya arandu* – conhecimento guarani, lugar onde discutimos saúde, educação, nossa vida. Aqui é o princípio da nossa forma de ser, é o lugar onde praticamos *nhandereko* – o jeito de ser e viver guarani. É na *opy* que as crianças tristes e doentes recuperam *vy'a* - *alegria*. Também se a criança for muito agitada, chorona, fazemos um ritual na *opy* para que ela se acalme, deixe de chorar muito.

Vivemos em um lugar *omoexakã* por *Nhanderu ete*. Este *tekoa* é para nós Guarani *yvy porã* – alegria, que nos possibilita ter *teko porã rã* – boa vida, bom viver. Se nós Guarani não tivermos acesso a *yvy porã* – terra boa, a gente perde *mbya arandu rã* – a *sabedoria guarani*. É aqui que eu gostaria de tecer uma comparação entre a vida das crianças em Três Palmeiras (ES) e Sapukai (RJ).

2.1 *Onhevãgaa rupi onhembo'e* - brincando, praticando e aprendendo: transmitindo saberes

Para *oendu opy'are orerekoa* – aprender e sentir nossos conhecimentos, precisamos que o *tekoa*, onde vivemos, tenha todos os elementos fundamentais para transmitir *mbya arandu reko* – *sabedoria guarani*. É através, entre outros, do *yakã*, *yxyry*, *ka'aguy porã*, *yvy*

porã para fazer *kokue*, *vixoi kuery* que ensinamos às *kyringue kuery* o *mbya arandu*. Tudo, nesse mundo, para nós guarani, tem seu *ijá*. Os *ija kuery* são aqueles que cuidam, os responsáveis por cada ser existente no *yvy rupa re* – *no leito da terra*.

Yxyry, por exemplo, tem *ija*, por isso ensinamos como as crianças devem respeitar seu *ija* e como devem se comportar. Esse é um processo longo, pois as crianças aprendem com os mais velhos - que sempre repetem esses conhecimentos. Se não respeitar *ija kuery*, eles podem *ojai* (fazer coisa ruim). Por isso, as *kyringue* não podem ir ao rio sem a presença de uma pessoa adulta. É importante ouvir, observar como os mais velhos se comportam, agem. Isso vale para a pesca, a caça, a plantação, para tudo. Em cada lugar é preciso observar como os adultos se comportam, ou seja, o que fazem para respeitar o *ija* de cada coisa.

No *tekoa Mboapy Pindó* (Três Palmeiras), localizada no município de Aracruz, estado do Espírito Santo, pude observar - a partir da minha atuação como professora (durante sete anos) - nossa dificuldade para transmitir alguns conhecimentos. Em *Mboapy Pindó* não tem rio, o espaço é bastante pequeno, a água não tem qualidade - ela é avermelhada e da torneira -, não existe mata, há somente eucalipto por toda parte e uma lagoa que seca no verão.



Figura 2: Menina guarani na aldeia Três Palmeiras. Foto: Beatriz Goulart.

Diante desse quadro, como transmitir nossos saberes sobre os *yxyry*, *jopói havã* e *pira*, *yakã*, *para*, *ka'aguy*? As crianças no *tekoa* Três Palmeiras não têm acesso a parte de *mbya arandu*, aos nossos rituais, nossa cosmologia, pois tudo está em conexão. É por isso que os jovens ficam *dovy'ai*, origem de muitos conflitos. É esse *vy'ae'ỹ* que leva o jovem *jepota* o *tekova'i re*. Nós Guarani somos *ovy'a va'e* (*somos alegres*) e *vy'ae'ỹ* prejudica o *orevy'a marãe'ỹ* (lit. 'Ser alegre eternamente').



Figura 3: *Kyringue* no caminho entre Três Palmeiras e Boa Esperança. Foto: Beatriz Goulart.

Já no *tekoa Sapukai* - localizada na região Sul Fluminense, no município de Angra dos Reis (RJ) - a realidade é muito diferente. As *kyringue kuery* têm melhor qualidade de vida, são *kyringue ovy'a*. Diversas vezes eu presenciei as crianças irem pescar juntas, caçarem juntas, irem à cachoeira com os *kyringue* mais velhos, faziam armadilhas. Elas estavam sempre juntas, brincando felizes. Isso fortalece os nossos costumes, hábitos alimentares - por exemplo, em Sapukai tem *jejy* -, tem *opy* com *xamõi*. Em Três Palmeiras tem *opy*, mas não têm *xamõi* e quando precisa-se de seus conhecimentos, convidam os de São Paulo.



Figura 4: Festa de aniversário do centenário de João da Silva, em 25 de janeiro de 2013, Tekoa Sapukai.
Foto: Ana Silva, 2011.

Quando o *tekoa* não tem esses elementos, nossos conhecimentos se perdem. Por isso, volto a repetir as palavras do *xamõi* Verá de Sapukai: "Sem *tekoa* não tem *teko*, sem *teko* não tem *nhandereko*" (Silva, 2013). A transmissão e prática dos *mbya arandu* depende do nosso *tekoa*. Muitos Guarani, hoje em dia, comem peixe do mar porque não tem rio em seus territórios. Não comíamos nada do mar, mas diante dessas dificuldades nos adaptamos à nova realidade. Come-se peixe do mar, porém não é qualquer peixe. Comemos os peixes pequenos e nunca os maiores.



Figura 5: *Ka'aguy mirim* “mata sagrada”. Foto: Ana Silva, 2011.

Nós Guarani aprendemos ouvindo, observando, praticando, acompanhando os mais velhos, sejam eles *kyringue* mais adultos, ou nossos pais, avós, tios. A criança tem que escutar, sentir, observar e isso é feito na prática, através das experimentações desde pequenas. Elas praticam aos poucos, de acordo com a idade. É assim que aprendemos, que conhecemos.

Mbya arandu, portanto, é transmitido em diversos lugares e momentos específicos. Para conhecer nosso jeito de fazer *kokue*, aprendemos no momento da roça, quando fazemos nossas roças. É assim que aprendemos a caçar, pescar, fazer artesanato, etc. Também aprendemos com pessoas diferentes, como vimos.

O nosso jeito de transmitir nossos saberes e ensiná-los é algo especial para nós. Está ligado ao nosso modo de ser Guarani, o nosso modo de educar nossas crianças, ou seja, da *pedagogia guarani e da oralidade*. Temos nossos processos próprios de ensino e aprendizagem. Estes são pouco valorizados nas escolas que funcionam nos *orerekoa*, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo 3: *Oexakarê*: uma embaixada no *tekoa*

As escolas nas aldeias guarani são como o professor Bessa Freire (2013) bem definiu *embaixadas* – retomando a ideia do professor indígena Leonardo Werá Tupã da Escola Indígena de Ensino Fundamental *Kaa Kupe* (aldeia Massiambu/Palhoça, Santa Catarina), numa entrevista para a dissertação de mestrado de Helena Alpini (2009). Segundo Leonardo Werá Tupã, “A escola dentro da aldeia é como se fosse uma embaixada de outro país”.

Por quê? As escolas indígenas deveriam ser mais um lugar de fortalecimento dos *mbya arandu*. São, no entanto, um lugar de opressão, silenciamento da nossa língua, dos nossos saberes, do nosso jeito de ser. Desde 1988, com a Constituição Federal, temos, garantido por lei, o direito a uma escola diferenciada, que respeite o nosso jeito particular de organização escolar, o uso de nossa língua materna e nossos processos próprios de aprendizagem nas escolas, conforme o artigo 210. Direito este garantido também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI).

Na teoria – como os Artigos 210 e 215 da Constituição Federal, que dizem ser DEVER do Estado brasileiro PROTEGER nossas manifestações culturais – as escolas deveriam funcionar como instrumentos de “valorização dos saberes e processos próprios de produção e recriação” das culturas, conforme o RCNEI (2005: 32). Mas, na prática isso não funciona. Daí a metáfora do professor Leonardo Werá Tupã ser bastante pertinente e importante para compreendermos a diferença entre educação indígena, no caso dos guarani aqui estudado, e a educação escolar indígena, completamente diferente do que entendemos por educação indígena guarani. Existe uma diferença muito grande entre educação indígena e educação escolar indígena.

Para que as escolas existentes nos *tekoa* guarani sejam de fato nossas – Guarani – é preciso que elas incorporem a nossa educação tradicional e sejam mais um espaço/lugar – entre os nossos – de fortalecimento do *nhandereko*. A escola é uma embaixada, rigorosamente forte, podemos entendê-la como uma invasão cultural também, no sentido atribuído por Paulo Freire (1987). Para ele, quando acontece uma invasão cultural os

invasores dominam e os invadidos obedecem. Os opressores criam uma série de recursos para dominar e a escola, o sistema único de educação escolar no Brasil também cria mecanismos que nos silenciam, que distorcem nossos costumes. Na verdade, nos oprime, pressiona.

É muito simples de perceber essa opressão, as contradições das escolas indígenas nas aldeias. Na escola de Três Palmeiras, a secretaria de educação colocou uma máquina de ponto digital com o objetivo de controlar a entrada e a saída dos funcionários. Nesse caso, se um professor ou alguém que trabalha na escola ficar doente não há como substituir a pessoa. Isso porque ela teria que passar o cartão em horários determinados. O professor, por exemplo, não pode realizar uma atividade fora da sala de aula, em outro espaço da aldeia. Não podíamos atender ao convite do cacique para participarmos de um mutirão, reunião ou realizar uma caminhada com os alunos. Se sássemos, teríamos um dia descontado no nosso salário.



Figura 6: Escola indígena de Três Palmeiras. Foto: Beatriz Goulart.

Assim, ficava difícil romper as barreiras das salas de aula e transmitir o aprendizado dos *mbya arandu*, por exemplo. Como falar da importância dos *ijá* dentro escola, sem

caminharmos pela aldeia? Como escutar, sentir (*oendu*)? Como nós, professores, temos autonomia para ensinarmos nossos conhecimentos e fugirmos das imposições curriculares das secretarias de educação estaduais?

Nós não temos horário para aprendermos e tampouco um lugar específico e apenas uma pessoa para nos ensinar. Levantamos, nós adultos e jovens, bem cedo – somente as crianças podem acordar mais tarde. Iniciamos o nosso dia tomando chimarrão, fazendo a nossa primeira refeição, sentados em volta da fogueira e ali conversamos sobre nossos sonhos. Os mais velhos sempre nos aconselham, dão as nossas tarefas, nos ensinam constantemente.

Durante o dia, realizamos nossas tarefas e ao entardecer nos preparamos para irmos à *Opy*. Afinal, é preciso agradecer a *Nhanderu* por mais um dia de vida, saúde; é preciso pedir aconselhamentos, rezar, cantar, ouvir nossas *ayvu porã* – nossas palavras boas. A noite é o momento em que as crianças estão com seus pais, ao redor de uma fogueira e ali ensinamos, contamos histórias até elas adormecerem. Por que não podemos ensinar às crianças durante a noite? Por que nossas crianças têm que acordar bem cedo para estarem nas escolas às 7 horas da manhã? As crianças acordam mais tarde, não devem acordar cedo. Durante a noite, as crianças, ao lado dos pais, têm mais atenção, ouvem, ficam em silêncio. Mas, esse nosso costume não é levado em consideração. Por que as nossas escolas Guarani – pelo menos as do Espírito Santos e a de Sapukai – seguem o modelo das escolas *jurua*?

Também percebo uma série de contradições nos Projetos Políticos Pedagógicos – não muda nada, é a mesma coisa dos *jurua kuery*. Os nossos currículos não priorizam os nossos saberes. Como praticar a interculturalidade se não existe diálogo entre a nossa forma de educar e a forma que está sendo imposta aos professores guarani? Para que haja interculturalidade é necessário, primeiro, que os professores indígenas dominem os conceitos dos *jurua*. Afinal, o que é interculturalidade? Eu demorei muito tempo para entender o que isso significa. Depois de ler, conversar com os professores, principalmente o professor Melià, aprendi que interculturalidade é *comparar*, é fazer uma comparação entre o que eu – guarani – penso e o que os outros povos pensam.

Geografia, por exemplo, o que é? Nós Guarani vemos o espaço como nosso mundo (*oretava*), que seria o *amba* – nosso mundo, de onde surgirmos, a nossa origem, o nosso *nhe'ẽ*. Tudo está ligado ao nosso mundo – a terra, o nosso jeito de ser, os animais, as

plantas, água, rio, o ar (*yytu*), as árvores, as frutas, etc. Por isso que todas as coisas nós preservamos, respeitamos, tratamos como parte de nós. Não vamos derrubar uma árvore para lucrarmos com isso. Já para o *jurua*, a geografia é fronteira, é divisão. Por isso, *jurua kuery* têm necessidade de medir, dividir, de obter lucro em tudo. Não todos os *jurua*, mas a maioria deles.

Através de minha experiência, percebo que a educação na escola de Três Palmeiras é como definiu o professor Melià (2010: 216-217) uma “educación para el indígena” e não uma “educación indígena”. O professor Melià faz uma distinção importante entre os dois tipos de educação que nos ajuda a entender o porquê das escolas indígenas guarani serem embaixadas. Reproduzirei aqui o esquema proposto por ele em formato de tabela.

	Educação Indígena	Educação para o indígena
Processos e meios de transmissão	<ul style="list-style-type: none"> - Educação informal e assistemática - Transmissão oral - Rotina de vida diária - Inserção na família - Sem escola - Comunidade educativa - Valor de ação - “Aprender fazendo” - Valor de exemplo - Sacralização do saber - Persuasão - Formação de “pessoa” 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrução formal e sistemática - Alfabetização e uso de livros - Provocação de situações de inserção artificiais - Translado para a sala de classe - Com escola - Especialistas da educação - Valor de memorização - Aprender memorizando - Valor da coisa aprendida - Secularização do conhecimento - Imposição - Adestramento para “fazer coisas”
Condições de transmissão	<ul style="list-style-type: none"> - Processos permanentes durante toda a vida - Harmonia com o ciclo de vida - Graduação da educação conforme o amadurecimento psicossocial do indivíduo 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrução intensiva durante alguns anos - Sucessão de matérias que têm que ser estudadas, dando salto de uma para a outra - Estudo obrigatório de um currículo determinado de antemão para todos
Natureza dos conhecimentos transmitidos	<ul style="list-style-type: none"> - Habilidade para a produção total dos próprios artefatos - Integração dos conhecimentos dentro de uma totalidade cultural - Integração correta na organização tribal nacional 	<ul style="list-style-type: none"> - Manipulação de tecnologia importada e instrumentos de um trabalho - Segmentação dos conhecimentos adquiridos - Adaptação dentro de um estrato ou classe da sociedade
Funções sociais da educação	<ul style="list-style-type: none"> - Integração das gerações com respeito à vida dos velhos - Preservação e valorização do saber tradicional em vista de uma inovação coerente - Seleção e formação de personalidades livres 	<ul style="list-style-type: none"> - Exclusão e troca - Adaptação contínua às novidades, inclusive quando não é compreendida - Massificação no genérico

Por isso, concluo que existem muitos problemas que precisam ser superados quando o assunto são as escolas indígenas guarani. Mas, nós professores indígenas também precisamos fazer a nossa parte. Hoje eu sei o que é interculturalidade e sei transmitir isso aos alunos. Aprendi através dos meus esforços, porque percebi que não posso transmitir as ideias dos *jurua*, sem antes refletir sobre o que elas significam e o que elas implicam para nós Guarani. Nesse sentido, nós professores temos que lutar, nos organizar melhor e reivindicar nossos direitos para conquistarmos nossa autonomia. Só assim nossas escolas serão parte de nós e não embaixadas.

Conclusão: *Nhomongueta, oguata porã rã: dialogar, caminhar juntos*

As escolas que funcionam, atualmente nas aldeias são contradições, distorções do nosso modo de educar, do nosso jeito de ser. Da forma como funcionam, realmente elas são de fato embaixadas. As escolas guarani nos tekoa precisam ser “guaranizadas”, para serem mais um espaço político de fortalecimento do *nhandereko* e transmissão dos *mbya arandu*.

É possível a educação escolar e a educação tradicional guarani construir diálogos, *oguata* – caminhar juntas, sem conflitos. Mas, para isso é preciso ser pensada, organizada, implementada pelos representantes das instituições educacionais brasileiras e por professores e comunidades indígenas.

O sistema educacional precisa *oendu* (escutar) os povos indígenas, suas comunidades e entender e respeitar os contextos locais nas quais estão inseridas. Isso implica criar outro sistema educacional, voltado para atender as especificidades dos indígenas. Só assim teremos uma educação diferenciada, própria de cada povo. O sistema educacional do Brasil precisa deixar de ser único, como o sistema de saúde. Desse modo, é difícil nós Guarani termos autonomia dentro das escolas, é difícil caminhar juntos.

Caminhar juntos exige reciprocidade, caminhar juntos significa somar os dois conhecimentos e não *oguerova joeko* – modificar o mundo do outro. *Nhomongueta, oguata porã rã* – dialogar, caminhar juntos futuramente. É dessa forma que vejo as escolas indígenas! *Opa, ha'evete!*

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Constituição Federal (1988)*. <http://www.legislacao.planalto.br> Acesso em 18 de maio de 2014.

CADOGAN, Léon. *Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guaira*. Boletim 227, Antropologia 5. Universidade de São Paulo, 1945.

BESSA FREIRE, José Ribamar. *I Congresso Internacional América Latina e Interculturalidade*. UNILA. Foz do Iguaçu (Para a). ESCOLA BILINGUE: UMA EMBAIXADA EM TERRITÓRIO INDÍGENA? 2013. (Congresso).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

LEMON BARBOSA, Antônio. *Curso de Tupi antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

MELIÀ, Bartomeu. *Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní*. Paraguai: Ediciones Montoya, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E CONTINUADA. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. MEC/SECAD, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf

PISSOLATO, Elizabeth. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. São Paulo: Unesp Editora: Pronex: Nuti/ ISA, 2007.

ROSA, Helena Alpini. *A trajetória histórica da escola na comunidade guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades*. Dissertação de Mestrado em

História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009. Orientadora: Dra. Ana Lúcia Vulfe Nötzold.

SILVA, Algemiro da. *Mboapy nhandervixa tenondé guá'i oexara'ú va'é kuery Tekoa Sapukai py guá: kaxo yma guare, nhe'ẽ ngatu, nhembojera* (Três sonhadores do Tekoa Sapukai: história, oralidade, saberes). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura do Campo) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

ANEXOS

Glossário

A

Amba – origem do espírito/origem espírito nome

Amã oky – ‘lit. chuva prolongada’. Oky na língua guarani significa chuva, amã chuva com mais alguma coisa.

Ate'ỹja – preguiçosa, preguiçoso

Avaty ty – milharal

Ayvu – palavra

Ayvu reko rei – palavra atoa

Ate'ỹja – preguiçosa

E

Endu – escutar

Ete'i – verdadeiro (forma carinhosa de dizer verdadeiro)

I

Ija – os guardiões de cada coisa da natureza

Ipuru'a – grávida

Ipuru'a va'e – a mulher grávida

Ipuru'ã – umbigo

J

Japyxaka – ouvir/sentir

Jakaira, Tupã, Karai, Nnhamandu – não fui autorizada a explicar e nem traduzir porque não simplesmente traduzir essas palavras. Trata-se de nossos deuses e da origem do nosso Nhe'ẽ, do nosso ser.

Jeju – palmito

Jepota – se encantar pelas coisas ruins ou boas

Jopói – pescar

Jurua kuery – os não indígenas

K

Ka'aguy – matas nativas, fechadas

Kangy – fraco

Kãre – torto/destorcido

Komanda'i – feijão de corda

Kunhatãim – moça

Kunumi – rapaz

Kure'yimba – atívos/abilidades

Kyrin – criança pequena

Kyringue – 'lit. várias crianças pequenas

M

Mbaraete – força, usado também para chamar uma pessoa de forte.

Mbojerovia – fazer valer

Mba'emo vaikue- coisa ruim

Mbya arandu – conhecimentos guarani

Membyryru kue – placenta

Mitã'i – criança

Mitã kuery – os bebês

Mitã pytã'i – criança recém nascida

Mitãmbojaua – parteira

N

Ndovy'ai – não está feliz

Nhanderu – nosso Deus

Nhanderu kuery – nossos deuses

Nhandereko – nosso modo, jeito de ser

Nhandexy – mulher sábia, também chamada de *kunhã karai*.

Nhe'ẽ – fundamento da pessoa Guarani
Nhe'ẽ by'a guaxu – espírito corajoso/espírito forte
Nhe'ẽ kuery – vários nhe'ẽ
Nhe'ẽ guxu – ‘lit. diz-se quando o menino estar no momento de engrossar a voz’
Nhe'ẽ porã – não qualquer nhe'ẽ
Nhe'ẽ poxy – nhe'ẽ pertubardo
Nheengue/oguapy – ‘lit. o momento da primeira menstruação da menina’
Nhemongarai – batismo
Nhevãga – brincar
Nhomongueta – diálogo, conversar entre grupos
Nomoexakã porãi – ‘lit. diz-se quando uma coisa/algo não ficou claro, entendido’

O

Oayvu – amar, gostar/respeitar
Oendu – ouvir, sentir
Oguapyare-no momento de resguardo
Oguata – caminhar
Ogueromã'e – levar se para olhar
Ojai – fazer acontecer coisa ruim com uma pessoa que não respeita o ambiente onde vive, os animais e as plantas.
Ojapyxaka – escutar/ficar em silêncio
Omoexakã – Esclarecer/prever
Omongueta – aconselhar, ensinar
Onhanguereko – cuidar-se
Opy – casa de reza
Orejaryi kuery – nossas anciãs
Orereja – nos deixou
Orereja va'ekue – aqueles que se foram
Orerery – nosso nome
Overa – relâmpago

P

Parakau – papagaio

Pira – peixe

Porã – bonito, lindo, belo

Py'a guapy – tranquiliza/acalmar

R

Rã – partícula designadora de futuro

Reko porã rã – para ser boa pessoa

Roexara'u – sonhamos

T

Ta'yryru – aquele que tem mulher grávida, o pai da criança

Tekoa – aldeia, entre as possíveis traduções

Teko – onde se constrói modo ser guarani

Teko porã rã – 'lit. Modo de ser dos Guarani futuramente' – bem-estar futuro dos Guarani

Teko vai – ser mal

Tenonde – para frente

Toripa vy'a – nas alegria/onde não tem maldade

Tupã kuery onhevãga – os Tupã brincam

V

Va'ekue – era (passado)

Vixo'i – bichinhos

Vy'a – felicidade/alegria

Vy'are'ỹ – tristeza

X

Xamõi – o homem mais velho, sábio

Xará'u – sonho

Xejaryi – nossas avós, também chamamos as mulheres mais velhas

Y

Yakã – água nascente

Yjypy – início/começo

Yvy – terra

Yxyry – água corrente



**JUVENTUDE
E INFÂNCIA**





**JUVENTUDE
E INFÂNCIA**

**BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS
ANTIGOS DOS GUARANI DE
LINHA LIMEIRA, TI XAPECÓ, SC**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
ÊNFASE EM LINGUAGENS

SILVONES KARAI MARTINS

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS ANTIGOS DOS GUARANI DE LINHA LIMEIRA, TI
XAPECÓ, SC

Florianópolis
2015

SILVONES KARAI MARTINS

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS ANTIGOS DOS GUARANI DE LINHA LIMEIRA, TI
XAPECÓ, SC

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para formatura
em Licenciatura Intercultural Indígena do
Sul da Mata Atlântica, sob a Orientação da
Prof^a Helena Alpini Rosa.

Florianópolis
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o(a) acadêmico(a) SILVONES KARAI MARTINS, matrícula n.º 11100108, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Brinquedos e brincadeiras antigos dos Guarani de Linha Limeira, Terra Indígena Xaçepó/SC", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.
Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e seis (26) dias do mês de janeiro, do ano de dois mil e quinze, às 14:30 horas, na Sala 310, do Bloco B, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora, Orientadora Helena Alpini Rosa e Presidente, Professora Ana Luzia Nunes Caritá, Titular da Banca, e Professor Rafael Victorino Devos, Suplente, designados pela Portaria nº 66/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Silvones Karai Martins, subordinado ao título: **“Brinquedos e brincadeiras antigos dos Guarani de Linha Limeira”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Ana Luzia Nunes Caritá, a nota final 10,0., do Professor Rafael Victorino Devos, a nota final 10,0., e da Professora Helena Alpini Rosa, a nota final 10,0.; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 26 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. *Ana Luzia Nunes Caritá*.....

Prof. *Rafael Victorino Devos*.....

Prof. *Helena Alpini Rosa*.....

Candidato *Silvones Karai Martins*.....

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente Nhanderu por nos dar oportunidades, ser força e luz na caminhada, aqui e em todo lugar.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina e à Coordenação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica/LII que possibilitou um curso específico e diferenciado para os povos indígenas e que tornaram muitos sonhos realidade.

Quero agradecer aos professores do curso de LII e aos colegas de jornada, especialmente aos mais próximos que se tornaram amigos, principalmente da turma Guarani.

Agradeço especialmente a minha mãe que sempre me ajudou desde da primeira vez que entrei na faculdade onde ela foi a peça principal, apoio, amiga, compreensiva e lutadora e sempre quis o melhor para mim e sua família.

Junto com minha mãe, também agradecer meu irmão que sempre me ajudou e minha filha que sempre me dá forças e me estimula a continuar.

Agradecer a minha esposa Marieli que sempre esteve comigo me ajudando e me deu Wesley Wera, meu filho que acabou de nascer, que me deu muito mais forças para a conclusão desse trabalho,

Agradecer também a minha professora e amiga Helena, orientadora nessa pesquisa que devo muito a ela também.

A todos que de uma maneira ou de outra contribuíram para que esse trabalho e essa conquista fosse possível, meu muito obrigado!

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar como que são as brincadeiras de antigamente dos Guarani e como teve variações no modo de brincar das crianças. Muitas das brincadeiras não fazem ou não brincam mais. Com esse trabalho vou demonstrar de as maneiras simples de fazer com que crianças se divirtam com poucos materiais, que a própria natureza se encarrega de dar essa diversão, que muito dos brinquedos são importantes para o desenvolvimento das crianças, mostrando que essas formas mais divertidas estão se perdendo e que é um grande valor cultural. O texto mostra que muito dos brinquedos são simples de se fazer, mas que muitos dos pais não ensinam mais seus filhos. Nossos avós nos contam de como eles faziam para brincar com seus amigos e de como que teve mudanças nas formas de brincar, apesar de algumas crianças fazer o uso dos brinquedos tradicionais da etnia Guarani.

Entrevistas de pessoas mais velhas da comunidade contando de como que eram essas brincadeiras fazendo com que elas voltem no tempo e nos contando de como eram os brinquedos e como se brinca, que os brinquedos não é só o objeto em si, mas a forma de brincar buscando esses objetos e fazendo com que ele se torne um brinquedo e assim descobrindo maneiras e formas diferente de ter diversão. Mostrar para profissionais da Educação Física, principalmente das escolas indígenas, mudar os seus planejamentos, buscando essas formas culturais de brincadeiras de acordo com sua etnia ou usando de outras que muitas fazem com que as crianças tenham uma coordenação motora boa e um desempenho maior em toda sua vida.

Palavras- chave: Brincadeiras, crianças, cultura, escola

RESUMO

Kova'e tembiapore ma axaukata mba'exapa kyryngue'i onhevanga yma a'e gui ay pave. Ay ma eta nhevanga kyryngue'i no nhevangavei. Eta mba'e mo ka'aguyre oi va'e re, tae ma kyrynguei o japo o mba'e avykyra. Peixagua o japovyma kyryngue'i arandu porã oguereko aguã ekore tujs peve. Oreramoi kuery ma amombe'u mba'exapo a'e kuery onhevanga yma.

Tuja'i kuery ma arerekoapygua omembe'u mba'e xapa a'e kuery onhevanga yma. A'e kuyry ma ijayva avei mba'exapa ore kyryngue'i kuyry rombo'e va'e ro japo aguã. Mba'exapa rombopara aguã kyryngue'i kuery tekore o gueraa aguã tuja'i peve.

Ayvu: Nhevanga, Kyryngue, Teko, Nhembo'eaty.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – <i>Mondepy</i>	16
Figura 02 – Carrinho de Varaneira	17
Figura 03 – Alunos brincando no cipó	18
Figura 04 – Entrevista com Ari Mariano	22
Figura 05 – Aluna balançando no cipó	24
Figura 06 – Armadilha Mondeo	25
Figura 07 – Armadilha Mondepy	25
Figura 08 – Aluno Wagner na árvore	26
Figura 09 – Carrinho de varaneira	27
Figura 10 – Varaneira	28
Figura 11 – Carrinho de sabugo de milho	28
Figura 12 – Carrinho de Varaneira	29
Figura 13 - Mangá	30

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS _____	05
RESUMO EM PORTUGUÊS _____	06
RESUMO EM GUARANI _____	07
LISTA DE FIGURAS _____	08
SUMÁRIO _____	09
INTRODUÇÃO _____	10
I CAPÍTULO - Os brinquedos e brincadeiras no contexto da Comunidade Guarani de Linha Limeira _____	13
1.1. Histórico e contexto da Comunidade _____	13
1.2. Estágio: motivador do tema Brinquedos e brincadeira _____	15
II CAPÍTULO - Brinquedos e Brincadeiras na vida cotidiana _____	19
2.1. Características e necessidades das crianças _____	19
2.2. Formas e tipos de brincadeiras em geral _____	20
III CAPÍTULO - Brincadeiras e Brinquedos tradicionais Guarani _____	21
3.1. Como eram as brincadeiras Guarani _____	21
3.2 Brinquedos e brincadeiras de hoje _____	23
3.3 Tipos de brinquedos e brincadeiras tradicionais Guarani _____	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	32
REFERÊNCIAS _____	33

INTRODUÇÃO

Meu nome é SilvonesKarai Martins, nasci no dia 24 de agosto de 1987, moro na Terra Indígena Xapecó na aldeia Linha Limeira no município de Entre Rios – SC. Sou do povo Guarani. Meus pais são Marisete F. dos Santos e José Martins. Atualmente moro com minha mãe, pois meus pais são separados e tenho um irmão Josiel Poty Martins que recentemente foi aprovado no vestibular da UFSC em Análise de Sistemas. Tenho dois filhos: Francieli A Martins e Weslei Wera N. Martins.

Não tive a oportunidade de estudar sempre em Escola indígena por motivo que na época, por volta de 1999 não tinha o ensino básico de educação nas aldeias Guarani, e com isso tive que estudar fora da aldeia. Perdi muito conhecimento da minha cultura, mas estou correndo atrás para reverter isso. Nas escolas não indígenas se tem uma educação muito diferente da nossa, apenas estudam o que é de sua realidade, mas não perdi totalmente porque minha mãe sempre valorizou a nossa cultura, como ela é falante da língua materna Guarani e sempre dava conselhos para que não escondesse a minha identidade. Cursei a minha primeira faculdade na Universidade do Oeste de Santa Catarina /UNOESC – em Xanxerê, SC. Passei no vestibular em Pedagogia onde estudei até o primeiro semestre e depois mudei para Educação Física onde frequentei até o 8º período, mas não concluí por motivo que fui aprovado no vestibular da UFSC no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Sou Professor na Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro há mais de sete anos, entrei na educação após me formar no Ensino Médio.

Minhas expectativas neste curso são, uma vez sendo Intercultural, posso adquirir mais conhecimento da minha cultura e demais, assim posso levar esse conhecimento à minha comunidade e ajudar. Sendo professor posso levar formas diferentes de ensinar as crianças a ter uma visão maior e valorizar mais sua Cultura.

O tema do Trabalho de Conclusão de Curso é: Brinquedos e Brincadeiras Antigos dos Guarani de Linha Limeira, TI Xapecó, SC. Tem como objetivo geral conhecer o valor cultural das brincadeiras Guarani de antigamente, produzindo brinquedos e realizando práticas especialmente nas aulas de estágio na comunidade e na escola. Ainda se pretende os seguintes objetivos específicos: Identificar os processos de fabricação dos brinquedos antigos (peteca, arco e flecha, armadilhas, bonecas confeccionadas com abóboras, com milho e outras brincadeiras na mata; elaborar material didático a partir dos dados obtidos; entrevistar os mais velhos e os jovens; identificar que brinquedos as crianças usam hoje e antes.

Hoje nas aldeias, a Educação Física não inclui atividades físicas com conhecimento indígena. Devido grande quantidade de brinquedos industrializados as crianças não conhecem os brinquedos e brincadeiras antigos e as histórias que elas carregam. Com isso pretendo buscar essas formas de brincar, como nossos avôs brincavam e o que faziam para se divertir quando eles eram crianças.

O que me motivou para fazer essa pesquisa foi porque eu acho que a educação física se apresenta muito sem conteúdo nas escolas indígenas, com isso pretendo elaborar materiais didáticos para ajudar os profissionais da área. Ainda se trata de um tema muito importante para mim por vários motivos, o de aprimorar o meu conhecimento pela minha cultura Guarani, e também estar ajudando a minha comunidade, principalmente as crianças que o ganho para elas será muito importante culturalmente.

O **RCNEI** – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas foca numa educação diferenciada, desde sua criação no ano de 1998. No entanto, hoje em dia a disciplina de Educação Física no ensino escolar não inclui os conhecimentos culturais Guarani na hora de desenvolver o desempenho físico e motor nas crianças. Nesse sentido, a presente pesquisa visa contribuir a partir dos conhecimentos dos mais velhos, para que isso tenha como finalidade ajudar vários profissionais da área, tanto nas escolas indígenas Guarani, como nas demais escolas indígenas a elaborar suas atividades e contribuir para que essa riqueza cultural não se perca e que sempre seja lembrada.

Irei trabalhar alguns brinquedos que são importantes para nossa cultura Guarani, como o Mangá (peteca), que para nos Guarani é muito importante culturalmente, porque alguns mais velhos contam que a peteca até Nhanderu brincava com ela, ela faz com que o desempenho, habilidade e atenção das crianças e jovens aumentam e com isso as crianças cresçam saudáveis. O Mangá (peteca) é feito com palha de milho, os mais antigos faziam apenas na colheita do milho. Como o tempo de colheita é festa, todos participavam dessas brincadeiras. Agora é difícil ver as crianças brincando com esses tipos de brinquedos e brincadeiras de antigamente. A peteca tem a mesma finalidade antes e agora, mas muitos não sabem o valor cultural dela. Como o arco e flecha, as armadilhas, que antigamente só os guerreiros usavam para se proteger de inimigos e passam com o tempo, a ser um tipo de brincadeiras para as crianças, para que desde pequenas elas tenham essas habilidades, que sejam bons guerreiros. Todas essas experiências vou adquirir e pesquisar com os mais velhos da minha comunidade Guarani. Os mais velhos da comunidade serão muito importantes para realização desse Trabalho de Conclusão de Curso/TCC.

Como são poucos trabalhos realizados do povo Guarani com este tema, pretendo levar

isso a conhecimento de todos os povos, e que poderão ser trabalhados na área de Linguagens, que é a terminalidade do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, no qual proponho esta pesquisa. Porém é um tema que pode ser adaptado a outras terminalidades.

O trabalho de campo se realizou na aldeia Linha Limeira durante os meses de junho, julho e agosto de 2014, através das memórias das pessoas mais velhas da Comunidade. Essas memórias serão expressas em forma de entrevistas com os mais velhos da aldeia, realizando o registro de áudio e de imagem, quando possível. Ainda será considerado conversas na casa de reza, nas rodas de chimarrão e relatos orais de pessoas que conhecem as brincadeiras antigas Guarani.

Pretende-se gravar e transcrever as histórias dos brinquedos e suas formas de brincar entre os antigos.

Desenhar e/ou as etapas da elaboração dos brinquedos antigos.

Esse TCC será um ganho muito importante para a Escola Indígena de Ensino Fundamental Mbya Limeira, da nossa comunidade, porque além de ajudar os professores a ter um material a mais, terá conteúdo e história da comunidade.

Espera-se também que não fique só na escola mas que toda a comunidade tenha o acesso a essas brincadeiras e brinquedos, que não se perca essa importante pesquisa do povo Guarani.

Aqui irei usar também as pesquisas que fiz nas aulas durante o estágio já pude aprimorar mais minha pesquisa com as experiências vivenciadas no estágio.

O presente trabalho está dividido e apresentado aqui em três capítulos conforme o que segue. No primeiro capítulo vou desenvolver o histórico da aldeia de Linha limeira, e de como e a organização de como e a vida, e de como foi a experiência de estagio para a realização do trabalho que foi um grande motivador, que onde pude aprender muito nas entrevistas e com as crianças.

No segundo capítulo será abordado a necessidades de como as brincadeiras são feitas pelas crianças, que não muito da necessidade mas sim por um modo de brincadeira mais natural de acordo com a cultura, e as formas de brincar e de como e passada essas brincadeiras para as crianças.

No terceiro e último capítulo será descrito as formas de brincadeiras da etnia Guarani e que tipo de brincadeiras que as crianças gostam de fazer e ou aprenderam e que onde e passada essas brincadeiras de antigamente que como antes não se tinha acesso aos brinquedos industrializados.

I CAPÍTULO

Os brinquedos e brincadeiras no contexto da Comunidade Guarani de Linha Limeira

1. 1. Histórico e contexto da Comunidade

A aldeia Linha Limeira está localizada na Terra Indígena Xapecó/TIX no município de Entre Rios - SC, é uma pequena porção de terra que há muito tempo os Guarani utilizam, dentro da TIX que é de predomínio Kaingang. A comunidade Guarani abrange 660 ha do total de 15.623ha da TI Xapecó, homologada em 1999.¹

São aproximadamente 50 casas com duas igrejas evangélicas e uma casa de reza, Opy (construída recentemente). Ainda, funciona desde 19 de janeiro de 2006 um Posto de Saúde que dispõe de atendimento diário para a população e uma Escola de Ensino Fundamental denominada Mbya Limeira que funciona desde o final da década de 1970 e que dispõe de três professores e uma funcionária, atendendo 28 estudantes na sua maioria Guarani. Vivem na comunidade 53 famílias, sendo 23 Kaingang e 30 Guarani, num total de 197 pessoas entre adultos homens e mulheres, crianças e jovens. O total de pessoas Guarani somam 123, destes 41 são mulheres e 40 são crianças de 0 a 12 anos, sendo 22 meninas e 18 meninos. O número que resta, são de homens, pois após a puberdade tanto a menina, quanto o menino são considerados adultos e prontos para o namoro e casamento.²

A aldeia tem esse nome, por motivo que quando os Guaranis foram morar nessa terra foi encontrada muitos pés de lima (fruta) com o passar dos tempos por todos falarem isso, ficou conhecida como Aldeia Limeira. São diversos os relatos de pessoas que em algum momento viveram ou ainda vivem na comunidade de Linha Limeira. Essas famílias se estabeleceram em um espaço extremo da Terra Indígena Xapecó, pertencente ao povo Kaingang, hoje chamado Paiol de Barro, mas que à época, era chamado de Aldeia Guarani, pois marcava a diferença em relação ao povo Kaingáng da TI Xapecó. Era a forma encontrada para identificar a comunidade como não pertencente ao grupo maior localizado naquela região. Com o decorrer do tempo e devido às diferenças existentes entre os dois povos, as famílias Guarani passaram a formar a

¹ A Terra Indígena Xapecó tem uma extensão de 15.623 hectares abrangendo os municípios de Ipuauçu e Entre Rios. Foi Homologada em 1991 e Declarada através da Portaria MJ 799/07. BRINGHENTI, Clovis A. "Terras Indígenas em Santa Catarina". In: NÖTZOLD, Ana Lúcia, ROSA, Helena Alpini e BRINGMANN, Sandor Fernando (Org). **Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. pp. 255-277.

² Dados coletados no Posto de Saúde da Comunidade de Linha Limeira 2014.

comunidade que hoje é a Linha Limeira.

Na aldeia não tinha uma Opy (casa de reza), e com uma ajuda da Organização Não Governamental/ONG chamada Outro Olhar, elaboraram um projeto para a construção.³ Essa ONG atua até hoje na aldeia com projetos de sustentabilidade para a comunidade. Neste sentido, foi um ganho muito importante para a nossa cultura, e ainda, nossa aldeia está também desenvolvendo mais um projeto de reflorestamento para a preservação das nascentes das águas que existem na aldeia, foi plantado e está sendo plantadas árvores nativas e frutíferas. Estão sendo plantadas junto às nascentes e ao redor das casas. Ainda tem uma grande quantidade de mata na aldeia. Essa terra onde se situa a aldeia Guarani é uma Terra Indígena Kaingang e foi feito uma divisão em que os Guaranis moram de um lado e os Kaingang do outro.

As primeiras famílias chegaram ao local na década de 1920 oriundas de vários lugares seguindo uma das características específicas do povo Guarani de migração constante em múltiplas direções.

Hoje já não há mais pés de lima, devido às formigas atacar e matarem os pés que não foram replantados. Há sim muitos pés de bergamota, mas para as famílias da comunidade isso já não importa mais. Através do projeto de reflorestamento “Tekoa Sustentável” já foi realizado o plantio de mudas de árvores frutíferas, entre as quais mudas de limeiras. Há na aldeia, duas áreas contendo pomares, resultado do plantio dessas mudas.⁴ Em toda a extensão da comunidade, se pode perceber próximo às casas de moradia, plantas frutíferas como bananeiras, bergamoteiras, laranjeiras. Há também pequenas roças de milho “cateto” (milho tradicional Guarani, também chamado de milho nativo), mandioca, batata-doce, amendoim, cana-de-açúcar e feijão e lavouras com produção mais extensa de milho, trigo e/ou soja. Há também uma grande área de mata nativa preservada, na qual ainda se utiliza a caça de aves e animais silvestres para consumo alimentar das famílias. A mata também serve para coleta de matéria-prima para o fabrico de artesanato e fornece algumas ervas medicinais e de alimentação. A aldeia toda é rica em fontes de água, inclusive cortada pelo rio que também leva o nome da comunidade.

O projeto de reflorestamento envolve toda a comunidade para auto sustentabilidade. A partir desse projeto, está sendo recuperadas as nascentes da aldeia Linha Limeira, estão sendo

³ O Projeto de reflorestamento “Tekoa Sustentável” está sendo desenvolvido desde janeiro de 2013 e tem como característica a sustentabilidade. As comunidades de Linha Limeira/SC, Tapixi e Okoy/PR realizaram parceria com a Associação de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento Humano – Outro Olhar, juntamente com a Shishu e a Província Independente de Trento/Itália que formam a rede de solidariedade Popytyguá. O projeto visa trabalhar a sustentabilidade ambiental a partir de uma visão duradoura, sensibilizadora e formadora, permitindo a continuidade das ações iniciadas. Conforme Blog: <http://aoutroolhar.blogspot.com.br>. Acesso em 04.11.2014.

⁴ Idem, ibidem.

plantadas árvores nativas e frutíferas para que os jovens de hoje se conscientizem para que elas não cortem as árvores, mas que plantem mais.

1.2. Estágio: motivador do tema Brinquedos e brincadeiras

Sempre há algo mais forte que leva a gente a fazer a pesquisa em determinado tema. O que me motivou a escolher esse tema sobre os brinquedos e brincadeiras tradicionais Guarani é que comecei a observar nas crianças de meu povo, de como elas brincavam e com o que elas brincavam, quando comecei a fazer a faculdade de Educação Física, e o tema não saía da minha cabeça. Minha curiosidade era de como funcionava o desempenho motor dessas crianças Guarani, nas aulas de Educação Física. Percebia-se que elas estavam perdendo vários tipos de brincadeira tradicionais; era só bola de futebol e mais nada.

Sabe-se que muitos dos professores sempre fazem a mesma coisa, não trabalham nada de diferente e muitas das crianças estão perdendo as formas de brincadeiras e brinquedos tradicionais. Por isso, quando comecei o curso na UFSC, de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica e desde que começaram as aulas do estágio, eu vim com esse propósito de buscar e levar essa pesquisa a diante e o estágio foi um grande motivador, pois com as aulas que ministrava vi o interesse das crianças com as brincadeiras e brinquedos tradicionais. Pude observar também, que muitas das crianças fazem as brincadeiras tradicionais por não terem o acesso a outros tipos de brinquedos e brincadeiras. Com o estágio percebi mesmo que o tema seria importante, e com isso, já realizei várias pesquisas que fiz com os mais velhos, o que foi muito motivador. Nas aulas de estágio dava para ver que as crianças estavam se divertindo muito, que algumas já faziam isso, mas não estavam mais praticando, que alguns dos motivos eram a televisão e alguns que brincam apenas com joguinhos no celular e vídeo game.

A foto abaixo exemplifica um pouco do que estou afirmando. Nela podemos perceber um dos alunos preparando o *Mondepi* (armadilha usada para pegar passarinhos).



Figura 1 – Foto de *Mondepi* com o Aluno Guarani Cosmo da Silva, de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 12/08/2012 (acervo pessoal).

O estágio que realizei foi no contra turno com o tema brinquedos e brincadeiras Guarani de antigamente que fiz um projeto para realizar, onde aluno do ensino fundamental serie iniciais e finais e ensino médio onde no estágio I e II fiz na Escola Indígena de ensino Fundamental Mbya Limeira, com alunos de 3º 4º e 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental e o estágio III e IV realizei com alunos Guarani 7º e 8º anos do Ensino Fundamental e 1ª série do Ensino Médio que frequentam a Escola Indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro⁵, ambas escolas indígenas pertencentes ao município de Entre Rios/SC. Optei em realizar todos os dois estágios na aldeia de Linha Limeira, através de um projeto no contra turno.

Realizei na aldeia por motivo que meu foco foi os Guarani e na aldeia é que encontro as fontes de pesquisa, os mais velhos. As entrevistas que fiz me motivou muito. Além do estágio ser um grande ponto para a pesquisa, pude usar no trabalho fontes ricas. E com isso observei que em todas as aulas as crianças e os jovens obtiveram um ganho muito importante para eles, de ter as conversar com os mais velhos, e brincar com essas brincadeiras e brinquedos tradicionais da cultura Guarani. Elas souberam aproveitar tudo que passei e com isso poderão

⁵ A EIEF Paiol de Barro é uma escola indígena que atende alunos Kaingang. Os Guarani, após os anos iniciais do E. Fundamental frequentam esta escola, pois ainda não teve a ampliação para o Ensino Fundamental de nove anos.

ajudar futuramente para que não se perca esse valor cultural.

O estágio I e II foi desenvolvido com 08 crianças, meninos e meninas, que tinham entre 07 e 11 anos de idade, no pátio da escola e na aldeia, pois necessitou de coleta de matéria prima na mata. Foram desenvolvidos brinquedos e brincadeiras que junto com os alunos realizamos a primeira etapa desses brinquedos. Os mais velhos nos contaram, como mostra a foto a seguir, alguns dos brinquedos feitos pelas crianças.



Figura 2 – Foto dos brinquedos, **carrinho de varaneira** e **“revolvinho” de taquara**, de Silvonos K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 13/08/2012 (acervo pessoal).

Já o estágio III e IV foram desenvolvidos **com 10 adolescentes**, entre 12 e 15 anos e as atividades foram realizadas no pátio da escola e demais espaços da aldeia onde fomos fazer entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade, que nos contaram com o que elas se divertiam quando tinham a idades deles. Fizemos alguns brinquedos e a maioria das brincadeiras foram desenvolvidas na mata, pois era assim que os mais velhos brincavam no seu tempo de crianças e adolescentes, sempre junto à natureza e com o que ela proporcionava. Brincar de se balançar e se jogar de um cipó, por exemplo, era muito comum. Até hoje as crianças e adolescentes Guarani e até mesmo de outros povos que dispõem nas suas terras de matas, brincam com cipós. Na foto abaixo mostra um pouco de como é essa brincadeira, aqui desenvolvida pelo grupo com o qual realizei o estágio.



Figura 3 – Foto dos alunos **brincando no cipó**, de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 16/09/2014 (acervo pessoal).

II CAPÍTULO

Brinquedos e Brincadeiras na vida cotidiana

2.1. Características e necessidades das crianças

Os brinquedos e brincadeiras fazem parte do mundo e da vida de qualquer criança. Através dos brinquedos e brincadeiras, a criança vai estabelecendo contato com o mundo e com a realidade dos adultos, especialmente na relação com os outros, seus familiares, seus parentes, e com o meio em que vive. É por meio da brincadeira que a criança se expressa, interage, investiga e aprende sobre o mundo e as pessoas, constroem sentidos sobre a natureza e a sociedade produzindo cultura. As brincadeiras são fundamentais para a formação da identidade individual e coletiva da criança e brincar se constitui um direito a toda criança.

Para a criança, brincar é uma necessidade. Assim como precisa de amor, atenção, alimento, sono, ela também precisa brincar. O brincar é uma ação livre e que dá prazer e surge a qualquer hora. Pode ser uma atividade individual ou coletiva. Brincar dá poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e ao mundo. A brincadeira é uma ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

Isso se aplica para toda e qualquer criança. Com as crianças Guarani não é diferente.

Os meninos e meninas Guarani são ágeis nas brincadeiras e na comunicação, acessam a internet e redes sociais e não apresentam temor ou medo frente aos perigos que porventura possam aparecer nas andanças pela aldeia e arredores. Elas têm um comportamento independente que é descrito por Schaden: “A criança Guarani se caracteriza por notável espírito de independência. Na medida em que lho permite o desenvolvimento físico e a experiência mental, participa da vida, das atividades e dos problemas dos adultos”⁶

A maioria das crianças Guarani da Linha Limeira e de outras aldeias também, não têm acesso aos brinquedos industrializados, por motivo de não terem como comprar, mas de certa maneira, isto é bom, porque assim os brinquedos e as brincadeiras tradicionais não serão esquecidos. Muitas das crianças na aldeia, sempre buscam recursos para brincar na aldeia. Alguns brinquedos industrializados não suportam e não duram por muito tempo, assim elas buscam maneiras de estar fazendo seus próprios brinquedos e com eles realizam diferentes brincadeiras. Um brinquedo feito de madeira era e será mais resistente e suportara mais do que

⁶ SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1962, p.67.

um industrializado, mas como muito de seus pais trabalham, eles não têm tempo para ensinar seus filhos a fazerem esses brinquedos. Muitos não sabem se divertir na mata, ou até mesmo com uma simples folha fazer um brinquedo. O que se constata com isso é que as crianças estão perdendo muito e, será que é culpa dos pais? São muitos os fatores que contribuem para que essa perda aconteça. O mundo está sempre mudando, assim como a cultura também se modifica, é que muitas dessas brincadeiras estão sendo extintas. No entanto, na memória dos mais velhos ainda existe, e por isso que temos que aprender com eles e levar isso para gerações futuras para que essa riqueza não se perca.

2.2. Formas e tipos de brincadeiras em geral

As brincadeiras tradicionais são aquelas que passam de geração para geração. Muitas delas existem há muito tempo, no tempo dos *Xeramois* (nossos avós). Algumas passaram por modificações de acordo com a região e a época, devido às mudanças e ausência da matéria prima, porém, a essência das brincadeiras continua a mesma da origem. Grande parte das brincadeiras tradicionais envolve disputas individuais ou em grupos. Possibilitam também a integração, o desenvolvimento social e motor das crianças e são importantes para entender o mundo e a cultura que vivenciam.

A preservação destas brincadeiras é muito importante para a manutenção da cultura. Que muitas das brincadeiras que conhecemos hoje ela é muito forte da cultura indígena que com ela que foram feitas várias brincadeiras por exemplo a peteca, que muitos dos *jurukuery* (não indígenas) fabricam e vendem esse brinquedo, também o arco e flecha a lança que dos não indígenas e o dardo que são esportes de alto nível, assim os indígenas não estavam preocupados em competir, valendo alguma coisa, mas sim de diversão e de regras que inventavam para que essas brincadeiras ninguém pudessem enganar um ao outro.

Muitos falam de brincadeiras, muitos livros mostram variedades de brincadeiras que podemos fazer, mostrando cada etapa de como fazer tal brinquedo ou brincadeira. Nas brincadeiras indígenas as crianças não têm passo a passo, elas inventam, criam a determinada brincadeira e muitos dos mais velhos contam que eles não tinham noção de como brincar então eles inventavam as maneiras e formas de brincar.

III CAPÍTULO

Brincadeiras e Brinquedos tradicionais Guarani

3.1. Como eram as brincadeiras Guarani

As crianças Guarani (*kyringue*), assim que levantam ficam alegres, brincam, cantam tomam banho, conversam, estudam, comem, andam, gritam, pulam, passeiam. Nas aldeias em que há casa de reza, dançam e cantam o *Xondaro*. Um dos brinquedos mais antigos dos Guarani, é o andador, que além da finalidade de ajudar a criança a andar também é lúdico. O andador de criança são pauzinhos fincados, usados pela criança até andar direito. O andador é muito bom, pois auxilia a criança a ficar forte e andar mais rápido.⁷

Antigamente os Guarani viviam mais na liberdade e inventando maneiras de se divertir, como não se tinha o acesso a outras formas de brinquedos industrializados, não uma necessidade, mas sim, maneiras mais divertidas. Os mais velhos contam que quando eram crianças eles procuravam maneiras de se divertir no espaço da aldeia ou fora dela, faziam várias formas de brincadeiras e brinquedos com madeiras, milhos e na mata, essas maneiras de brincar eram feitas a muito tempo. Essas brincadeiras eram feitas pelos pais das crianças que ensinavam elas todo em um processo oral, que os pais faziam e mostravam várias formas de brincar na mata. Eram brincadeiras sempre relacionadas ao dia a dia da comunidade.

Existem várias formas de brincar e além de ter matérias primas para a fabricação dos brinquedos. As armadilhas era uma forma muito interessante de brincadeiras, que as crianças inventavam e que muitos dos mais velhos falaram que pra eles era uma forma muito boa de brincar. Seus pais faziam os brinquedos e eles aprendiam e se tornava um brinquedo frequente que depois de feito, inventavam as várias formas de brincar com a armadilha e além de fazer o uso da caça, que para eles era uma diversão sem tamanho. Muitos montavam grupos e entravam mata a dentro e enquanto esperavam que algum passarinho caísse nas armadilhas, eles subiam em árvores e pulavam de galho em galho, subiam em árvores, se balançavam em cipós e assim eles inventavam as regras das brincadeiras. Já as meninas brincavam com abóboras e com espigas de milho, que com um pano faziam bonecas. Além disso, todos gostavam de brincar na chuva, no barro, nadar nos córregos e no rio brincavam de pega-pega, pulavam de cima das

⁷ BARROS, Armando Martins; CASTRO, Renata Pinheiro (orgs.). **Ara Reko Memória e temporalidade Guarani**. Tradução para português de Ruth Monserrat e Algemiro Silva KaraiMiri. 2ª Edição. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005. Pp. 51 e 52.

árvores na água. Eram brincadeiras que hoje são classificadas, na linguagem da Educação Física como “brincadeiras de atividades naturais”: correr, saltar, subir em árvores, nadar.

A seguir temos um trecho da entrevista de Ari Mariano que relata como se brincava no tempo de nossos pais.

Quando eu era pequeno brincava de várias formas. Nós pegava os sabuguinho de milho colocava uma madeirinha no meio, pegava uma taquara e brincava de carrinho. A nossa brincadeira que nós gostava mais é brinca de macaco nas árvores, pulando de galho em galho, e não podia cair, nós procurava as árvores mais fortes, que não quebrasse, como a rabo de bugio e açoita pulando de galho em galho, e também nós brincava de fazer armadilhas no mato brincando e aprendendo. Tinha um joguinho, quem pegava mais passarinho que o outro, e para contar quem pegava mais durante a semana, nós guardava os pezinho dos passarinhos, fazia uma aposta quem pegava mais e pesca também, quem pescava mais, nada no rio quando nós tinha 10 a 14 anos nós nadava muito, como nós não tinha como compra, nossos brinquedos eram naturais. Brincar no rio, subir em árvores, brincar na chuva... como nós não tinha nada dessas tecnologias, celular, internet, nossas brincadeiras eram naturais, agora não sei o que as crianças gostam de brincar, mas nós, era essas brincadeiras. Na escola nos gostava de jogar *buti* (jogo com pedrinhas). Hoje muitos não dão importância a essas brincadeiras, as crianças não se importam e não pedem a seus pais. Só querem saber de joguinhos de celular. Levar essas brincadeiras pra escola, montar pesquisas com os mais velhos pra que não se percam essas brincadeiras tradicionais.⁸

A entrevista foi realizada embaixo das árvores, próximo à casa do senhor Ari Mariano, como mostra a foto a seguir.



Figura 4 – Foto do **Senhor Ari Mariano**, de Silvonês K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 15/09/2014 (acervo pessoal).

⁸MARIANO, Ari. **Entrevista concedida a Silvonês Martins**. Linha Limeira, Entre Rios, 14.10.2014.

A fala de Ari Mariano demonstra que no tempo dele já havia modificações e adaptações, em um processo de troca intercultural com o meio em que os Guarani costumam viver. A queixa pelo uso de brinquedos eletrônicos nos celulares e outros aparelhos não chega a ser uma grande preocupação, pois ainda praticam muitas atividades naturais, mesclando as brincadeiras tradicionais e recentes.

É importante relatar aqui um pouco sobre as entrevistas que realizei nesta pesquisa. Assim como o Senhor Ari, as demais pessoas que colaboraram para que este trabalho ficasse pronto, são moradores mais antigos da comunidade e são Xeramois que conhecem bem a cultura Guarani e conhecem a história da comunidade. Todos eles vivenciaram os formas e tipos de brinquedos e brincadeiras aqui relatadas. Comparam com facilidade o modo de vida de antigamente e como se vive hoje em todos os aspectos, não somente a respeito dos brinquedos e brincadeiras.

3.2 Brinquedos e brincadeiras de hoje

Nas brincadeiras e brinquedos de hoje, como vi nos estágio II, III e IV, muito das crianças não sabem ou nunca viram essas brincadeiras de antigamente, foi um ganho muito importante o resgate junto com as crianças, de maneiras diferentes de que eles estavam acostumados a se divertir. Muitas delas ficam em casa apenas assistindo ou jogando vídeo game, e não saiam para se aventurar na mata ou mesmo fora de casa. Com o estágio que fiz, elas estavam tão felizes, que mesmo depois do horário que estava programado para o estágio, nós ficamos até mais tarde. Ainda, elas não viam a hora de chegar ao outro dia, para novamente ir brincar. É que muitos dos brinquedos e das brincadeiras das crianças, estão muito restritas. Os próprios pais não deixam seus filhos saírem se divertir com outras coisas, e isso faz com que muitas das brincadeiras e brinquedos estão se perdendo, e que muitos jovens não sabem nadar, não sabem inventar uma brincadeira. Com os jovens, quando fiz o estágio, eles falavam como é divertido brincar na mata, subindo em árvores, se balançando nos cipós é muito bom, e nós só ficamos em casa nos fins de semana, estamos perdendo muita diversão. A foto a baixo mostra o divertimento dos jovens na mata, na brincadeira com o Cipó.



Figura 5 – Foto da aluna se **balançando no cipó**, foto de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 16/09/2014 (acervo pessoal).

Nas brincadeiras na mata, com as atividades naturais, os jovens demonstram muito mais a alegria e o entusiasmo de viver.

3.3 Tipos de brinquedos e brincadeiras tradicionais Guarani

3.3.1 *Monde*

O *Monde* é uma armadilha muito antiga dos Guarani, a usavam para caçar, é feita de madeira e cipó, para pegar tatu e outros animais que caírem na armadilha montada. O *mondeo* é feito da seguinte maneira: é cortado um tronco de árvore, quanto mais pesado melhor, e várias varinhas de madeira, ou de taquara, que é cercado apenas as laterais e as duas pontas do tronco são erguidas ou apenas uma ponta. O *Monde* é montado no caminho da caça, dos bichos, para que quando a madeira cair, a caça não fuja. Os mais velhos contam que era uma das maneiras de brincar, quando iam a mata. Essa armadilha é feita por jovens que são mais fortes. As crianças iam ajudar apenas no rodear a armadilha e era onde eles brincavam com seus irmãos ou amigos para ver quem enfileiram nas laterais mais rápido, contam que era muito divertido. A foto a seguir mostra de como é essa armadilha. Essa foi montada com os alunos do estágio, realizamos todo o processo, para que os alunos experimentassem não apenas a brincadeira, mas a montagem do brinquedo.



Figura 5 – Foto da **Armadilha Monde**, de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 16/09/2014 (acervo pessoal)

O brinquedo também tem utilidade prática, além de ser uma diversão a montagem e a espera de um bicho desavisado cair na armadilha, serve também como caça, fazendo parte da alimentação da família, ou do grupo que fez o *Monde*.

3.3.2. Mondepi



Figura 6 – Foto da **Armadilha Mondepi**, de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 12/08/2012 (acervo pessoal)

O *Mondepi* é uma armadilha pequena, é o diminutivo de *monde*, que é feito pelas crianças para pegar passarinhos. Antigamente eles usavam para a diversão e para conseguir alimento para a comunidade, os mais velhos contam que quando seus pais iam para a mata eles iam junto enquanto seus pais faziam o *monde*, faziam o *mondepi*, como forma de se divertir, mas para também capturar alimento. O *mondepi* é feito com madeira ou taquara que são cortadas em pequenas varas ou taquaras para rodear, deixando uma abertura para que o passarinho entre, é usado um tronco mais fino e de uma outra haste menor que fica acima apoiada por uma forquilha para segurar a grande. Quando o passarinho entra, é desarmada, pois ele pisa em uma varinha bem fina. A foto a seguir demonstrara o que estou afirmando. Esse *Mondepi* também foi confeccionado junto com os alunos no estágio.

Das brincadeiras na mata, essa era uma das brincadeiras que os mais velhos contam que era a mais divertida que como eles iam na mata fazer as armadilhas eles aproveitavam o tempo até cair algum passarinho na armadilha eles subiam nas árvores passando de um galho para outro como na foto a seguir mostra o aluno Wagner Mariano na árvore para passar de galho em galho. Se balançar nos cipós e quando iam para o rio nadar, iam correndo e subiam nas árvores menor e subiam e arcavam a árvore e até ela ficar perto do chão, e no rio subiam nas árvores e pulavam na água. Muitas dessas brincadeiras, poucos brincam.

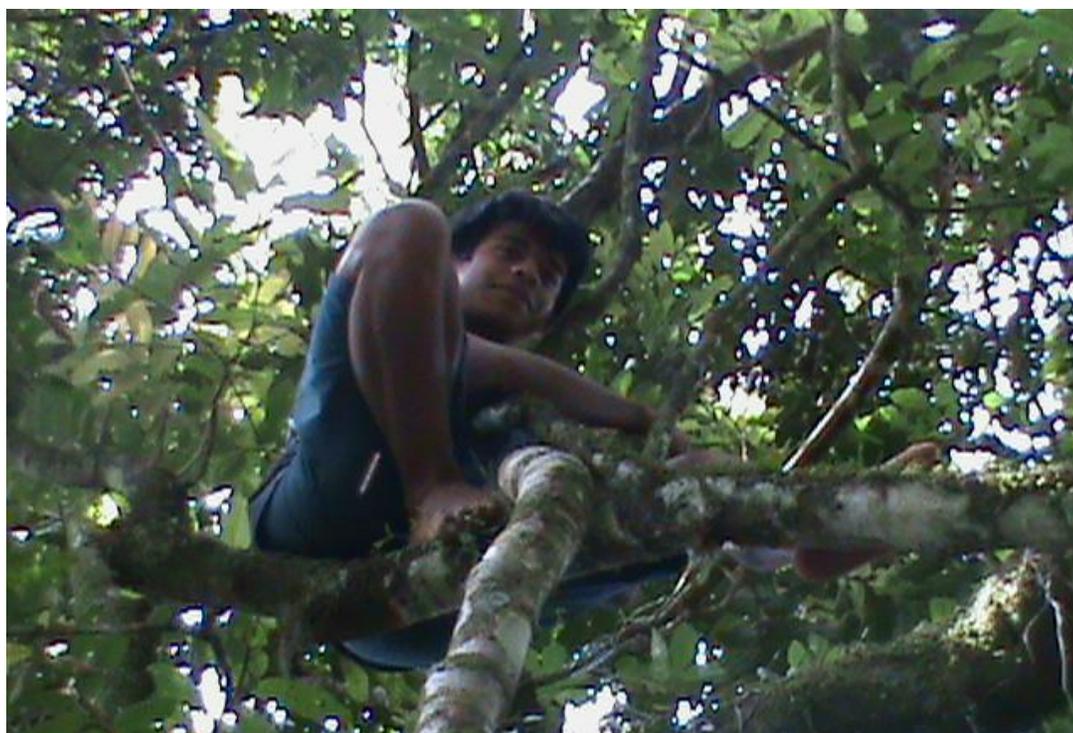


Figura 8 – Foto do **aluno Wagner na árvore**, de Silvones K. Martins, Linha Limeira, Entre Rios/SC 17/09/2014 (acervo pessoal).

3.3.3. Brinquedos de madeira

Brinquedos feitos de madeira são brinquedos que duravam mais, um exemplo é o carrinho de madeira que é feito a partir de um tronco de árvore. Seu fabrico é da seguinte maneira: é cortada uma madeira de uns 20cm, cortada até se formar um eixo que é para que a taquara possa ficar em cima desse eixo. A foto abaixo demonstra de como funciona o carrinho feito de madeira, com a aluna Tainara Aquiles. Esse carrinho também era feito de sabugo de milho e de varaneira uma planta que é muito encontrada em nossa aldeia a seguir foto da varaneira, na figura 09.



Figura 9 – Foto do **carrinho de madeira**, de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 13/08/2012 (acervo pessoal).

A varaneira, planta possível de extrair do tronco as rodas para os carrinhos de madeira, ilustrada na foto abaixo, ainda é muito comum na Aldeia da Limeira, na Terra Indígena Xapecó.



Figura 10 – Foto da **varaneira** , de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 12/08/2012 (acervo pessoal).

Os carrinhos de sabugo de milho é uma variação do carrinho feito de madeira, ou varaneira. São cortadas duas rodas do sabugo e cortada uma varinha para fazer o eixo, uma taquara é usada para empurrar o carrinho. A foto a seguir ilustra o brinquedo referido.



Figura 11 – Foto do **carrinho de sabugo de milho** , de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 11/08/2012 (acervo pessoal).

O carrinho também feito da varaneira, funciona da mesma forma do de sabugo de milho, esses carrinhos são feitos de várias formas, o de sabugo de milho era feito na colheita do milho e quando não se tinha o milho, era feito o de madeira. Sempre dá para fazer e de varaneira também. No entanto para não cortar muito a varaneira e a árvore foi inventado o de milho. A foto a seguir demonstra o carrinho de varaneira.



Figura 12 – Foto do **carrinho de varaneira**, de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 11/08/2012 (acervo pessoal).

3.3.4 Bonecas de abóbora e de milho

As bonecas de abóbora e de milho aparecem nas entrevistas realizadas com as mulheres mais velhas da comunidade; muitas contam que como elas não tinham bonecas industrializadas, então elas faziam suas próprias bonecas com abóboras e com espigas de milho, e as vezes, de pano. Na entrevista que fiz com minha mãe ela me contou como brincava.

Eu brincava de boneca de abóbora e de pano, nós pegava a abóbora e fazia o olho, a boca, o

nariz e enrolava panos na abóbora; era o nosso brinquedo, ou com pano, enrolava o pano com cores diferente e fazia a boneca e brincava, nós brincava muito na mata. Era a maior diversão, se balançando nos cipós e nadava muito nos rios, nos açudes e Lajeados, como nós não tinha brinquedos já prontos, nós que fazia os nossos, mas era muito mais divertido antigamente, muito melhor que hoje, as crianças de agora não querem brinquedos feitos pelos seus pais só querem brinquedos comprados, assim não inventam nenhum tipo de brincadeiras e brinquedos.⁹

Outras mulheres também relataram que brincavam de “casinha” e com bonecas de pano, abóbora ou com espigas de milho.

3.3.5 Mangá/Peteca

O *Mangá*, ou *Peteca*, é uma das brincadeiras mais antigas que os mais velhos falaram nas entrevistas, é uma das brincadeiras que não tinha idade para se divertir, ela é feita a partir da palha do milho, ela é feita apenas na colheita do milho e era motivo de festa quando era tempo de colheita, as crianças iam junto com seus pais pra roça e seus pais faziam o *mangá* para eles brincarem enquanto esperavam os seus pais colherem o milho. O *mangá* é feito da seguinte maneira, é tirada a palha do milho e transpassada uma palha na outra. A foto a seguir demonstra como que fica o *mangá*, ou peteca.



Figura 13 – Foto do *Mangá*, de Silvones K. Martins Linha Limeira, Entre Rios/SC 14/10/2014 (acervo pessoal).

⁹DOS SANTOS FERREIRA, Marisete, **Entrevista concedida a Silvones K. Martins**. Linha Limeira, Entre Rios, 07/04/2013

Na entrevista que fiz com o senhor Júlio Benites ele me falou das brincadeiras que faziam com o *mangá*.

Quando eu era pequeno eu gostava muito de brincar com o *Mangá*. Nós competia com outras crianças pra ver que ficava mais tempo batendo ela pra cima, ou quem ia mais longe, nós fazia time pra jogar contra outros, fazia um risco no chão e não podia deixar cair no lado da gente. Era uma brincadeira muito bom, como nós não tinha bola comprada nos gostava de bater com o *mangá*. Meu pai falou pra mim que o *mangá* até *Nhanderu* gostava de jogar.¹⁰

O *Mangá* ou Peteca ainda leva também penas extraídas dos rabos e asas de pássaros, ou mesmo aves criadas nos terrenos das casas na aldeia. Ainda hoje, a peteca é um dos brinquedos populares e muito comum nas escolas, mesmo que seja confeccionada com outros materiais.

¹⁰ BENITES, Júlio. **Entrevista concedida a Silvones K. Martins**. Linha Limeira, Entre Rios, 14/09/2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio foi uma ação muito importante para perceber a carência existente nas brincadeiras e brinquedos existentes nas escolas e na vida cotidiana das crianças Guarani. Foi possível desenvolver com os alunos as brincadeiras e principalmente confeccionar os brinquedos para realizar as atividades de Educação Física de maneira diferenciada e respeitando a cultura Guarani.

Os alunos se envolveram o tempo todo nas atividades e participaram de todas as etapas do processo de confecção e experimentação dos brinquedos tradicionais Guarani. No entanto, sabemos que aqui foram escolhidas apenas alguns brinquedos e o que pode ser feito no âmbito da EIEF Mbya Limeira, na comunidade. Há ainda muitas outras brincadeiras e brinquedos tradicionais que são possíveis serem pesquisados e trabalhados com os alunos nas escolas.

Para as crianças e os adolescentes a brincadeira e o brinquedo fazem parte do dia a dia, especialmente para os Guarani que tem um espírito livre e muito ligado com a natureza. Se pode dizer que as brincadeiras fazem parte da natureza de toda criança, inclusive e principalmente da criança Guarani. Nesse sentido, com a presente pesquisa pretendemos ajudar as crianças na aldeia a ter mais opções de brincadeiras, e estimular os pais que sabem fazer estes brinquedos a ajudarem seus filhos a confeccioná-los. Também esperamos que as crianças de hoje se motivem mais com essas brincadeiras e que não se perca esse valor cultural que as mesmas podem proporcionar.

Pretendo me aprofundar mais nessa pesquisa, e mostrar outros tipos de brincadeiras que não foram citadas no mesmo. Encontrei um pouco de dificuldade pela falta de tempo, que me ocupo com trabalhos escolares, a única dificuldade, quanto as entrevistas foram fácil de conseguir, já para escrever que foi difícil por algumas eram na língua Guarani, até traduzir para o português não foi fácil, mas tudo ocorreu bem.

Além disso, esperamos que este TCC sirva de material de pesquisa para professores da Disciplina de Educação Física nas escolas Guarani e para várias outras etnias.

REFERÊNCIAS

BRINGHENTI, Clovis A. “Povos indígenas em Santa Catarina.” In: NÖTZOLD, Ana Lúcia, ROSA, Helena Alpini e BRINGMANN, Sandor Fernando (Orgs). **Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. pp. 37-65.

BRINGHENTI, Clovis A. “Terras indígenas em Santa Catarina.” In: NÖTZOLD, Ana Lúcia, ROSA, Helena Alpini e BRINGMANN, Sandor Fernando (Orgs). **Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. pp. 255-78.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referenciais para a formação de professores indígenas**. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1962

<http://aoutroolhar.blogspot.com.br>

BARROS, Armando Martins; CASTRO, Renata Pinheiro (orgs.). **Ara Reko Memória e temporalidade Guarani**. Tradução para português de Ruth Monserrat e Algemiro Silva KaraiMiri. 2ª Edição. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2005.

MARIANO, Ari. **Entrevista concedida a Silvones K. Martins**. Linha Limeira, Entre Rios, SC 14.10.2014.

BENITES, Julio. **Entrevista concedida a Silvones K. Martins**. Linha Limeira, Entre Rios, SC. 14/09/2012

DOS SANTOS, Marisete. **Entrevista concedida a Silvones K. Martins**. Linha Limeira, Entre Rios, SC. 07/04/2013



JUVENTUDE E INFÂNCIA

KYRINGUEI'KUERY:

NOÇÕES NATIVAS DE
INFÂNCIA, APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO DA PESSOA



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFH
Departamento de Historia
Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica

KYRINGUEI'KUERY:

**NOÇÕES NATIVAS DE INFÂNCIA, APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO DA PESSOA**

Acadêmico Davi Timóteo Martins

Florianópolis, 2015.

KYRINGUEI'KUERY:
NOÇÕES NATIVAS DE INFÂNCIA, APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO DA PESSOA

Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau em licenciatura com ênfase em linguagens sob a orientação da professora Clarissa Rocha Melo.

Florianópolis, 2015.

*Dedico este trabalho a todos que
contribuíram direta ou indiretamente
em minha formação acadêmica.*

AGRADECIMENTOS

*Agradeço a todos que ajudaram no decorrer
desta caminhada, em especialmente:*

A Deus, a quem devo minha vida.

*A minha família que sempre me apoiou nos
estudos e nas escolhas tomadas.*

*A orientadora Clarissa Rocha Melo que teve papel
fundamental na
elaboração deste trabalho.*

A todos os professores da licenciatura.

*Aos meus colegas pelo companheirismo e
disponibilidade para me auxiliar em vários
momentos.*

CICLOS DA VIDA MBYA GUARANI

...o antes do nascimento...espírito...

...o nascer...encontro de espírito e corpo...

...criança...aprendizagem e conhecimento...

...adolescência ...preparação para o mundo...

...Adulto...experiências...

...velhice...sabedoria...

...morte...retorno do espírito para sua morada...

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: *Cacique Timóteo de Oliveira Karai Mirim*

Figura 2: *Localização da aldeia*

Figura 3: *Aldeia Itanhaém*

Figura 4: *Casa de barro*

Figura 5: *Nayara Mariano de Sousa*

Figura 6: *criança no tira-colo*

Figura 7: *Criança participando da reunião com seu pai, cacique Timóteo de Oliveira Karai Mirim*

Figura 8: *Alunos participando de teatro*

Figura 9: *Samuel e Michel*

Figura 10: *Marli Antunes com seu neto*

Figura 11: *Pablo Karai Martins*

Figura 12: *Vó com suas netas*

Figura 13: *Marisa Rodrigues Benite*

Figura 14: *Crianças brincando*

Figura 15: *Gincana na aldeia*

Figura 16: *Interação com a Tekoa Biguaçu*

Figura 17: *Petyngua- cachimbo guarani*

Figura 18: *Alunos da aldeia Taguato*

Figura 19: *Oga-casa de Barro*

Figura 20: *Timóteo de Oliveira Karai Mirim- líder espiritual e cacique da aldeia Itanhaém*

Figura 21: *Pablo Karai Martins ao redor do fogo, vendo preparação do fumo, para o nhemongarai- batismo dos alimentos*

Figura 22: *Lucia Kerexu'i de oliveira com sua filha*

Figura23: *Angela de Oliveira, artes na escola*

Figura 24: *Brayan Martins, com pintura corporal*

Figura 25:*Artesanato guarani*

Figura 26: *Alunos do 7º ano, 2013 da E.I.E.F.TAGUATÓ)*

Figura 27:*Alunos recolhendo lixo perto das fontes*

Figura 28:*Alunos de 4º limpeza na aldeia*

Figura 29: *preparação do fumo para o nhemongarai- ritual para dar nomes*

Figura 30: *Mario Benites-Cerimônia na Opy, batismo dos alimentos*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I: CONTEXTO DA PESQUISA: MODOS DE VIVÊNCIA E ESPAÇO MBYA DE ITANHAÉM-MORRO DA PALHA.....	13
I.I Importância da casa de barro.....	15
I.II Escola: um espaço de encontro entre as crianças e jovens.....	16
I.III Terreiro(oká): espaço de interação entre os mbya.....	17
I.IV Opy: uma universidade para o povo guarani.....	19
I.V Economia da aldeia.....	20
CAPITULO II: NOÇÕES NATIVAS DE INFÂNCIA GUARANI.....	21
II.I Adolescência guarani	27
II. II A relação do pai com a criança	29
II.III Cuidados da mãe.....	32
II.IV A fase dos Xeramõi como algo importante para as crianças.....	33
Capitulo III: Infância indígena e os desafios encontrados para ter uma escola diferenciada na educação guarani	35
III.I Brincadeira na aldeia	38
III. II Modos de saberes tradicionais guarani na educação escolar guarani.....	41
III. III Interação entre escola e comunidade	42
Considerações Finais.....	53

Referencias Bibliográficas.....55
Anexos.....58

APRESENTAÇÃO

Sou da etnia guarani, meu primeiro nome é *werá* (dono do relâmpago e trovão), pois quando nasce um mbya guarani é dado o nome indígena que tem relação com a natureza. O segundo nome, ou nome em *Juruá* (não indígena) é Davi Timóteo Martins. Sou filho de Pedro Timóteo e Maria Erma Martins *Takua*. Somos sete irmãos, sendo eu o segundo filho homem da família. Nasci na Terra Indígena Chapecó. Hoje resido na aldeia guarani Itanhaém, no litoral de Santa Catarina, uma aldeia nova, tem oito anos, consiste em vinte e uma famílias, mais ou menos 110 pessoas.

Sou professor há dez anos, comecei sendo bolsista numa escola Kaingang, onde também comecei trabalhar como docente. A partir deste momento comecei a interessar-me pela educação escolar indígena, e em especial a educação guarani. Sendo que hoje trabalho há quatro anos na escola guarani, onde há certas formas de pensar uma educação diferenciada para as escolas indígenas. Relato isso no meu trabalho, porque desde pequeno morei em vários lugares e regiões. E nestes períodos de caminhada, estudei em várias escolas não indígenas até a sétima série. Depois desse tempo comecei a morar numa aldeia Kaingang, onde conclui o ensino fundamental e ensino médio, porque ainda neste tempo não havia escola nas comunidades guarani.

Este trabalho vai me ajudar a conhecer um pouco mais sobre minha cultura e aprofundar meus conhecimentos em relação ao tema de infância guarani-*mbya*. O que me chamou atenção no tema infância, foi o fato de que as crianças guarani estão perdendo parte de sua infância com a chegada da escola nas aldeias. E até que ponto a escola influencia na educação guarani. Também será de grande valia para a melhoria das relações entre a educação guarani e a educação escolar guarani, pois não se trata do mesmo processo de conhecimento interagindo na escola e na comunidade escolar. Para entender a educação guarani precisamos olhar o modo como as crianças guarani são tratadas no seu cotidiano, na família e na aldeia, como se relacionam entre si e com a comunidade. Para pensar a educação escolar guarani devemos olhar as relações das crianças com a comunidade.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, e fala sobre uma parte da cultura guarani: a infância mbya, suas fases e o ciclo de vida. Relata os acontecimentos que vão sendo passado na vida guarani: antes do nascimento, ou então quando a criança ainda é um feto, dentro do ventre de sua mãe; os espíritos destas pessoas que logo estarão passando por este mundo; o porquê que alguns espíritos quando vem para este mundo, não gostam e logo querem ir embora, e alguns voltam para sua antiga morada, e assim se faz morte destes pequenos seres; como e quem pode dar o nome.

Os remédios para um bom parto também são significativos para essa criança nascer saudável, ou então para consolidar o aborto, e os diferentes usos dependem de escolhas pessoas ou por falta de conhecimentos e de orientação. O texto aborda também o assunto sobre as parteiras e sua importância, sendo elas que sabem usar estes remédios.

A pesquisa também aborda como as crianças são tratadas na comunidade onde vivem e se relacionam com outras crianças ao seu redor. Estou particularmente interessado na interferência entre a educação das crianças na casa e na escola, e como a educação escolar e educação indígena trabalham a importância da relação entre o mundo guarani e *Jurua* (não indígena).

Por fim, vou falar do conhecimento que vem com o espírito – *nhe`e*, já antes do nascimento da criança, e dos cuidados necessários durante a infância para a realização desse conhecimento na vida da pessoa. A infância é um momento muito importante, pois nela podem mudar ou se fortalecer os objetivos a serem agregados na sua vida adulta. Neste sentido, são fundamentais também as fases de mudanças entre a adolescência e a maioridade. Antigamente, não existia a fase da adolescência, da infância se passava para a idade adulta, e o momento desta passagem deveria ser muito bem cuidada. Mas hoje podemos dizer que há adolescência entre os guarani. O que supõe uma mudança importante, provavelmente relacionada com a escolarização.

CACIQUE DA ALDEIA ITANHAEM – TIMOTEO DE OLIVEIRA KARAI MIRIM

Cacique e líder espiritual da aldeia, mora em Itanhaem fazem oito anos que mora na aldeia, morava em Imarui na aldeia Marangatu. Tem 55 anos, já trabalhou como cacique em outras aldeias, há 17 anos trabalha na liderança.

É umas das pessoas que entrevisto nesta pesquisa, pois é grande conhecedor das sabedorias tradicionais guarani.



Figura: 1 (foto Jornal da Razão)

Capítulo I: Contexto da pesquisa: Modos de vivencia e espaço mbya de Itanhaém-Morro da Palha



Figura 2: (Localização da aldeia). Desenho: (Davi Timóteo Martins)

A aldeia Itanhaém fica localizada na grande Florianópolis, no município de Biguaçu, no estado de Santa Catarina. É uma aldeia guarani comprada por indenização da BR 101. É uma antiga fazenda, chamada Morro das Palhas. Para chegar até esta aldeia tem que entrar pelo município de Tijucas, pois a comunidade está bem na divisa destes dois municípios. Então entra no município de Tijucas e vai até o bairro do Timbé. A aldeia para o *Juruá* (brancos), eles o chamam de Morro Das Palhas, porque antes, diz que tinha muita palha de certo tipo de palmeira, que hoje está escassa.



Figura 3: Aldeia Itanhaém

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Logo que chega à estrada de terra, é preciso passar duas porteiras, que fazem parte de fazendas dos *Juruá*. Logo que passa os portões, segue por uma estrada de chão, isto dá uns duzentos metros até chegar a um bambuzal, depois começa uma calçada, tipo um trilho que é feito de cimento deixado já pelos antigos moradores da fazenda. Este trilho percorre mais oitocentos metros até chegar à comunidade Guarani. Esta subida é

bem íngreme, e todo o percurso é de subida e curvas bem acentuadas, ao seu redor tem uma cobertura de mata, que segue sombra em todo o caminho.

Chegando à aldeia tem mais um portão e uma placa indicando que é reserva indígena, colocada pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Quando chega neste último portão, já dá para avistar as casas e a mata que rodeia a comunidade. A aldeia tem duzentos e dezenove hectares de terra, de toda esta terra uns cinco por cento é cultivada por agricultura familiar. É plantado o milho, a mandioca, a cana, o amendoim, a batata doce, o feijão, a melancia, e a banana, e algumas pessoas da comunidade tem horta. No resto das áreas produtivas, está plantada palmeira real e eucalipto que foram comprados junto com a terra. Na verdade o que tem de mata é muito pouco, se tratando da mata da aldeia, porque tem as terras dos Juruá, que ficam na divisa da aldeia que é coberta de mata. E quando precisamos colher algum material para a confecção de artesanato ou buscar alguma erva medicinal, ou até mesmo a lenha temos que utilizar a mata deles.

I.I Importância da casa de barro



Figura:4 (casa de barro)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Nossa comunidade é composta por vinte famílias. Temos pessoas que moram em casas de material, de madeira, e ainda pessoas que moram em casas típicas, feitas de madeira e barro. Mas mesmo as pessoas que moram em casas feitas pelos *Juruá*, tem suas casas de chão batido, é para fazer comida em fogo de chão e se esquentar. E umas das comidas típicas, é o *mbojapé* (bolo na cinza), muito apreciados pelo Guarani. Nessas casas de chão batido, também é o local onde são contados os contos Guarani, as conversas sobre os rituais, os ensinamentos que são passados pelos antepassados, contadas pelos pais, tios, avós, ou até pessoas que visitam essas casas, como os mais sábios da aldeia. Este espaço são um dos mais importantes para a etnia Guarani, ali que tem o maior contato com a terra mãe, e são abertas as mais belas falas e histórias de nosso povo. Nessas casas não tem televisão e nem energia, a única luz é o clarão do fogo, que ilumina todo o espaço.

I.II Escola: um espaço de encontro entre as crianças e jovens

Desde a constituição de 1988, os indígenas tem direitos sobre como organizar e manter sua cultura. E a muito tempo a escola vem sendo estudada, de como deve ser. Após muitas lutas e discussões sobre como devia ser, foi decidida que a escola dentro da comunidade deve ser: comunitária, específica, intercultural, diferenciada e bilíngue. Mas nem todas essas especificidades são respeitadas mesmo estando garantidas em lei. Por muito tempo os Guarani resistiram que a escola entrasse em suas vidas. Pois algumas pessoas pensam ainda que na escola aprende-se outra cultura que não é dos Guarani. Na comunidade Tekoa Itanhaém, existe a escola desde quando foi fundada a aldeia. Sendo que tem a sete anos, e seu nome é *Taguató* (gavião) pois, existe muito gavião nessa região. No início teve dois professores fundadores na escola, uma professora não indígena, e um professor interprete, sendo que a língua materna é o Guarani. Logo no ano seguinte já entrou o professor Nico de Oliveira. E hoje o quadro de professores é composta de seis professores os quais são: Nico que já foi citado acima; Davi Timóteo Martins, Márcia Antunes Martins, Julia Graciele Pereira Narciso, Daniel Timoteo Martins e Adriano de Oliveira, todos professores indígenas.

A escola funciona no período matutino, vespertino e noturno. No período matutino funciona os anos quarto e quinto e sexto e sétimo. Na parte da tarde funciona, o primeiro, segundo e terceiro anos das series iniciais do Ensino Fundamental. Já no período noturno, funciona a EJA (Educação de Jovens e Adultos) onde tem desde os anos iniciais com alfabetização e nivelamento; ensino finais do fundamental; e ensino médio. Trabalham-se na EJA, por áreas de conhecimento, como: áreas de linguagens, ciências humanas, ciências na natureza e sustentabilidade.

É na escola que as crianças hoje buscam uma certa forma de lazer, porque ainda é o único espaço que tem de encontro entre as crianças e os jovens. Se encontram para brincar, colocar suas conversas em dia, além de é claro de aprenderem outros tipos de conhecimento que levarão para sua vida, tanto no social como profissional. Na hora do recreio é que se interagem mais, podendo também escutar música e correr, dançar e cantar.

I.III Terreiro (oká): espaço de interação entre os mbyá

Outro local também de muito convívio são as frentes destas casas. É ali no terreiro que as crianças dão seus primeiros passos, enquanto suas mães conversam e fazem seus artesanatos. As crianças *mbya* começam a andar no *amba`i*, um tipo de cerca feita no chão batido em linha reta, a altura vai depender do tamanho da criança. É como uma parede onde a criança se escora e vai dando seus primeiros passos. A criança também consegue afirmar sua carne e seus ossos, dando melhor rigidez.



Figura: 5 (Nayara Mariano de Sousa)

Foto: (Juçara de Sousa)

Na frente das casas é feito em dia que não tem chuva um tipo de fogão, feito com pedras, ou é simplesmente feito fogo e as panelas são colocadas com comida em um “giral”. Para fazer o “giral” é necessário fincar duas estacas ao redor do fogo e colocar um pau entre meio dessas duas estacas. Então as panelas ficam cozinhando desse modo. Nesse fogo é feito o *mbojapé*, conhecido como bolo na cinza, além de outros tipos de comida.

Como foi descrito, há dois tipos de casas na aldeia, as casas de material e casas guarani típicas, feita de barro. As casas feitas de barro têm a porta construída em direção onde nasce o sol, e muitas delas não tem janelas, as que têm janelas, tem só uma no final da casa, uma janela bem alta e com uma medida mais ou menos uns sessenta centímetros. Dessas casas algumas são cobertas de taquara batida e outras de telhas de barro. Por não ser construídas na época da taquara.

As casas que são feita a cobertura de taquara, são mais altas de forma de um chalé, que assim tem mais caimento para a água da chuva.

I.IV *Opy*: uma universidade para o povo guarani

Uma das casas mais importantes é a *Opy* (casa de reza), onde é totalmente feita de barro e coberta de taquara batida, sem nenhum tipo de material industrializado. Ali não se pode comer, o fogo é feito para acender o *petyngué* e ajudar na cura das pessoas doentes. Essa casa também serve para acolher as pessoas que vem de longe em busca de cura com o *Karai* (pajé).

Quando tem os rituais, são realizados na *Opy* e todos participam indo nessa casa. Os alimentos que são feitos para as pessoas doentes são todas feitas na frente da *Opy*, pois não pode se alimentar ali dentro dessa casa. Com exceção quando é feito o ritual que dá nome as crianças, onde é comido só alimentos típicos dos *mbya*.

Na *Opy* que se aprende todas as coisas, antigamente tudo era aprendido na casa de reza, pois era ali que eram passados todos os ensinamentos e também as pessoas saiam formadas para a vida. Funcionava como um tipo de universidade, saindo *Karai*(xamã) e *Xondaro*(soldado/guardiões). Pescadores, guerreiros e benzedeiros conhecedores das ervas medicinais. As pessoas adultas e crianças se reuniam todas as tardes para ouvir os ensinamentos dos mais sábios, ouvindo os contos e relacionando com as regras.

As *kunha Karai* se reuniam para ensinar as meninas como se cuidarem, quando essas passassem da fase de criança para a fase adulta. A menina não podia e, até hoje não pode se casar antes de ter a primeira menstruação, ou estar no tempo da lua (no *Jaxy*) sendo que depois dessa fase já estaria pronta para se casar, e isso só acontecia aos quatorze e quinze anos de idade. Mais hoje é mais frequente a menina menstruar mais cedo por conta dos alimentos industrializados que existe no mercado alimentício. Como diz Mario Benites, agente de saúde da aldeia, “as meninas e meninos se respeitavam, não existia namoro de crianças antes do tempo. Para namorar a menina devia saber os afazeres da casa e da roça e o menino saber trabalhar, porque namoravam muito pouco e já casavam”. E só podiam casar-se perto dos 16 ou 17 anos de idade, (LARRICQ, p.69, 1993) Os meninos só casavam depois de começarem a engrossar a voz, sendo que já

sabiam como fazer as armadilhas para caçar, saber como pescar, e o principal, aprender como fazer sua casa.

Na *Opy* os *xondaro*, que são guardiões da aldeia deviam aprender a ser muito velozes e fortes, por isso deviam dançar e aprender suas habilidades diariamente. Ainda é respeitado certos tipos de ensinamentos na *Opy*, a importância de ter uma casa de reza na aldeia e essencial. Ali que se aprende todas as regras, desde a fase de infância até a velhice. Além de servir como um lugar de confraternização e interação de aprendizagem religiosa. Também é considerada uma escola tradicional, onde se aprende para a vida. As pessoas que não seguiam as regras ou não seguem o (*Teko*), podem ficar com serias enfermidades ou loucas. Tanto no físico como na espiritual.

I.V Economia da aldeia

A forma de sustento de algumas famílias ainda se baseia na roça familiar, onde os alimentos retirados da roça servem de complementação na alimentação. Existe algumas roças que são do coletivo, e todo mundo ajuda fazendo mutirão. Esses mutirões também ocorrem quando precisa fazer casas de barro, e limpezas de roças também particulares. Uma coisa interessante que acontece e que nunca é esquecido, é a reciprocidade onde cada família nova que chega na aldeia e que necessita de alguma coisa, ela é ajudada. Mas quando outra família nova chegar ela deve retribuir a ajuda.

Posso relatar uma experiência pessoal que aconteceu quando cheguei na aldeia Itanhaém. Todos me ajudaram, um levava um pouco de milho, outro trazia mandioca, amendoim. Então nessa ocasião chega minha vó, a senhora Vitorina Benites de 89 anos, e fala: “vou te trazer uma melancia hoje, mas você então guarda a semente e no outro ano você planta”. Então entendi que no próximo ano ela não me daria mais, e sim eu que deveria ser responsável de plantar, assim ajudaria outras pessoas que viessem morar na comunidade.

O sustento das famílias também vem através de idosos aposentados, e estes compram alimentos onde é repartido para todos os familiares, principalmente compartilhados entre os netos. Uma outra forma vem através de renda de artesanato, onde ainda é feito alguns artesanatos como: o *Ajaka Tuvixa* (cesto grande), o balaio *tipiti*, o bichinhos de madeira, o arco e a flecha, chocalho, zarabatana, colares, brincos,

pulseiras e outros enfeites. Que são vendidos nos centros urbanos e nas praças. E em algumas ocasiões as crianças ajudam na venda do artesanato e na confecção, ajudando no sustento da família.

Tem algumas famílias que os homens saem para trabalhar para fora, no corte do palmito, em fazendas, roçados, e outros serviços gerais. Têm na aldeia os serviços de professor, agente de saúde e agente sanitário. Onde esses também são considerados lideranças natas da comunidade, pois desenvolvem papel importante perante a *Tekoa*.

Uma das atividades de grande importância na aldeia são os professores, pois como tem o estudo da língua guarani desde o ensino primário até o segundo grau, e todos podem falar diariamente a todo momento sem ser reprimido quando fala na língua. Todos na aldeia entendem a língua, mas nem todos são falantes ativos, muitas pessoas não falam a língua portuguesa, mas conseguem entender. Na escola é falado as duas línguas, sendo que tem um professor interprete que trabalha com uma professora de outra etnia, sendo Kaingang.

Capítulo II: Noções nativas de infância Guarani- A Formação do indivíduo

Quando o a mulher fica grávida várias mudanças acontecem na vida dela. A forma de como deve ser tratada, alimentada, e até mesmo como deve se comportar na sociedade dentro e fora do grupo onde ela está inserida.

Na cultura Guarani as crianças falam com as mães e vice versa. Assim como no mito dos irmãos gêmeos *Kuaray* e *Jaxy*. onde conta parte da história que o irmão que está de fora da barriga da mãe conversa com o seu irmão que está no interior da barriga de sua mãe, contando o caminho correto que sua mãe deve seguir. Essa história foi contada desde o início para eu e meus irmãos, pela senhora minha mãe, já falecida, Maria Erma Martins Takua. Ela contava esse conto do sol e da lua. Que seguia assim:

...No início, bem antes de todos nós nascermos os animais e, espíritos superiores vinham na terra e conversavam com a gente. Então certo dia, um desses seres superiores, desceu na terra e casou-se com uma índia guarani, teve dois filhos com ela. Um já estava grandinho e já caminhava, e o outro estava na barriga. Pois a mulher estava grávida. Mas quando a mulher engravidou ele foi embora, mas disse que quando a mulher precisasse dele ela podia ir atrás, e que seu filho que estava na barriga saberia o caminho.

Pois naquele tempo os pais falavam com os filhos que estavam ainda na barriga. A mãe contava causos e cantava para ele. O irmão que era mais grandinho também gostava de brincar com seu irmão. E um dia a mulher queria ir atrás de seu esposo, então pediu que seu filho que estava na barriga mostrasse o caminho.

Sáiram da aldeia e seguiram por uma trilha na mata. E sua mãe perguntava e o menino respondia e mostrava o caminho certo. E a todo momento o menino que estava no ventre de sua mãe pedia para sua mãe uma flor. E no caminho onde eles estavam indo eram cheio de flores. Mas em um certo momento sua mãe foi pegar uma flor e tinha um mamangava que a picou, então ela ficou brava e não quis mais pegar flor para o menino. E seguiu o caminho, mas quando chegou numa encruzilhada, onde tinha dois caminhos ela perguntou para o menino, mas ele estava com raiva de sua mãe e mostrou o caminho errado. E esse caminho pegava para uma aldeia de Jaguarê (tigre de verdade). Onde era muito perigoso eles passarem por ali. Mas chegando na aldeia de jaguarê encontraram uma velha senhora, que falou: -vão embora senão meus filhos enxergam vocês e irão comer vocês. Mas estava escurecendo e a mulher quis ficar. E a velha também tinha gostado das crianças. Então ele deixou eles ficarem, mas deviam sair bem cedo. E escondeu a mulher e os meninos dentro de um balaio grande onde colocavam mandioca. Logo seus filhos chegaram cansados e com fome porque não tinham caçado nada para comer. Mas sentiram o cheiro de gente e começaram a procurar. Reviraram tudo e logo os acharam. A mãe mandou o menino correr para a mata. E menino que estava na barriga falava que não iria correr e iria lutar com os Jaguarê. Mas a mãe não conseguiu, pois estava muito barriguda. Eles pegaram a mulher e rasgaram tudo cada um pegava um pedaço, o menino que estava dentro da barriga logo saiu para fora, mas ele era muito rápido e eles se cansaram e não conseguiram pegar. Então a velha se meteu na frente e disse que era para eles pararem. Que ele só podia ser filho de superiores por isso não foi morto. E que ela iria cria-lo como filho seu, e dali pra frente seria parte da família... (Fala de Maria Erma Martins, Biguaçu, hoje encontra-se falecida.)

As crianças são frutos da natureza de *Nhanderu*, são chamadas de crianças porque não tem grandes responsabilidades como os adultos. Ficam sobre as responsabilidades dos adultos, pai mãe, irmãos, avós, tios, ou até mesmo a comunidade tem responsabilidade de cuidar.

Os nomes são dados a partir do nascimento, esse nome é escolhido pelo *Karai* (líder espiritual) ou pelos pais. Sendo que o nome pode ser dado no nascimento ou até dois anos. Quando não tem *Karai* na aldeia ou onde a pessoa mora, os pais podem dar nome a esta criança. Sendo que uma vez que o pai ou a mãe pode sonhar com o espírito de seu filho, e este recebe o nome que vem do sonho que seu pai teve.

Às vezes no futuro esta criança que recebeu o nome pode ser mudado de nome, ou seu nome pode sofrer modificações, como um sobrenome, por exemplo: se for só *Karai*, pode ficar *Karai Tataendy*. O professor Nico de Oliveira conta uma experiência vivida com ele em relação a troca de nome, disse ele que quando era pequeno o seu nome verdadeiro era *Karai*, mas hoje se chama *Werá*, essa mudança ocorreu porque tinha um espírito que queria levar ele embora, então ele teve que trocar de nome para se esconder do que o perseguia, pois quando o espírito procurasse pelo *Karai* não poderia encontrar.

Este exemplo é muito comum, as pessoas recebem quando trocam de fase, ou quando adultos recebem seus nomes verdadeiros. Essas fases, se referem às fases que a criança passa. Há controvérsias em relação a estas fases, por exemplo, quando se fala de *Mita/i*, seria de um neném recém-nascido ou neném de colo. Já a expressão *Xixi/i*, também se refere a uma criança de colo, ou uma criança que está caminhando, ou uma criança um pouco maior na fase de uns 0 a 4 anos de idade.



Figura:6 (criança no tira colo). Foto: (Davi Timóteo Martins)

Todas estas fases podem ser chamadas de *kyringué*, pois se refere a todas as crianças, ou também pode ser usada quando uma pessoa mais velha se refere a um adulto mais novo que ele. Quando está se dando conselhos também os mais sábios chamam os mais novos de *kyringué*. Então esta expressão não é só válida para as crianças.

....“Criança ,indivíduos que se comportam, em períodos sucessivos, de maneira marcadamente diferente, sobretudo quando o termo, ” criança” visa designar determinada forma de comportamento (oposta ao adulto). Mas não se trata apenas de distinguir fases sucessivas no comportamento da criança: grande parte dos adultos apresenta comportamentos que caracterizam períodos do desenvolvimento chamado infantil, de tal forma que, no final, não se sabe mais o que é uma criança”. (PIAGET, 1984 P.72)

Existem também apelidos que são dados pelos pais, tios ou outros parentes, para as meninas e meninos, como por exemplo: *Xangó* (nome de um certo peixe, a Joana), *Akara* (nome de peixe, Cará), *Pyre* ou *Piré* (último ou restinho), são dados tanto pela forma característica, ou também pelo comportamento, se a criança foi a primeira ou a última a ser nascida na família. Um outro exemplo comum são os pais chamarem de *Kambátin* (menino branco), *Kambá* (pode-se referir a cor escura ou preta), para os meninos, sendo que estes são nomes masculinos e que não são apelidos mas sim uma forma de chamarem tanto meninos na fase de criança, como na fase adulta, um meio de dizer “o guri, ou o rapaz”. E as meninas pode ser chamada de, *Kunhatin* ou *Kunhaín* (moça branca, ou moça preta).

Na fase de adolescência, ou pré- adolescência guarani, os adolescentes são chamados de *Kunumingué* e *Kunhatain*, estes seriam os jovens, que podem ser casados ou solteiros.

A capacidade da criança vem junto com o desenvolvimento, porque tudo que ela pode fazer tem relação com seu desenvolvimento. Surgindo assim movimentos isolados de autores como Piaget que trabalha a questão biológica da criança, Vygotsky que interage a criança ao meio no qual está inserido¹. Até o ato de brincar, correr, falar,

¹ Aula de infância, apresentação sobre as abordagens acadêmicas de Infância.

dançar, está junto com seu desenvolvimento, pois uma criança que está fraca de saúde não pode fazer nada disto. Porque desde quando a criança está dentro do ventre da mãe sente tudo o que se passa ao seu redor. E os pais estão cuidando de sua alimentação, pois não só a mãe, como o pai também deve ter esse cuidado com a alimentação. Senão tudo pode prejudicar seu filho.

A criança também deve ter seu espaço, seu lugar. O espírito da criança também gosta de morar onde se sente bem. Depois do nascimento da criança deve ter mais cuidado ainda, pois existe vários espíritos que estão rodeando a criança, e estes podem levar os espíritos delas. Ter o cuidado de chamar pelo seu nome verdadeiro, sempre quando for de viagem, andar no mato, brincar em águas, etc. Como já foi mencionado, em cada lugar existem espíritos, como por exemplo, o espírito das pedras, das águas, das árvores, etc. e estes às vezes podem prejudicar as crianças, não importando das fases. A origem do nome também é uma das coisas que é muito importante para as crianças, pois esse nome vem de onde está seu espírito. É ele que faz a criança crescer e formar-se um adulto.

A criança aprende muito mais rápido que um adulto. Seu processo de aprendizagem é muito veloz. Ela aprende observando os atos dos adultos, quando se faz uma cestaria, uma armadilha, uma reza, um canto. Através de contos antigos, histórias e estórias.



Figura:7 (criança participando da reunião com seu pai cacique Timoteo de Oliveira Karai Mirim). Foto: (Davi Timóteo Martins)

Quando tem reuniões na aldeia, tudo isso influencia no processo aprendizagem da criança. Na ajuda de limpeza de roças, nas plantações. Isso também vem através de saberes transmitido pelos próprios adultos.

Segundo Tassinari, em uma de suas bibliografias que fala sobre a educação indígena: Reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização. (2013, p. 18).

Verificamos que, ao contrário da visão adultocêntrica do pensamento ocidental, o pensamento indígena coloca as crianças como mediadoras entre categorias cosmológicas de grande rendimento: mortos/vivos, homens/mulheres, afins/consanguíneos, nós/outros, predação/produção. Igualmente, ao contrário de nossa prática social que exclui as crianças das esferas decisórias, as crianças indígenas são elementos chave na socialização e na interação de grupos sociais e os adultos

reconhecem nelas potencialidades que as permitem ocupar espaços de sujeitos plenos e produtores de sociabilidade. (TASSINARI, 2007, p. 22-23).

Pois todos os adultos de uma comunidade têm direito de aconselhar uma criança, ou até mesmo de ditar as regras que esta deve seguir. Até mesmo quando uma pessoa está tirando taquara, para produção de artesanato, uma criança está aprendendo, ao redor do fogo fumando *petyngua* ou tomando chimarrão, tem também sua forma de a criança aprender. Uma criança brincando com a outra tem várias formas de aprendizado, aprende assim novas palavras, interagem umas com as outras, aprendem a repartir o que comem. Aprendem como devem respeitar os mais velhos, fazem novas brincadeiras, ou aprendem ou ensinam o que sabem para as outras.

II.I Adolescência guarani

Essa fase é muito interessante, porque antigamente não existia essa fase, ou não era vista do modo que vemos hoje. Pensa-se que esta fase só começou a existir com a entrada da educação escolar nas aldeias. A menina como já foi citada, era e é, preparada para o casamento logo que tivesse no *Jaxy*, (a primeira menstruação). Então quando acontece isso é cortado o cabelo da menina e, é nessa fase que tem todo um ritual, de preparação da menina. Só depois quando o cabelo cresce a menina pode casar, pois com o cabelo novo que vem a responsabilidade da mulher. A maioria dos entrevistados relatou que depois dos 15 anos a menina estaria pronta para casar, mas em pergunta mais direta, eles fararam que seria depois da primeira menstruação, (LARRICK, 1993, p.68). Mas com a vinda da escola na comunidade isso começou a mudar. O senhor Mario Benites relata que depois que apareceu a escola muitas coisas mudaram, como por exemplo, que certos pais pensam que na escola é que se deve aprender sobre isso, mas ele ao relatar discorda, falando que isso ainda é responsabilidade dos pais.

O pensamento das meninas e meninos começaram ter influência com o mundo de fora, e não querem seguir as regras, porque tem vergonha muitas vezes de cortar seu cabelo, ou ficando em casa por no mínimo três meses, e é nesses dias que a menina aprende tudo o que deve ser feito para se tornar mulher. Mas quando acontece essas modificações na vida da menina muitas famílias hoje não conseguem seguir as regras (*Teko*) sendo que são obrigados a mandar a menina para à escola.

Pensando em ter estudo e profissão está se estendendo o tempo de adolescência. Não sabendo se isso é para melhoramento futuro ou pode ser que se busque novas formas de viver no novo mundo que apareceu, tendo em vista que também pode ser prejudicial à saúde e comportamento dos mesmos. De outro lado as crianças e adolescentes relataram que buscam um modo de viver mais dignamente, e que assim poderão ajudar suas famílias e comunidades. Mas para isso devem estudar.



Figura:8 (alunos participando de teatro)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Antigamente os meninos, por sua vez, levantavam mais cedo para ir buscar água, acender o fogo. O senhor Timoteo de Oliveira fala que *xondaro* (líder guerreiro) passava gritando por volta de quatro e cinco horas da manhã, devia levantar rapidamente e todos os meninos nessa fase deviam se banhar no rio, sendo verão ou inverno. Nessa fase que vira de criança para homem, ele devia estar sempre à disposição dos mais velhos independentemente de quem seria a pessoa que precisasse de seus serviços deveria ir sem receio. Ainda essa pratica é feita mais com pouca frequência, os meninos devem ir ajudar nos mutirões da comunidade ou para outras famílias que necessitam de ajuda.

II.II A relação do pai com a criança



Figura:9 (Samuel e Michel)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

O pai também faz parte nesta relação de convívio com o espírito da criança que está ainda na barriga da mãe. Quando a sua esposa está em fase de gestação o marido não pode usar nenhum tipo de adorno, como colares e pulseiras, pois acredita que o bebe pode nascer com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Quando ele sai para fazer alguma coisa, ele deve avisar o filho que está saindo para determinado lugar e logo estará de volta. Senão fizer isso o espírito da criança vai atrás de seu pai e acaba se perdendo na mata. Pois no caminho pode achar várias coisas interessantes e perder seu pai, se distraíndo com plantas e animais, que agora será novo para o olhar dela. E muitas vezes não conseguem achar mais o caminho de volta, e nunca mais retornando ao ventre de sua mãe. Pode acontecer assim a morte do feto, pois sem seu espírito ele não pode seguir em frente.

Mas ainda quando a mulher está grávida o marido não pode sair para caçar e nem pescar, só se no caso for menina, porque sempre que o pai vai na mata o espírito da criança o segue a afugenta os animais e faz barulho na água quando este sai para pescar e desmancha o *mondé* (armadilha para pegar animal) e, sempre espanta fazendo muito alvoroço na mata.

Em uma conversa com a senhora Marli Antunes, de quarenta e sete anos de idade, ela relatou um caso que aconteceu quando estava grávida de seu terceiro filho.



Figura :10 (Marli Antunes com seu neto).

Foto: (Davi Timóteo Martins)

O pai da criança saía para pescar e pegava sempre uma vara cheia de peixe, e nas armadilhas ou *mondé* como é chamado também, nunca perdia tempo, sempre vinha com alguma caça. Mas ela não sabia se estava grávida de menino ou menina, então todos diziam que era uma menina, pois só se fosse menina que o pai da criança poderia ter tanta sorte. Mas uma parteira que cuidava dela que se chamava Julia (na entrevista ela não soube dizer o sobrenome) disse que, se fosse um menino seria muito ardeiro, pois segundo ela, ele que corria atrás dos bichos atropelando para onde tinha os *mondé*. E que quando crescesse seria muito brincalhão, e hoje ele é um homem já adulto, mas sempre com esse gênero.

O espírito da criança é bem esperta nessa fase, e tudo que o pai e a mãe fazem ele escuta e também aprende. Por isso o pai sempre deve conversar com a criança mesmo dentro da barriga da mãe, dando-lhes conselhos bons e sempre contando histórias do mundo. Pra quando a criança nascer já saber a realidade que à espera.



Figura:11 (Pablo Karai Martins)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

O pai tem quase os mesmos cuidados que a mulher, quando a mulher está grávida, pois tudo que ele fizer de errado recai para seu filho. Desde o desrespeito com as regras do *Teko*. Os ensinamentos devem ser seguidos à risca. No período da gestação não deve sair de casa, só sair se necessário. Não deve dormir com a mulher. E nem ficar com outras mulheres pois seu filho pode estar vendo e ficar triste. E isso caracteriza várias coisas para o feto no ventre de sua mãe.

O homem quando sair de casa sempre deve marcar o caminho com um raminho sempre indicando para onde vai, principalmente se estiver numa encruzilhada. Não

deve pescar ou caçar porque isso dá azar. Não pode beber nenhum tipo de bebida alcoólica, nem sair para festejar ou dançar no período que o neném nasce.

O homem não deve comer nenhum tipo de carne no período de gestação da mulher. Ficar de resguardo até uma semana. Só depois pode começar a fazer seus afazeres. Quando a menina passa da fase de menina pra mulher, o pai deve cortar o cabelo da menina, trançar e usar em seu joelho. Para dar mais força a menina e a ele. Quando um filho nasce o pai deve tomar um banho com cinza e outras ervas medicinais. Quando cai o umbigo do bebe o homem deve fazer um colar e pendurar no pescoço do filho, usando como um amuleto. Dizem que se algum roedor ou outro animal comer esse umbigo, a criança fica muito peralta.

II.III CUIDADOS DA MÃE

A mulher no período da gestação e depois, deve ter muitos cuidados pois pode ter recaída, ficar fraca ou até mesmo não gosta mais do seu filho recém-nascido. Em entrevista com uma parteira, a senhora Marli Antunes da aldeia de Biguaçu, pude observar que os cuidados e remédios para a mulher ter um parto bom deve ser feitos desde o início, ainda quando a mulher está na fase da adolescência. Ela comentou sobre um remédio que deve ser tirado de banha de raposa, (falava-se sobre o gamba) porque a raposa não sofre para ter neném, e além disso deve ser tirado um véu que existe dentro da barriga do animal. Mencionou que fez para sua filha caçula. E continuou dizendo e afirmando sobre isso, que antes da mulher ganhar o neném deveria passar essa banha, e também tomar chá de cinza. Em várias outras culturas isso também acontece, os ensinamentos com remédios antes e depois do parto são importantes para o desenvolvimento da mulher

Segundo a pesquisa da antropóloga Ângela Célia Sacchi (1999, p.70):

Os cuidados envolvendo a criança começam antes mesmo do seu nascimento e a futura mãe recebe o aprendizado utilizado nesta etapa das outras mulheres, da sua rede de parentesco e de compadrio. Este aprendizado inclui o uso de “remédios do mato” e a realização de dietas específicas. Os “remédios do mato”, como as próprias indígenas denominam, fazem parte da cosmovisão Kaingang e são ainda utilizados pelas mulheres, mesmo depois das modificações surgidas com a “medicalização” do ciclo de vida. Juntas, as mulheres cuidam das diferentes etapas que circundam o nascimento, principalmente nos momentos do parto e da dieta.

E na hora do parto quando o recém-nascido saísse, deve ser medido menos de um palmo e cortado o umbigo do neném com um pedaço de taquara bem afiado. Depois que a mulher tiver o neném ela deve ficar de resguardo por sete dias, nem ela nem o recém-nascido deve sair de casa, não pode molhar o cabelo, e o recém-nascido não pode tomar sereno, e nem sua roupa, pois pode der cólica no neném. Nesses dias de resguardo que são quarenta dias a mulher não pode dormir com seu esposo. E nem fazer esforço algum. Deve também tomar banho e dar banho no neném de uma erva chamada *Yvaró* (não soube o nome em português), mas ela não deve beber esse remédio porquê é veneno. Esse remédio é para a criança que pegou ar e o neném não sentir saudade do pai quando este sai para trabalhar ou de viagem.

II.IV A fase dos Xeramõi algo importante para as crianças



Figura: 12 (vó com suas netas)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Está é uma fase muito interessante pois tudo o que eles aprenderam desde a infância é passada para as crianças. Os seus contos, as histórias contadas através da conversa ao redor do fogo de dia ou a noite. Não se tem horário para a aprendizagem como comenta o senhor Timóteo de Oliveira; “pode se aprender na frente do terreiro, com as próprias

crianças, num roçado ou até mesmo numa reunião, pois as crianças devem interagir nesse espaço”. Então quando um *Ramõi* (vô) chega perto de uma criança ele é sempre respeitado, e a criança também o respeita. É nesse momento que ele repassa toda sua sabedoria aos mais novos. As crianças interagem com as avós e os avôs, e assim essa relação de parentesco vai se unificando. Nunca uma pessoa mais velha é deixado de lado, e dispensado pela comunidade ou familiares. Quando todo seu objetivo aqui nesta terra foi cumprido, então ele já pode seguir seu destino, e então seu espírito volta para sua antiga morada, *Yvy porã* (terra bonita) e ali continua sua jornada.

E na casa de reza que é levado o corpo das pessoas ou dos sábios mais velhos quando estes morrem. As crianças também participam desta cerimonia, aprendendo a respeitar todo o contexto vivido, pois sabem que um dia também partirão. Ninguém chora, neste momento de reza e cerimonia, pois todos cantam felizes acreditando que lá nesta terra serão felizes. Onde nunca irão passar fome ou sede, ter todo pronto, frutas e muito *ei* (mel). Terão sua moradia feita de barro, e onde podem ver e caçar todos os amimais que quiserem. (CADOGAN,1965, p.65) Quando um ancião morre é colocado dentro de um cesto, e também deve colocar alguns pertences que ele usa, pois assim ele irá muito feliz. E neste dia sempre chove, por que contam os sábios que é para levar toda a impureza que ele teve aqui na terra e para que tenha um *guatá Porã* (caminhada boa).

Capítulo III: Infância indígena e os desafios encontrados para ter uma escola diferenciada na educação escolar guarani



Figura:13 (Marisa Rodrigues Benite)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Quando se pensa em uma educação indígena, várias pessoas imaginam e vem logo na cabeça sobre educação escolar, aquilo que se aprende na escola. Mas na sociedade indígena, pensa na forma de ensinar as crianças e adolescentes a viver e ter uma vida boa, mas não pensando em ter no futuro muito dinheiro ou algo assim, mas sim em ter uma vida de respeito e dignidade com o próximo, com a natureza e tudo que existe nela. Mas para pensar numa educação escolar indígena, devemos pensar nas conquistas e desafios que enfrentamos desde os tempos da escola feita pra civilizar os indígenas e as novas conquistas que tivemos a partir da constituição até os dias atuais.

Anteriormente a escola era feita para catequisar os indígenas e ensinar como deveriam se comportar perante a sociedade não indígena. Predominando sempre a língua e a escrita portuguesa, e inferiorizando a língua indígena, assim como as suas culturas. E umas das formas encontradas para isso seria a introdução de professores missionários, que ensinavam essa nova língua e introduziam a missão de acabar com a crença dos

indígenas, impondo ordem e regras da igreja não indígena. Como comenta em entrevista o professor Adriano de Oliveira, que trabalha como interprete na língua guarani, na escola Taguato, na aldeia Itanhaém, ele fala sobre a importância que a escola tem na aldeia em relação a língua materna guarani.

``...quando estudava na escola dos brancos, eles riam de mim dizendo que eu não sabia falar o português, e até mesmo os professores tinham preconceito. Mas agora quando comecei a estudar na escola dentro da aldeia, ai me senti à vontade. Nós cantávamos em guarani, falávamos e brincávamos, e hoje as crianças que estudam na escola indígena sentem o mesmo eu acho...``(Adriano de Oliveira, 2015)

Sendo que o indígena era considerado como um livro em branco, que não tinha alma, e sem cultura alguma. Passando assim por cima de várias culturas e deixando a extinção de línguas e crenças, fazendo que eles seriam, `` os brancos``, os seres superiores.

Por muito tempo a educação indígena era posta dessa forma. Mas a partir da nova constituição em 1988, vários povos começaram a ver que tinham seus direitos reservados na lei, e que podiam sim lutar pela educação diferenciada.

Mas mesmo assim muitos povos, como por exemplo, o povo guarani, tinha receio em introduzir a escola em suas terras indígenas, por ter o pensamento que a escola iria impor as ideias não indígenas, e assim acabar com sua cultura. Aos poucos os indígenas que estudaram nas escolas fora da aldeia começam a ser inseridos nas escolas dentro de sua própria comunidade, e assim as lideranças começam a ver as mudanças que ocorrem em suas aldeias e divulgam que as escolas onde tem professores indígenas guarani o trabalho e feito de forma diferenciada e respeitado suas diferenças no modo de educar e ensinar seus meios de conviver com a comunidade guarani e não indígena.

Uma das conquistas foi de ter os professores de sua própria etnia lecionando em aldeias que tenha escola. Mas há muito mais, a ser conquistado ainda. Isso e valido relatar, porque só o professor indígena guarani sabe os respeitos que devem ter numa escola, pois quando não havia professor da própria etnia na escola, era muito diferente muito valores eram desrespeitados. E muitos professores não indígena não moravam na aldeia ou só tinham contato com os alunos e pessoas da comunidade guarani, só na

escola, e não vivenciavam o dia a dia dos alunos, como os professores indígenas que vivem e participam da vida social da comunidade. Assim sendo educadores na escola e na comunidade. Essa é uma das características do povo guarani, que cada pessoa que está na comunidade é conselheiro de cada criança que vive na aldeia, dando assim conselhos e broncas, fazendo com que aprendam as regras *Tekoa* (aldeia), todas as pessoas que participam desses ensinamentos, já passaram por isto também. E os professores não indígenas não participam da vida das crianças, por isso pensam que a escola é um lugar onde deve ser ensinado só os costumes e regras que vêm de uma sociedade que eles consideram superiores. Desvalorizam assim os costumes tradicionais, ensinando o que é "cientificamente comprovado". Mas o que vem a ser isso para os povos indígenas, e suas histórias contadas a milênios onde que fica? Para o povo guarani essas histórias são reais e fazem parte do desenvolvimento do corpo e da mente de cada indivíduo que pertence à comunidade. Suas interferências vão ter várias consequências na sua vida no futuro, sendo boas ou ruins, dependendo se foram seguidas suas regras ou não.

Como por exemplo quando uma "pessoa branca" está em frente à educação sendo em sala de aula ou em outros departamentos na educação, não sabem que quando uma aluna está no "*Jaxy*" (período que a menina está menstruada, chamada de fase da lua) ela não pode vir na escola, no costume guarani, a menina deve ficar em resguardo, não fazendo nenhum tipo de serviço, comida ou afazeres, pois tudo que ela tocar pode dar errado. E se isso acontecer pode a menina ter várias consequências na sua vida. A mesma coisa acontece quando a menina tem sua primeira menstruação, fica certo período que varia de um mês no mínimo a três meses dependendo da família e comunidade, que esta deve ficar em casa, e não ter contato com meninos, e ninguém da comunidade, a não ser com os familiares. Nesse período a menina aprende a fazer para começar a ser uma mulher completa. Não deve ter contato com a natureza e seus espíritos, deve-se manter em cima de uma tarimba de madeira e não ter contato com a terra, e ficar fechado em casa, aprendendo também os cânticos e as rezas.

Então quando fica nesse período de *Jaxy*, a menina deve alimentar-se com certos alimentos do mato e tomar vários remédios para preparar seu corpo, fica restrita de comer alguns alimentos. E isso ela vai levar para o resto da vida, quando já esta mulher, nesse período de *Jaxy*, ela não deve fazer comida para o marido e nem pra ninguém,

pois se fizer isto, o alimento fica sem gosto, e pode fazer mal para quem se alimentar desta comida. Acredita-se que esse período ela está eliminando as coisas ruins do seu corpo, e tudo que ela tocar ira ficar ruim. Se ela entrar numa roca ou um lugar de plantio, tudo ira secar e morrer.

Como então uma pessoa que não conhece a cultura guarani vai entender isso e respeitar. Vários professores não sendo guarani, dão falta quando uma menina falta aula, nesse período de mudança de fase. Isso acontece também com mulheres indígenas guarani que são merendeiras, professoras, nessas escolas, pois seus conceitos culturais não são respeitados.

A educação só será diferenciada de verdade quando estes anseios forem atingidos e respeitados pelas pessoas que estão à frente dos cargos políticos e fazerem o que está previsto na constituição, valorizando as costumes, os calendários diferenciados, a merenda diferenciada, etc. sem essa valorização voltamos na escola antiga, onde o que valorizava-se era os costumes portugueses, e os ensinamentos indígenas eram menosprezados.

III.I Brincadeira na aldeia



Figura:14 (crianças brincando)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Nesta parte é muito interessante, pois, a brincadeira e o trabalho andam juntos, as crianças não trabalham forçados, brincam e ao mesmo tempo vão fazendo os afazeres. Para as crianças o trabalho na roça é parte de um aprendizado que deve ser realizado durante o período da infância, sendo que não deve ser visto como um trabalho. Mas isso só acontece nos períodos de plantio, ou de colheita. O resto do tempo as crianças brincam, de fazer pequenas armadilhas, nadando no açude ou nas valetas onde há água. Além de brincarem de pega-pega, bola, ou de carinho, boneca e outras brincadeiras. Na escola gostam muito de brincarem com seus professores, como por exemplos jogos, e rodas de cantigas.

Na semana do Dia do Índio (semana do mês de abril), a escola sempre promove brincadeiras tradicionais do guarani, como por exemplo, corridas, arco e flecha de tiro ao alvo e tiro a distância, arremesso de lança, tiro com zarabatana.



Figura:15 (alunos em gincana)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Os tiros ao alvo com flecha e zarabatana são feitos de modo com que os concorrentes devem acertar o alvo que são colocados em uma certa distância dependendo da faixa etária de cada participante. São atirados no coração da banana, ou e desenhado uma ave ou um outro animal, e o atirador deve acertar certa parte do animal que são enumerados. Como por exemplo, a cabeça vale dez pontos, o peito oito, nas pernas cinco, e assim vai, o atirador deve acertar nestes pontos se quiser ganhar. Além desses jogos a escola promove gincanas e trilhas onde vem escolas de outras aldeias para participar, assim

todos participam e interagem, e as brincadeiras e os jogos são variados.



Figura:16 (interação com Tekoa Biguaçu)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

III. II Modos de saberes tradicionais guarani na educação escolar guarani.



Figura:17 petyngua- cachimbo guarani.**Foto: (Davi Timóteo Martins)**

A imagem(*petyngua*) simboliza uma coisa concreta que existe no meio do convívio guarani, pois tem relação com *Nhanderu* (Deus maior) e com as crianças, os adultos e mais velhos. Como uma forma de comunicação entre os dois mundos. A fumaça que sai, não é simplesmente uma fumaça, mas sim todo o sentimento que está dentro de você, seu pedido, sua tristeza, sua alegria, seus desejos materiais e espirituais. Falando como um exemplo é como se fosse um celular para se comunicar com *Nhanderu* (deus). Observando que na cultura guarani as crianças desde muito pequenas já tem o contato com o fumo e o *petyngua*, sendo considerado uma coisa sagrada e que todo guarani deve ter como uma proteção. Para assim não ficar perdido em outras coisas que não são importantes para sua vida. A fumaça do cachimbo guia você para o caminho certo, direcionando como você deve se comportar diante dos desafios que vierem futuramente.

III. III Interação entre escola e comunidade

A comunidade e a escola trabalham de forma paralela, pois se organizam de forma que uma depende da outra para funcionar. Tanto professores quanto a comunidade discutem ideias para que sejam buscados meios de que a escola forme alunos guarani idealizadores de novos conhecimentos, sem que os antigos não sejam esquecidos ou prejudicados.



Figura:18 (Alunos da escola Taguato)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

A escola foi introduzida nas aldeias sem que os guarani conhecessem corretamente, sendo que era para introduzir a cultura portuguesa. Mas hoje é umas das armas fundamentais para que a cultura e tradição seja fortalecida. Com professores indígenas capacitados para trabalhar nas comunidades, a educação indígena guarani começou a mudar.

A educação anteriormente era realizada na casa dos pais ou na *Opy* (casa de reza), hoje mudou um pouco. A educação também ocorre na escola com os professores.



Figura:19 (Oga- casa de barro)**Foto: (Davi Timóteo Martins)**

Nem todos os ensinamentos são transmitidos no meio escolar. Muitos ainda ficaram e, só podem ser ensinados na *Opy*. E os professores sabem disso e respeitam os costumes. Mas hoje na escola vários costumes que as crianças tinham e faziam em casa ou na comunidade, é realizado na escola. E também pode ser comparado com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Como as brincadeiras, o respeito com a natureza, as crenças, as histórias e contos dos mais sábios.

**Figura:20 (Timoteo de Oliveira Karai Mirim- líder espiritual e cacique da aldeia Itanhaém). Foto: (Davi Timóteo Martins)**

As crianças desde pequenas já aprendem como é o costume guarani. O que é e, será mais importante para ele no futuro próximo. Quando a criança está ao redor do fogo, ou no colo das mães, fica vendo as atitudes dos mais velhos e escutando as histórias que são transmitidas por eles.



Figura:21 Pablo Karai Martins (ao redor do fogo, vendo preparação do fumo, para o nhemongarai- batismo dos alimentos). Foto: (Davi Timóteo Martins)



Figura:22(Lucia Kerexu'i de oliveira com sua filha). Foto: (Davi Timóteo Martins)

A criança até ir à escola fica só com a mãe, os ensinamentos e educação é a mãe que passa, pois seu contato é maior com os seus filhos. Sendo que o pai muitas das vezes sai para trabalhar e fazer outros afazeres relacionados à subsistência dos mesmos.

As crianças em geral na aldeia aprendem os costumes observando as pessoas que as rodeiam. Como por exemplo, na confecção de cestaria e outros artesanatos.



Figura:23: (Ângela de Oliveira, artes na escola). Foto: (Davi Timóteo Martins)

E esse tema, também é tratado na aula de artes, geografia, matemática, ciências, etc. Porque quando o professor fala sobre um assunto, não pode deixar outra de lado, tudo está relacionada uma a outra. Pois está falando da natureza em geral. Como por exemplo, as pinturas corporais, as cores, a confecção das tintas.



Figura:24 (Brayan Kuaray`jú Martins, com pintura corporal)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Os artesanatos são visto pelas crianças, depois elas tentam reproduzir igual.

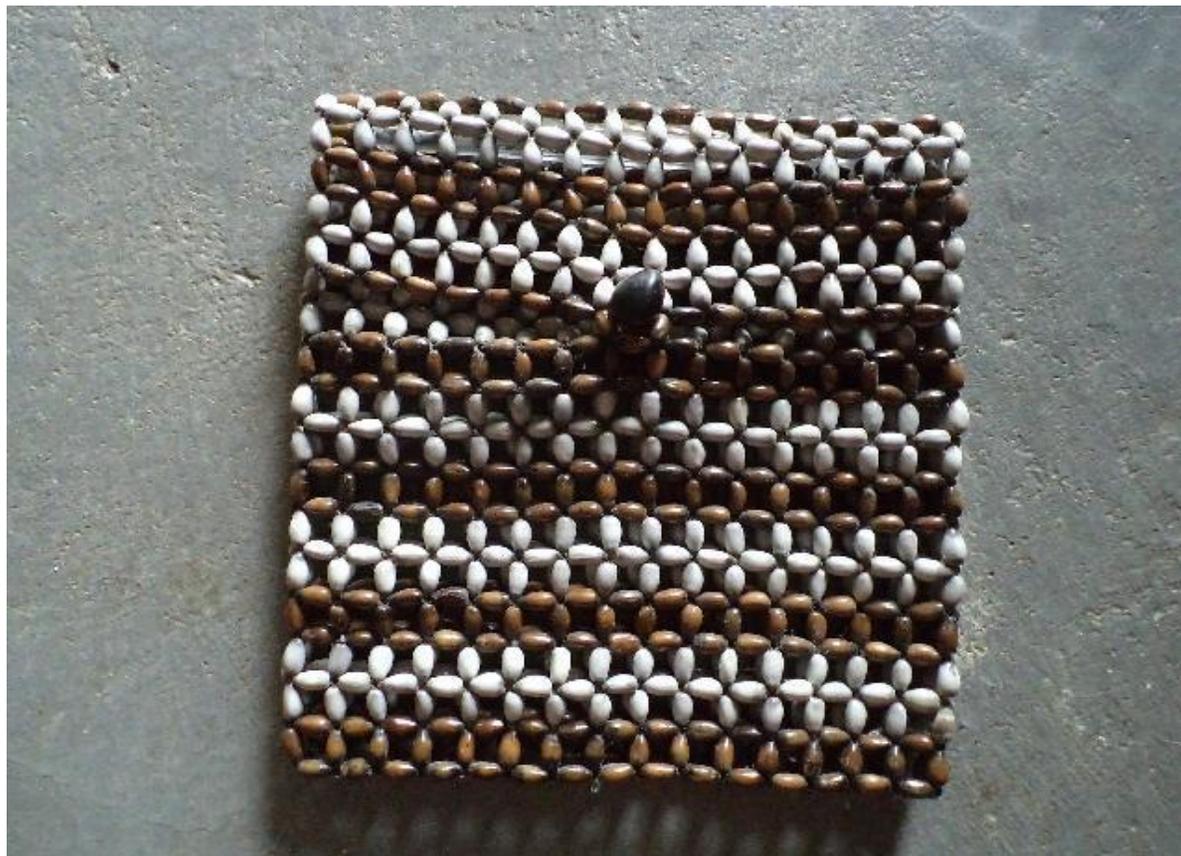


Figura:25 (artesanato guarani)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Isso também acontece com a educação escolar na escola. Mas só com a ajuda de um professor indígena que conheça e, saiba relacionar e comparar as distinções de culturas.

Muitas das vezes nos livros didáticos vindos do MEC (Ministério de Educação) aparecem histórias distorcidas, com relação a cultura indígena, ou a própria história. Fazendo com que o conteúdo que está escrita nele fosse única e verdadeira. E que não existisse outras formas verdadeiras de ver o mundo, deixando que os leitores acreditem que as ciências indígenas são mitos ou lendas. Por isso a importância de ter professores indígenas trabalhando nas comunidades indígenas. Pois só assim os alunos tem como discutir e argumentar os temas propostos pelos não indígenas. Porque os livros didáticos, tratando das questões indígenas estão muito pobres e incompletos.



Figura:26 (Alunos do 7º ano, 2013 da E.I.E.F.TAGUATÓ).

Foto: (Davi Timóteo Martins)

As histórias contadas pelos avós das crianças, são ricas e exploradas na escola. Então cabe ao professor fazer essa linha de comparação entre, as histórias orais contadas pelos guarani, e as histórias que estão nos livros didáticos. As histórias contadas ao redor do fogo à noite, com os mais velhos ou seus pais, são verdadeiras e, que muitas das histórias que estão nos livros são errônea, vista como piada entre os alunos. Como por exemplo, a criação do mundo, ou o surgimento do ser humano no mundo. As ideias de criação e surgimento do mundo são coisas muito distintas, vista de uma cultura para outra. Assim como o tratamento com a natureza. Desde o pedido de cortar uma madeira para a confecção de artesanatos, ou para construção de casas.



Figura:27 (alunos recolhendo o lixo perto das fontes)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

A relação entre guarani *mbyá* e natureza vem de muito tempo. O cuidado, a limpeza e o respeito, são trabalhados na casa e na escola.



Figura:28 (Alunos de 4º limpeza na aldeia).

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Os costumes e rituais guarani também são trabalhados e estudados na escola.



Figura: 29 (preparação do fumo para o *nhemongarai*- ritual para dar nomes)

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Pois as mesmas crianças que um dia estão na escola, estão na *Opy* também, onde acontecem os rituais. E isso é de grande valia, porque assim os professores podem trazer para dentro de sala de aula temas importantes que podem ser trabalhados.



Figura:30 (Mario Benites-Cerimônia na *Opy*, batismo dos alimentos).

Foto: (Davi Timóteo Martins)

Os alimentos são consagrados na *Opy*, para que seja feita no próximo ano uma boa colheita, que os alimentos a serem ingeridos pelos *mbya*, não façam mal. E que os espíritos da natureza e dos alimentos possam ser reverenciados com rezas e cânticos sagrados. É sempre feita na época da colheita do milho, onde também é dado os nomes as crianças *mbyá* guarani.

Considerações finais:

A partir dessa pesquisa, tornam-se evidentes que os processos de aprendizagem pelas quais uma criança guarani adquire é relacionada a família e a comunidade onde ela e inserida e tudo tem relação com a fauna, flora e a cosmologia. A própria cosmologia que envolve sua concepção de gestação e de nascimento, encontra-se repleta de conhecimentos que atrelam religiosidade com aspectos ambientais, nos quais se incluem forma de alimentar-se, de ervas medicinais. A relação entre cada pessoa com a Tekoa fica evidente pois estão interligados. As casas de barro, o terreiro onde fica sendo o primeiro contato da criança com a terra, e uma precisa de outra para sobreviver, sendo que o território fica sendo umas das principais questões de vida entre os guarani.

Evidencia-se que a percepção a e vivencia de tais conhecimentos se dão nas atividades cotidianas em que, em meio de brincadeiras e responsabilidades, as crianças encontram companhia de outras, e relação entre pai, mãe, avos e tios, descobrindo, compartilhando e retransmitindo uns aos outros. Logo se percebe que toda a consequência e acontecimento que vem a acontecer com a fase adulta têm relação direta com o respeitar das regras na infância. Constrói-se na infância toda a fase aprendizagem e compreensão com o mundo, assim como nos cuidados da gestação, e dos pais.

No entanto, gostaria de chamar atenção para o fato de que a educação escolar e educação indígena guarani andam juntas, lado a lado. A escola e a *Opy* são importantes, pois ali que se adquire maior parte dos conhecimentos. E que vários conhecimentos familiares são levados para o espaço escolar. A escola vem sendo umas dos principais motivos para debate, sendo que por um lado ajuda os guarani a lutar pelos seus direitos, ensinando os alunos como viver no mundo dos em que não e mais nosso. Por outro lado traz coisas negativas como um outro modo de cultura, e faz pensar como os professores devem trabalhar com isso. São dois mundos totalmente diferentes, onde entra em conflito alguns pensamentos. A escola também trouxe um uma conflito em relação a adolescência, pois como não tinha em certo momento da história e que agora tem, seria uma nova fase da vida. Pois com a escola meninos e meninas não casam tão cedo, e preferem o estudo. Assim verifica se a inserção infantil no campo de produções de

saberes, até então reconhecidas no âmbito das percepções adultas, fato que merece devida atenção, na medida em que revela o quanto as crianças tem a oferecer na compreensão dos mesmos.

A importância de compreender o processos de aprendizagem guarani para vislumbrar uma educação que valorize esses conhecimentos e os respeite de fato.

Ao termino dessa pesquisa observei que seria impossível colocar todos os fatos que acontecem durante o processo de aprendizagem de uma criança, e que esse trabalho será só uma pequena parte da história que pude escrever, sendo que essa pesquisa deve continuar e ser relatada para os futuros guarani que ainda virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget para iniciantes**. SUMMUS EDITORIAL LTDA. SP 1984.

MONGELO, Joana Vangelista. **Okoteve Já Vy`a**, Educação escolar indígena e educação indígena contrastes, conflitos e necessidades. (dissertação de mestrado) SC, 2013.

Etnobiologia e saúde de povos indígenas. /Moacir Haverroth (org). Recife, NUPEEA,2013. (estudos e avanços)

BERGAMASCHI, M.A. **Diário de campo**. Porto Alegre: (s.n),2003-2005.

BERGAMASCHI, M.A. **Educação escolar indígena : um modo próprio de recriar a escola nas aldeias guarani**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n.72,p.197-213, maio-ago.2007.

CADOGAN, Leon: **Ayvu Rapyta**. *Textos míticos de los Mbya- Guaranies del Guaira*.. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo (Boletim n- 227), São Paulo.

LARRICQ, Marcelo. **Ipytuma**. *Construccion de la persona entre los Mbya- Guarani*. Ed. Universitária, misiones 1993.

TASSINARI, Antonella. **Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras**

de educação. In: LOPES DA SILVA, Aracy; LEAL, Mariana Kawall Ferreira (Orgs.). *Antropologia, História e Educação – A questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001, p. 44-70.

TASSINARI, Antonela. *Concepções indígenas de infância no Brasil*. Tellus, Campo Grande-MS, ano 7, n. 13, p. 11-25, out. 2007.

PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel. *A psicologia da criança*. São Paulo : DIFEL, 1982.

Desenvolvimento Humano na Teoria de Piaget. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em: 30 de julho de 2011.

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/28864/jean-piaget-fases-do-desenvolvimento#ixzz3PU3jap1R>

Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento, Marta Kohl de Oliveira, 112 págs.

<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml?>

CADOGAN, LEON. *La literatura de los Guaranies*. Introducion, seleccion y notas por Alfredo Lopez Austin. Editorial. Joaquin Mortiz. Mexico.33-1. 1965.

MOREIRA, G; KODAMA, I.E. Coord. *Oipytyvo Mbya Katcho Petei Kuatchia: Ymagua aè anhente gua*. Contribuindo com a revitalicao da cultura guarani. Vol. 1: mitos e lendas. Florianopolis; Epagri, 2008. 88p.

Wallon, Henri: ***Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil***- Izabel Galvao-Petropolis, RJ : vozes, 1995(educação e desenvolvimento)

CADOGAN, LEON: ***AYVU ROPYTA: Textos míticos de los mbya – guarani del Guaira.*** Edición por Bartolomeu Melià, terceira edición. Asuncion del Paraguay. 1997.

O ciclo da vida Kaingang- Ana Lucia Vulfe Notzld, organizadora. Florianopolis(s.n), 2004 (imprensa universitária da UFSC) 109P: i1.

LEV, VYGOTSKY: ***VYGOTSKY Uma Sintese.*** Autores Rene Van der Veer, e Jaan Valsiner 1991. Tradução: Cecilia Regina de Franca Neto. Ed. Unimarco, e ed. Loyola. 1996.

LIMA, de oliveira Lauro: ***PIAGET PARA PRINCIPIANTES.*** ED. SUMMUS LTDA. 1984.

SACCHI, Angela Célia. ***Antropologia de Gênero e Etnologia Kaingang: uma introdução ao estudo de gênero na Área Indígena Mangueirinha/PR.*** Dissertação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis, 1999.

Anexos

Pessoas que foram entrevistadas:

Pensei em entrevistar estas pessoas porquê de alguma forma tem relação com o meu trabalho, sendo que em algumas etapas da vida puderam sentir como foi a sua educação, ou como puderam educar seus filhos e netos.

As entrevistas foram feitas através de conversas, tomando chimarrão, ou ao redor do fogo se esquentando, e até mesmo nas conversas do dia a dia. Sendo que nas conversas foram surgindo as perguntas referente ao tema. E os entrevistados não foram gravados, e nem foram feitas anotações, pois como muitos falaram que, a pesquisa vai muito além de só escrever, mas sim para que eu levasse o conhecimento para minha vida. E que quando se escreve perde todo o valor.

Além dessas pessoas, que conversei, muitas outras pessoas da comunidade me ajudaram a pensar sobre este tema que é muito amplo.

E são estas as pessoas com que conversei para realizar meu trabalho:

Timóteo de Oliveira Karai Mirim

(Cacique e líder espiritual da aldeia, fazem 17 anos que trabalha na liderança, foi cacique de várias aldeias da região, como: aldeia de Maciambu, Morro dos Cavalos, Imaruí. No documento dos Jurua tem 55 anos)

Mário Benites

(Morava em São Paulo, está desde o início da aldeia, na sua aldeia era Xondaro Tuvixa, ajuda sempre na Opy. Trabalha de agente de saúde nesta comunidade)

Adriano de Oliveira

(Professor e aluno do EJA, ensino médio, tem 22 anos, estudou até o quinto ano nas escolas de Jurua, hoje se sente realizado por ver seus irmãos estudarem em escolas guarani, e ter professor guarani)

Marli Antunes

(Minha irmã mais velha, com 47 anos de idade, morava em Chapecó, na aldeia de Limeira, hoje mora em Biguaçu, sempre cuidou dos partos de suas filhas e noras, por isso sempre foi parteira e faz remédios para seus netos)

História Guarani

Kuaray e Jaxy

...No início, bem antes de todos nós nascermos os animais e os espíritos superiores vinham na terra e conversavam com a gente. Então um dia desses um ser superior, desceu na terra e casou-se com uma índia guarani, teve dois filhos com ela. Um já estava grandinho já caminhava, e o outro estava na barriga. Pois a mulher estava grávida. Mas quando a mulher engravidou ele foi embora, mas disse que quando a mulher precisasse dele ela podia ir atrás, e que seu filho que estava na barriga saberia o caminho. Pois naquele tempo os pais falavam com os filhos que estavam ainda na barriga. A mãe contava causos e cantava para ele. O irmão que era mais grandinho também gostava de brincar com seu irmão. E um dia a mulher queria ir atrás de seu esposo, então pediu que seu filho que estava na barriga mostrasse o caminho.

Saíram da aldeia e seguiram por uma trilha na mata. E sua mãe perguntava e o menino respondia e mostrava o caminho certo. E a todo momento o menino que estava no ventre de sua mãe pedia para sua mãe uma flor. E no caminho onde eles estavam indo eram cheio de flores. Mas em um certo momento sua mãe foi pegar uma flor e tinha uma mamangava que mordeu ela, então ela ficou brava e não quis mais pegar flor para o menino. E seguiu o caminho, mas quando chegou numa encruzilhada, onde tinha dois caminhos ela perguntou para o menino, mas ele estava com raiva de sua mãe e mostrou

o caminho errado. E esse caminho pegava para uma aldeia de Jaguarete (tigre de verdade). Onde era muito perigoso eles passarem por ali. Mas chegando na aldeia de jagaretê encontraram uma velha senhora, que falou: -vão embora senão meus filhos enxergam vocês e irão comer vocês. Mas estava escurecendo e a mulher quis ficar. E a velha também tinha gostado das crianças. Então ela deixou eles ficarem, mas deviam sair bem cedo. E escondeu a mulher e os meninos dentro de um balaio grande onde colocavam mandioca. Logo seus filhos chegaram cansados e com fome porque não tinham caçado nada para comer. Mas sentiram o cheiro de gente e começaram a procurar. Reviraram tudo e logo os acharam. A mãe mandou o menino correr para a mata. E menino que estava na barriga falava que não iria correr e iria lutar com os Jaguaretê. Mas a mãe não conseguiu, pois estava muito barriguda. Eles pegaram a mulher e rasgaram tudo cada um pegava um pedaço, o menino que estava dentro da barriga logo saiu para fora, mas ele era muito rápido e eles se cansaram e não conseguiram pegar. Então a velha se meteu na frente e disse que era para eles pararem. Que ele só podia ser filho de superiores por isso não foi morto. E que ela iria cria-lo como filho seu, e dali pra frente seria parte da família.

Mas o irmão maior escapou e jurou se vingar, por tudo que eles tinham feito para sua mãe. Cresceu e sempre estava de olho no seu irmão mais novo, vendo tudo o que ele aprendia e que coisas que os Jaguarete gostavam de comer. Ele sempre queria falar com seu irmão mas ele tinha medo deles pois a família crescia rapidamente. Um dia ele teve coragem e foi até perto de um rio onde os Jaguarete gostavam de comer Guavirova. Ficou só observando eles tinham que passar por um tipo de pinguela feita de um tronco de árvore. Então quando eles foram passar ele começou a balançar aquela ponte, e eles iam caindo na água e virando lontra. Mas aqueles que não caíram na água corriam de um lado para o outro muito bravos. Nisso ele conseguiu encontrar o seu irmão e contou toda a história para ele. Então foram para a aldeia e mataram todos os Jaguarete que estavam na aldeia. E só sobrou o que estavam no outro lado do rio. Por isso ficou pouco Jaguarete...

(História contada por uma grande sabia, minha mãe Takua, falecida em agosto de 2011. Esse conto é só uma pequena parte da história verdadeira)

Esta história sobre o sol e a lua, tem várias versões mas, no final tem o mesmo sentido para os guarani mbya.

As fotos a seguir foram tiradas pelo autor

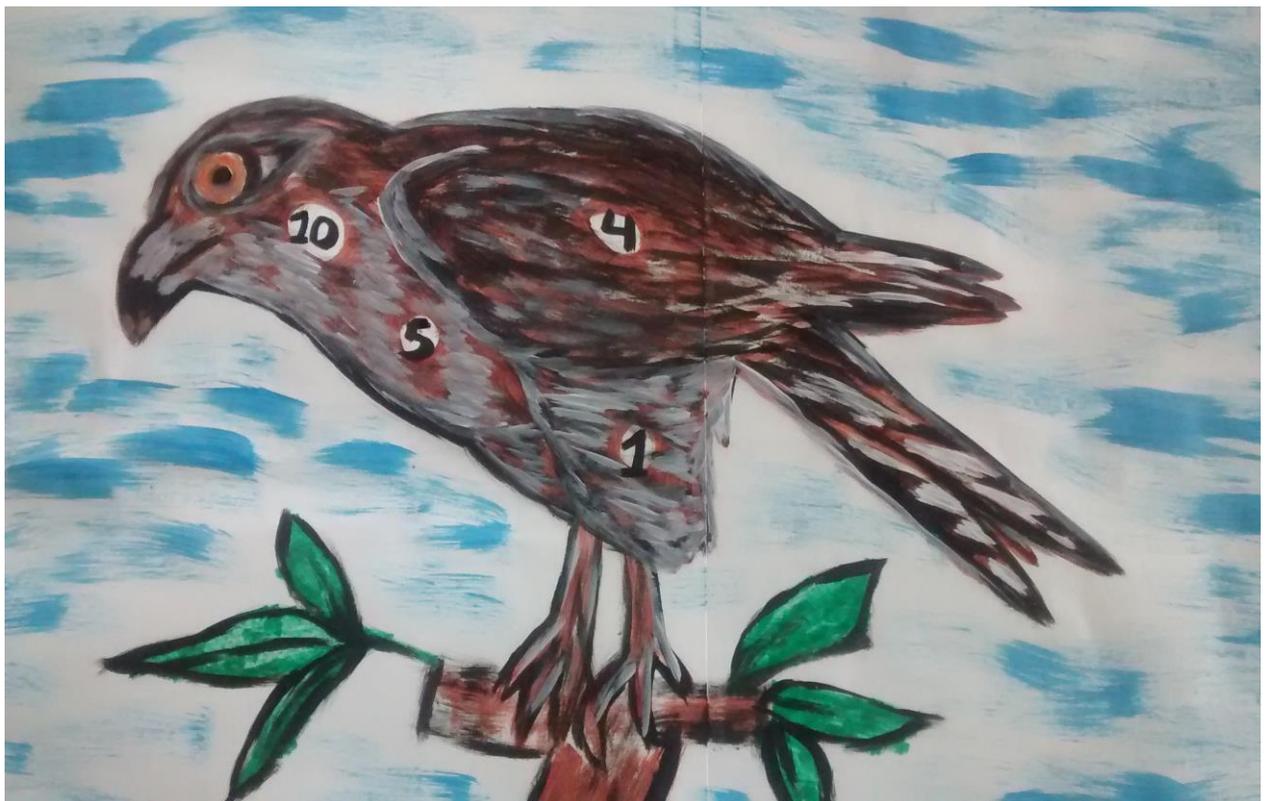


(Reunião na aldeia Itanhaém. Nessas reuniões as crianças, jovens e adultos participam, sendo que é levado em consideração a aprendizagem em todas as etapas da vida)



(Alunos de sexto e sétimo ano estudando)

(Desenho de um Taguató para tiro ao alvo usado na gincana escolar)





(Brincadeira na escola, hora do intervalo das aulas)



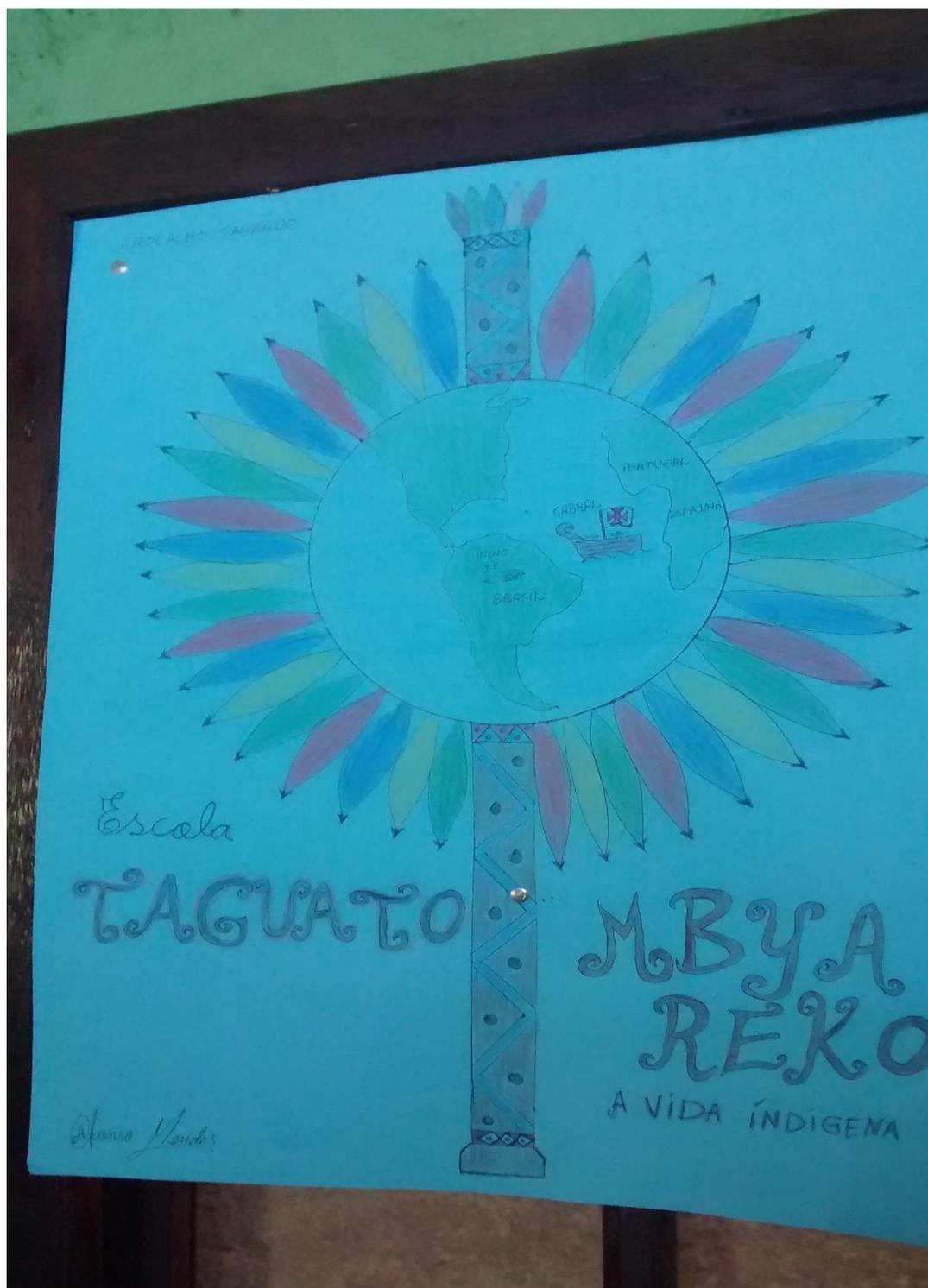
(Jogos com alunos)



(Desenho para tiro de zarabatana em jogos)



(Tiro de arco e flecha na escola, gincana escolar)



(Desenho de aluno do EJA, Afonso Mendes. Trabalho de reflexão sobre o mundo)



(Crianças na escola, aula ao ar livre, fora da sala de aula. As aulas na escola Taguató é livre, pois não precisa ser só dentro da sala, sendo que a natureza faz parte da aprendizagem dos alunos. Os alunos são: *Kambatin*(Aldair), *Karai*(Ricardo), *Kerexu'i*(Lidiamara), *Yva* (Shaline), *Yva*(Marisa)



(criança de cola com sua mãe, Mariza de Oliveira e seu filho)



(*Kerexu'i* fazendo grafismo, desenho de balaio, aula de estagio)



(Aluna do sexto ano, *Para'i*)



(Trabalhando artes na escola)



(Crianças da aldeia Itanhaém, em confraternização)



(Alunos na escola, dia de gincana)



(Alunos do EJA, Educação de Jovens adultos, Ensino Médio)



**JUVENTUDE
E INFÂNCIA**

**QUEM SOU EU?
JUVENTUDE GUARANI:**
CONFRONTO ENTRE GERAÇÕES

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica

Raiane Benites Samaniego

Quem sou eu? Juventude guarani:

Confronto entre gerações

Florianópolis, 2015

Raiane Benites Samaniego

Quem sou eu? Juventude guarani:

Confronto entre gerações

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da
Mata Atlântica da Universidade Federal Santa
Catarina, UFSC.

Orientadora: Antonella Imperatriz Tassinari

Co- Orientador: Aldo Litaiff

Florianópolis, 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 30 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 11 horas na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora **Antonella Maria Imperatriz Tassinari** (orientadora), professor **Aldo Litaiff** (co-orientador) e Presidente, Professora **Catia Weber** Titular da Banca, e Professor **Carlos Maroto Guerola**, Suplente, designados pela Portaria nº 34/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Raiane Benites Samaniego**, subordinado ao título: "Juventude guarani do Espírito Santo: Quem sou eu?". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Aldo Litaiff**, a nota final 9,0, do Professor **Catia Weber**, a nota final 9,0, e do Professor **Carlos Maroto Guerola**, a nota final 9,0; sendo aprovado com a nota final 9,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 30 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aldo Litaiff

Prof. Antonella Maria Imperatriz Tassinari

Prof. Carlos Maroto Guerola

Candidato Raiane Benites Samaniego



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Raiane Benites Samaniego, matrícula n.º 11100098, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Quem sou eu? Juventude guarani: Confronto entre gerações, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos que contribuíram
direta ou indiretamente em
minha formação acadêmica.
Aos jovens que tiveram uma grande
importância para o
desenvolvimento do meu trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer

desta jornada, em especialmente:

Ao Nhanderu, a quem devo minha vida.

A minha família que sempre me apoiou nos

estudos e nas escolhas tomadas.

A minha querida mãe e amigos por sempre me incentivar e

Compreender- me nos momentos difíceis.

A orientadora Prof^{ca}. Antonella Tassinari e CO- Orientador Prof^o. Aldo Litaiff

que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

Aos meus colegas pelo companheirismo e

disponibilidade para me auxiliar em vários momentos.

A comunidades de Boa Esperança e de Três Palmeiras.

Aos alunos, e aos jovens que tiveram um papel fundamental neste trabalho.

Lista de Fotos

Foto 1: Cabana localizada no centro da aldeia Boa Esperança. Arquivo pessoal.

Foto 2: Tupã Kuaray, foto tirada na gravação do Filme “Como a noite apareceu”.

Foto 3: Cabana com artesanatos expostos para venda. Arquivo pessoal.

Foto 4: Localização das aldeias Guarani do Espírito Santo

Foto 5: Tupã Kuaray, foto tirada na gravação do Filme “Como a noite apareceu”.

Foto 6: *Karai Tataendy*, Nelson Carvalho dos Santos, Cacique da aldeia Três Palmeiras. foto tirada na gravação do Filme “Como a noite apareceu”.

Foto 7: Alunos na escola, Escola Municipal Pluridocente Indígena “Três Palmeiras”. Arquivo pessoal.

Foto 8: Alunos tomando banho no rio, no Parque Mero Leitão em Santa Tereza (ES). Arquivo pessoal.

Foto 9 e 10: Time masculino e feminino de Boa Esperança. Arquivo pessoal

Foto 11: Gislaíne e Letícia na sala de aula na UFMG com a professora e colegas de turma da etnia Pataxó. Arquivo pessoal

Foto 12: Vilmones no Time de handebol representando a escola nos jogos escolares do estado. Arquivo pessoal.

Foto 13: Vilmones ajudando na pintura da casa cultural na Aldeia de Três Palmeiras. Arquivo fornecido pelo próprio Vilmones.

SUMÁRIO:

Resumo - 7

Apresentação – 8

1. Introdução – 9

2. Quem sou eu? Juventude guarani: Confronto entre gerações - 15

3. Considerações finais – 25

Bibliografia - 27

Resumo:

O objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é compreender o surgimento das categorias “adolescente/ juventude” nas aldeias guarani do Estado do Espírito Santo na atualidade. Descrever a rotina e visão de mundo dos jovens e expor a minha visão como jovem Guarani. Os objetivos específicos são: entender como se define “adolescência” e “Juventude”; ilustrando as formas de organização desses jovens na aldeia, quais as suas perspectivas em relação aos estudos e vida na comunidade; mostrar a realidade em que vivem esses jovens atualmente (situação familiar, de trabalho, de estudos etc.). A metodologia utilizada foi qualitativa. A pesquisa de campo foi realizada buscando os relatos de jovens, observações, não só com os jovens mais também com lideranças. Usar trabalhos que eu já comecei durante os períodos intermediários do nosso curso. Fazer levantamentos que possam me ajudar no meu trabalho como: O que fazem quando não estão na escola, Quais os estilos desses adolescentes/jovens, pesquisar qual é o jovem que tenho na comunidade usando a metodologia de Grupos Focais (É uma técnica de pesquisa bastante utilizada na área de Marketing). Trata-se de um método de pesquisa qualitativo, dada à ausência de medidas numéricas e análises estatísticas; Para você manter a identidade cultural você deve praticar atividades que as lideranças da aldeia não fornecem para os mais jovens. Para que várias coisas não se percam deve haver um incentivo, tanto na comunidade, quanto na família. Isso deve acontecer desde a fase de criança. Além de haver uma prática diária dos costumes e tradições do povo Guarani. Além disso, deve se fazer valer os direitos dentro das escolas, respeitando a cultura as diferenças e a cultura indígena. E principalmente o contato com os mais velhos com os mais novos, é uma das melhores formas para se preservar e resgatar a autonomia e a identidade, uma vez que o hábito de aprender para os guarani é através da oralidade. Muitas vezes os mais velhos e as pessoas da aldeia cobra muito dos mais jovens, porém não dá a assistência para que ele continue mantendo os valores culturais do seu povo. Na aldeia onde moro acontece isso há um atrito entre Jovens versos mais velhos. Há uma “PRESSÃO” que envolve esses jovens a ficar sem saída, por influência sofrida pela cultura ocidental.

Palavras-chave: Índios Guarani, Juventude, cultura.

Apresentação:

Meu nome é Keretchu Mirim, sou indígena da etnia Guarani e acadêmica do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina. Nasci no dia 23 de Dezembro de 1992 na aldeia de Porto Lindo município de Japorã/ MS. Em Português meu nome é Raiane Benites Samaniego, filha de Vicente Samaniego e de Sandra Benites, somos em total de 4 irmãos, 2 homens e 2 mulheres, vivi até meus 7 anos nesta terra indígena de Porto Lindo onde meu pai trabalhavam na roça para nós sustentar. Com 7 anos de idade saímos da aldeia de porto lindo e fomos para o estado do Espírito Santo, na Aldeia indígena Guarani que se chama Aldeia Boa Esperança, TEKOA PORÃ. Atualmente moro na aldeia Boa Esperança (Tekoa Porã) localizada no município de Aracruz/ ES. Sou professora, iniciei neste ano de 2014, na Escola Municipal Pluridocente Indígena “Três Palmeiras”. Dou aula para as séries iniciais de 1º a 3º ano do ensino fundamental. E aula da disciplina de História para as séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Escolhi o tema, pois desde o início do curso meu foco foi a juventude indígena da aldeia onde moro e a aldeia onde eu trabalho (Três Palmeiras). Sempre quis desenvolver algum trabalho com os jovens, pois eles também têm algo a oferecer através dos “conhecimentos” que adquirem da educação dos pais, avós e mais velhos da comunidade. Muitas vezes os jovens se sentem desvalorizados diante da comunidade e muitas vezes por isso e outros fatores acabam deixando que as influências tomem conta dos seus pensamentos e modo de viver na comunidade. Ao mesmo tempo há uma falta de incentivo para que eles pratiquem o modo de ser tradicional Guarani. Ao longo do curso também percebi que há poucos estudos sobre a juventude indígena escrita. Isso só fez com que eu me incentivasse mais ainda a fazer um estudo de pesquisa sobre a juventude indígena guarani da atualidade.

1. Introdução:

No Espírito Santo, no município de Aracruz, os Guarani compartilham com os Tupiniquim, da Terra Indígena Tupinikim com 14.282 hectares e na TI Caieiras velhas II com 57,0 hectares, onde estão localizadas as aldeias indígenas Guarani: Boa Esperança, Três Palmeiras e Piraquê- Açú. As áreas já estão demarcadas. As aldeias Guarani do Espírito Santo fazem parte da intensa e ramificada rede territorial dos Guarani que se estende pelos estados do sudeste, centro- oeste e sul do Brasil e outros países da América do Sul. Na aldeia Boa Esperança são 40 famílias cadastradas e mais ou menos 100 pessoas, segundo informações do Posto de Saúde responsável por atender as três aldeias. A primeira aldeia a ser fundada foi Boa Esperança em 1978, formada por casas de estuque (Casas que possuem cobertura de palha seca) e algumas de alvenaria. Na parte central da Aldeia, encontra- se uma cabana, que serve para realizar as reuniões (*Aty*).



(Foto 1) Cabana localizada no centro da aldeia Boa Esperança. Arquivo pessoal

Atualmente o cacique da aldeia é Werá Kuaray (Antônio Carvalho) mais conhecido como Toninho. A aldeia de Três Palmeiras surgiu em 1997, através do rompimento com a aldeia de Boa Esperança, por discordâncias quanto à forma de organização política até então praticada. Atualmente o cacique da aldeia de Três Palmeiras é Karai Tataendy (Nelson Carvalho dos

Santos) são 40 famílias e mais ou menos 120 pessoas. No centro da aldeia, há uma cabana construída em 2005, que serve como espaço de venda de artesanato, realização de reuniões, eventos da aldeia e também como espaço Escolar para atividades diferenciadas e é um espaço de socialização da comunidade Guarani, onde serve como ponto de encontro da maioria dos Jovens, homens, mulheres e crianças.

A aldeia de Piraquê- Açú foi fundada em 2001, fica no território de Caieiras Velhas II e foi incorporada após um conflito entre índios e a Empresa Thothan Mineradora Marítima LTDA, essa aldeia é formada por 11 famílias cadastradas, com pouco mais de 30 pessoas. As moradias são todas de Alvenaria. A aldeia de Olho D'água tem 9 famílias cadastradas com 31 pessoas atualmente, foi formada em 01 de Outubro de 2007, mas foi no dia 10 de Novembro que foi reconhecida como a 4ª aldeia Guarani, a área já está demarcada pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Atualmente o cacique da aldeia é Whera Poty (Roberto Carlos Silveira). “Para nós Guarani a religião é muito forte e importante e é mantida até os dias de hoje, porque tem uma casa de reza, *Opy*, onde os mais velhos da aldeia passam a força e os conhecimentos necessários para todas as atividades e trabalhos que acontecem na comunidade.” Palavras sábias do Tupã Kwaray, que tem 61 anos. Seu nome em português é Jonas Ernesto da Silva, nasceu no dia 21/11/1953 na Aldeia Itatinga, em São Paulo. Seus pais chamam-se Tupã Gwyrá e Keretxu Mirim.



(Foto 2): Tupã Kwaray, foto tirada na gravação do Filme “Como a noite apareceu”

Isso seria fundamental para a Educação do modo de ser e práticas da educação tradicional na aldeia, mas isso não acontece, pois na nossa comunidade não há casa de reza. Foi construída uma casa de reza na aldeia de Três Palmeiras, esse por sua vez só funciona quando há alguma cerimônia na comunidade e quando vem um pajé de outro lugar. Na nossa aldeia valorizamos muito ainda o artesanato, que todas as famílias fazem como modo de manter a cultura e também para gerar renda através da venda. A língua materna é o guarani que é falada pela maioria das pessoas da aldeia. Porém já há casos de algumas pessoas Guarani da aldeia terem o Português como a primeira língua, isso ocorre pois nesses casos, esses já são mestiços, na maioria das vezes nascidos fora da aldeia e vem morar na aldeia depois.



(Foto 3): Cabana com artesanatos expostos para venda. Arquivo pessoal

Os jovens das aldeias guarani são cheios de ideias, como por exemplo, a construção da quadra esportiva para poderem se reunir para jogarem Futebol com os amigos, colegas. Além disso, a pedido da comunidade foi construída uma casa cultural, onde tem um acervo de fotografias contando a história da caminhada liderada pela kunha karai *Tatãtã Ywarete*, morreu aos 114 anos na aldeia *Tekoa Porã*, ela liderou a caminhada pela busca da terra sem males, e fundou a aldeia Boa Esperança pensando ter chegado à terra prometida. Essa casa cultural foi pensada para que os jovens trabalhassem como guias turísticos, mas não deu muito certo, pois não havia cursos de preparação, para que esses jovens aprendessem como dirigir o funcionamento da casa cultural. A casa cultural é aberta ao público e nela também há venda de artesanato.

Na maioria das vezes muitos jovens ficam em casa sem nada para fazer. Pois muitos não têm opção de lazer. Eles querem um espaço para que possam passear um espaço de diversão, porque aqui onde moramos não tem isso, só há um campo de futebol improvisado pelos próprios moradores da comunidade onde jogam quando marcam jogos com outros times de fora da aldeia e de outras comunidades indígenas, muitos jogam principalmente nos finais de semana. Essas são ideias que eles querem colocar em prática, mas por falta de apoio das lideranças, pais e até mesmo da Escola não conseguem. Com isso eles perdem o interesse das coisas e por falta desse interesse vão se desmotivando, se sentindo como se não tivessem o seu papel na sociedade em si.



(Foto 4) Localização das aldeias Guarani do Espírito Santo

O objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é compreender o surgimento das categorias “adolescente/ juventude” nas aldeias guarani do Estado do Espírito Santo na atualidade, em relação às suas características locais, identidade e expectativas. Os objetivos específicos são: entender como se define “adolescência” e “Juventude”; ilustrando as formas de organização desses jovens na aldeia, quais as suas perspectivas em relação aos estudos e vida na comunidade; saber quais os impactos provocados pelas influências de não indígenas sobre esses jovens e mostrar os principais fatores que levam os jovens a desistirem dos estudos; e qual a gravidade disso em suas vidas; mostrar a realidade em que vivem esses jovens atualmente (situação familiar, de trabalho, de estudos etc.).

A metodologia utilizada foi qualitativa. A pesquisa de campo foi realizada buscando os relatos de jovens, observações, não só com os jovens mais também com lideranças. Usar trabalhos que eu já comecei durante os períodos intermediários do nosso curso, como entrevistas e falas coletadas durante os trabalhos tempo-comunidade desenvolvidas na aldeia.

Fazer levantamentos que possam me ajudar no meu trabalho como: O que fazem quando não estão na escola, Quais os estilos desses adolescentes/jovens, pesquisar qual é o jovem que tenho na comunidade usando a metodologia de Grupos Focais (É uma técnica de pesquisa bastante utilizada na área de Marketing). Utilizei essa metodologia como uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação, desenvolvidas nas minhas próprias aulas da disciplina de História. Juntava os alunos e lhes perguntavam sobre os assuntos que me interessavam para o meu trabalho, mais muitas vezes eram mais conversas informais com os alunos e depois das aulas anotava as informações que eu poderia usar no trabalho. Mais depois sempre pedia permissão para que eu citasse no meu trabalho. Trata-se de um método de pesquisa qualitativo, dada à ausência de medidas numéricas e análises estatísticas; Leituras de trabalhos já feitas durante o curso para fazer fichamento; As aldeias de Boa Esperança e Três Palmeiras serão as aldeias estudadas mais principalmente a aldeia de três palmeiras por concentrar a maior parte dos jovens.

2. Quem sou eu? Juventude guarani: Confronto entre gerações

No Espírito Santo onde estão localizadas as aldeias indígenas Guarani de Boa Esperança, Três Palmeiras, Piraquê-Açú e Olho D'água, esta última foi a ocupação mais recente. Dentre as pessoas que moram nessas aldeias, a maioria da população é adolescentes/Jovens. A visão de que estamos cada vez mais perdendo nossos jovens, de se esquecer da cultura, se deve ao de que, hoje os jovens estão mais entrosados com as mudanças que ocorrem no mundo, como o uso das tecnologias, o acesso às redes sociais entre outros. Isso estaria mudando o seu modo de pensar e agir na aldeia, fazendo com que eles venham buscar novas condições de vida, mas não deixando de exercer as suas funções na comunidade. São adolescentes com mais atitudes, mas ao mesmo tempo estão descobrindo coisas novas “Certas ou Erradas”. Depende de cada um, querer seguir as suas “escolhas”. Na Visão das pessoas mais velhas e pessoas de fora da aldeia, eles estão cada vez mais perdendo sua “identidade cultural”. Não se interessam mais em seguir a cultura tradicional, o modo de ser e de viver guarani. De interagir com a comunidade, procurar os mais velhos para uma roda de conversa etc. Estão mais preocupados em ter uma roupa de marca, calçados de moda, celulares de última geração etc., sem ao mesmo se dar conta que para ter é necessário trabalhar. Mas isso se deve à falta de incentivo pela parte das lideranças e comunidade para que esses jovens busquem a praticar a cultura de dança, canto, pescar, plantar etc. Muitos estudam na aldeia Três Palmeiras até o 9º ano do Ensino Fundamental, mas poucos continuam a estudar para concluir o Ensino Médio. Isso se deve ao fato da escola de Ensino Médio ficar no bairro Coqueiral próxima da aldeia Boa Esperança, ou seja, fora da aldeia, e muitos acabam desistindo por muitos fatores. E um dos fatores mais importante a ser considerado é a dificuldade que muitos encontram na comunicação e convivência com não índios. E o preconceito que muitos ainda enfrentam fora da aldeia. E esses jovens não têm uma organização política na aldeia e, vejo uma necessidade de que esses jovens tenham uma organização para que eles se “mostrem”, para que as pessoas possam conhecê-los e para que eles mesmos se sintam valorizados na comunidade em que vivem, pois a realidade em que os jovens se encontram hoje é muito diferente dos tempos passados. E, se esses jovens não tiverem algo para se ocuparem, as influências sofridas vão tomarem conta deles. Temos visto que os jovens indígenas de outros grupos são mais

vulneráveis ao uso de drogas lícitas e ilícitas, violências e outros. Se não houver mais cuidados em relações aos jovens da aldeia, esses problemas acabarão atingidos também em grande escala os nossos jovens da aldeia.

A escolha da aldeia Guarani *Tekoa Porã*, no Espírito Santo foi feita a partir da revelação que o nosso Pai (*nhanderu*) enviou por um espírito de luz formando a aldeia naquele local. A vida antes se baseava na plantação de alimentos para o sustento, caçavam nas matas e faziam mundéu e outras armadilhas para o consumo das pessoas na comunidade. Agora há pouca mata, em sua maioria, devastadas pelos não índios, a terra não é melhor para plantio, as águas estão poluídas e alguns até secaram. A aldeia foi demarcada em 1988 e possui 4492 hectares, e depois reivindicaram mais 2571 hectares. Na primeira instância, a aldeia Guarani de Boa esperança e de três palmeiras é composta por bastante jovens. O desenvolvimento do meu trabalho é focado nesses jovens, além é claro que também procurei conversar com os mais velhos da comunidade. Procurei entender como se define “adolescência”, na verdade não há uma definição concreta do que seriam essas categorias para o Guarani: “A vida para o Guarani é definida em três fases: Infância, Juventude e Velhice. *Mita’í* e *txitxi’í* são considerados os recém-nascidos. *Kyringué*, *Kunumi*, *kunhataín* serve para meninos(as) até a fase que começa a engrossar a voz para os meninos, e para as meninas quando entra na fase da primeira menstruação, vai até mais ou menos 12 anos de idade. A partir da primeira menstruação a moça já está pronta se casar e formar família, nessa etapa da vida, a menina passa por ritual, onde é cortado o cabelo e é feita a pintura corporal. Essas regras são seguidas para que tanto o menino quanto a menina não se encantem com “coisas ruins” (Tupã Kuaray).



(Foto 5) Tupã Kuaray, foto tirada na gravação do Filme “Como a noite apareceu”.

Devemos tomar bastante cuidado com as jovens, porque eles estão num momento de fragilidade e de novas descobertas. Segundo Sandra Benites (*Ara reté*), minha mãe, ela diz: “Diferente dos meninos, as meninas cuidam mais do corpo- por isso não devem fazer atividades pesadas. Elas ficam num ambiente mais adequado, tranquilas, em silêncio, sem perturbação para que elas não fiquem com dor de cabeça. Por isso, não devem ter muitas pessoas ao seu redor. As *xejaryi* sempre nos aconselham, pois esse é o momento de cuidar da nossa cabeça, do nosso corpo para evitar as doenças. As meninas são mais frágeis, não podem comer alimentos salgados e gordurosos, não pode comer doces nesse período, nem ficar expostas ao sol, frio e vento. Com relação à alimentação, os meninos e as meninas não podem comer carne principalmente bovina e suína, apenas algumas caças. Os meninos trabalham nos mutirões, na roça plantando, cortando lenha. Eles sempre trabalham com os mais velhos, responsáveis pela transmissão dos conhecimentos. Os mais velhos ensinam a eles como fazer as coisas e os jovens começam a praticar esses saberes. É trabalhando que eles vão escutando as historias de vidas dos mais velhos, ouvem conselhos sobre vários assuntos: casamento, família, aprender como tratar as mulheres, problema da bebida, os procedimentos com os filhos etc. Os meninos acompanham os seus pais e os mais velhos em todas as atividades, respeitando várias regras de comportamento.”

Atualmente, percebi que essas regras de comportamento e os ritos de passagem para a fase adulta não é mais seguida rigorosamente, levando os jovens até a ficarem doentes muito cedo. A escola surgiu da necessidade das crianças aprenderem a escrever na língua Guarani e

Portuguesa, para que houvesse comunicação com outras pessoas não indígenas, além de escrever a história dos índios que os mais velhos contam para não esquecerem, por isso já tem a escola na aldeia.

Os jovens hoje procuram se organizar em pequenos grupos, sejam elas para saírem para fazer algo ou até mesmo para encontros que acontecem na própria aldeia ou fora delas. Muitos desses jovens hoje estudam na escola indígena até 9º ano do Ensino Fundamental, e poucos continuam os estudos, pois para concluir o ensino médio, deve sair da aldeia e estudar na escola não indígena. A educação nossa se inicia desde cedo, a criança na comunidade se interage muito mais rápido, ele desde que nasce já está aprendendo, até 3 anos, a criança fica mais com a mãe. As crianças e os jovens aprendem na prática e isso não é ensinado na escola, eles aprendem com a família, com o pai, mãe e outros familiares, assim não deixam de praticar o *Nhande Reko*. Daí em diante começa a ficar mais com os irmãos e outras pessoas da comunidade. E na escola não indígena se deparam com uma realidade muito diferente da sua e aí encontram dificuldades muitas vezes para permanecer na escola para concluir seus estudos.

Eu particularmente já passei por todas as dificuldades em que muitos dos jovens de hoje dizem que enfrentam principalmente a cultura diferente do nosso e a comunicação. Aprendi a falar a língua portuguesa desde cedo pelo contato cedo também com as professoras que me davam aula no ensino fundamental até a 4ª série. As professoras eram na época não indígenas, eram 2. Minha educação escolar foi toda no modo escolar normal de qualquer outra escola ocidental, agente aprendia a escrever e a ler em português e as disciplinas. Até 4ª série estudei na aldeia em Boa Esperança, daí em diante estudei fora da aldeia, até o 9º ano estudei na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Santa Cruz” que fica localizada perto da aldeia no bairro de Santa Cruz. O meu Ensino Médio foi concluído na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Primo Bitti” que se localiza no bairro coqueiral, que também fica perto da aldeia. No início foi muito difícil até para conversar com os meus colegas da turma, eu ficava mais quieta, no canto da sala, só fazia minhas atividades e quase não participava das aulas falando ou colocando minha opinião em relação às aulas. Sempre fazia minhas atividades e sempre tirava as melhores notas na sala. Com o tempo, aos poucos fui me soltando mais pela necessidade também, pois muitas vezes tinha que entregar trabalhos e

apresentar, pois precisa de nota para passar no final do ano, e ai fui obrigada a me “expor” mais, a falar, a pesquisar. Comecei a fazer amigos na escola que me ajudaram bastante, mais chegou ao final fui aprendendo com os não indígenas a cultura e o modo de ser deles e eles comigo, pois meu modo de ser também era uma coisa nova pra eles. Fui umas das primeiras alunas que concluiu os estudos.

Hoje essa fase da adolescência é uma nova categoria que está surgindo na aldeia, pois os pensamentos e atitudes em relação ao meu “eu” mudou, antes, de criança já passava para a fase adulta para o guarani, não tinha essa fase de adolescência. Hoje o adolescente/jovem já pensa em estudos, conseguir alcançar uma boa profissão, em ter uma casa confortável, carro etc. Porque sabe que hoje para ele conseguir isso ele precisa de estudos, uma formação. A escola também já influencia bastante a cabeça desses adolescentes, o acesso às tecnologias também influenciam e as pessoas, principalmente amigos, colegas e na maioria das vezes esses amigos são de fora. Nelson Carvalho dos Santos diz: “Hoje não há mais recursos pra que os nossos jovens possam ser ensinados do modo antigo, então nós pais somos obrigados a incentivar eles a procurarem novas formas de sobrevivência, principalmente nesse mundo que vivemos hoje. Antes quando você se casava aprendia e tinha onde fazer uma roça, mata para caçar e materiais pra fazer as casas pra morar, água boa para pescar, coisa que hoje não tem mais, e isso dificulta você pensar em casar cedo e formar família. Antes pelo menos tinha como manter o sustento da família hoje não tem mais, e muitos dos jovens também não seguem mais as tradições, a começar pelo ritual de passagem.”



(Foto 6) *Karai Tataendy*, Nelson Carvalho dos Santos, Cacique da aldeia Três Palmeiras.

E uma das formas que muitos encontram é incentivar a ir à escola para que futuramente ele consiga ter uma profissão. Hoje com o surgimento das tecnologias e o a influência da cultura

não indígena ficou mais difícil para os jovens manter a identidade cultural. Para nós esse surgimento que representa o futuro dos nossos povos, é mais difícil, e as barreiras, maiores. Não podemos esquecer que apesar de sermos jovens indígenas, também estamos incluídos na sociedade brasileira, mas mesmo assim são constantes e é bastante ainda a discriminação. As oportunidades para nós não são as mesmas dos brancos. Hoje na comunidade onde vivemos nos deparamos com a seguinte questão: Para os mais velhos da aldeia, os jovens de hoje não querem nada com nada. Mais se esquecem de pensar por que está acontecendo isso, de olhar para o lado do jovem.



(Foto 7) Alunos na escola, Escola Municipal Pluridocente Indígena “Três Palmeiras”.

O ponto de encontro dos jovens hoje na comunidade se resume em aldeia, Campo de futebol e a escola. Hoje um dos esportes mais praticados por homens e mulheres na aldeia é o futebol, que mistura jovens de várias idades. Além disso, gostam de ir á praia que não fica longe, gostam de tomar banho de rio, mais na aldeia não tem a não ser o Rio Piraquê-Açú, fora isso tem que sair ou quando tem passeio de escola que na maioria das vezes sempre é para lugares que tem rio. Muitos ajudam seus pais em casa, gostam de produzir artesanato, colares, brincos, pulseiras, os meninos gostam de fazer arco e flecha, pau de chuva etc.



(Foto 8): Alunos tomando banho no rio, no Parque Mero Leitão em Santa Tereza (ES).



(Foto 9 e 10): Time masculino e feminino de Boa Esperança. Arquivo pessoal

Fora esses esportes, também aprendem outros esportes da cultura ocidental como vôlei, Handebol, Futebol de salão etc., isso eles aprendem na escola ocidental, e agora também já está incluso em plano de aulas dos professores na aldeia, mais é pouco praticado pelos alunos dentro da comunidade. Os Jovens também gostam de dançar, principalmente o *txondaro*, dança dos guerreiros. Muitos também gostam de participar de reuniões tanto na comunidade como fora dela. Afinal quem somos nós? Esses são um dos depoimentos colhidos na escola com os alunos na disciplina de história, onde estávamos trabalhando sobre “identidade”: “Eu sou Rosanir da silva, quero ser uma advogada que possa lutar pelos nossos direitos, tenho 16 anos, gosto de ficar com as amigas e familiares e sair final de semana... Tenho orgulho de ser quem eu sou e da minha cultura... quando não estou na escola gosto muito de cozinhar, for à praia com os amigos ou as vezes com os sobrinhos.” Este é outro depoimento: “Sou Ezequiel Euzébio Carvalho, 15 anos, quero ser policial, para defender o pessoal quando forem para a luta, gosto de jogar Playstation 2, além disso ajudo meu pai na roça, plantando pezinho de arvores frutíferas e também plantamos bananas e mandioca, milho também... gosto também de fazer arco e flecha para brincar e faço chocalho para minha mãe... pretendo terminar os estudos e arrumar um bom serviço para ajudar meus pais em casa.”

Hoje na aldeia, temos a Gislaine Benites Samaniego e Letícia da Silva Oruê, ambas com 18 anos de idade, que estão fazendo Licenciatura em matemática na Universidade Federal de Minas Gerais, ambas não trabalham e vivem da bolsa que recebe do governo.



(Foto 11) Gislaine e Letícia na sala de aula na UFMG com a professora e colegas de turma da etnia Pataxó. Arquivo pessoal.

Além delas, tem a Djeniffer Carvalho Vaz, 16 anos de idade, que esse ano vai para o 2º ano do ensino médio, pretende terminar os estudos e fazer faculdade em Engenharia. O Vilmones Benites Samaniego que esse ano vai para o 3º ano do ensino médio, tem 17 anos e quando terminar pretende fazer Engenharia Mecânica numa faculdade, ambos estudam na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Primo Bitti”. Além disso, ele gosta de praticar esportes, principalmente Handebol, foi campeão ano passado com o time representando a escola onde estuda, e gosta muito de grafismo. Ele ajudou na pintura da casa cultural da aldeia Três Palmeiras.



(Foto 12): Vilmones no Time de handebol representando a escola nos jogos escolares do estado.



(Foto 13) Vilmones ajudando na pintura da casa cultural na Aldeia de Três Palmeiras.

3. Considerações finais:

Para você manter a identidade cultural você deve praticar, coisa que as lideranças da aldeia não fornecem para os mais jovens. Para que várias coisas não se percam deve haver um incentivo, tanto na comunidade, quanto na família. Isso deve acontecer desde a fase de criança. Além de haver uma prática diária dos costumes e tradições do povo Guarani. Além disso, deve se fazer valer os direitos dentro das escolas, respeitando a cultura as diferenças e a cultura indígena. E principalmente o contato com os mais velhos com os mais novos, é uma das melhores formas para se preservar e resgatar a autonomia e a identidade, uma vez que o hábito de aprender para os guarani é através da oralidade. Muitas vezes os mais velhos e as pessoas da aldeia cobra muito dos mais jovens, porém não dá a assistência para que ele continue mantendo os valores culturais do seu povo. Na aldeia onde moro acontece isso há um atrito entre Jovens versos mais velhos. Há uma “PRESSÃO” que envolve esses jovens a ficar sem saída, por influência sofrida pela cultura ocidental. Na aldeia não há uma casa de reza, que é a primeira escola onde se aprende os valores e princípios do modo de ser e viver Guarani, junto com a família inicialmente. Depois ele segue para a escola onde os professores auxiliam para a construção dele como pessoa.

Alguns jovens iniciaram mais não deram continuidade e outros pararam os estudos, uns no 1º ano, uns no 2º ano. Como vimos são poucos alunos Guarani que concluem o ensino médio, assim automaticamente temos poucos Guarani que tenham formação na comunidade, dificultando que tenhamos profissionais formados na nossa aldeia para ocupar cargos que exigem essa formação, principalmente na escola. Há também 5 alunos que estudam na EMEF ‘Santa Cruz’, ambos em séries variadas do Ensino Fundamental.

Durante o desenvolvimento do meu trabalho me deparei com uma situação difícil. Não conseguir fazer entrevistas principalmente com os a mais velhos, pois eles não acreditaram no trabalho que eu estava desenvolvendo. Os motivos até então são desconhecidos por mim e isso me abalou muito, pois eu estava numa imensa expectativa, não só como os jovens da aldeia. Eles estavam esperando que com esse trabalho pudessem começar a ter um diálogo entre os mais velhos. Em novembro na apresentação do pré-projeto do TCC, o Aldo trouxe

uma informação muito importante e que eu já tinha ouvido falar, quando viram a minha preocupação que encontrei para desenvolver o meu trabalho, que houve uma discordância há muito tempo entre as lideranças Nelson e o Antônio. Por isso houve um rompimento e o Nelson formou outra aldeia que hoje é a aldeia Três Palmeiras. Procurei mais informações sobre esse fato ocorrido mais não quiseram me dar maiores detalhes. Isso me veio a refletir que poderia ser um dos fatores que levou ao Toninho não dá muita importância ao meu trabalho, já que eu trabalhava na aldeia de Três Palmeiras, e na maioria das vezes quem acompanhava e ajudava quando necessário era o cacique da aldeia, o Nelson. Até me colocar entre a parede já me pressionaram para que eu decidisse entre trabalhar ou continuar estudando.

Esta foi a situação encontrada na ocasião da pesquisa, marcada pelo confronto entre as gerações, especificamente, sobre a necessidade de se preservar a nossa cultura e as diferentes opiniões de se conseguir isto. Espero que este trabalho possa servir de subsídio para outras pesquisas sobre o tema, assim como para auxiliar jovens e adultos guarani no abandono do confronto e na busca de um diálogo entre as gerações.

Bibliografia:

LOPES DA SILVA, Aracy e DONISETE BENZI GRUPIONI, Luís. A temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º Graus. MEC/UNESCO, Brasília, 1995.

VANGELISTA MONGELO, Joana. OKOTËVTË JÁ VY'A Educação Escolar Indígena e Educação Indígena: contrastes, conflitos e necessidades. Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação em Educação da UFSC, Florianópolis, 2013.

RIBEIRO, Berta. HISTÓRIA POPULAR: O índio na história do Brasil. Editora Global, Rio de Janeiro, 1983.

RODRIGUES BRANDÃO, Carlos. Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. À gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2002, 2.ed.

SANTOS, Silvio Coelho dos. Educação e sociedades tribais, Editora Movimento, pag.92. Porto Alegre, 1975.

Secretaria do Estado da Educação, Superintendência da Educação, Departamento de Ensino Fundamental Língua Guarani: fala e escrita, Governo do Paraná, Editora Oficial, 2011.



A realização do Componente Indígena do Plano Básico Ambiental, relativo as obras do Contorno Rodoviário de Florianópolis é uma medida de mitigação e compensação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA com a participação da FUNAI.